

#1 Autor best-seller do The New York Times

Dean Koontz

Originalmente
publicado em
1981

Os olhos da

— The Eyes of Darkness —

Escuridão





Dean Koontz

Os olhos da

– The Eyes of Darkness –

Escuridão



CITADEL
Grupo Editorial

- SUMÁRIO -

TERÇA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO

- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9

QUARTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO

- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14

QUINTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO

- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

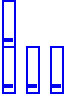
Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Posfácio



Título original:

The eyes of darkness

Copyright © 1981, 1996 by the Koontz Living Trust

Os olhos da Escuridão

1ª edição: Maio 2020

Direitos reservados desta edição: CDG Edições e Publicações

O conteúdo desta obra é de total responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da editora.

Autor:

Dean Koontz

Tradução:

Débora Isidoro

Preparação de texto:

Luiza Del Monaco

Revisão:

3GB Consulting

Projeto gráfico:

Jéssica Wendy

Diagramação de e-book:

Calil Mello Serviços Editoriais

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Koontz, Dean R. (Dean Ray), 1945-

Os olhos da escuridão / Dean Koontz. Tradução: Débora Isidoro -- Porto Alegre :
CDG, 2020.

272 p.

ISBN: 978-65-5047-038-8

Título original: The eyes of darkness

1. Ficção norte-americana I. Título

Angélica Ilacqua - Bibliotecária - CRB-8/7057

Produção editorial e distribuição:



contato@citadeleditora.com.br

www.citadeleditora.com.br

O que os críticos disseram:

“Dean Koontz tem a incrível capacidade de criar relatos fantásticos, mas também de torná-los críveis. Ele explica por que e como isso poderia acontecer, e o faz usando sua compreensão aparentemente infinita da natureza humana.”

— EXAMINER —

“Rápido e furioso... como uma maca de hospital descendo em um tobogã.”

— MAIL ON SUNDAY —

“Koontz está trabalhando exatamente onde a cultura popular se torna algo maior, como aconteceu com Homero, Shakespeare e Dickens. Ele tem um verdadeiro dom.”

— WEEKEND AUSTRALIAN —

Esta obra é para Gerda, com amor. Depois de cinco anos de trabalho, agora que estou quase terminando de dar os retoques finais nos meus primeiros romances publicados sob pseudônimos, pretendo começar a refinar a mim mesmo.

Considerando tudo que precisa ser feito, esse meu novo projeto será chamado de agora em diante como o “plano dos cem anos”.

TERÇA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO

SEIS MINUTOS depois da meia-noite, madrugada de uma terça-feira, a caminho de casa depois do ensaio noturno de seu novo show, Tina Evans viu o filho, Danny, no carro de um desconhecido. Mas Danny havia morrido mais de um ano antes.

A dois quarteirões de casa, Tina parou em um mercadinho vinte e quatro horas, com a intenção de comprar leite e pão integral. Estacionou embaixo da garoa seca e amarelada por um poste de iluminação pública, bem ao lado de uma perua Chevrolet de um bege brilhante. O menino estava no banco da frente do carro, esperando alguém que estava dentro loja. Tina só conseguia vê-lo de perfil, mas ofegou em um reconhecimento doloroso.

Danny.

O garoto devia ter uns doze anos, a mesma idade que teria Danny. Tinha cabelo escuro e abundante como o de Danny, a boca parecida com a de Danny e o queixo delicado, também como o de Danny.

Ela murmurou o nome do filho, como se falar mais alto pudesse afugentar aquela aparição.

Sem saber que era observado, o menino levou a mão à boca e mordeu de leve a articulação do polegar flexionado, uma mania que Danny tinha começado a desenvolver um ano antes de morrer. E Tina havia tentado, sem sucesso, interromper esse mau hábito.

A semelhança daquele menino com Danny parecia ser mais que uma coincidência. De repente, Tina sentiu a boca seca, com um gosto amargo, e seu coração disparou. Ainda não havia se adaptado ao fato de ter perdido o filho único, simplesmente porque nunca quisera – ou tentara – se adaptar a

essa nova realidade. Diante da semelhança daquele menino com seu Danny, era muito fácil considerar a possibilidade de o filho nunca ter morrido.

Talvez... talvez aquele garoto realmente *fosse* Danny. Por que não? Quanto mais considerava essa ideia, menos maluca ela parecia. Afinal, Tina nunca tinha visto o corpo do filho. A polícia e os agentes funerários a haviam prevenido de que Danny havia sido terrivelmente dilacerado, horrivelmente mutilado, e que era melhor que ela não o visse daquela maneira. Nauseada, destroçada pela dor, ela acabou por seguir esses conselhos, e o funeral de Danny aconteceu com o caixão fechado.

Mas talvez eles tivessem se enganado quando identificaram o corpo. Talvez Danny não tivesse morrido no acidente, no final das contas. Talvez tivesse sofrido apenas um ferimento moderado na cabeça, grave o suficiente apenas para provocar uma sequela como... amnésia. Isso. Amnésia. Talvez ele tivesse se afastado do ônibus acidentado e sido encontrado a quilômetros do local do acidente, sem identificação e incapaz de dizer quem era ou de onde vinha. Era possível, não era? Tina já tinha visto histórias semelhantes em filmes. É claro. Amnésia. E se esse fosse o caso, ele poderia ter ido parar em um lar provisório e teria agora uma nova vida. E então estava ali, sentado na perua Chevrolet bege, trazido até ela pelo destino e por...

Num dado momento, o garoto parece que sentiu que estava sendo intensamente observado e se virou. Ela prendeu a respiração enquanto o rosto se movia lentamente. Os dois se olharam através das duas janelas e da estranha luz opaca, e ela teve a sensação de que faziam contato através de um abismo de espaço, tempo e destino. Mas, inevitavelmente, a fantasia chegou ao fim. Aquele não era Danny.

Ela desviou o olhar do dele e encarou as próprias mãos, que agarravam o volante com tanta força que chegava a doer.

— Droga.

Estava brava com ela mesma. Pensava ser uma mulher forte, equilibrada, preparada para lidar com qualquer coisa que a vida pusesse em seu caminho. Mas a sua completa incapacidade de aceitar a morte de Danny a incomodava.

Depois do choque inicial e do funeral, ela começou a lidar com o trauma. Gradualmente, dia a dia, semana a semana, ia deixando Danny para trás, com tristeza, culpa, lágrimas e muita amargura, mas também com firmeza e determinação. Tinha dado vários passos adiante na carreira no último ano, fazendo uso de sua intensa rotina de trabalho como uma espécie de morfina, com intuito de amortecer a dor até a ferida cicatrizar por completo.

No entanto, algumas semanas antes, ela tinha começado a regredir para a terrível condição em que tinha mergulhado imediatamente depois de receber a notícia do acidente. Sua negação era tão resoluta quanto irracional. Mais uma vez, era possuída pelo sentimento persistente de que o filho ainda estava vivo. O tempo deveria ter criado uma distância cada vez maior entre ela e essa aflição, mas, em vez disso, o passar dos dias a estava levando de volta para o início de todo aquele ciclo de profunda tristeza. Aquele menino na perua bege não era o primeiro que ela imaginava ser Danny; nas últimas semanas, tinha visto o filho perdido em outros carros, em pátios de escola pelas quais passava, nas ruas e em uma poltrona de cinema.

Além disso, era atormentada recentemente por um sonho recorrente em que Danny estava vivo. Todas as vezes que isso acontecia, por algumas horas depois de abrir os olhos ela não conseguia enfrentar a realidade. De alguma maneira, estava convencida de que seu sonho era uma premonição de um eventual retorno de Danny, de que de alguma forma ele havia sobrevivido e voltaria, em breve, para seus braços.

Essa era uma fantasia maravilhosa, mas que Tina sabia que não poderia sustentar por muito tempo. Embora sempre resistisse à verdade tão

dolorida, a cada crise ela ia gradualmente se recompondo e era sempre trazida de volta à realidade, forçada a aceitar que o sonho não era a sua desejada premonição. Mesmo assim, sabia que, quando sonhasse de novo, encontraria esperança renovada no sonho, como já havia acontecido tantas outras vezes.

E isso não era bom.

Doente, ela se censurou.

Olhou para a perua ao lado e viu que o menino ainda a encarava. Ela devolveu o olhar para as mãos tensas e finalmente encontrou forças para soltar o volante.

A dor do luto podia enlouquecer uma pessoa. Tinha ouvido alguém dizer isso e concordava que sim. Mas não permitiria que isso acontecesse com ela. Seria suficientemente rigorosa consigo mesma para manter os pés na realidade – por mais que ela fosse terrivelmente desagradável. Tina não poderia se permitir ter esperança.

Amava Danny com toda a força de seu coração, mas ele havia partido. Tinha sido dilacerado e esmagado em um acidente de ônibus com outros quatorze meninos. Apenas mais uma vítima de uma grande tragédia. Destroçado além da possibilidade de reconhecimento. *Morto*.

Frio.

Apodrecendo.

Em um caixão.

Embaixo da terra.

Para sempre.

Seu lábio inferior estremeceu. Queria chorar, precisava chorar, mas segurou as lágrimas.

O menino no Chevrolet já tinha perdido o interesse nela. Olhava novamente para a porta do mercadinho, esperando quem quer que fosse.

Tina desceu do Honda. A noite estava fresca, mas agradável, e seca como no deserto. Ela respirou fundo e entrou na loja, onde o ar era tão frio

que penetrava nos ossos e onde as lâmpadas fluorescentes eram fortes e impessoais demais para incentivar fantasias.

Ela comprou o leite e o pão integral em fatias finas – desses que só come quem está de dieta. Cada porção tem apenas metade das calorias de uma fatia normal. Tina não era mais dançarina; agora trabalhava nos bastidores, na produção final do espetáculo, mas ainda se sentia melhor, física e psicologicamente, quando não deixava seu peso ultrapassar o que mantinha quando subia ao palco.

Cinco minutos depois, ela estava em casa. Tina morava em uma espécie de chácara simples, em um bairro tranquilo. As oliveiras e melaleucas rendadas se mexiam preguiçosas, embaladas pela suave brisa do deserto de Mojave, no sudoeste da Califórnia.

Na cozinha, ela torrou duas fatias de pão. Espalhou sobre elas uma fina cama de manteiga de amendoim, encheu um copo com leite desnatado e se sentou à mesa.

Torrada com manteiga de amendoim era uma das coisas favoritas de Danny, mesmo quando ele era pequeno e muito seletivo em relação ao que comia. Quando era pouco mais que um bebê, ele chamava de “toiada e miduim”.

De olhos fechados, mastigando um pedaço de torrada, Tina quase podia vê-lo aos três anos, com a boca e o queixo sujos de manteiga de amendoim, sorrindo antes de pedir “mais toiada e miduim”.

Ela abriu os olhos assustada, porque a imagem mental era muito nítida, menos uma lembrança e mais parecida com uma *visão*. E nesse momento, ela não queria mergulhar naquelas recordações tão vívidas.

Mas já era tarde demais. O coração deu um nó no peito, o lábio inferior começou a tremer de novo, ela apoiou a cabeça na mesa e desabou em um choro.

* * *

Naquela noite, Tina sonhou novamente que Danny estava vivo. De alguma maneira. Em algum lugar. Vivo. E precisava dela.

No sonho, Danny estava em pé à beira de um precipício e Tina estava do outro lado, de frente para ele, enxergando-o através daquele imenso abismo vazio. Danny a chamava pelo nome. Estava sozinho e com medo. E ela estava aflita porque não conseguia encontrar um jeito de alcançá-lo. Enquanto isso, o céu ia escurecendo mais e mais a cada segundo; imensas nuvens de tempestade, como punhos fechados de gigantes celestiais, expulsavam do cenário a última luz do dia. Os gritos de Danny e as respostas dela foram se tornando incrivelmente estridentes e desesperados, porque ambos sabiam que precisavam se encontrar antes de a noite cair, ou se perderiam para sempre. Na escuridão, alguma coisa esperava por Danny, algo pavoroso e que o dominaria se ele continuasse sozinho. De repente, o céu foi rasgado por um raio e logo depois tudo tremeu com o estouro de um trovão. Com isso, a noite implodiu em uma escuridão profunda e infinita.

Tina Evans se sentou na cama com as costas eretas, certa de ter ouvido um barulho na casa. Não era só o trovão do sonho. Ela havia escutado o ruído quando já estava acordando. Era um som real, não um barulho imaginado.

Tentou ouvir com atenção, pronta para jogar as cobertas longe e pular da cama, mas o silêncio reinava.

A dúvida a invadiu pouco a pouco. Ultimamente, vivia em sobressaltos. Essa não era a primeira noite em que se convencia, erroneamente, de que alguém havia invadido a casa. Em quatro ou cinco ocasiões durante as duas últimas semanas, tinha tirado a pistola da gaveta da mesa de cabeceira e revistado a casa, cômodo por cômodo, sem encontrar ninguém.

Tinha consciência de que estava sob enorme pressão, recentemente, tanto pessoal quanto profissional. E talvez o barulho dessa noite fosse, de fato, só barulho do trovão no sonho.

Ela permaneceu alerta por alguns minutos, mas a noite estava tão tranquila que, finalmente, teve que reconhecer que estava sozinha. O coração desacelerou e ela finalmente conseguiu deitar a cabeça no travesseiro.

Em momentos como esse, lamentava não estar mais junto de Michael. De olhos fechados, imaginou-se deitada ao lado dele, estendendo a mão para ele no escuro, tocando-o e se aconchegando, buscando abrigo em seus braços. Ele a confortaria e tranquilizaria, e, depois de um tempo, ela voltaria a dormir.

Bem, se ela e Michael estivessem na cama nesse exato minuto, talvez as coisas não acontecessem bem assim. Eles fariam amor, depois discutiriam, ele resistiria ao afeto, a rejeitaria e então provocaria uma briga. Uma grande discussão seria desencadeada por causa de uma bobagem qualquer até se transformar em uma verdadeira guerra conjugal. Os últimos meses de vida em comum dos dois foram assim. Ele vibrando de hostilidade, sempre procurando uma desculpa para descarregar a raiva nela.

Tina amou Michael até o fim, por isso ficou triste e magoada quando a relação acabou. Mas não podia negar que também ficou aliviada quando, finalmente, ele foi embora de casa.

Perdeu o filho e o marido no mesmo ano, primeiro o homem, depois o menino, o filho para a morte, o marido, para os ventos da mudança. Durante os doze anos de casamento, Tina se tornara uma pessoa diferente e mais complexa do que era no dia em que se casou, mas Michael não mudara absolutamente nada – e deixou de gostar da mulher que ela se tornara. Começaram o namoro completamente apaixonados, compartilhando cada detalhe da vida diária, triunfos e fracassos, alegrias e

frustrações, mas, quando o divórcio aconteceu, era como se fossem dois estranhos. Michael ainda morava na mesma cidade, a menos de um quilômetro e meio dela, mas era, em alguns aspectos, tão distante e inacessível quanto Danny.

Ela suspirou resignada e abriu os olhos.

Não tinha mais sono, mas sabia que precisava descansar. Teria que estar inteira na manhã seguinte.

Esse seria um dos dias mais importantes de sua vida: 30 de dezembro. Em outros anos, a data nunca havia tido um significado especial. Mas, para o bem ou para o mal, *esse* 30 de dezembro era como o fio do qual pendia todo o seu futuro.

Durante quinze anos, desde que completara dezoito, dois anos antes de se casar com Michael, Tina viveu e trabalhou em Las Vegas. Começou a carreira como dançarina – não em boates baratas, era uma profissional reconhecida – no Lido de Paris, apresentando-se em gigantesco palco no Stardust Hotel. O Lido era uma dessas produções incrivelmente luxuosas que não eram vistas em nenhum lugar do mundo além de Vegas, porque só ali um show de muitos milhões de dólares poderia ser apresentado, ano após ano, sem muita preocupação com lucro. Os valores gastos com cenários e figurinos, elenco e equipe eram tão altos que o hotel ficava satisfeito quando a produção apenas cobria as despesas com a venda de ingressos e bebidas. Afinal, por mais fantástico que fosse, o show era apenas um chamariz, uma isca, que tinha o único propósito de levar alguns milhares de pessoas ao hotel todas as noites. Nas idas e vindas da sala de espetáculo, as pessoas tinham que passar pelas mesas de jogos, pelas roletas e pelas fileiras cintilantes dos caça-níqueis, e era *ali* que o lucro acontecia. Tina gostava de dançar no Lido, e trabalhou lá por dois anos e meio, até descobrir que estava grávida, quando decidiu se afastar do trabalho para esperar e dar à luz Danny e depois para passar os dias com ele nos primeiros meses de vida. Foi só quando Danny tinha seis meses

que Tina voltou a treinar para recuperar a forma, e em três meses de trabalho duro ela conseguiu uma vaga de corista em um espetáculo de Las Vegas. Ela conseguia administrar o trabalho e a maternidade, embora nem sempre fosse fácil; amava Danny, adorava dançar, e se sentia realizada com a dupla jornada.

Cinco anos antes, porém, em seu vigésimo oitavo aniversário, ela havia começado a perceber que, com alguma sorte, teria apenas mais uns dez anos como dançarina, e então decidira se estabelecer no ramo abraçando outras funções, na tentativa de evitar ser posta de lado quando estivesse perto dos quarenta.

Tina conseguiu um emprego como coreógrafa em uma casa de shows de quinta categoria, uma imitação barata do multimilionário Lido, e, com o tempo, também se tornou responsável pelo figurino. A partir daí, foi mudando de emprego e progredindo em funções semelhantes e em casas um pouco melhores. Depois de um tempo, atuou em pequenas casas de espetáculo – para quatrocentas ou quinhentas pessoas – em hotéis um pouco mais sofisticados, mas ainda com orçamentos limitados para espetáculos. Com o passar dos anos, tornou-se diretora de uma dessas casas, depois diretora e produtora de outra. Aos poucos ia se tornando um nome respeitado no fechado mundo de entretenimento em Vegas, e acreditava estar bem perto de alcançar o que poderia chamar de uma carreira de sucesso.

Quase um ano antes, pouco depois da morte de Danny, Tina foi convidada a dirigir e coproduzir uma enorme extravagância de espetáculo, com orçamento de dez milhões de dólares e que seria apresentado na principal sala – com dois mil assentos – do Golden Pyramide, um dos maiores e mais luxuosos hotéis da Las Vegas Strip. De início, ela sentiu que o universo estava de brincadeira com ela, fazendo com que essa oportunidade maravilhosa aparecesse antes de ela ter tempo de viver o luto pela morte de seu menino. Era como se o destino fosse superficial e

insensível o bastante para achar que seria possível compensar a morte de Danny com o emprego dos sonhos de Tina. Embora estivesse amargurada e deprimida, embora se sentisse completamente vazia e inútil – ou, talvez, exatamente por isso –, ela acabou aceitando o emprego.

O novo show já tinha um nome, *Magyck!*, isso porque os vários números de grandes apresentações de dança eram todos de mágicos, e também porque a produção contava com efeitos especiais elaborados e temas sobrenaturais.

A grafia do nome do espetáculo não era criação de Tina, mas quase todo o resto era, e ela estava satisfeita com o que tinha construído – e exausta também. No último ano, havia mergulhado em uma rotina maluca de doze ou quatorze horas diárias, sem férias e com raras folgas de fim de semana.

Mesmo assim, mesmo preocupada como estava com *Magyck!*, ajustar-se à morte de Danny continuou sendo muito difícil. Há um mês, pela primeira vez, ela havia pensado que estava começando a superar o luto. Conseguia pensar no filho sem chorar, visitar seu túmulo sem ser esmagada por uma profunda tristeza. De modo geral, sentia-se razoavelmente bem, até mesmo um pouco feliz. Nunca esqueceria a criança doce que foi uma parte tão grande dela, mas não se via mais vivendo em torno do enorme buraco que ele deixara. A ferida ainda doía, mas estava cicatrizando.

Isso foi o que ela pensou um mês antes. Por uma ou duas semanas, continuou progredindo em direção à aceitação, mas então foi acometida por novos sonhos, que eram ainda piores que os que havia tido imediatamente após a morte de Danny.

Talvez a ansiedade em relação à reação do público ao espetáculo a fizesse lembrar a enorme ansiedade que sentira quando esperava pelo nascimento de Danny. Em menos de dezessete horas – às oito da noite do dia 30 de dezembro –, o Golden Pyramid Hotel apresentaria uma *première*

especial, apenas com convidados VIP, para promover o *Magyck!*. E na noite seguinte, véspera de Ano-Novo, aconteceria a estreia oficial para o público em geral. Se a reação da plateia fosse tão forte e positiva quanto Tina esperava, sua vida financeira estaria de certa forma resolvida, porque o contrato garantia a ela 2,5% da receita bruta dos ingressos, depois de atingidos os primeiros cinco milhões. Se o *Magyck!* fosse um sucesso e lotasse a sala por quatro ou cinco anos, como às vezes acontecia com os shows bem-sucedidos em Vegas, no final da temporada ela seria multimilionária. Se a produção fosse um fracasso e não agradasse ao público, entretanto, ela poderia voltar a trabalhar em pequenas casas noturnas. A indústria de espetáculos em Las Vegas, de qualquer forma, era uma empreitada impiedosa.

Tina tinha bons motivos para estar sofrendo crises de ansiedade. O medo obsessivo de a casa ser invadida, os sonhos inquietantes com Danny, o luto renovado – todas essas coisas podiam derivar da preocupação com o *Magyck!*. E se assim fosse, os sintomas desapareceriam no momento em que o destino do espetáculo ficasse evidente. Ela só precisava enfrentar os próximos dias, e, na calma relativa que viria a seguir, talvez conseguisse retomar os cuidados consigo mesma.

Enquanto isso, só precisava voltar a dormir. Tinha uma reunião marcada para as dez da manhã com dois agentes que consideravam reservar oito mil ingressos para o *Magyck!* durante os três primeiros meses da temporada. Depois, à uma hora da tarde, todo o elenco e a equipe se reuniriam para o último ensaio com figurino.

Ela ajeitou os travesseiros, esticou as cobertas e puxou a camisola curta que usava para dormir. Tentou relaxar, fechando os olhos e imaginando a maré banhando uma praia prateada em uma noite tranquila.

Tum!

Ela sentou na cama.

Alguma coisa tinha caído em outra parte da casa. Devia ter sido um objeto grande, porque, apesar de as paredes terem abafado o baque, o barulho fora alto o bastante para despertá-la.

O que quer que tenha sido... não havia simplesmente caído. Havia sido derrubado. Objetos pesados não simplesmente caem sozinhos em cômodos vazios.

Ela inclinou a cabeça, ouviu com atenção. Outro barulho mais baixo seguiu o primeiro. Não durou o suficiente para Tina conseguir identificar a fonte, mas havia uma furtividade nele. Dessa vez, não estava imaginando uma ameaça. Havia, de fato, alguém na casa.

Sentada na cama, ela acendeu o abajur e abriu a gaveta da mesa de cabeceira. A pistola estava carregada. Ela soltou as duas travas de segurança.

Por um tempo, ficou ouvindo.

No silêncio ressecado da noite do deserto, imaginou que podia sentir um invasor também atento, ouvindo cada ruído que ela fazia.

Ela se levantou da cama e calçou os chinelos. Segurando a arma com a mão direita, aproximou-se da porta do quarto sem fazer nenhum barulho.

Pensou em chamar a polícia, mas temia fazer papel de idiota. E se eles viessem, chegassem com as luzes piscando e as sirenes ligadas e não encontrassem ninguém? Se chamasse a polícia cada vez que imaginava ter ouvido alguém invadindo a casa nas últimas duas semanas, eles certamente achariam que ela era uma maluca. E Tina era orgulhosa, não suportava a ideia de parecer histérica aos olhos de policiais – muito provavelmente homens – que ofereceriam um sorriso amarelo para ela e, mais tarde, enquanto tomavam café e comiam *donuts*, fariam piadas a seu respeito. Nada disso. Verificaria a casa ela mesma, sozinha.

Com a pistola apontada para o teto, encaixou uma bala na câmara.

Respirando fundo, ela destrancou a porta do quarto e saiu.

TINA REVISTOU a casa toda, exceto o antigo quarto de Danny, e não encontrou o invasor. Teria quase preferido achar alguém escondido na cozinha ou encolhido em um *closet*, em vez de ser forçada a entrar naquele espaço onde a tristeza parecia morar como inquilina. Agora, entretanto, não tinha escolha.

Pouco mais de um ano antes de morrer, Danny tinha passado a dormir do outro lado da casa, no extremo oposto ao quarto principal, onde antes ficava a pequena sala de estar. Não muito depois de seu décimo aniversário, o garoto havia pedido mais espaço e privacidade do que tinha em seu quarto. Michael e Tina concordaram e ajudaram a levar as coisas dele para a sala, depois mudaram o sofá, a poltrona, a mesinha de centro e a televisão para o quarto antes ocupado por Danny.

Na época, Tina teve certeza de que o filho ouvia as discussões que ela e Michael tinham à noite no quarto do casal, vizinho ao dele, e que o pedido para ocupar a sala era por causa disso, para não ter que ouvir as brigas dos pais. Naquela época, ela e Michael ainda não gritavam um com o outro; discutiam em tom normal, às vezes até cochichando, mas Danny provavelmente ouvia o suficiente para saber que estavam com problemas.

Ela ficou triste por ele ter percebido tudo, mas não disse nada; não deu explicações nem ofereceu garantias. Para começo de conversa, ela não sabia o que *poderia* dizer ao garoto. Certamente, não podia dividir com ele a avaliação que fazia da situação: *Danny, querido, não se preocupe com nada que possa ter ouvido do outro lado da parede. Seu pai só está sofrendo uma crise de identidade. Ele tem sido um babaca ultimamente, mas isso vai passar.* Aliás, esse tinha sido outro motivo pelo qual não

tentara explicar para Danny os problemas que ela e Michael enfrentavam, por realmente acreditar que as dificuldades eram temporárias. Tina amava o marido e tinha certeza de que o poder do amor traria de volta a magia do casamento. Seis meses mais tarde, Michael saiu de casa, e menos de cinco meses depois da separação, eles assinaram o divórcio.

Agora, ansiosa para concluir a busca pelo invasor em sua casa – que começava a parecer tão imaginário quanto todos os que havia procurado em outras noites –, ela abriu a porta do quarto de Danny, acendeu a luz e entrou.

Ninguém.

Segurando a pistola diante do corpo, ela se aproximou do *closet*, hesitou, depois empurrou a porta de correr. Também não tinha ninguém escondido lá dentro. Apesar do barulho que ouvira, estava sozinha na casa.

Enquanto olhava para as coisas que estavam no armário, já com cheiro de mofo – sapatos, jeans, calça preta, camisas, suéteres, o boné azul dos Dodger's, o terninho azul que ele usava em ocasiões especiais –, um nó se formou em sua garganta. Rapidamente, ela fechou a porta e apoiou as costas nela.

Apesar de o funeral ter acontecido mais de um ano antes, ainda não havia conseguido se desfazer das coisas de Danny. De alguma maneira, o ato de doar suas roupas teria sido ainda mais triste e mais definitivo do que ver o caixão baixar à sepultura.

As roupas dele não eram as únicas coisas que ela tinha mantido: o quarto inteiro continuava intacto, exatamente como ele o havia deixado. A cama estava arrumada, e vários bonecos de personagens de filmes de ficção científica ainda estavam em cima da larga cabeceira. Mais de cem livros enfileirados em ordem alfabética ocupavam as cinco prateleiras da estante. A escrivaninha ficava encostada em um canto. Tubos de cola, miniaturas de garrafas esmaltadas de todas as cores e uma coleção de ferramentas para modelagem organizadas em fileiras perfeitas cobriam

metade da mesa; a outra metade não tinha nada, era um espaço vazio, como que à espera de Danny para começar um novo trabalho. Nove aviões ocupavam uma prateleira, e havia mais três pendurados no teto. As paredes eram decoradas com pôsteres separados por espaços regulares que Danny havia calculado com cuidado: três astros de beisebol e cinco monstros de filmes de terror.

Diferentemente de muitos meninos de sua idade, ele mantinha o quarto sempre limpo e organizado. Em respeito a isso, Tina instruíra a Sra. Neddler, que fazia a limpeza duas vezes por semana, a apenas aspirar e tirar o pó do quarto, como se nada houvesse acontecido. O lugar permanecia impecável, como sempre.

Olhando para os brinquedos e tesouros infantis do menino morto, Tina percebeu, não pela primeira vez, que não era saudável manter o lugar como se fosse um museu ou um altar. Enquanto deixasse as coisas dele em seus lugares, continuaria alimentando a esperança de Danny estar vivo, apenas afastado por um tempo, em algum lugar, esperando pelo momento em que retomaria a vida exatamente de onde havia parado. A incapacidade de desmontar aquele quarto a amedrontava. De repente, pela primeira vez, tudo aquilo parecia ser mais do que uma fraqueza de espírito, mas uma indicação de uma séria doença mental. Ela *precisava* deixar o filho descansar em paz. Para conseguir parar de sonhar com o menino, tinha que controlar sua dor, e esse processo de recuperação tinha de começar ali, naquele quarto, abdicando de uma vez por todas da necessidade irracional de preservar as coisas do menino.

Ela decidiu que esvaziaria o quarto na quinta-feira, dia de Ano-Novo. Nesse dia, a *première* e a estreia oficial de *Magyck!* já teriam acontecido e ela estaria mais calma. Conseguiria relaxar e tirar alguns dias de folga. Estava decidido, começaria passando a tarde de quinta-feira no quarto de Danny, encaixotando roupas, brinquedos e pôsteres.

Assim que tomou essa decisão, boa parte do nervosismo se dissipou. Cansada e já sem forças, ela se preparou para voltar para a cama.

Quando começou a andar de volta ao quarto, viu o cavalete, parou e voltou. Danny gostava de desenhar, e o cavalete, bem como uma caixa de lápis, canetas e tintas, tinham sido o seu presente de aniversário de nove anos. De um lado era cavalete, do outro, uma lousa. Danny o mantinha em um canto do quarto, do outro lado da cama, encostado à parede, e era lá que ele estava na última vez que Tina esteve ali. Mas agora estava caído, com a base apoiada na parede e a lousa voltada para baixo, apoiada sobre uma mesa de jogo. Antes, em cima daquela mesa havia um jogo de Batalha Naval eletrônico. Tinha ficado lá exatamente como Danny deixara, pronto para jogar, mas o cavalete tombado havia derrubado tudo no chão.

Pelo jeito, era essa a origem do barulho que Tina ouvira, mas ela não conseguia imaginar o que poderia ter derrubado o cavalete. Não fazia sentido ter caído sozinho.

Ela soltou a arma, deu a volta na cama e levantou o cavalete, devolvendo-o à base. Depois recolheu as peças do jogo de Batalha Naval e as colocou sobre a mesa.

Quando recolheu os bastões de giz e o apagador e os devolveu à base da lousa, ela percebeu três palavras rabiscadas de forma grosseira na superfície escura:

NÃO ESTÁ MORTO

Tina estranhou a mensagem.

Tinha certeza absoluta de que a lousa estava limpa quando Danny saiu para aquela excursão. E estava limpa na última vez em que ela esteve no quarto.

Com alguma lentidão, enquanto tocava as palavras na lousa com a ponta dos dedos, o possível significado se anunciou. Como uma esponja

absorvendo água, ela sentiu o frio da superfície da lousa. NÃO ESTÁ MORTO. Era uma negação da morte de Danny. Uma recusa furiosa da horrível verdade. Mais um desafio à realidade.

Em um de seus terríveis surtos de dor, em um momento de desespero sombrio e louco, teria entrado nesse quarto e, sem perceber, riscado as palavras na lousa de Danny?

Tina não se lembrava de ter feito isso. Se a mensagem tinha sido escrita por ela, devia estar sofrendo apagões que não percebia. Ou sonambulismo. Mas as duas possibilidades pareciam inacreditáveis.

Deus do céu, era impensável.

As palavras deviam ter estado ali o tempo todo e ela simplesmente não as tinha notado. Danny devia tê-las escrito antes de morrer. Mas a caligrafia dele era impecável, como tudo que fazia, não garranchos como os que compunham essa mensagem. Mesmo assim, devia ter sido ele. *Tinha* que ter sido ele.

Mas e a referência óbvia que essas três palavras faziam ao acidente de ônibus em que ele havia morrido?

Coincidência. Danny havia escrito sobre outra coisa, é claro, e a interpretação sombria que podia ser feita dessas palavras agora, depois de sua morte, era só uma coincidência macabra.

Ela se recusava a considerar qualquer outra possibilidade, porque as alternativas eram assustadoras demais.

Tina envolveu os braços em seu próprio corpo. Suas mãos estavam geladas, ela podia sentir através da camisola.

Tremendo, ela apagou as palavras da lousa, pegou a pistola, saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

Estava completamente alerta, mas sabia que precisava descansar um pouco. Tinha muito o que fazer pela manhã. Um dia cheio a esperava.

Na cozinha, ela abriu o armário ao lado da pia e pegou uma garrafa de Wild Turkey, o uísque preferido de Michael, e serviu uma dose dupla em

um copo de água. Apesar de não beber muito, não passar de uma taça de vinho de vez em quando e não ter nenhuma resistência para bebidas mais fortes, ela esvaziou o copo em dois goles. O sabor amargo provocou uma careta, e nesse momento ela se perguntou como Michael podia elogiar tanto a suavidade daquela bebida. Depois de uma breve hesitação, serviu mais uma dose. Bebeu depressa, como uma criança engolindo remédio, e guardou a garrafa.

Deitada novamente, ela se aninhou embaixo das cobertas, fechou os olhos e tentou não pensar na lousa. Como não conseguia banir a imagem de sua mente, tentou modificá-la, apagando mentalmente as palavras. No entanto, dentro de sua cabeça, as doze letras apareceram novamente na lousa: NÃO ESTÁ MORTO. Apesar de apagá-las várias vezes, elas insistiam em voltar. Tina ficou meio tonta por causa do uísque e, finalmente, caiu no sono.

NA TARDE de terça-feira, Tina assistia ao último ensaio de figurino de *Magyck!* de uma cadeira no meio da sala de espetáculos do Golden Pyramid.

O teatro tinha o formato de um enorme leque sob um teto alto e abobadado. O piso da sala era inclinado e descia em direção ao palco, alternando galerias largas e estreitas. Nos níveis mais largos, longas mesas de jantar cobertas com toalhas brancas ofereciam um ângulo de visão privilegiado para o palco. E cada galeria estreita consistia em um corredor de um metro de largura com um corrimão baixo de um lado, uma fileira curva de bancos altos e estofados e mesinhas do outro. O foco de todos os assentos estava voltado para o imenso palco, desses que só fazem sentido em Las Vegas, mais de cinquenta por cento maior que o maior palco da Broadway. Era tão grande que um avião DC-9 podia ser levado para o palco e, ainda assim, metade do espaço continuaria disponível – façanha que havia sido de fato realizada em um palco parecido com aquele em um hotel em Reno, vários anos antes. O uso elegante de veludo azul, couro escuro, lustres de cristal e carpete também azul e encorpado, além de um excelente senso de iluminação dramática, davam ao espaço gigantesco um pouco do clima de um cabaré aconchegante, apesar do tamanho.

Tina sentou-se em um dos bancos da terceira fileira e bebia água gelada em pequenos goles aflitos enquanto assistia ao show.

O ensaio com figurino transcorreu sem problemas. Com sete números enormes, cinco grandes atos, quarenta e duas dançarinas, quarenta e dois dançarinos, quinze coristas, dois cantores, duas cantoras (uma delas temperamental), quarenta e sete técnicos e operários na equipe, uma

orquestra de vinte músicos, um elefante, um leão, duas panteras negras, seis *golden retrievers* e doze pombas brancas, a logística era terrivelmente complicada, mas o ano inteiro de trabalho duro ficava evidente na evolução impecável e sem tropeços do espetáculo.

No fim, elenco e equipe se reuniram sobre o palco e aplaudiram a si mesmos, em comemoração, trocando beijos e abraços. Havia uma euforia no ar, um prenúncio de triunfo, uma expectativa nervosa de sucesso.

Joel Bandiri, coprodutor de Tina, assistiu ao espetáculo de um banco na primeira fileira, o espaço VIP, onde figurões e outros amigos do hotel estariam sentados nas noites de apresentação. Assim que o ensaio acabou, Joel saltou do assento, correu pela fileira, subiu os degraus até a terceira fileira na direção de Tina.

— Conseguimos! — Joel gritou ao chegar perto dela. — Nós colocamos essa engrenagem toda para funcionar!

Tina se levantou do banco para também ir ao encontro dele.

— Vai ser um sucesso, mulher! — Joel exclamou, abraçando-a com força enquanto dava um beijo molhado em seu rosto.

Ela o abraçou com entusiasmo.

— Você acha? De verdade?

— Eu acho? Não, eu tenho certeza! Um estrondo. É isso que temos. Um verdadeiro estrondo! Um gigante!

— Obrigada, Joel. Obrigada, obrigada, obrigada.

— O quê? Por que você está me agradecendo?

— Por me dar uma chance de me colocar à prova.

— Ei, isso não foi favor nenhum, Tina. Você trabalhou duro e merece cada centavo que vai ganhar com essa belezinha. E eu sabia que seria assim. Formamos uma ótima equipe. Qualquer outra pessoa que tentasse fazer tudo isso teria acabado com um grande *problema* nas mãos. Mas você e eu, nós dois, transformamos isso em um sucesso.

Joel era um homem pequeno e excêntrico: pouco mais de um metro e sessenta de altura, roliço, mas não gordo, com cabelo castanho e encaracolado que permanentemente parecia estar arrepiado por conta de um choque elétrico. O rosto, largo e cômico como o de um palhaço, podia se distorcer em uma série infinita de expressões elásticas. Ele vestia jeans, uma camisa azul barata, mas usava o equivalente a duzentos mil dólares em anéis. Eram seis em cada mão, alguns com diamantes, alguns com esmeraldas, um com um grande rubi e outro com uma opala maior ainda. Como sempre, parecia estar alterado por alguma substância, explodindo de energia. Quando finalmente liberou Tina de seu abraço, ele não conseguia parar quieto. Alternava o peso de um pé para o outro enquanto falava sobre *Magyck!*, virava para lá e para cá, fazia gestos expansivos e rápidos com as mãos cintilantes de pedras preciosas. Ele mesmo, sozinho, já parecia um espetáculo completo.

Aos quarenta e seis anos, Joel era o produtor de maior sucesso em Las Vegas, com vinte anos de espetáculos bem-sucedidos no currículo. As palavras “Joel Bandiri apresenta” em um letreiro eram garantia de entretenimento de primeira. Ele havia investido parte de sua renda considerável em imóveis em Las Vegas, em ações de dois hotéis, em um comércio de automóveis e em um cassino no centro da cidade. Era tão rico que podia se aposentar e passar o resto da vida cercado do luxo e ostentação de que tanto gostava. Mas Joel nunca pararia por vontade própria. Ele amava seu trabalho. Provavelmente, morreria no palco, resolvendo alguma grande crise de uma das suas gigantescas produções.

Ele viu o trabalho de Tina em algumas casas noturnas pela cidade e a surpreendeu com a oferta de uma oportunidade para coproduzir *Magyck!* junto dele. De início, ela não teve certeza se deveria aceitar o emprego. Conhecia a reputação de perfeccionista que ele carregava e sabia que exigia um esforço sobre-humano de sua equipe. Além disso, ela também se preocupava com o fato de ser responsável por um orçamento de dez

milhões de dólares. Trabalhar com essa quantidade de dinheiro não era um simples passo em sua carreira, era um salto gigantesco.

Joel, entretanto, conseguiu convencê-la de que ela não teria dificuldade para acompanhar seu ritmo ou atender a seus padrões, e de que estava à altura do desafio. Ele a ajudou a descobrir novas reservas de energia e novas áreas de competência. Tornou-se não só um valioso parceiro comercial, mas também um bom amigo, um irmão.

E agora, aparentemente, eles haviam criado um grande sucesso juntos.

Em pé no deslumbrante teatro, Tina olhou para os artistas em seus figurinos coloridos no palco, depois para o rosto expressivo de Joel, e ouviu seu coprodutor falar com orgulho e sem modéstia sobre o trabalho que tinham desenvolvido. Nesse momento, ela se sentia mais feliz do que tinha sentido em muito tempo. Se os convidados da *première* reagissem com entusiasmo, teria que comprar pesos de chumbo para não sair flutuando quando andasse.

Vinte minutos mais tarde, às quinze para as quatro da tarde, ela pisou no chão de pedras na frente da entrada principal do hotel e entregou o comprovante ao manobrista do serviço de *valet*. Enquanto ele ia buscar o carro, ela ficou esperando sob o sol morno de fim de tarde, incapaz de conter o sorriso.

Tina olhou para trás e encarou o Golden Pyramid Hotel-Casino. Seu futuro estava inseparavelmente conectado ao daquela extravagante, mas inegavelmente impressionante, pilha de concreto e aço. As pesadas portas giratórias de bronze e vidro brilhavam em movimento, deixando passar um fluxo constante de pessoas. Muralhas de pedras cor-de-rosa se estendiam por centenas de metros dos dois lados da entrada. Essas paredes sem janelas eram decoradas de forma exuberante com enormes moedas de pedra, formando uma torrente abundante de moedas que fluía de uma cornucópia também feita de pedra. Lá em cima, o teto da imensa *porte-cochère* era revestido com centenas de luzes. Nenhuma delas estava acesa

agora, mas quando a noite caísse elas despejariam brilho dourado e ofuscante sobre as lustrosas pedras no chão. O custo de construção do hotel foi superior a quatrocentos milhões de dólares, e os proprietários fizeram questão de que cada centavo ficasse evidente no exuberante prédio. Tina imaginava que algumas pessoas certamente achavam que o hotel era ridículo, cafona, de mau gosto e feio – mas ela amava aquele lugar, porque foi nele que encontrou sua grande chance.

Até agora, o 30 de dezembro tinha sido um dia movimentado, barulhento e empolgante no Pyramid. Depois da relativa tranquilidade da semana de Natal, o fluxo ininterrupto de hóspedes entrando pela porta da frente do hotel voltava à normalidade. As reservas antecipadas indicavam um recorde de público no Ano-Novo em Las Vegas. O Pyramid, com quase três mil quartos, estava lotado, como todos os hotéis da cidade. Alguns minutos depois das onze horas da manhã, uma secretária de San Diego colocou alguns dólares no *slot* de um caça-níqueis e ganhou a incrível quantia de quatrocentos e noventa e cinco mil dólares; a notícia chegou rapidamente aos bastidores do espetáculo. Pouco antes do meio-dia, dois milionários de Dallas se sentaram em uma das mesas de aposta e, em três horas, perderam duzentos e cinquenta mil dólares; eles riam e brincavam quando deixaram a mesa para tentar a sorte em outro jogo. Carol Hirson, uma garçonete do bar que tinha ficado próxima de Tina no último ano, havia contado a ela sobre os texanos azarados alguns minutos antes. Carol estava toda empolgada e feliz porque os ricos deram a ela uma gorjeta substancial, como se estivessem ganhando, não perdendo dinheiro, por servir meia dúzia de drinks aos dois. Em algumas horas, ela ganhou mil e duzentos dólares.

Frank Sinatra estava na cidade, no Caesar's Palace, talvez pela última vez, e mesmo aos oitenta anos de idade, ainda gerava mais entusiasmo em Vegas do que qualquer outro nome famoso. Ao longo de toda a Las Vegas

Strip, e nos cassinos menos luxuosos, mas ainda assim lotados, no centro da cidade, a atmosfera era vibrante.

E em poucas horas, aconteceria a *première* de *Magyck!*

O *valet* chegou com o carro, e Tina deu uma gorjeta a ele.

— Arrase hoje à noite, Tina — ele disse.

— Meu Deus, espero que sim.

Ela chegou em casa às quatro e quinze. Tinha duas horas e meia antes de ter de voltar ao hotel.

Não precisava de todo esse tempo para tomar um banho e se arrumar, por isso decidiu começar a encaixotar algumas coisas de Danny. Essa era a hora certa para começar a tarefa desagradável. Estava tão bem-disposta que achava que nem a visão do quarto dele poderia deprimi-la, como sempre acontecia. Era inútil adiar até quinta-feira, como havia planejado. Tinha tempo para pelo menos começar a encaixotar as roupas do menino.

Quando entrou no quarto de Danny, ela viu imediatamente que o cavalete-lousa estava tombado de novo. Ela o levantou.

E, de novo, viu três palavras escritas na lousa:

NÃO ESTÁ MORTO

Um arrepio percorreu suas costas.

Na noite anterior, depois de beber o uísque, ela teria voltado ao quarto em um lapso de sentidos e...?

Não.

Ela não perdeu os sentidos. Não foi ela quem escreveu aquelas palavras. Não estava enlouquecendo. Não era o tipo de pessoa que perderia a razão dessa maneira. Nem mesmo por um motivo forte como *esse*. Era uma mulher forte. Sempre se orgulhara da própria resiliência.

Tina pegou o apagador e limpou novamente a lousa com movimentos vigorosos.

Alguém estava fazendo um jogo doente e cruel com ela. Alguém havia entrado na casa enquanto ela estava fora e escrito aquelas palavras na lousa outra vez. Quem quer que fosse, certamente queria esfregar na cara dela a tragédia que se esforçava tanto para superar.

A única outra pessoa que tinha passe livre na casa era a faxineira, Vivienne Neddler, que deveria ter vindo naquela tarde, mas havia avisado Tina que especialmente naquele dia trocaria o turno da tarde pelo da noite, enquanto Tina estivesse na *première*.

Entretanto, mesmo que Vivienne tivesse vindo no horário combinado inicialmente, ela jamais teria escrito aquelas palavras na lousa. Era uma senhora doce, animada e um pouco teimosa, mas definitivamente não era o tipo de pessoa que fazia brincadeiras cruéis.

Tina pensou um pouco, tentando encontrar alguém que pudesse culpar, e um nome surgiu em sua cabeça. Era o único suspeito possível. Michael. Seu ex-marido. Não havia nenhum sinal de arrombamento na casa, nenhuma evidência de uma entrada forçada, e ele era a única pessoa, além de Tina e Vivienne, que tinha uma cópia da chave. Depois do divórcio, ela não chegara a trocar as fechaduras.

Arrasado com a perda do filho, Michael se tornara irracionalmente cruel com Tina por meses depois do funeral, culpando-a pela morte do filho. Ela havia dado permissão para que Danny participasse da excursão, e isso, do ponto de vista de Michael, era como se ela mesma, pessoalmente, tivesse jogado o ônibus no precipício. Mas Danny queria aquela viagem às montanhas mais que tudo no mundo. Além do mais, o Sr. Jaborski, chefe do grupo de escoteiros, havia levado outros grupos em excursões de sobrevivência no inverno durante dezesseis anos e nunca ninguém havia sofrido sequer ferimentos leves. Eles não faziam a trilha toda até a região mais selvagem, percorriam apenas uma distância razoável, por um caminho bastante conhecido, e iam preparados para quaisquer contingências. Supostamente, seria uma boa para um menino da

idade de Danny. Segura. Organizada por profissionais. Todos garantiram que não havia a menor chance de acontecer qualquer problema. Tina não tinha como saber que a décima sétima excursão de Jaborski acabaria em um desastre, mas Michael a culpou por isso. Ela achava que o ex-marido tivesse recuperado o bom senso nos últimos meses, mas, pelo visto, parecia que não.

Tina olhou para a lousa, pensou nas três palavras que estavam escritas nela e foi tomada por uma onda de raiva. Michael se comportava como uma criança rancorosa. Não percebia que sua dor era tão difícil de suportar quanto a dele? O que ele estava querendo com aquilo?

Furiosa, foi para a cozinha, pegou o telefone e ligou para Michael. Depois do quinto toque, concluiu que ele deveria estar no trabalho e desligou.

As três palavras pulsavam em sua cabeça, branco sobre preto:

NÃO ESTÁ MORTO

Mais tarde, quando voltasse para casa depois da *première* e da festa que aconteceria em seguida, ligaria para Michael. Sabia que seria tarde da noite, mas não se importava com a possibilidade de acordá-lo.

Tina ficou parada no meio da pequena cozinha, indecisa, tentando encontrar força de vontade para ir ao quarto de Danny e encaixotar as roupas dele, como planejava. Mas perdeu a coragem. Não conseguiria voltar lá. Não hoje. Talvez não nos próximos dias.

Droga, Michael.

Lembrou-se de que tinha meia garrafa de vinho branco na geladeira e então serviu uma taça e levou para o banheiro.

Estava bebendo mais do que o normal. Uísque na noite anterior e agora uma taça de vinho no meio da tarde. Até muito pouco tempo antes, raramente usava álcool para acalmar o nervosismo, mas agora notava que estava se tornando seu primeiro recurso. Assim que passasse a estreia de

Magyck!, começaria a diminuir o consumo de álcool. Mas, agora, precisava desesperadamente daquela taça.

Tina tomou uma ducha demorada, deixando a água quente bater no pescoço por vários minutos, até a tensão dos músculos dissolver e fluir.

Depois do banho, o vinho gelado relaxou ainda mais seu corpo, embora fizesse pouco para acalmar a mente e controlar a ansiedade. Continuava pensando na lousa.

NÃO ESTÁ MORTO

FALTANDO DEZ MINUTOS para as sete da noite, Tina estava novamente nos bastidores da sala de espetáculos do Pyramid. O espaço estava relativamente tranquilo, com exceção de um zum-zum-zum abafado vindo da plateia, que esperava do outro lado das cortinas de veludo.

Mil e oitocentas pessoas haviam sido convidadas – entre aquelas que faziam tudo acontecer em Las Vegas e alguns ricos de fora da cidade –, e mais de mil e quinhentas devolveram os cartões de RSVP.

Um batalhão de garçons de paletó branco, garçonetes em impecáveis uniformes azuis e ajudantes de garçom apressados já começavam a servir os presentes. As opções eram filé mignon ao molho *béarnaise* ou lagosta ao molho de manteiga, porque Las Vegas era o único lugar dos Estados Unidos onde as pessoas deixavam de lado, temporariamente, qualquer preocupação com colesterol. Na última década do século XX, tempo da obsessão com a saúde, consumir alimentos gordurosos era considerado, em grande escala, um pecado mais delicioso – e também mais grave – que inveja, preguiça, roubo e adultério.

Às sete e meia, os bastidores da casa de espetáculos estavam fervilhando. Técnicos verificavam cenários motorizados, ligações elétricas e as bombas hidráulicas que elevavam e baixavam partes do cenário. Ajudantes contavam e ajustavam adereços cenográficos. As mulheres do departamento de figurino remendavam rasgos e costuravam as bainhas soltas descobertas no último minuto. Cabeleireiros e técnicos de iluminação também corriam para cumprir suas tarefas urgentes. Dançarinos, já vestidos com o *smoking* preto do número de abertura,

esperavam tensos, formando uma coleção de homens bonitos bastante agradável de se olhar.

Dezenas de belas dançarinas e coristas também perambulavam por ali. Algumas usavam cetim e renda, outras, veludo e *strass* – ou lantejoulas ou peles –, e algumas delas exibiam os seios. Muitas ainda estavam nos camarins comunitários, enquanto outras, já com os figurinos, esperavam impecáveis nos corredores ou no limite do grande palco, conversando sobre a vida e assuntos corriqueiros. Um dia normal na vida de mulheres lindas e exuberantes, como em qualquer outro trabalho.

Tina queria ficar na coxia durante toda a apresentação, mas não havia mais nada que pudesse fazer atrás das cortinas. O espetáculo *Magyck!* agora estava nas mãos dos artistas e técnicos.

Vinte e cinco minutos antes da hora de início do show, Tina saiu do palco e foi para a plateia barulhenta. Dirigiu-se à mesa que ficava bem no meio da fileira VIP, onde Charles Mainway, gerente-geral e principal acionista do Golden Pyramid Hotel, esperava por ela.

Antes, ela parou na mesa ao lado da de Mainway. Joel Bandiri estava com Eva, com quem era casado havia oito anos, e dois amigos do casal. Eva tinha vinte e nove anos, dezessete menos que Joel, e um metro e setenta e dois, dez centímetros mais que ele. Era ex-corista e dona de uma beleza delicada. Ela afagou a mão de Tina com suavidade.

— Não se preocupe. Você é boa demais para não dar certo — disse Eva.

— Vai ser um sucesso, garota — Joel disse a Tina mais uma vez.

Na mesa seguinte, Mainway cumprimentou Tina com um sorriso caloroso. Ele se portava e agia como se fosse um aristocrata, e os cabelos grisalhos e fartos e os olhos azuis contribuía com a imagem que ele queria projetar. No entanto, sua origem era de uma região pobre e carente.

Quando Tina sentou ao lado de Mainway, um garçom vestido com um *smoking* apareceu e encheu a taça dela com Dom Pérignon.

Helen Mainway, esposa de Charlie, estava sentada à esquerda dele. Helen era, naturalmente, tudo que o pobre Charlie se esforçava para ser: dona de maneiras impecáveis, sofisticada, elegante, confortável e confiante em qualquer situação. Ela era alta, esguia, e aos cinquenta e cinco anos conseguia passar por uma mulher de quarenta bem-conservada — era uma mulher deslumbrante.

— Tina, minha querida, quero que conheça um amigo nosso — disse Helen, apontando a quarta pessoa na mesa. — Este é Elliot Stryker. Elliot, essa mulher adorável é Christina Evans, a mão por trás do *Magyck!*.

— Uma das *duas* mãos — Tina a corrigiu. — Joel Bandiri é mais responsável que eu pelo espetáculo... principalmente se for um fracasso.

Stryker riu.

— É um prazer conhecer você, senhora Evans.

— Pode me chamar de Tina — ela o corrigiu, arrancando-lhe um sorriso. Ele era um homem bonito, sem ser muito refinado, nem alto, nem baixo, de mais ou menos quarenta anos. Seus olhos escuros eram profundos, rápidos, marcados por inteligência e humor.

— Elliot é meu advogado — disse Charlie Mainway.

— Ah — respondeu Tina. — Pensei que Harry Simpson...

— Harry é advogado do hotel. Elliot cuida dos meus assuntos privados.

— E cuida muito bem — comentou Helen. — Tina, se precisar de um advogado, Elliot é o melhor de Las Vegas.

Para Tina, o advogado falou:

— E se você precisar de elogios, apesar de ter certeza de que já recebe muitos, ninguém em Vegas sabe elogiar com mais charme e estilo do que Helen.

— Entendeu o que acabei de dizer? — Helen perguntou a Tina, aplaudindo encantada. — Com uma frase, ele conseguiu te elogiar, me elogiar e impressionar a nós todos com sua modéstia. Está vendo que advogado maravilhoso ele é?

— Imagine esse homem defendendo um caso no tribunal — sugeriu Charlie.

— Uma personalidade fascinante, não há dúvida — concordou Helen. Elliot piscou para Tina.

— Por mais que eu possa ser fascinante, não chego nem perto desses dois.

Eles continuaram conversando por mais quinze minutos, sem falar nada que tivesse a ver com o espetáculo. Tina sabia que eles estavam tentando desviar sua atenção, e apreciava o esforço.

Mas era óbvio que nem a conversa mais agradável do mundo ou mesmo incontáveis taças de Dom Pérignon gelada poderiam fazê-la ignorar a euforia que crescia na plateia com a aproximação do momento em que as cortinas seriam abertas. Minuto a minuto, a névoa de fumaça de cigarro no ar ia ficando mais densa. Garçonetes e garçons se moviam de um lado para o outro apressados, atendendo aos pedidos antes do início do espetáculo. O barulho das conversas crescia com o passar dos segundos, assumindo uma característica mais frenética, alegre e cada vez mais entrecortada por risadas.

De algum jeito, apesar de dividir a atenção entre a disposição da plateia, Helen e Charlie Mainway, Tina também tomou consciência dos olhares de Elliot Stryker para ela. Ele não demonstrava mais que um interesse comum, mas a atração era evidente em seus olhos. Por trás da pose cordial, astuta e ligeiramente fria, sua intenção secreta era a de um macho rico, e a percepção de Tina era mais instintiva que intelectual, como a reação de uma égua aos primeiros sinais de desejo de um garanhão.

Pelo menos um ano e meio, talvez dois anos passaram desde que um homem olhara para ela daquele jeito pela última vez. Ou será que essa era a primeira vez em todo esse tempo que ela *percebera* ser objeto de tanto interesse? Brigar com Michael, lidar com o choque da separação e do

divórcio, chorar a morte de Danny e produzir o espetáculo com Joel Bandiri preencheram seus dias e noites, deixando-a completamente sem chance de pensar em um novo romance.

De repente, flagrou-se respondendo à necessidade silenciosa nos olhos de Elliot com uma necessidade própria, e se sentia quente por dentro.

Ela pensou: *Meu Deus, eu estava me esquecendo disso!*

Depois de passar mais de um ano chorando o fim do casamento e a morte do filho, agora que o *Magyck!* estava quase ficando para trás, finalmente teria tempo para ser mulher de novo. *Encontraria* tempo.

Tempo para Elliot Stryker? Não tinha certeza. Não havia motivo para ter pressa na compensação dos prazeres perdidos. Não era preciso pular em cima do primeiro homem que a desejasse. Certamente, essa não era a atitude mais sensata a tomar. Por outro lado, ele era bonito, e havia em seu rosto uma gentileza atraente. Tinha que admitir que ele despertava nela os mesmos sentimentos que, aparentemente, ela também provocava nele.

A noite seria ainda mais interessante do que esperava.

VIVIENNE NEDDLER estacionou o Nash Rambler 1955 na frente da casa dos Evans, tomando cuidado para não arranhar as calotas. O carro era imaculado, estava em melhores condições que muitos carros novos por aí. Em tempos de obsolescência cada vez mais curta, Vivienne sentia prazer em usar pelo máximo de tempo possível tudo que comprava, fosse uma torradeira ou um automóvel. Adorava fazer as coisas durarem.

Ela mesma já durava bastante, mas estava em ótimo estado de conservação. Tinha setenta anos, ainda gozava de excelente saúde e era uma mulher baixa e robusta, com o rosto doce de uma Madonna de Botticelli e o andar firme de um sargento do Exército.

Ela desceu do carro e, carregando a bolsa do tamanho de uma maleta, marchou em direção à entrada da casa, passando direto pela porta da frente e pela garagem.

A luz amarelada e opaca das lâmpadas da rua não iluminava todo o jardim. Além da calçada na frente e ao longo da lateral da casa, era iluminação de baixa voltagem, própria para paisagismo, que revelava o caminho.

Arbustos de oleandro farfalhavam ao vento. Mais em cima, as folhas das palmeiras raspavam de leve umas nas outras.

Quando Vivienne chegou à parte de trás da casa, a lua crescente surgiu de trás de algumas nuvens finas, como uma adaga sacada de uma bainha, e as sombras pálidas das palmeiras e melaleucas tremularam no pátio de concreto prateado pelo luar.

Vivienne entrou pela porta da cozinha. Limpava a casa de Tina Evans havia dois anos, e tinha uma cópia de chave fazia quase o mesmo tempo.

A casa estava em silêncio, exceto pelo ruído baixo do motor da geladeira.

Vivienne começou a faxina pela cozinha. Limpou as bancadas e os utensílios, tirou a gordura das persianas e passou pano no chão de ladrilho mexicano. Ela fazia um trabalho muito caprichado. Acreditava no valor moral do trabalho duro, e sempre entregava aos empregadores um resultado digno do dinheiro que eles pagavam.

Normalmente, trabalhava durante o dia, não à noite. Mas no início da tarde daquele 30 de dezembro, estava jogando nas máquinas caça-níqueis do Mirage Hotel e ganhando dinheiro, então não quis sair de lá quando as máquinas continuassem lhe pagando tão bem. Algumas pessoas para as quais trabalhava insistiam em horários regulares e pré-definidos, e reclamavam muito quando ele se atrasava, mesmo que só alguns minutos. Mas Tina Evans era compreensiva; sabia como os caça-níqueis eram importantes para Vivienne, e não se aborrecia quando ela, de vez em quando, pedia para remarcar o horário da faxina.

Vivienne era uma duquesa da moeda. Esse era o nome que os funcionários de um cassino usavam para se referir às mulheres idosas, residentes na área, cuja vida social girava em torno de um interesse obsessivo pelas “bandidas de um braço só”, embora as máquinas de moedas fossem história antiga. As duquesas da moeda sempre jogavam nos caça-níqueis baratos, que antes operavam com moedas de cinco ou dez centavos e agora funcionavam com as de vinte e cinco. Elas nunca usavam as máquinas de um ou cinco dólares. Puxavam a alavanca por horas seguidas e frequentemente faziam uma nota de vinte dólares durar uma tarde inteira. A filosofia de jogo dessas senhoras era simples: “Não importa se você ganha ou perde, desde que continue no jogo”. Com essa atitude, e mais alguma habilidade para administrar o dinheiro, elas conseguiam aguentar mais que muitos jogadores que corriam para as máquinas de valores mais altos depois de não ganhar nada com as de

moedas, e, por causa de sua paciência e perseverança, essas senhoras ganhavam os prêmios máximos com muito mais frequência que a enxurrada de turistas que ia e vinha em volta delas. Mesmo agora, quando era possível jogar na maioria das máquinas com cartões de valores ativados eletronicamente, as duquesas da moeda continuavam a vestir luvas pretas para impedir que as mãos ficassem imundas depois de horas manipulando moedas e puxando alavancas. Elas sempre jogavam sentadas em banquetas e lembravam de alternar as mãos quando operavam as máquinas, para não sobrecarregar os músculos de um só braço, além de sempre terem na bolsa embalagens de creme anti-inflamatório só por precaução.

As duquesas, que em sua maioria eram viúvas ou solteironas, muitas vezes almoçavam e jantavam juntas. Comemoravam juntas nas poucas vezes em que uma delas ganhava o grande prêmio; e quando uma delas morria, todas as outras iam ao funeral. Juntas, formavam uma comunidade estranha, mas sólida, com um satisfatório senso de pertencimento. Em um país que idolatrava a juventude, muitos americanos idosos desejavam ardentemente descobrir um lugar onde se sentissem pertinentes, mas, diferentemente das duquesas, a maioria nunca encontrava.

Vivienne tinha uma filha, um genro e três netos em Sacramento. Durante cinco anos, desde o aniversário de sessenta e cinco, a família a pressionava para ir morar com eles. Ela os amava tanto quanto amava a si mesma, e sabia que realmente a queriam por perto; o convite não era motivado por sentimento de culpa e obrigação. Mesmo assim, ela não tinha vontade de morar em Sacramento. Depois de várias visitas à cidade, já havia concluído que aquele devia ser um dos lugares mais chatos do mundo para se viver. Vivienne gostava do movimento, do barulho, das luzes e da empolgação de Las Vegas. Além disso, se fosse morar em Sacramento, não seria mais uma duquesa da moeda. Ali não seria ninguém

especial, apenas mais uma idosa morando com a família da filha, uma avó marcando o tempo e esperando a morte.

Uma vida assim seria intolerável.

Vivienne valorizava sua independência mais que tudo. Torcia para permanecer saudável e poder continuar trabalhando e morando sozinha, até sua hora chegar e todas as lacunas do caça-níqueis mostrarem limões.

Quando estava terminando de passar pano no chão da cozinha, pensando em como a vida seria horrível sem suas amigas e os caça-níqueis, ela ouviu um barulho em outro cômodo da casa. Na sala, talvez.

Parada, ficou ouvindo.

De repente, o motor da geladeira parou de fazer barulho. Sobrou apenas um relógio marcando o tempo com um tique-taque suave.

Depois de um longo silêncio, um rápido estalo ecoou novamente pela casa, dessa vez em outro cômodo, assustando Vivienne. Em seguida, silêncio de novo.

Ela se aproximou da gaveta ao lado da pia e escolheu uma faca longa e afiada.

Nem pensou em chamar a polícia. Se telefonasse, eles poderiam vir e não achar um invasor. Pensariam que ela era só uma velha maluca. Vivienne Neddler se recusava a dar motivo para alguém pensar isso dela.

Além disso, nos últimos vinte e um anos, desde a morte de Harry, sempre cuidara de si mesma. E fazia um bom trabalho nesse sentido.

Ela saiu da cozinha e encontrou o interruptor de luz à direita da porta. A sala de jantar estava vazia.

Na sala principal, acendeu o abajur. Também não tinha ninguém ali.

Estava se preparando para seguir para outro cômodo quando percebeu alguma coisa estranha nas quatro fotos emolduradas e agrupadas na parede sobre o sofá. Sempre houvera seis fotos ali, não quatro. Mas não foi só o fato de duas fotos terem desaparecido que chamou a atenção de Vivienne; as quatro fotos restantes balançavam nos ganchos que as sustentavam. Não

havia ninguém perto delas, mas, de repente, duas fotos começaram a vibrar violentamente contra a parede e depois caíram, deixando o vidro da moldura estilhaçado no chão, ao lado do sofá de veludo bege.

Foi esse o barulho que ela ouvira da cozinha, o estalo.

— Que diabo é isso?

As duas fotos restantes também se jogaram da parede de repente. Uma caiu atrás do sofá, e a outra, em cima dele.

Vivienne olhava perplexa para aquela cena sem conseguir entender o que via. Terremoto? Mas não tinha sentido a casa tremer, e as janelas não vibraram. Um tremor leve demais para ser sentido também seria leve demais para derrubar as fotos da parede.

Ela se aproximou do sofá e pegou a fotografia caída sobre as almofadas. Conhecia bem a foto. Sempre tirava o pó da moldura em suas visitas à casa. Era um retrato de Danny Evans, assim como as outras cinco que costumavam ficar em volta dela. Nesta ele devia ter uns dez ou onze anos, um menino doce de cabelos castanhos, olhos escuros e sorriso adorável.

Vivienne pensou se não teria acontecido um teste nuclear. Sim, talvez *isso* tivesse sacudido as coisas. O Nevada Nuclear Test Site, onde eram conduzidas detonações subterrâneas várias vezes ao ano, ficava pouco mais de cento e cinquenta quilômetros ao norte de Las Vegas. Sempre que o Exército explodia uma arma de alto impacto, os hotéis altos balançavam em Vegas, e todas as casas da cidade tremiam um pouco.

Mas não, Vivienne estava presa no passado: a Guerra Fria já tinha acabado e fazia muito tempo que testes nucleares não eram conduzidos no deserto. Além disso, a casa não havia tremido por inteiro, foram apenas as fotos saltando da parede.

Confusa, pensativa, Vivienne soltou a faca, puxou um lado do sofá para afastá-lo da parede e recolheu as fotos emolduradas que estavam no chão. Eram cinco retratos, além do que tinha caído sobre o sofá. Dois foram

responsáveis pelo barulho que a trouxera à sala, e os outros três foram os que ela tinha visto caindo. Vivienne os devolveu aos lugares e empurrou o sofá para a posição de costume.

A explosão de um som eletrônico inundou a casa: *péee... péee... péee...*

Vivienne arfou e virou para trás. Continuava sozinha.

A primeira coisa que pensou foi: *deve ser o alarme*.

Mas a casa dos Evans não tinha alarme.

Ela se encolheu quando o guincho eletrônico ficou mais alto, criando uma oscilação aguda. As janelas próximas e o tampo de vidro da mesa de centro vibravam. Ela sentia a ressonância nos dentes e nos ossos.

Não conseguia identificar a origem do som. Parecia vir de todos os cantos da casa.

— Mas que diabo está acontecendo aqui?

Não se incomodou com a faca, porque tinha certeza de que o problema não era um invasor. Era outra coisa, algo estranho.

Vivienne atravessou a sala em direção ao corredor para os quartos, banheiros e a pequena sala ao lado do quarto principal. Acendeu a luz. O barulho era mais alto no corredor. O som que deixava os nervos em frangalhos parecia ricochetear nas paredes do espaço estreito, ecoando e ecoando de novo.

Vivienne olhou para os dois lados, depois seguiu para a direita, para a porta fechada no fim do corredor: o antigo quarto de Danny.

O ar era mais frio no corredor que no resto da casa. Em princípio, Vivienne pensou que estava fantasiando a mudança de temperatura, mas quanto mais se aproximava do fim do corredor, mais frio ficava. Quando alcançou a porta fechada, ela estava arrepiada dos pés à cabeça e não conseguia controlar o tremor dos dentes.

Passo a passo, a curiosidade deu lugar ao medo. Tinha alguma coisa muito errada ali. Uma pressão sinistra parecia comprimir o ar à sua volta.

Péeeeeee... péeeeeee...

A coisa mais sensata a fazer seria virar e se afastar daquela porta e daquela casa. Mas não estava no controle de si mesma, não completamente; sentia um pouco como se fosse uma sonâmbula. Apesar da ansiedade, uma força que podia sentir, mas não era capaz de definir, a atraía inexoravelmente para o quarto de Danny.

Péeeee... péeeee... péeeee...

Vivienne estendeu a mão para a maçaneta, mas interrompeu o gesto antes de tocá-la, incapaz de acreditar no que via. Piscou várias vezes, fechou os olhos, abriu de novo, mas a maçaneta ainda parecia estar envolta por uma fina e irregular camada de gelo.

Finalmente, ela a tocou. *Gelo*. A pele quase ficou colada à maçaneta. Ela soltou a maçaneta e examinou os dedos úmidos. A umidade condensada no metal e congelada.

Mas como isso era possível? Como, em nome de Deus, podia ter gelo ali, em uma casa aquecida e em uma noite com temperatura externa de pelo menos dez graus Celsius?

O guincho eletrônico foi ficando mais rápido, mas o volume se mantinha, ainda era um som estridente e agudo.

— Pare — Vivienne murmurou a si mesma. — Saia daqui. Saia o mais depressa possível.

Mas ela ignorou o próprio conselho. Puxou a blusa para fora da cintura da calça e usou o tecido como barreira entre a mão e o metal gelado da maçaneta. A maçaneta girou, mas a porta não abriu. O frio intenso contraiu e empenou a madeira. Ela usou o ombro para empurrá-la com suavidade, depois com um pouco mais de força. Finalmente, a porta abriu.

MAGYCK! era o espetáculo mais envolvente que o advogado Elliot Stryker já tinha visto em Vegas.

O show começava com uma versão eletrizante de “That Old Black Magic”. Cantores e dançarinos em figurinos cintilantes se apresentavam em um cenário de degraus e painéis espelhados. Quando as luzes do palco eram periodicamente reduzidas, um jogo de lustres de cristal giratórios projetava fragmentos de cor que pareciam se fundir em contornos sobrenaturais que também dançavam pelo palco. A coreografia era complexa, e os dois cantores principais tinham voz marcante e impecável.

Depois do número de abertura, um ato de magia de primeira grandeza foi apresentado na frente das cortinas fechadas. Menos de dez minutos depois, quando as cortinas se abriram novamente, os espelhos tinham sido removidos, substituídos por uma pista de gelo; o segundo número da produção era executado sobre patins, com os artistas mergulhados em um cenário de inverno tão real que Elliot sentiu um arrepio.

Magyck! estimulava a imaginação e prendia a atenção, mas Elliot não conseguia se concentrar exclusivamente no palco. A todo momento, ele olhava para Christina Evans, que era tão impressionante quanto o espetáculo que havia criado.

Ela assistia a cada número com foco total, sem perceber o olhar de Elliot. A tensão era visível em seu rosto, alternando com um sorriso hesitante que surgia quando a plateia ria, aplaudia ou se surpreendia.

Ela era uma mulher de beleza singular. O cabelo na altura dos ombros era escuro, quase preto, e brilhante, cobria parte da testa e era mantido para trás nas laterais, emoldurando o rosto como se fosse a pintura de um

grande artista. A estrutura óssea de seu rosto era delicada, bem definida e essencialmente feminina. A pele era morena. Boca cheia e sensual. E os olhos... bem, ela seria linda se tivesse olhos escuros, como era mais comum para o tom de pele e cabelo, mas os olhos de Christina eram de um azul cristalino. O contraste entre os traços italianos e os olhos nórdicos era devastador.

Elliot sabia que outras pessoas deviam ver defeitos naquele rosto. Alguns diriam que a testa era muito larga e o nariz, muito reto, o que para alguns poderia caracterizar um aspecto severo. Outros poderiam apontar que a boca era muito grande, o queixo, pontudo demais. Para Elliot, porém, seu rosto era perfeito.

Mas a beleza física não era o que mais o empolgava. Estava interessado, em primeiro lugar, em saber mais sobre a mente capaz de criar uma obra como aquela a que estavam assistindo. Tinha visto menos de um quarto do espetáculo, mas já sabia que seria um sucesso, e que era muito superior a outros de sua categoria. Uma extravagância em um palco de Vegas podia desandar com alguma facilidade. Se os cenários enormes, figurinos luxuosos e coreografias complexas fossem exagerados ou se qualquer elemento fosse executado de forma imprópria, a produção ultrapassaria rapidamente a linha tênue entre um show exuberante e uma apresentação cafona e vulgar. Uma fantasia exuberante poderia se transformar em um detalhe grosseiro, de mau gosto e idiota se fosse guiada pela mão errada. Elliot queria saber mais sobre Christina Evans – mas também, de maneira geral, ele *a* queria.

Nenhuma mulher o havia afetado com tanta intensidade desde que Nancy, sua ex-esposa, morrera, três anos antes.

Sentado no teatro escuro, ele sorriu, por conta não do mágico cômico que se apresentava na frente das cortinas fechadas, mas de seu próprio ímpeto juvenil repentino.

A PORTA EMPENADA rangeu e estalou quando Vivienne Neddler forçou-a para abrir.

Péeeee... péeeee...

Uma onda de ar gelado saiu do quarto escuro para o corredor.

Vivienne tateou a parede procurando o interruptor, acendeu a luz e entrou desconfiada. O quarto estava vazio.

Péeeee... péeeee...

Astros do beisebol e monstros do cinema de horror olhavam para ela colados às paredes. Três modelos complexos de aviões pendiam do teto. As coisas estavam onde sempre estiveram desde que ela começara a trabalhar na casa, antes de Danny morrer.

Péeeee... péeeee... péeeee...

O guincho eletrônico enlouquecedor era produzido por duas caixas de som penduradas na parede atrás da cama. Um CD *player*, um rádio e um amplificador formavam uma pilha sobre uma das mesas de cabeceira.

Vivienne agora conseguia ver de onde o barulho saía, mas não localizava nenhuma origem para o ar gelado. As janelas estavam fechadas, e, mesmo que houvesse alguma fresta, a noite não estava fria o bastante para justificar o ar gélido do quarto.

Quando ela estendeu a mão para o rádio, o guincho parou. O silêncio súbito tinha um peso opressor.

Aos poucos, quando os ouvidos pararam de apitar, Vivienne percebeu o chiado vazio dos alto-falantes, depois as batidas fortes de seu próprio coração.

A caixa de metal do rádio brilhava, coberta por uma camada fina de gelo. Ela tateou a superfície, intrigada, e um fragmento de gelo se soltou e caiu em cima da mesa de cabeceira, sem derreter. O quarto todo estava *frio*.

A janela também estava coberta por uma camada de gelo. E o espelho seguia o mesmo estranho padrão. O reflexo de Vivienne era fraco, distorcido e estranho.

Do lado de fora, a noite estava fresca, mas não invernal. Uns dez ou doze graus, talvez.

De repente, o *display* do rádio digital começou a mudar, os números alaranjados aumentavam, passando de uma estação a outra. Trechos de música, vozes cortadas dos apresentadores e fragmentos de *jingles* comerciais se misturavam em uma cacofonia de sons sem sentido. O ponteiro indicador chegou ao limite da busca e começou a viagem de volta.

Tremendo, Vivienne desligou o rádio.

Assim que tirou o dedo do botão, o rádio ligou sozinho de novo.

Ela ficou olhando para o aparelho, perplexa.

O ponteiro digital voltou a se mexer, e pedaços de música gritavam pelos alto-falantes.

Ela apertou o botão para desligar novamente, mas, depois de um breve silêncio, o rádio voltou a funcionar sozinho.

— Isso é loucura — ela disse, tremendo.

Quando desligou o rádio pela terceira vez, manteve o dedo sobre o botão. Por vários segundos, teve certeza de poder sentir o botão empurrando seu dedo, como se quisesse voltar à posição anterior.

Os três aviões pendurados no teto começaram a se mover. Cada um deles pendia de um pedaço de linha de pescar, e a outra ponta ficava presa a um gancho no gesso do teto. Os aviões sacudiam, tremiam, giravam e vibravam.

É só um vento.

Mas ela não sentia o vento.

Os aviões começaram a pular violentamente para cima e para baixo na ponta da linha.

— Deus me ajude — Vivienne murmurou.

Um dos aviões girava em círculos pequenos, cada vez mais rápido, depois em círculos maiores, diminuindo gradativamente o ângulo entre a linha em que estava preso e o teto do quarto. Depois de um momento, os outros dois aviões pararam de se movimentar aleatoriamente e começaram a girar e girar, como o primeiro avião, como se estivessem realmente voando; e não dava para confundir esse movimento deliberado com os efeitos de um sopro de vento.

Fantasmas? Um *poltergeist*?

Mas Vivienne não acreditava em fantasmas. Sabia que essas coisas não existiam. Acreditava na morte e nos impostos, na inevitabilidade dos grandes prêmios nas máquinas caça-níqueis. Acreditava em *buffets* de cassinos que cobravam menos de seis dólares para comer à vontade, no Senhor Deus Todo-Poderoso, na verdade das abduções alienígenas e no Pé Grande, mas não acreditava em fantasmas.

As portas deslizantes do *closet* começaram a se mover nos trilhos, e Vivienne Neddler teve a sensação de que alguma *coisa* horrível ia sair daquele buraco escuro, algo com olhos vermelhos como sangue e dentes afiados à mostra. Sentia uma *presença*, alguma coisa que a queria devorar, e gritou quando a porta se abriu completamente.

Mas não havia nenhum monstro no *closet*. Havia roupas. Apenas roupas.

Mesmo assim, sem que ninguém as tocasse, as portas se fecharam... e abriram de novo...

Os aviões giravam e giravam

O ar ficou ainda mais frio.

A cama começou a tremer. Os pés mais próximos dela se ergueram uns oito ou dez centímetros do chão, antes de caírem de volta sobre os moldes colocados embaixo deles para proteger o carpete. E então voltaram a subir, flutuando sobre o chão. As molas do colchão cantavam como se dedos de metal as dedilhassem.

Vivianne recuou até encostar na parede, com os olhos arregalados e as mãos fechadas junto do corpo.

E tão repentinamente quanto começou a subir e descer, a cama parou. As portas do *closet* se fecharam com um estrondo... e não voltaram a abrir. Os aviões começaram a girar mais devagar, em círculos cada vez menores, até finalmente ficarem novamente imóveis.

O quarto estava em silêncio.

Nada se movia.

A temperatura começava a subir.

Aos poucos, o coração de Vivienne foi desacelerando, saindo do ritmo frenético que mantivera nos últimos dois minutos. Ela se abraçou e foi sacudida por um arrepio.

Uma explicação lógica. Tinha que haver uma explicação lógica.

Mas não conseguia imaginar qual poderia ser.

Com o quarto esquentando rapidamente, maçaneta, rádio e outros objetos de metal despiram as frágeis camadas de gelo, deixando pequenas poças sobre os móveis e manchas úmidas no carpete. A janela congelada desembacou, e com o espelho livre da camada de gelo, o reflexo distorcido de Vivianne se transformou em seu contorno mais familiar.

Agora aquilo era só o quarto de um menino, um quarto como milhares de outros.

Exceto, é claro, pelo fato de que o menino que um dia dormiu ali estava morto havia um ano. E talvez estivesse de volta, assombrando o lugar.

Vivienne recordou-se de que não acreditava em fantasmas.

Mesmo assim, talvez fosse uma boa ideia Tina Evans se livrar de uma vez dos pertences do garoto.

Vivienne não conseguia encontrar sentido para o que tinha acontecido ali, mas de uma coisa tinha certeza: não contaria a ninguém o que vira naquela noite. Por mais que sua descrição desses eventos bizarros fosse convincente e franca, ninguém acreditaria nela. As pessoas concordariam balançando a cabeça, sorririam com frieza e diriam que sim, devia ter sido uma experiência estranha e assustadora, mas durante todo o tempo elas pensariam que a pobre Vivienne finalmente estava ficando senil. Mais cedo ou mais tarde, suas histórias sobre fantasmas acabariam chegando aos ouvidos da filha em Sacramento, e a pressão para ela se mudar para lá seria insuportável. Vivienne não poria em risco sua preciosa independência.

Ela saiu do quarto, voltou à cozinha e bebeu duas doses do melhor uísque de Tina Evans. Depois, com seu característico estoicismo, voltou ao quarto do menino para limpar a água do gelo derretido. Feito isso, retomou a limpeza da casa.

Recusava-se a se deixar afugentar por um *poltergeist*.

Entretanto, não descartava a ideia de ir à igreja no domingo, depois de tanto tempo. Rezar um pouco podia ser bom para ela. Não toda semana, é claro. Só uma ou duas missas por mês. E uma confissão de vez em quando. Não chegava perto de um confessionário havia anos. Era melhor prevenir que remediar.

TODO MUNDO da indústria de entretenimento de Vegas sabia que as plateias não pagantes de *premières* eram as mais difíceis de agradar. A cortesia não era garantia de reconhecimento ou simpatia. A pessoa que pagava o preço da entrada era mais propensa a valorizar o que comprava do que quem tinha acesso ao mesmo produto sem dar nada em troca. Essa máxima se aplicava sem ressalvas aos espetáculos ao vivo e às plateias convidadas.

Mas não hoje. *Esta* plateia não conseguia parar de aplaudir e se admirar.

A cortina se fechou pela última vez oito minutos antes das dez da noite, e a ovação continuou até o relógio de Tina marcar a hora cheia. O elenco de *Magyck!* se curvou em agradecimento várias vezes, depois a equipe técnica, a orquestra, todos empolgados por fazer parte de um sucesso tão estrondoso. Por insistência da feliz, barulhenta plateia VIP, Joel Bandiri e Tina foram iluminados em seus lugares e também parabenizados com aplausos retumbantes.

Tina estava inebriada de adrenalina, sorrindo, ofegante, quase incapaz de absorver a resposta tão fabulosa ao seu trabalho. Helen Mainway falava animada sobre os efeitos especiais. Elliot Stryker gastava um estoque inesgotável de elogios, além de algumas observações muito bem apuradas sobre aspectos técnicos da produção. E Charles Mainway, por sua vez, enchia a taça de Tina com a já terceira garrafa de Dom Pérignon trazida à mesa. Então, as luzes foram acesas, e a plateia começou a sair, mesmo que relutante. Tina quase não teve chance de beber um gole da champanhe, por causa de todas as pessoas que se aproximavam da mesa para parabenizá-la.

Às dez e meia, a maior parte da plateia já tinha deixado o local, e os que ainda permaneciam na sala estavam em fila, subindo as escadas em direção à saída. Não havia segunda sessão marcada para essa noite, como haveria em todas as noites a partir de então, mas garçonetes e ajudantes limpavam as mesas rapidamente, já trocando toalhas e talheres para a apresentação da noite seguinte, às oito horas.

Quando o corredor diante da mesa finalmente ficou vazio, Tina foi ao encontro de Joel, que também caminhava na direção dela. Ela o abraçou e, surpresa, começou a chorar de felicidade. Deu um abraço apertado no parceiro e anunciou que o espetáculo seria um gigante como nunca visto antes.

Quando eles chegaram aos bastidores, a festa da noite de estreia já estava animada. Cenários e adereços tinham sido tirados do palco, e oito mesas dobráveis haviam sido cobertas por toalhas brancas e estavam repletas de comida: cinco tipos de canapés quentes, salada de lagosta, salada de caranguejo, salada de macarrão, filé mignon, peito de frango em molho de estragão, batatas assadas, bolos, tortas, frutas secas, frutas frescas e queijos. Funcionários do hotel, coristas, dançarinas, mágicos, equipe técnica e músicos se reuniram em volta das mesas, experimentando as opções, enquanto Philippe Chevalier, *chef* responsável pelo cardápio do hotel, supervisionava pessoalmente o evento. Sabendo que um banquete seria servido na festa, poucos ali haviam jantado, e a maioria dos dançarinos não comia nada desde o almoço. Eles elogiavam a comida e se aglomeravam ao redor do bar. Com a lembrança do aplauso ainda fresca na cabeça de todos, a festa logo ficou animada.

Tina circulava, de um lado para o outro, subia e descia do palco, andava entre as pessoas e agradecia a todos pela contribuição para o sucesso do espetáculo, cumprimentando cada integrante do elenco e da equipe pela dedicação e pelo profissionalismo. Encontrou Elliot várias vezes, e ele parecia realmente interessado em saber como tinham sido realizados os

maravilhosos efeitos de palco. Cada vez que Tina interrompia a conversa entre eles para falar com alguém, lamentava ter de se afastar de Elliot, e cada vez que o encontrava de novo, tentava ficar na companhia dele por mais tempo. Depois do quarto encontro, ela perdeu a noção de quanto tempo passaram juntos. Finalmente, esqueceu-se de circular.

Em pé ao lado do último pilar do palco, fora da área central da festa, eles comiam pedaços de bolo, falavam sobre *Magyck!* e depois sobre leis, Charlie e Helen Mainway, mercado imobiliário de Las Vegas e, sem perceberem, já estavam conversando sobre filmes de super-heróis.

— Como Batman consegue usar um traje de borracha reforçada o tempo todo e não ter urticária crônica? — Elliot comentou.

— Bom, mas o traje de borracha tem suas vantagens.

— Quais?

— Você pode sair do escritório e ir mergulhar sem ter que trocar de roupa.

— Comer em embalagem para viagem a trezentos e cinquenta quilômetros por hora dentro do Batmóvel e, por mais que se suje, só tomar um banho de mangueira depois — ele entrou na brincadeira.

— Exatamente. Depois de um dia duro de luta contra o crime, você pode encher a cara até vomitar na roupa, e tudo bem. Não gasta nada com lavanderia.

— E é um pretinho básico, ele sempre está vestido para qualquer ocasião.

— De uma audiência com o papa a uma balada temática do Marquês de Sade.

Elliot sorriu e terminou de comer sua sobremesa, e mudou o rumo do diálogo:

— Acho que vai ter que passar muito tempo aqui nas próximas noites.

— Não. Minha presença não é mais tão necessária.

— Pensei que o diretor...

— A maior parte do trabalho do diretor está feita. Só preciso dar uma olhada no espetáculo a cada duas semanas para garantir que o tom não se afaste da minha intenção original.

— Mas você também é a coprodutora.

— Mas agora que o show estreou com sucesso, a maior parte das minhas funções como produtora é cuidar das coisas de relações públicas e divulgação. E um pouco de logística, para manter a produção funcionando sem tropeços. Mas quase tudo pode ser feito do escritório. Não preciso necessariamente ficar perto do palco. Na verdade, Joel diz que não é saudável um produtor ficar nos bastidores todas as noites... ou mesmo na maioria delas. Ele diz que eu só deixaria os artistas nervosos e os técnicos inseguros, atentos ao chefe, quando na verdade deveriam prestar atenção ao trabalho.

— Mas você vai conseguir resistir?

— Não vai ser fácil ficar longe. Mas o que Joel diz faz muito sentido, então, vou tentar fingir que estou tranquila com essa postura.

— Ainda acho que você vem todas as noites, pelo menos na primeira semana.

— Não. Se Joel estiver certo, e tenho certeza de que está, é melhor desenvolver desde o início o hábito de ficar longe.

— Amanhã à noite?

— Ah, provavelmente vou entrar e sair algumas vezes.

— Ah, imagino que tenha alguma festa de Ano-Novo para ir.

— Detesto festas de Ano-Novo. Todo mundo fica bêbado e chato.

— Ah, então... entre uma visita e outra aos bastidores de *Magyck!*, acha que vai ter tempo de jantar?

— Você está me convidando para sair?

— Vou tentar não ficar bêbado e chato.

— Você *está* me convidando para sair — ela afirmou satisfeita.

— Estou. E faz muito tempo que não me sinto tão acanhado com isso.

— Por quê?

— Por sua causa, acho.

— Eu te deixo acanhado?

— Você me faz sentir jovem. E quando era jovem eu era muito acanhado.

— Que fofo.

— Estou tentando te impressionar.

— E está conseguindo.

O sorriso dele era muito afetuoso.

— Ok, eu já não me sinto mais tão acanhado.

Ela brincou:

— Quer começar de novo?

— Quer jantar comigo amanhã?

— Quero. Sete e meia?

— Ótimo. Prefere algo mais chique ou casual?

— Jeans.

Ele tocou o colarinho engomado da camisa social e a lapela do paletó do *smoking*.

— Que bom que avisou.

— Vou te dar meu endereço — e abriu a bolsa para pegar uma caneta.

— Podemos passar aqui e assistir aos primeiros números de *Magyck!* antes de ir para o restaurante — sugeriu ele.

— Por que não vamos só ao restaurante?

— Não quer passar aqui antes?

— Decidi que vai ser um rompimento drástico.

— Joel vai ficar orgulhoso.

— Se eu conseguir manter a decisão, *eu* vou ficar orgulhosa de mim.

— Você vai conseguir. É muito determinada.

— No meio do jantar, posso ser acometida por uma necessidade desesperada de correr para cá e agir como produtora.

— Vou deixar o carro estacionado na porta do restaurante, e nem vou desligar o motor, só por precaução.

Tina deu o endereço de sua casa, e, pouco depois, eles falavam sobre *jazz* e Benny Goodman, e depois sobre o péssimo serviço prestado pela companhia telefônica de Las Vegas, conversando como se fossem velhos amigos. Ele se interessava por muitas coisas. Era esquiador e piloto e tinha muitas histórias divertidas sobre suas aventuras com essas atividades. Ele a deixava à vontade, mas, ao mesmo tempo, a intrigava. Projetava uma imagem interessante: uma mistura de poder masculino e gentileza, sexualidade agressiva e bondade.

Um espetáculo de sucesso... muitas presenças importantes a esperar... uma infinidade de novas oportunidades que surgiriam por causa desse primeiro sucesso estrondoso... e agora a perspectiva de um novo romance.

Era impressionante quanta diferença um ano podia fazer. Depois de toda a amargura, dor, tragédia e tristeza implacável, olhava para o outro lado e via um horizonte iluminado de promessas. Finalmente, valia a pena viver para ver o futuro. De fato, não conseguia imaginar como alguma coisa poderia dar errado.

AS FOLHAS das palmeiras farfalhavam ao vento seco do deserto sobre a casa dos Evans.

O gato branco de um vizinho correu pelo gramado, perseguindo um pedaço de papel branco. O gato saltou, errou a presa, tropeçou, se assustou e correu para outro quintal como um raio.

O interior da casa era silencioso. De vez em quando, a geladeira vibrava com os murmúrios do motor. A da janela da sala tremia sempre que era atingida por um vento mais forte. O sistema de aquecimento automático ganhou vida, e por dois minutos, a cada acionamento, as ventoinhas cochichavam sons sem palavras enquanto despejavam ar quente na casa.

Pouco depois da meia-noite, o quarto de Danny começou a esfriar novamente. Na maçaneta, no rádio e em outros objetos de metal, umidade começou a condensar do nada. A temperatura do cômodo despencou rapidamente, e as gotas de água congelaram. Uma camada de gelo também se formava na janela.

O rádio ligou.

Por alguns segundos, o silêncio foi rasgado por um guincho eletrônico tão agudo quanto a lâmina afiada de um machado. Depois, o barulho estridente cessou, e o mostrador digital piscou exibindo números que mudavam rapidamente. Trechos de música e vozes se sucediam em uma macabra montagem sonora que ecoava e ricocheteava nas paredes do quarto gelado.

Não havia ninguém na casa para ouvir.

A porta do *closet* abriu, fechou, abriu...

Dentro dele, camisetas e jeans começaram a girar loucamente em torno do mancebo onde estavam pendurados, e algumas roupas caíram no chão.

A cama tremia.

A prateleira onde ficavam os nove aviões de brinquedo balançou, batendo várias vezes na parede. Um dos modelos foi jogado ao chão, depois mais dois, depois mais três, e outro, até os nove estarem empilhados no carpete.

Na parede ao lado da cama, um pôster da criatura do filme *Aliens* se rasgou ao meio.

O rádio parou de mudar de estação e ficou sintonizado em uma frequência que chiava e estalava com a estática distante. Depois, uma voz brotou dos alto-falantes. Era a voz de uma criança. De um menino. Não havia palavras. Só um grito longo, aflito.

A voz desapareceu depois de um minuto, mas a cama começou a bater para cima e para baixo.

A porta do *closet* abriu e fechou com muito mais força que antes.

Outras coisas também começaram a se mover. Durante quase cinco minutos, o quarto parecia ter ganhado vida.

E então morreu.

O silêncio voltou.

O ar esquentou de novo.

A camada de gelo sumiu da janela, e o gato branco lá fora ainda perseguia o pedaço de papel.

QUARTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO

DEPOIS DA FESTA da noite de estreia, Tina chegou em casa às duas da manhã. Exausta e ligeiramente bêbada, ela foi direto para a cama e mergulhou em um sono profundo.

Mais tarde, depois de umas duas horas de sono sem sonhos perturbadores, ela teve outro pesadelo com Danny. Ele estava preso no fundo de um poço bem profundo. Ela ouviu a voz amedrontada do filho chamando por ela e olhou para dentro do buraco. Ele estava tão longe, tão no fundo, que seu rosto era só uma manchinha clara em meio à escuridão. Danny estava desesperado para sair, e ela estava aflita para tirá-lo de lá. Então, ela percebeu que ele estava acorrentado, não tinha como subir, e as laterais do poço eram íngremes e lisas, por isso não tinha como alcançá-lo. Então, um homem inteiramente vestido de preto e com o rosto escondido nas sombras apareceu do outro lado do buraco e começou a atirar pás de terra para dentro do poço.

O grito de Danny se transformou em um berro de terror; ele estava sendo enterrado vivo. Tina gritou para o homem de preto, mas ele a ignorou e continuou jogando terra em cima de Danny. Ela deu a volta no poço, decidida a fazer o filho da mãe odioso parar com aquilo, mas ele se afastava um passo para cada passo que ela dava em sua direção, e se mantinha sempre do lado oposto ao de Tina, sempre de frente para ela.

Tina não conseguia alcançar o homem e não conseguia alcançar Danny. Pouco depois, a terra já chegava na altura dos joelhos do menino, depois no quadril, e depois nos ombros. Danny chorava e berrava, e agora a terra já encostava em seu queixo, mas o homem de preto não parava de encher o buraco. Ela queria matar aquele desgraçado, bater na cabeça dele com

aquela pá até acabar com sua vida. Quando pensou em agredi-lo, ele olhou para ela, e Tina conseguiu enxergar o rosto do homem: um crânio com pele apodrecida esticada sobre os ossos, olhos vermelhos e um sorriso de dentes amarelos. Um aglomerado nojento de vermes pendia do lado esquerdo da face e do canto do olho, se alimentando dele. O terror de Tina pelo iminente sepultamento de Danny se misturou, de repente, ao medo pela própria vida. Os gritos de Danny eram cada vez mais abafados, mas ainda mais urgentes que antes, porque a terra começava a cobrir seu rosto e entrar na boca. Precisava descer até lá e tirar a terra do rosto do menino antes que ele sufocasse, e por isso, cega pelo pânico, se jogou no buraco, no terrível abismo, caindo e caindo...

Ela acordou ofegante e tremendo.

Tinha certeza de que o homem de preto estava em seu quarto, sorrindo silencioso na escuridão. Com o coração disparado, estendeu a mão para o abajur. A luz repentina a fez piscar, e ela viu que estava sozinha.

— Jesus — murmurou.

Levou as mãos ao rosto, removendo uma camada fina de suor, e enxugou a mão no lençol.

Fez alguns exercícios de respiração profunda, tentando se acalmar.

Não conseguia parar de tremer.

Então, foi até o banheiro e lavou o rosto. O espelho revelava uma pessoa que mal reconhecia: um horror exausto, pálido, de olhos fundos.

A boca estava seca, com um gosto azedo. Ela bebeu um copo de água.

De volta à cama, não quis apagar a luz. O medo a deixou com raiva de si mesma, e, finalmente, ela apertou o interruptor.

A escuridão parecia estranhamente ameaçadora.

Não sabia se conseguiria voltar a dormir, mas precisava tentar. Não eram nem cinco da manhã. Tinha dormido menos de três horas.

Pela manhã, limparia o quarto de Danny, e então aqueles pesadelos cessariam. Estava convencida disso.

Lembrou das três palavras que tinha apagado duas vezes da lousa de Danny – NÃO ESTÁ MORTO – e se deu conta de que tinha se esquecido de ligar para Michael. Precisava falar com ele sobre suas suspeitas. Precisava saber se ele estivera na casa, no quarto de Danny, sem seu conhecimento ou sua permissão.

Tinha que ser Michael.

Poderia acender a luz e ligar para ele agora. Ele estaria dormindo, mas não se sentiria culpada por acordá-lo, não depois de todas as noites de insônia que enfrentava por causa dele. Entretanto, não se sentia pronta para a batalha que certamente se desencadearia. Vinho e exaustão prejudicavam sua sensatez. E se Michael *realmente* havia entrado na casa para fazer uma brincadeira cruel como um moleque, o ódio que sentia dela era maior do que imaginava. Ele poderia estar doente. Se reagisse com violência ou abuso verbal, se fosse irracional, ela precisaria de todo equilíbrio para lidar com a situação. Ligaria de manhã, depois de recuperar parte da força.

Tina bocejou, virou-se na cama e pegou no sono. Não sonhou mais, e quando acordou, às dez da manhã, sentia-se renovada e animada com o sucesso da noite anterior.

Telefonou para Michael, mas ninguém atendeu. A menos que tivesse mudado de horário nos últimos seis meses, ele não saía para o trabalho antes do meio-dia. Ela decidiu tentar de novo, em meia hora.

Depois de pegar o jornal na porta da frente, ela leu a resenha escrita pelo crítico de entretenimento do *Review-Journal* sobre seu espetáculo. Ele não conseguiu encontrar defeitos no show. Os elogios eram tão efusivos que, mesmo depois de ler tudo com os próprios olhos, na própria cozinha, ainda se sentia um pouco constrangida com o fervor dos comentários.

Depois de um café da manhã leve, suco de toranja e um *muffin* inglês, ela foi ao quarto de Danny para encaixotar as coisas dele. Quando abriu a

porta, ficou chocada, imóvel.

O quarto estava uma bagunça. Os aviões não estavam mais na prateleira, mas espalhados pelo chão, alguns deles quebrados. A coleção de livros fora arrancada da estante e espalhada por todos os cantos. Os tubos de cola, as garrafinhas esmaltadas e as ferramentas de modelismo que ficavam em cima da mesa também estavam no chão, com todo o resto. O pôster de um monstro de filme de terror tinha sido rasgado; continuava na parede, mas em pedaços. Os bonecos de ação foram derrubados da cabeceira da cama. As portas do *closet* estavam abertas, e todas as roupas lá dentro pareciam estar jogadas no chão. A mesa de jogo estava caída, e o cavalete, mais uma vez, estava tombado sobre o carpete, com a lousa voltada para baixo.

Tremendo de raiva, Tina atravessou o quarto devagar, tomando cuidado para não pisar em nada. Parou ao lado do cavalete, o levantou e devolveu ao lugar de costume, hesitou, depois virou a lousa para ver se havia algo escrito nela.

NÃO ESTÁ MORTO

— Droga! — falou furiosa.

Vivienne Neddler limpou a casa na noite anterior, mas ela não seria capaz de fazer esse tipo de coisa. Se a bagunça já estivesse ali quando ela chegou, Vivienne teria limpo tudo e deixado um bilhete relatando o que tinha encontrado. Era óbvio que o invasor chegou depois que a Sra. Neddler saiu.

Irada, Tina percorreu a casa, verificando meticulosamente cada janela e porta. Não viu nenhum sinal de arrombamento.

Novamente na cozinha, telefonou para Michael. E não foi atendida de novo. Ela bateu o telefone com força.

Depois, pegou a lista telefônica de uma gaveta e folheou as páginas amarelas até encontrar anúncios de ferreiros. Ligou para o primeiro e

maior anúncio que viu.

— Anderlingen Trancas e Segurança.

— Seu anúncio nas páginas amarelas garante que você pode mandar alguém aqui para trocar as fechaduras em no máximo uma hora.

— Esse é nosso serviço de emergência. É mais caro.

— Não tem problema — Tina respondeu.

— Mas se colocar seu nome na nossa lista de serviços, é bem provável que alguém a atenda ainda hoje, até as quatro da tarde, ou, no máximo, amanhã de manhã. O serviço comum é quarenta por cento mais barato que uma chamada de emergência.

— Minha casa foi invadida por vândalos ontem à noite.

— Meu Deus, que mundo é esse — comentou a mulher da Anderlingen.

— Quebraram várias coisas...

— Sinto muito.

— ... Por isso quero trocar as fechaduras imediatamente.

— É claro, eu entendo.

— E quero que instalem as melhores fechaduras que tiverem.

— Por favor, diga seu nome e endereço que mando alguém da nossa equipe aí imediatamente.

Dois minutos mais tarde, concluída a ligação, Tina voltou ao quarto de Danny para avaliar o estrago outra vez. Enquanto olhava para o cenário de destruição, disse:

— Que diabos você quer de mim, Mike?

Duvidava de que ele pudesse responder à pergunta, mesmo que estivesse ali para ouvi-la. Que desculpa ele poderia ter? Que lógica distorcida poderia justificar esse comportamento doente? Era completamente insano, detestável.

De repente, ela sentiu um arrepio.

TINA CHEGOU ao Bally's Hotel dez minutos antes das duas horas da tarde de quarta-feira e deixou seu Honda com o manobrista.

O Bally's, antes MGM Brand, devia ser um dos estabelecimentos mais antigos da Strip de Vegas – que vivia em constante rejuvenescimento –, mas ainda era um dos hotéis mais populares da cidade, e nesse último dia do ano, estava lotado.

Havia umas duas ou três mil pessoas no cassino, que era maior que um campo de futebol. Centenas de jogadores – mulheres bem jovens, avós de expressão doce, homens de jeans e camisas com bordados decorativos do Oeste, aposentados em roupas caras porém casuais, alguns homens de terno, vendedores, médicos, mecânicos, secretárias, enfim, americanos de todos os estados do Oeste, além de turistas da Costa Leste, do Japão e alguns homens de origem árabe – estavam sentados em torno das mesas de jogos semielípticas. Empurravam dinheiro e fichas para a frente, alguns recolhiam os ganhos, outros pegavam as cartas que eram distribuídas, cada um reagindo de uma entre várias maneiras previsíveis. Alguns gritavam de alegria, outros resmungavam, outros sorriam com tristeza balançando a cabeça; alguns brincavam com os banqueiros, pedindo cartas melhores; e outros ainda ficavam em silêncio, atentos e com ar profissional, como se estivessem considerando um planejamento razoável de formas de investimento. Centenas de outras pessoas permaneciam atrás dos jogadores, assistindo a tudo com impaciência, esperando um assento vagar. Nas mesas de dados, os grupos, basicamente masculinos, eram mais barulhentos que nas de vinte e um; gritavam, uivavam, torciam, resmungavam, incentivavam quem jogava e eram barulhentos ao lançar os

dados. À esquerda, máquinas caça-níqueis se enfileiravam por todo o comprimento do cassino, uma sequência interminável delas, todas iluminadas e coloridas, usadas por jogadores que eram mais agitados que os das mesas de carteados, mas não tão barulhentos quanto os jogadores de dados. À direita, para além das mesas de dados, mais ou menos na metade da longa sala, a mesa de mármore e bronze do baccarat atraía um grupo mais afluente e silencioso de jogadores. Na estação de baccarat, o chefe da mesa, os ajudantes e a banca usavam *smoking*. E por todos os cantos do imenso cassino havia garçonetes com fantasias minúsculas, revelando pernas longas e decotes generosos. Elas andavam para lá e para cá, de um lado para o outro, como se fossem a engrenagem que mantinha o cassino em funcionamento.

Tina atravessou o mar de espectadores que enchia o largo corredor central e localizou Michael quase que de imediato. Ele distribuía cartas de vinte e um em uma das primeiras mesas. A aposta mínima era de cinco dólares, e os sete assentos estavam ocupados. Michael sorria e conversava amigavelmente com os jogadores. Alguns banqueiros eram frios e fechados, mas Michael acreditava que o dia passava mais depressa quando era simpático com as pessoas. Como era de se esperar, ele ganhava mais gorjetas que a maioria dos colegas.

Michael era esguio e loiro, com olhos quase azuis como os de Tina. Lembrava um pouco e era quase tão bonito quanto Robert Redford. Não era surpreendente que as jogadoras dessem a ele gorjetas maiores e com mais frequência que os homens.

Quando Tina se espremeu no espaço estreito entre as mesas e atraiu o olhar de Michael, a reação dele foi bem diferente da que ela esperava. Imaginava que, quando ele a visse, o sorriso desapareceria de seu rosto. Em vez disso, o sorriso se tornou mais largo, e parecia haver um prazer genuíno em seus olhos.

Ele continuou embaralhando as cartas enquanto falava:

— Ei, Tina. Nossa, como você está linda, Tina. Um colírio para os meus olhos cansados.

Ela não estava preparada para a recepção agradável, e ficou confusa com o afeto no cumprimento.

— Belo suéter — ele continuou. — Gostei. Você sempre ficou bem de azul.

Tina sorriu desconfortável e tentou lembrar que estava ali para acusá-lo de um assédio cruel.

— Michael, preciso falar com você.

Ele olhou o relógio de pulso.

— Vou ter um intervalo em cinco minutos.

— Onde a gente se encontra?

— Pode esperar aqui mesmo. Aproveite para ver esses simpáticos jogadores tirarem um bom dinheiro de mim.

Todas as pessoas na mesa reagiram com resmungos e gemidos, e todas comentaram como era improvável que conseguissem ganhar alguma coisa dessa banca.

Michael sorriu e piscou para Tina.

Ela sorriu, tensa.

Esperou com impaciência os cinco minutos passarem; nunca se sentia confortável em um cassino movimentado. A atividade frenética e a animação incessante, que às vezes beirava a histeria, afetava seus nervos.

O salão enorme era tão barulhento que a mistura de sons parecia se unir e formar uma substância palpável. Máquinas caça-níqueis tilintavam em volta de roletas girando. A banda de cinco músicos tocava uma música *pop* absurdamente amplificada de cima do pequeno palco na sala de coquetéis, que ficava num mezanino baixo, mais adiante. O sistema de anúncios berrava nomes. Pedras de gelo tilintavam nos copos dos jogadores, que bebiam enquanto apostavam. E todo mundo parecia falar ao mesmo tempo.

Quando chegou a hora do intervalo de Michael, um substituto assumiu seu lugar na mesa, e ele seguiu para o corredor central.

— Quer falar comigo?

— Aqui não — ela respondeu meio gritando. — Não consigo ouvir nem meus pensamentos.

— Vamos até a galeria.

— Ok.

Para chegar às escadas rolantes que os levariam ao andar inferior, onde ficava a galeria comercial, era preciso atravessar o cassino inteiro. Michael ia na frente, afastando as pessoas com movimentos firmes, mas educados, e abrindo caminho. Tina o seguia de perto, passando pelos vãos antes que eles se fechassem de novo.

Na metade do comprido corredor, eles pararam diante de um espaço vazio, uma clareira onde um homem de meia-idade estava caído de barriga para cima, inconsciente, na frente de uma mesa de vinte e um. Ele usava um terno bege, camisa marrom e gravata com estampas bege. Havia uma banqueta caída ao lado dele, e mais ou menos uns quinhentos dólares em fichas verdes espalhadas no carpete. Dois seguranças uniformizados prestavam os primeiros socorros, afrouxavam a gravata e abriam o colarinho do homem inconsciente, tomando seu pulso, enquanto um terceiro guarda mantinha os curiosos afastados.

Michael perguntou:

— Infarto, Pete?

O terceiro guarda olhou para ele.

— Oi, Mike. Não, acho que não é coração. Provavelmente, uma combinação de apagão de vinte e um e bexiga de bingo. Ele passou oito horas sentado aqui sem levantar.

No chão, o homem de bege gemeu e suas pálpebras tremeram.

Balançando a cabeça como se a cena fosse divertida, Michael contornou a clareira e voltou a andar no meio da multidão.

Quando eles finalmente chegaram ao fundo do cassino, onde ficavam as escadas rolantes que desciam para a galeria comercial, Tina perguntou:

— O que é apagão de vinte e um?

— É burrice — Michael respondeu, aparentemente ainda se divertindo com o fato. — O cara senta para jogar e se envolve tanto que perde a noção do tempo, o que, é claro, é exatamente o que o cassino quer que ele faça. Por isso não tem muitas janelas ou relógios em um cassino. Mas, de vez em quando, alguém *realmente* perde a noção, não levanta por muitas horas, continua jogando como um zumbi e acaba bebendo demais. Então, quando a pessoa se levanta, o movimento normalmente é rápido demais, o sangue circula de uma vez da cabeça para o corpo e, *pá!*, desmaia. Isso é o que chamamos de apagão de vinte e um.

— Ah, entendi.

— Acontece o tempo todo.

— E bexiga de bingo?

— O jogador fica tão interessado no jogo que fica praticamente hipnotizado. Ele continua bebendo, mas está em uma espécie de transe que o faz ignorar completamente o chamado da bexiga, até que o órgão sofre um espasmo. Se for grave, os canais entopem. Ele não consegue urinar e tem que ser levado ao hospital para introdução de sonda.

— Meu Deus, sério?

— Sim.

Eles desceram da escada rolante e seguiram para a galeria movimentada. Multidões passavam pelas lojas de *souvenirs*, galerias de arte, joalherias, lojas de roupas e outros estabelecimentos, mas não se aglomeravam tanto, nem eram tão persistentes quanto no cassino.

— Ainda não vejo um lugar onde se possa ter uma conversa privada — disse Tina.

— Vamos até a sorveteria, lá tem sorvete de pistache. O que acha? Você sempre gostou de sorvete de pistache.

— Não quero sorvete nenhum, Michael.

Tina já tinha perdido o impulso raivoso inicial que a havia levado até ali, e agora temia perder de vista o propósito desse encontro. Michael se esforçava muito para ser gentil, o que não era muito comum nele. Não no Michael Evans com quem tinha convivido nos últimos dois anos. Quando se casaram, ele era divertido, encantador, simpático, mas fazia tempo que não se comportava mais assim com ela.

— Não quero sorvete — ela repetiu. — Só quero conversar.

— Bom, se você não quer, eu quero. Vou pegar uma casquinha, depois podemos ir até o estacionamento. O dia está bem quente.

— Quanto tempo você tem de intervalo?

— Vinte minutos. Mas o chefe da mesa é meu amigo. Ele vai me cobrir se eu não voltar na hora.

A sorveteria ficava do outro lado da galeria. Enquanto andavam, Michael continuou divertindo Tina, contando sobre outras enfermidades incomuns a que os jogadores eram propensos.

— Tem o que chamamos de ataque do grande prêmio — disse. — As pessoas que frequentam cassinos sempre inventam uma história de quando ganharam um dinheirão. Normalmente é mentira. Mas quando alguém *realmente* ganha uma bolada, especialmente em uma das máquinas, nas quais o prêmio pode vir de repente, a surpresa é tão grande que a pessoa desmaia. Os infartos são mais comuns em volta das caça-níqueis que em qualquer outro lugar do cassino, e muitas vítimas são pessoas que acabaram de ganhar uma quantia alta. Ah, e tem a síndrome Vegas. Alguém fica tão empolgado com a jogatina e os espetáculos que se esquece de comer durante um dia inteiro, ou mais. Acontece com mulheres também, quase tanto quanto com os homens. Enfim, quando a pessoa finalmente sente fome e percebe que não comeu, come muito mais do que o necessário, o sangue é desviado bruscamente para o processo de digestão, e a pessoa desmaia no restaurante. Esse normalmente não é

perigoso, a menos que o desmaio aconteça quando a pessoa está com a boca cheia de comida, porque aí ela pode se engasgar e morrer. Mas a minha reação favorita é a que chamamos de síndrome de distorção do tempo. As pessoas vêm de vários lugares sem graça, e Vegas é praticamente uma Disneylândia para adultos. Tem muita coisa acontecendo, muito o que ver e fazer, animação constante, e as pessoas saem do ritmo normal. Vão dormir quando o dia está nascendo, acordam à tarde e perdem a noção dos dias. Quando a animação diminui um pouco, eles vão fechar a conta do hotel e descobrem que o fim de semana, que deveria ser de dois ou três dias, se transformou em cinco. Não conseguem acreditar. Acham que estão sendo enganados, que a cobrança é abusiva, e brigam com os funcionários do hotel. Quando alguém mostra um calendário e um jornal do dia, eles ficam em absoluto choque por terem passado por uma distorção do tempo e perdido dois dias. Não é estranho?

Michael continuou falando sem parar enquanto comprava o sorvete. Depois, quando saíram pela porta do fundo do hotel e seguiram andando pelo contorno do estacionamento sob um sol de vinte e um graus, ele disse:

— E, então, sobre o que você queria conversar?

Tina não sabia como começar. A intenção original era acusá-lo de ter destruído o quarto de Danny. Ela estava preparada para um ataque frontal, de forma que, mesmo que não quisesse revelar nada, ele ficasse abalado o suficiente para deixar escapar a sua culpa. Mas agora, se começasse a fazer acusações duras, depois de ele ter sido tão agradável com ela, pareceria uma megera histérica, e, se ainda tivesse alguma vantagem, a perderia rapidamente.

Finalmente, ela disse:

— Estão acontecendo coisas estranhas em casa.

— Estranhas? Como assim?

— Acho que alguém invadiu a casa.

— Você *acha*?

— Não... eu tenho certeza.

— Quando?

Lembrando as três palavras na lousa, ela respondeu:

— Três vezes na última semana.

Ele parou de andar e olhou para ela.

— Três vezes?

— Isso. A última foi na noite passada.

— O que a polícia disse?

— Não chamei a polícia.

Ele franziu a testa.

— Por que não?

— Para começar, porque não levaram nada.

— Invadiram a casa três vezes e não levaram nada?

Se ele estava fingindo inocência, atuava melhor do que ela imaginava, mas Tina sabia que o conhecia bem o suficiente para decifrá-lo. Afinal, viveram juntos por muito tempo, anos de felicidade e anos de tormento, e ela havia aprendido a reconhecer os limites de seu talento para mentira e falsidade. Sempre soube quando ele estava mentindo. E não achava que ele estava mentindo agora. Havia alguma coisa peculiar nos olhos, uma espécie de curiosidade, mas sem qualquer malícia. Ele dava sinais de que realmente não sabia de nada sobre o que havia acontecido na casa. Talvez não tivesse nada a ver com isso.

Mas se Michael não tinha destruído o quarto de Danny, se Michael não tinha escrito aquelas palavras na lousa, quem poderia ter sido?

— Por que alguém entraria na casa e iria embora sem levar nada? — Michael perguntou.

— Acho que alguém está tentando me perturbar, me deixar com medo.

— E por que alguém ia querer te deixar com medo? — ele parecia sinceramente preocupado.

Tina não sabia o que dizer.

— Você nunca foi o tipo de pessoa que faz inimigos — Michael continuou. — É uma mulher muito difícil de odiar.

— Bom, você conseguiu — ela respondeu, e foi o mais próximo que chegou de acusá-lo de alguma coisa.

Ele reagiu surpreso.

— Ah, não. Não venha com essa, Tina. Eu nunca te odiei. Fiquei decepcionado com as mudanças. Fiquei com raiva. Com raiva e magoado, reconheço. Fiquei muito amargurado, de fato. Mas nunca senti ódio de você.

Ela suspirou.

Michael não destruía o quarto de Danny. Agora tinha certeza absoluta disso.

— Tina?

— Desculpa. Não deveria ter incomodado você com isso. Não sei nem por que vim falar com você — mentiu. — Deveria ter chamado a polícia imediatamente.

Ele lambeu o sorvete, olhou para ela e sorriu.

— Eu entendo. Para você é difícil superar. Não sabe como começar e então veio me procurar com essa história.

— História?

— Tudo bem.

— Michael, não estou inventando uma história só para vir falar com você.

— Não precisa ficar constrangida.

— Não estou constrangida. Por que estaria?

— Relaxa. Tudo bem, Tina.

— Alguém invadiu a minha casa.

— Eu entendo como você se sente — o sorriso dele mudou, adotando um aspecto mais vaidoso.

— Michael...

— Eu entendo, Tina, de verdade — a voz era confortante, mas o tom era condescendente. — Não precisa de uma desculpa para pedir o que você veio me pedir. Querida, você não precisa de uma história sobre alguém ter invadido sua casa. Eu entendo, e estou do seu lado. De verdade. Pode ir em frente. Sem nenhum constrangimento. É só ir direto ao ponto. É só falar.

Estava perplexa.

— Falar o quê?

— Nós deixamos nosso casamento desandar. Mas sabemos que, durante alguns anos, nossa relação foi incrível. Podemos recuperar tudo isso, se quisermos.

Estava atônita.

— Sério?

— Tenho pensado nisso nos últimos dias. Quando vi você entrando no cassino agora há pouco, entendi que estava certo. Assim que te vi, soube que tudo ia acontecer exatamente como pensei.

— Ok, você está mesmo falando sério.

— Claro que sim — ele confundiu sua perplexidade com surpresa e alegria. — Agora que já teve sua fase como produtora, está disposta a ter uma vida mais tranquila, não é isso? Faz todo sentido, Tina.

Fase!, ela pensou furiosa.

Ele ainda a considerava uma mulher inconstante, que queria viver uma fase, um sonho bobo, como produtora em Vegas. Filho da mãe insuportável! Ela estava espumando de raiva, mas não disse nada; não se sentia capaz de falar sem começar a gritar com ele no instante em que abrisse a boca.

— A vida é mais que uma carreira fulgurante — Michael comentou com ar professoral. — A vida pessoal também tem sua importância. Lar e família. Isso também tem que fazer parte da vida. E talvez seja a parte mais importante — ele assentiu, com ar superior. — Família. Nesses

últimos dias, quando seu espetáculo se aproximava da estreia, tive a sensação de que, finalmente, você poderia entender que precisa de algo mais na vida, algo mais emocionalmente satisfatório que qualquer coisa que possa ter produzindo esses espetáculos extravagantes.

A ambição de Tina fora, em parte, o que havia provocado o fim do casamento. Bem, não exatamente sua ambição, mas a atitude infantil de Michael diante disso. Ele se sentia feliz como banca de vinte e um; o salário e as gorjetas eram suficientes para ele, e passar anos e anos na mesma posição não era algo que o incomodava. Mas se deixar levar pelas correntezas da vida não era suficiente para Tina. Enquanto ela se esforçava para progredir de dançarina a figurinista, coreógrafa, coordenadora de teatro e produtora, Michael se incomodava com seu comprometimento com o trabalho. Tina nunca foi negligente com ele ou Danny. Fazia de tudo para que nenhum dos dois se sentisse menos importante em sua vida. Danny foi maravilhoso; ele a entendia. Michael não conseguiu, ou simplesmente não quis entender. Aos poucos, o descontentamento de Michael com seu desejo de ser bem-sucedida profissionalmente recebeu o incentivo de uma emoção um pouco mais obscura: ele começou a sentir inveja até de suas menores conquistas. Tina tentou estimulá-lo a tentar progredir na carreira, tentar passar de banca a chefe da mesa, e depois gerente de cassino, mas ele não tinha interesse em subir na hierarquia. Foi se tornando cada vez mais mordaz e petulante. Com o tempo, começou a se envolver com outras mulheres. Tina ficou chocada com a atitude dele, depois confusa e, por fim, muito triste. O único jeito de preservar o casamento teria sido abandonar a carreira que estava começando a construir, e ela se negou a desistir.

Com o tempo, Michael foi deixando claro que nunca amou a verdadeira Christina. Ele não dizia diretamente, mas seu comportamento, sim. Adorava apenas a corista, a dançarina, a coisinha fofa que outros homens cobiçavam, a mulher bonita cuja presença inflava seu ego. Enquanto foi

dançarina, enquanto dedicou a vida a ele, enquanto foi um acessório lindo que ele exibia, Michael a aprovava. Mas no momento em que quis ser mais que uma esposa-troféu, ele se revoltou.

Profundamente magoada com essa descoberta, Tina deu a ele a liberdade que tanto queria.

E agora ele realmente acreditava que ela estava rastejando para voltar. Por isso abriu aquele sorriso ao vê-la perto de sua mesa de vinte e um. Por isso estava sendo tão simpático. O tamanho de seu ego a deixava perplexa.

Em pé diante dela no sol, com a camisa branca brilhando por causa das lantejoulas que refletiam a luz que ricocheteava nos carros, ele a olhava com um sorriso satisfeito, superior, que a fazia sentir o frio que todos deveriam estar sentindo nesse dia de inverno.

Houve um tempo distante em que ela o amou muito. Agora não conseguia imaginar como ou por que um dia tinha gostado dele.

— Michael, caso você ainda não saiba, *Magyck!* é um sucesso. Um grande sucesso. Imenso.

— É claro que eu sei, querida. E estou feliz por você. Estou feliz por você e por mim. Agora que já provou o que queria provar, você finalmente pode relaxar.

— Michael, eu vou continuar trabalhando como produtora. Não tenho a menor intenção de...

— Ah, nem eu espero que desista — ele interrompeu magnânimo.

— Ah, não, é?

— Não, não. É claro que não. É bom para você ter alguma coisa com que se ocupar. Agora eu entendo. Entendi o recado. Mas com *Magyck!* em cartaz e todo esse sucesso, não vai ter tanto o que fazer. Não vai ser como antes.

— Michael... — ela começou, disposta a dizer a ele que montaria outro espetáculo ao longo do próximo ano, que não queria ser representada apenas por uma produção por vez, e que tinha pretensões distantes até

Nova York e Broadway, onde os musicais ao estilo Busby Berkeley seriam recebidos com aplausos.

Mas ele estava tão envolvido na própria fantasia que nem percebia que ela não queria participar dela. Interrompeu Tina antes que ela pudesse dizer mais qualquer palavra.

— Nós vamos conseguir, Tina. Foi bom para nós um dia, naqueles primeiros anos. Pode ser bom de novo. Ainda somos jovens. Temos tempo para começar outra família. Podemos ter dois meninos e duas meninas. Sempre quis isso.

Quando ele parou para lamber o sorvete, ela disse:

— Michael, isso não vai acontecer.

— Bom, talvez você tenha razão. Uma família grande pode não ser uma ideia sensata hoje em dia, com esse mundo confuso e a economia tão instável. Mas podemos ter dois filhos e cuidar deles sem problemas, e se tivermos sorte será um casal. É claro que podemos nos programar, esperar um ano, mais ou menos. Mesmo depois da estreia, imagino que o *Magyck!* vá te dar ainda algum trabalho. Vamos esperar até que tudo entre nos eixos, até o espetáculo não consumir mais seu tempo. Então vamos...

— Michael, chega! — ela se irritou.

Ele recuou como se tivesse levado uma bofetada.

— Não estou me sentindo incompleta. Não estou com saudade da vida que tivemos juntos. Você não me entende melhor agora, não mais do que me entendia na época do divórcio.

A expressão de surpresa aos poucos se transformou em contrariedade.

Ela continuou:

— Eu não inventei essa história sobre alguém ter invadido a casa só para você poder fazer o papel do homem forte, confiável, que protege a fêmea fraca e assustada. Alguém realmente *invadiu* a minha casa. Vim aqui porque pensei... achei... bom, isso não tem mais importância.

Ela se virou e começou a andar em direção à porta do hotel, por onde tinham saído minutos antes.

— Espere! — Michael gritou. — Tina, por favor, espere!

Ela parou e o encarou com desprezo e tristeza.

Michael correu na direção dela.

— Desculpa. A culpa é minha. Agi como um idiota. Fiquei falando sem parar, não é? Não deixei você se colocar. Sabia o que queria dizer, mas devia ter deixado você falar no seu tempo. Eu errei. É que... fiquei empolgado, Tina. Só isso. Devia ter ficado quieto e esperado você falar. Desculpa, querida — o sorriso juvenil e atraente estava de volta. — Não fique brava comigo. Nós dois queremos a mesma coisa, uma boa vida em família. Não vamos jogar fora essa chance.

Ela o encarou.

— É, você tem razão, eu quero uma vida em família, uma vida satisfatória em família. Sobre isso você está certo. Mas está enganado sobre todo o resto. Não quero ser produtora só para ter um projeto paralelo com que me ocupar, Michael. Isso é idiota. Ninguém faz um show como *Magyck!* decolar considerando-o uma simples ocupação de tempo. Não acredito que disse isso! Não foi uma fase. Foi uma experiência que me consumiu por completo, tanto no aspecto físico quanto no mental, foi *difícil*, e eu amei cada minuto disso! Se Deus quiser, vou fazer tudo de novo. E de novo, e de novo. Vou produzir shows que farão *Magyck!* parecer trabalho amador. Um dia, talvez tenha filhos de novo. E também serei uma boa mãe. Uma boa mãe e uma boa produtora. Tenho inteligência e talento para ser mais que uma só dessas coisas. E, com certeza, sou capaz de ser mais que sua governanta, um acessório da sua vida.

— Não, espera aí — ele protestou, começando a ficar bravo. — Espere um minuto. Você não...

Tina o interrompeu. Durante anos, vivera cheia de mágoa e amargura. Nunca havia extravasado essa raiva, porque, no início, quisera esconder a

situação de Danny, pois não queria que ele se voltasse contra o pai. Mais tarde, depois da morte de Danny, reprimiu o que sentia por saber que Michael estava sofrendo de verdade com a perda do filho, e não quis contribuir com esse sofrimento. Mas agora ela punha para fora um pouco do ácido que a devorava por tanto tempo.

— Se achou que eu ia voltar rastejando para você, estava enganado. Por que eu voltaria? O que você tem para me dar que eu não encontre em qualquer outro lugar? Aliás, você nunca foi muito generoso, Michael. Só dá alguma coisa quando tem certeza de que vai receber o dobro de volta. Você é basicamente um grande egoísta. E antes que continue com esse seu discurso melado sobre seu grande amor pela família, é bom lembrar que não fui *eu* quem destruiu nossa família. Não era eu que pulava de cama em cama por toda Las Vegas.

— Espere aí...

— Foi você quem começou a trepar com qualquer coisa que respirasse, e depois esfregava na minha cara cada casinho barato para me magoar. Era *você* quem não voltava para casa à noite. Era você quem passava os finais de semana fora com suas namoradas. E esses fins de semana em outras camas destruíram meu coração, Michael, destruíram meu coração... e era isso que você queria, então, tudo bem. Mas alguma vez parou para pensar no efeito que essas suas ausências tinham sobre Danny? Se amava tanto a vida em família, por que não passou todos aqueles fins de semana com seu filho?

O rosto dele ficou vermelho, e havia em seus olhos uma maldade conhecida.

— Ah, eu sou egoísta, então? E quem deu a casa onde você mora, hein? Quem teve que se mudar para um apartamento quando o casamento acabou e quem ficou com a casa?

Ele estava tentando distraí-la, mudar o rumo da discussão. Tina percebeu a intenção e não se deixou desviar de seu propósito.

— Não seja patético, Michael. Você sabe muito bem que era eu quem pagava as prestações da casa. Você sempre gastou seu dinheiro com carros e roupas caras. Eu paguei cada uma das prestações do financiamento. Você sabe disso. E nunca pedi pensão. Mas, enfim, nada disso vem ao caso. Estamos falando sobre vida em família, sobre Danny.

— Escute aqui...

— Não. Agora é a sua vez de ouvir. Depois de tantos anos, finalmente é sua vez de ouvir. Se você for capaz. Se não queria ficar perto de mim, podia ter levado Danny para passar os fins de semana fora com você. Podia ter ido acampar com ele. Podia ter ido passar uns dias na Disneylândia com ele ou ir pescar com seu filho no rio Colorado. Mas você estava ocupado demais usando todas aquelas mulheres para me magoar e provar para si mesmo que era um garanhão. Você podia ter aproveitado todo esse tempo com seu filho. E ele sentia sua falta. Podia ter vivido esse tempo precioso com ele, mas você não quis. E no fim das contas, Danny nem tinha muito tempo de vida para viver.

Michael estava pálido, tremendo. Seus olhos escureceram com a raiva.

— Você é a mesma megera que sempre foi.

Ela suspirou e desistiu. Estava exausta. Depois de dizer tudo que tinha para dizer, sentia-se agradavelmente vazia, como se uma energia maléfica e nervosa tivesse escoado dela.

— A mesma megera broxante — Michael insistiu.

— Não quero brigar com você, Michael. Até peço desculpas se alguma dessas coisas que falei sobre Danny o magoou, embora você merecesse ouvir tudo isso. Não quero causar mais mágoas entre nós. É estranho, mas eu não te odeio mais. Não sinto nada por você. Nada mesmo.

Tina se virou e o deixou ali no sol, com sorvete derretido escorrendo da casquinha para a mão.

Voltou para dentro do hotel, subiu a escada rolante para o cassino e atravessou a multidão barulhenta a caminho da porta principal. Um dos

manobristas do serviço de *valet* trouxe seu carro, e ela desceu a alameda íngreme da porta até a rua.

Ia para o Golden Pyramid, onde tinha um escritório e muito trabalho a fazer.

Mas depois de percorrer um quarteirão, teve que parar e encostar o carro. Não conseguia ver o que estava fazendo, por conta das lágrimas quentes que escorriam por seu rosto. Ela desligou o carro e, surpresa, soluçou alto.

No começo, não sabia nem por que estava chorando. Só se rendeu à tristeza devastadora que a invadia, sem questionar nada.

Depois de um tempo, concluiu que chorava por Danny. Pobre e doce Danny. Mal havia começado a viver. Não era justo. Mas também chorava por ela mesma, e por Michael. Chorava por todas as coisas que poderiam ter sido, e pelo que nunca mais seria de novo.

Alguns minutos depois, recuperou o controle. Enxugou os olhos e assoou o nariz.

Precisava deixar de ser triste. Tinha tristeza demais em sua vida. Muita tristeza.

— Pensamento positivo — disse em voz alta. — O passado pode não ter sido tão bom, mas o futuro está cada vez mais promissor.

Ela inspecionou o rosto no espelho retrovisor para ver se o choro tinha feito um estrago muito grande. Estava melhor do que esperava. Com os olhos vermelhos, mas nada que a fizesse passar por Drácula. Abriu a boca, pegou a maquiagem e cobriu os rastros das lágrimas da melhor maneira possível.

Depois, ligou o Honda novamente e seguiu para o Pyramid.

Um quarteirão adiante, enquanto esperava um farol abrir, ela se deu conta de que ainda tinha grande mistério por resolver. Agora estava certa de que não tinha sido Michael quem destruía o quarto de Danny. Então, *quem* foi? Ninguém tinha a chave. Só um assaltante muito habilidoso

poderia ter entrado sem deixar pistas. E por que um assaltante tão experiente iria embora sem levar nada? Por que invadir só para escrever na lousa de Danny e bagunçar as coisas de um menino morto?

Muito estranho.

Enquanto suspeitava de que Michael era o autor do serviço sujo, estava nervosa e abalada, mas não sentia medo. Mas, se algum *desconhecido* queria que sofresse ainda mais pela perda do filho, tudo se tornava perturbador. Era assustador, simplesmente porque não fazia sentido. Mas Michael fora a única pessoa que a culpava pela morte de Danny. Nenhum outro parente ou conhecido jamais havia sugerido que ela fosse diretamente responsável. Mas as palavras na lousa e a destruição no quarto pareciam ser obra de alguém que queria machucá-la, que queria que ela se sentisse responsável pelo acidente. Ou então o invasor era alguém que não conhecia. Mas por que um desconhecido teria sentimentos tão intensos em relação à morte de Danny?

O farol abriu.

O motorista atrás dela buzinou.

Tina atravessou o cruzamento e pegou a rampa de acesso para a entrada do Golden Pyramid Hotel, sem conseguir se livrar da sensação de que era observada por alguém que queria prejudicá-la. Olhou pelo retrovisor para ver se alguém a seguia. Até onde conseguia enxergar, não havia ninguém atrás dela.

O TERCEIRO ANDAR do Golden Pyramid Hotel era ocupado pela gerência e pelo pessoal da administração. Ali não havia nada do brilho ou do *glamour* de Vegas. Era ali que o trabalho era feito. O terceiro andar abrigava também o maquinário que sustentava as paredes de fantasia, além das quais os turistas circulavam.

O escritório de Tina era grande, revestido de pinho alvejado, com estofados contemporâneos e confortáveis. Uma parede era coberta por cortinas pesadas que bloqueavam a entrada do sol agressivo do deserto. As janelas, além das cortinas, se abriam para a Las Vegas Strip.

À noite, a famosa Strip era uma visão ofuscante. Um rio de luzes vermelhas, azuis, verdes, amarelas, roxas, rosas – enfim, todas as cores do espectro visual do olho humano. Eram incandescentes e néons, de fibra ótica e *laser*, sempre piscando e ondulando. Letreiros e luminosos de trinta metros de comprimento – *cinquenta* metros de comprimento – se erguiam a cinco e até dez andares sobre a rua, brilhando e piscando. Milhares de tubos de vidro cintilantes cheios de gás luminoso giravam e cintilavam. Centenas de milhares de lâmpadas anunciando nomes de hotéis e cassinos formavam imagens e palavras. Desenhos controlados por computador apareciam e sumiam, num caótico e louco – mas curiosamente belo – excesso de consumo de energia.

Durante o dia, porém, o sol inclemente era duro com a Strip. À luz implacável, as enormes criações arquitetônicas nem sempre eram atraentes. Por vezes, inclusive, apesar de representar bilhões de dólares, a Strip parecia suja e poluída.

Tina não apreciava a vista do lendário *boulevard* e nem sempre fazia uso dela. Raramente ficava no escritório à noite, por isso, as cortinas quase nunca eram abertas. Naquela tarde, como sempre, elas estavam fechadas. O escritório estava um pouco escuro, e ela trabalhava sentada à mesa sob uma luminária com luz suave.

Quando estava analisando a conta do trabalho de marcenaria em alguns cenários de *Magyck!*, Ângela, sua secretária, entrou na sala.

— Com licença, Tina. Você precisa de mais alguma coisa antes de eu sair?

Tina olhou para o relógio, confusa.

— Mas são só quinze para as quatro.

— Sim, e hoje todo mundo sai às quatro, é véspera de Ano-Novo.

— Ah, é claro. Esqueci completamente.

— Mas eu posso ficar um pouco mais, se quiser.

— Não, não, não. Pode sair às quatro, como todo mundo.

— Precisa de mais alguma coisa?

Tina se reclinou na cadeira e disse:

— Sim. Na verdade, preciso de uma coisa. Vários convidados, turistas e celebridades não conseguiram comparecer à estreia de *Magyck!*, então quero uma lista dos nomes que não confirmaram presença e outra lista com as datas de aniversário de casamento dos que forem casados.

— Pode deixar. Em que está pensando?

— Durante o ano, vou mandar convites especiais para alguns desses casais, para virem passar três dias aqui, com as despesas pagas. Vamos vender algo assim: “Passe a noite mágica do seu aniversário de casamento no mundo mágico de *Magyck!*”. Tem que ser bem romântico. Podemos servir champanhe para eles durante o espetáculo. Vai ser uma excelente promoção, não acha? — e levantou as mãos, como se emoldurasse as palavras finais: — “Golden Pyramid, um lugar *Magyck!* para os amantes”.

— O hotel vai adorar a ideia — disse Ângela. — Isso vai render uma excelente cobertura da mídia.

— Os chefes do cassino também vão gostar, porque muitos dos nossos maiores clientes provavelmente farão uma visita extra neste ano. O jogador habitual não vai cancelar outras viagens planejadas para Vegas. Vai apenas incluir mais essa viagem para comemorar o aniversário de casamento. E eu também vou ficar feliz, porque essa pode ajudar bastante na divulgação do espetáculo.

— É realmente uma ótima ideia — Ângela concordou. — Pode deixar que vou providenciar a lista.

A secretária saiu, e Tina voltou a analisar a conta da marcenaria. Cinco minutos depois das quatro, Ângela voltou com trinta páginas de dados.

— Obrigada — disse Tina.

— Por nada.

— Você está tremendo?

— Estou — Ângela cruzou os braços. — Deve ser algum problema com o ar-condicionado. Nos últimos minutos, meu escritório ficou gelado.

— Aqui está quente.

— Talvez seja eu. Posso estar ficando doente. Espero que não. Tenho planos para hoje.

— Festa?

— Sim. Vou a um festão no Rancho Circle.

— Millionaire's Row?

— Isso, o chefe do meu namorado mora lá. Bom... feliz ano novo, Tina.

— Feliz ano novo.

— Até segunda.

— Segunda? Ah, sim, é verdade. Fim de semana prolongado de quatro dias. Bem, aproveite a festa e cuidado com as ressacas.

Ângela sorriu.

— O dia de amanhã já está reservado para uma. Sozinha no terceiro andar, Tina continuou sentada à meia-luz e bocejou. Trabalharia por mais uma hora, até pelo menos as cinco da tarde, depois iria para casa. Não precisava de mais do que duas horas para se arrumar para o encontro com Elliot Stryker.

Ela sorriu ao pensar nele, depois pegou o maço de papéis deixado por Ângela sobre a mesa, ansiosa para terminar o que tinha para fazer.

O hotel guardava uma quantidade incrível de informações sobre os clientes preferenciais. Se precisasse saber quanto dinheiro cada uma daquelas pessoas ganhava por ano, o sistema poderia dizer. E podia dizer também a marca preferida de bebida de cada homem, as flores e o perfume preferidos de cada esposa, a marca do carro que dirigiam, nome e idade dos filhos, natureza de qualquer doença ou outros problemas de saúde que pudessem ter, pratos preferidos, cores favoritas, gosto musical, afiliações políticas e tantas outras coisas, tanto as importantes quanto as mais triviais. Esses eram clientes a quem o hotel atendia com cuidado especial, e quanto mais o Pyramid soubesse sobre eles, melhor poderia servi-los. Embora o hotel coletasse essas informações, em sua maioria, com a intenção de satisfazer o cliente, Tina tinha curiosidade de saber como essas pessoas reagiriam se soubessem que o Golden Pyramid mantinha dossiês completos sobre eles.

Ela deu uma olhada na lista de clientes VIP que não compareceram à estreia de *Magyck!* e, com um lápis vermelho, contornou cada nome seguido pela data de aniversário de casamento, tentando determinar o tamanho da promoção que pretendia propor. Tinha selecionado apenas vinte e dois nomes, quando encontrou uma mensagem estranha no meio da lista.

Seu peito ficou apertado, e ela não conseguiu mais respirar.

Olhou para as palavras impressas, e o medo a invadiu — um medo sombrio e gelado.

Entre os nomes de dois clientes importantes, havia cinco linhas impressas que não tinham nenhuma relação com a informação solicitada:

NÃO ESTÁ MORTO
NÃO ESTÁ MORTO
NÃO ESTÁ MORTO
NÃO ESTÁ MORTO
NÃO ESTÁ MORTO

O papel farfalhou com a tremedeira repentina de suas mãos.

Primeiro em casa. No quarto de Danny. Agora aqui. Quem estava fazendo isso com ela?

Ângela?

Não. Isso era um absurdo.

Ângela era um doce de pessoa, não seria capaz de uma maldade tão grande. Ângela certamente não percebera o erro de impressão, porque não tivera tempo para revisar as páginas.

Além do mais, Ângela não poderia ser a invasora. Ela não era uma assaltante habilidosa, pelo amor de Deus.

Tina virou as páginas rapidamente, procurando mais alguma obra do engraçadinho doente. E, depois de vinte e seis nomes, encontrou:

DANNY VIVO
DANNY VIVO
AJUDA
AJUDA
ME AJUDA

Seu coração parece que começou a bombear gelo em vez de sangue.

De repente, tomou consciência de que estava completamente sozinha. Provavelmente, era a única pessoa em todo o terceiro andar.

Pensou no homem de seu pesadelo, o homem de preto cujo rosto era devorado por vermes, e as sombras nos cantos do escritório ficaram mais escuras e mais profundas do que estavam pouquíssimo tempo antes.

Ela passou os olhos em mais quarenta nomes e se encolheu ao ver o que mais o computador imprimira.

ESTOU COM MEDO
ESTOU COM MEDO
ME TIRA
ME TIRA DAQUI
POR FAVOR... POR FAVOR
AJUDA AJUDA AJUDA AJUDA

Essa era a última inserção perturbadora. O restante da lista era como deveria ser.

Tina jogou as folhas no chão e saiu do escritório.

Ângela tinha apagado a luz da sala onde ficava, mas Tina a acendeu.

Sentou-se na cadeira de Ângela e ligou o computador. A tela se tingiu de uma luz azul suave.

Na gaveta central, que ficava trancada, havia um caderno com as senhas que permitiam acesso à informação confidencial armazenada no disco, mas só na memória central. Tina folheou o caderno até encontrar a senha de que precisava para abrir a lista dos clientes preferenciais do hotel. O número era 1001012, identificado como acesso para pasta “clicos”, que significava “clientes cortesia”, um eufemismo para “grandes perdedores”, de quem nunca eram cobradas as diárias do quarto ou as contas do restaurante, porque eles costumavam deixar pequenas fortunas no cassino.

Tina digitou sua senha pessoal de acesso ao sistema – EO13331555. Muito material contido nos arquivos do hotel era extremamente confidencial, com informações sigilosas sobre os clientes preferenciais. E

esses dados, certamente, seriam de imenso valor para a concorrência, por isso só pessoas aprovadas podiam acessá-los, e o sistema guardava um registro de todos os acessos. Depois de uma breve hesitação, o computador pediu seu nome. Ela digitou, e o computador comparou senha e nome:

AUTORIZADO

Ela digitou a senha da lista de clientes cortesia, e a máquina respondeu imediatamente.

LIBERADO

As mãos de Tina estavam úmidas.

Ela limpou os dedos na calça social, depois digitou rapidamente a solicitação. A mesma informação que Ângela havia pedido pouco antes de ir embora. Nomes e endereços dos clientes VIP que não tinham comparecido à estreia de *Magyck!*, com as datas de aniversário de casamento dos que eram casados, começaram a aparecer na tela, que ia rolando para cima. Imediatamente, a relação começou a ser novamente impressa.

Tina pegava cada página liberada na bandeja. O *laser* imprimiu uns vinte nomes, quarenta, sessenta, setenta, sem produzir as linhas que apareceram sobre Danny na primeira impressão. Tina esperou até uns cem nomes serem relacionados, pelo menos, antes de decidir que o sistema deveria ter sido programado para imprimir as linhas sobre Danny apenas uma vez, na primeira solicitação daquela tarde, e não repetir a inclusão posteriormente.

Ela cancelou o processamento dos dados e fechou o arquivo. A impressora parou.

Apenas duas horas antes, ela achava que a pessoa que praticava o assédio era um desconhecido. Mas como um desconhecido poderia ter

acesso tão fácil à sua casa e ao computador do hotel? Será que era alguém que ela conhecia?

Mas quem?

E por quê?

Quem poderia odiá-la tanto assim?

O medo se movia dentro dela como se fosse uma cobra se desenrolando, e então ela sentiu um arrepio frio.

Lembrou-se da queixa de Ângela mais cedo, que na hora não pareceu importante, e percebeu que não era um simples arrepio de medo. O ar estava gelado.

A sala estava aquecida quando Tina sentou-se diante do computador, mas agora estava um gelo. Como a temperatura podia ter caído tanto em tão pouco tempo? Ouviu com atenção tentando identificar o som do ar-condicionado, mas o sussurro revelador não saía das ventoinhas na parede. Mesmo assim, a sala estava muito mais fria do que poucos minutos antes.

Com um estalo eletrônico alto e agudo que assustou Tina, o computador começou a fornecer dados adicionais, embora ela não tivesse feito nenhuma solicitação. Tina olhou para a impressora, depois para as palavras que piscavam na tela.

NÃO ESTÁ MORTO NÃO ESTÁ MORTO
NÃO ESTÁ MORTO
NÃO ESTÁ ENTERRADO
NÃO ESTÁ MORTO
ME TIRA DAQUI
ME TIRA TIRA TIRA

A mensagem piscou e desapareceu da tela. A impressora ficou em silêncio.

A cada segundo, a temperatura da sala caía.

Ou era sua imaginação?

Tinha a sensação maluca de que não estava sozinha. O homem de preto. Embora ele fosse apenas uma criatura de um pesadelo, e embora fosse completamente impossível ele estar ali de verdade, não conseguia superar a sensação opressora de que ele estava, sim, naquela sala. O homem de preto. O homem de olhos perversos e ferozes. O homem do sorriso de dentes amarelos. Atrás dela. Estendendo a mão fria e úmida. Ela girou a cadeira, mas não tinha ninguém ali.

É claro. Ele era só um monstro de pesadelo. Que estupidez.

Mas Tina não conseguia deixar de sentir que não estava sozinha.

Não queria olhar para a tela de novo, mas olhou. Tinha que olhar.

As palavras ainda estavam lá, mas logo desapareceram.

Ela conseguiu vencer a paralisia criada pelo medo e colocou as mãos sobre o teclado. Pretendia descobrir se as palavras sobre Danny tinham sido programadas anteriormente para serem impressas por sua máquina ou se foram mandadas para ela só alguns segundos antes por alguém em outro escritório, em outro computador ligado à rede do hotel.

Tinha uma sensação quase sobrenatural de que o autor dessa maldade estava no prédio *agora*, talvez no terceiro andar com ela. Imaginou-se saindo da sala, percorrendo o longo corredor, abrindo portas e verificando o interior de escritórios vazios, até finalmente encontrar um homem sentado em outro terminal. Ele olharia para ela, surpreso, e ela finalmente saberia quem era ele.

E depois?

Ele a atacaria? Mataria?

Era a primeira vez que era acometida por esse novo pensamento; a possibilidade de o objetivo final ser algo muito pior do que atormentá-la e enchê-la de medo.

Tina hesitou com os dedos no teclado, sem saber se deveria continuar. Provavelmente, não teria as respostas de que precisava, apenas anunciaria sua presença para quem quer que estivesse fazendo isso com ela. Mas se a

pessoa estivesse por perto, ficaria sabendo que Tina estava em seu escritório, sozinha. Não tinha nada a perder tentando seguir a cadeia de dados. Mas quando tentou digitar qualquer coisa, o teclado travou; as teclas não cediam.

A impressora vibrou.

A sala ficou ainda mais gelada.

A tela rolou para cima:

ESTOU COM FRIO E COM DOR
MÃE? ESTÁ OUVINDO?
ESTOU COM MUITO FRIO
MUITA DOR
ME TIRE DAQUI
POR FAVOR POR FAVOR POR FAVOR
NÃO MORTO NÃO MORTO

A tela brilhou exibindo essas palavras, depois ficou vazia.

De novo, ela tentou digitar suas perguntas. Mas o teclado continuava travado.

Continuava sentindo outra presença na sala. De fato, a sensação de companhia invisível e perigosa ficava cada vez mais forte à medida que a sala ia ficando cada vez mais fria.

Como ele conseguia esfriar a sala sem usar o ar-condicionado? Quem quer que fosse, conseguia controlar seu computador de outro terminal no prédio, disso ela já não tinha dúvidas. Mas como ele conseguia esfriar o ar tão depressa?

De repente, enquanto a tela era ocupada novamente pela mesma mensagem de sete linhas que tinha acabado de sumir, Tina decidiu que era hora de dar um basta naquilo. Desligou a CPU, e o brilho azul sumiu da tela.

Quando estava levantando da cadeira, o terminal ligou sozinho.

ESTOU COM FRIO E COM DOR
ME TIRA DAQUI
POR FAVOR POR FAVOR POR FAVOR

— Tirar você de onde? — ela perguntou. — Do *túmulo*?

ME TIRA TIRA TIRA

Precisava se controlar. Tinha acabado de falar com o computador como se estivesse falando com Danny. Mas não era Danny digitando aquelas palavras. Droga, *Danny estava morto*!

Ela desligou o computador.

Ele ligou sozinho novamente.

Lágrimas quentes turvavam sua visão, mas ela fez um esforço para contê-las. Devia estar ficando maluca. Aquela coisa *não podia* estar ligando sozinha.

Tina contornou a mesa correndo, bateu o quadril na quina tentando alcançar a tomada na parede, enquanto a impressora vibrava e estampava mais palavras detestáveis.

ME TIRA DAQUI
ME TIRA
TIRA
TIRA

Tina parou ao lado da tomada à qual o computador estava ligado. Segurou os dois cabos, um bem pesado e outro comum, e foi como se eles ganhassem vida em sua mão, duas cobras resistindo à sua força. Ela puxou os fios com muita força e finalmente os tirou da tomada.

O monitor escureceu.

E ficou escuro.

Imediatamente, depressa, a sala começou a esquentar.

— Graças a Deus — ela disse, abalada.

Contornou novamente a mesa de Ângela, querendo só uma cadeira para sentar e dar descanso para as pernas trêmulas. De repente, a porta do corredor abriu, e ela gritou assustada.

O homem de preto?

Elliot Stryker parou na entrada da sala, surpreso com o grito, e por um instante ela se sentiu aliviada por vê-lo.

— Tina? Que foi? Tudo bem?

Ela deu um passo na direção de Elliot, mas se deu conta de que ele poderia ser a pessoa por detrás de outro computador do hotel. Seria ele o homem que a assediava?

— Tina? Meu Deus, você está pálida como um fantasma!

Ele se aproximou.

Ela reagiu.

— Pare! Espere!

Ele parou, perplexo.

Com a voz tremendo, Tina continuou:

— O que você está fazendo aqui?

Ele parecia confuso.

— Eu tive de vir trabalhar e imaginei que talvez ainda estivesse no escritório, então vim checar. Só queria dar um oi.

— Estava mexendo em algum computador?

— Quê? — a pergunta o pegou de surpresa, era evidente.

— O que estava fazendo no terceiro andar? Com quem estava trabalhando? Todo mundo já foi embora. Só eu fiquei aqui.

Ainda perplexo, mas começando a dar sinais de impaciência, Elliot respondeu:

— Não estava no terceiro andar. Tive uma reunião com Charlie enquanto tomávamos um café lá embaixo, no restaurante. Assim que

terminamos a conversa, subi para ver se você ainda estava aqui. O que está acontecendo?

Ela o encarou atenta.

— Tina? O que aconteceu?

Procurava em seu rosto sinais de que estava mentindo, mas a perplexidade parecia autêntica. E se estivesse mentindo, ele não teria mencionado o café com Charlie, porque isso podia ser confirmado ou desmentido sem nenhum esforço; ele teria pensado em um álibi melhor, se precisasse de um. Estava dizendo a verdade.

— Desculpa. Eu só... tive... uma... uma experiência aqui... estranha...

Ele se aproximou.

— O que houve?

Quando se aproximou, Elliot abriu os braços, como se abraçá-la e confortá-la fosse a coisa mais natural do mundo, como se a tivesse abraçado muitas vezes antes, e ela aceitou o conforto, entrando no clima de familiaridade iniciado por ele. Não estava mais sozinha.

TINA MANTINHA um bar bem variado em um canto de seu escritório para as raras vezes em que desejasse um drinque durante alguma reunião ou para algum colega depois de um longo período de trabalho. Essa era a primeira vez que precisava recorrer ao bar para ela mesma.

Atendendo ao pedido de Tina, Elliot serviu Rémy Martin em duas taças e entregou uma a ela. Tina não conseguia fazê-lo, porque suas mãos tremiam muito.

Eles sentaram no sofá bege, um pouco distantes da claridade das luminárias. Tina precisava segurar a taça com as duas mãos para mantê-la parada.

— Não sei por onde começar. Acho que deveria começar por Danny. Você sabe sobre o Danny?

— Seu filho? — ele perguntou.

— Sim.

— Helen me contou que ele morreu há um ano.

— Ela contou como foi?

— Ele fazia parte do grupo Jaborski. Saiu em todos os jornais.

Bill Jaborski era famoso na cidade por seu trabalho com os escoteiros.

— A intenção era fortalecer o caráter de Danny — Tina contou. — E os meninos competiam o ano todo pela chance de ser um dos escolhidos para participar dessa excursão. Ao que tudo indicava, era uma experiência extremamente segura. Bill Jaborski estava entre os dez melhores especialistas do país nesse tipo de excursão. Era o que todos diziam. E o outro adulto que acompanhava o grupo, Tom Lincoln, era quase tão bom

quanto Bill. Ou deveria ser — sua voz se tornou fraca e amargurada. — Acreditei neles, pensei que tudo ia correr bem.

— Você não pode se culpar por isso. Eles passaram anos levando os meninos para as montanhas, nada de mal nunca aconteceu.

Tina bebeu um pouco de conhaque, que desceu ardendo na garganta, mas não afugentou o frio dentro dela.

O grupo da excursão de Jaborski de que Danny participara era formado por quatorze meninos entre doze e dezoito anos. Todos eram escoteiros competentes – e todos morreram, além do próprio Jaborski e Tom Lincoln.

— As autoridades descobriram o que aconteceu, exatamente? — Elliot perguntou.

— Não descobriram o motivo. E acho que nunca vão descobrir. Eles só sabem dizer como o acidente aconteceu. O grupo foi para as montanhas em um miniônibus de tração nas quatro rodas, próprio para estradas de terra e para ser usado no inverno. Pneus largos. Correntes. Tinha até uma pá de neve na frente. Eles não pretendiam ir para o meio da floresta. A intenção era ficar só na entrada. Ninguém em sã consciência levaria meninos de doze anos para a região mais profunda na Sierra, por mais bem-preparados que fossem, por melhor que fosse o equipamento e o treinamento, por mais que fossem fortes, por mais que houvesse irmãos mais velhos para cuidar deles.

Jaborski planejava seguir com o miniônibus pela rodovia principal, depois por uma longa trilha de lenhadores, se as condições permitissem. De lá, eles fariam uma trilha de três dias com sapatos com equipamentos próprios para neve e mochilas nas costas, fazendo um largo círculo em torno do local onde ficaria estacionado o ônibus, e voltando a ele no fim da semana.

— Eles tinham as melhores roupas e os melhores sacos de dormir, as melhores barracas de inverno, muito carvão e outras fontes de calor, muita

comida e dois especialistas para guiá-los. Todo mundo dizia que era perfeitamente seguro. Totalmente seguro. Então, que merda deu errado?

Tina não conseguia mais ficar quieta. Levantou-se, começou a andar e bebeu mais um gole de conhaque.

Elliot não disse nada. Parecia saber que ela precisava contar a história inteira para tirá-la da cabeça.

— Alguma coisa deu errado, isso é certo — ela continuou. — De algum jeito, por algum motivo, eles seguiram de ônibus por mais de seis quilômetros além da rodovia principal, seis quilômetros de desvio e uma enorme subida, como se fossem em direção às nuvens. Seguiram por uma trilha de lenhadores íngreme e abandonada, uma estrada de terra deteriorada e tão traiçoeira, tão cheia de neve, tão gelada, que só um idiota teria tentado passar por ela de qualquer outra maneira que não fosse a pé.

O ônibus saiu da estrada. Não havia defesa metálica ou uma mureta na floresta, muito menos um acostamento largo limitado por elevações. O veículo derrapou e caiu de uma altura de trinta metros sobre as pedras. O tanque de combustível explodiu. O ônibus se abriu como uma lata e capotou mais trinta metros por entre árvores.

— Os meninos... todos... morreram — a amargura na voz a desanimava, porque revelava como havia se recuperado pouco. — Por quê? Por que um homem como Bill Jaborski cometeu essa estupidez?

Ainda sentado no sofá, Elliot balançou a cabeça e ficou olhando para a taça de conhaque.

Ela não esperava uma resposta. Não estava sequer fazendo a pergunta a ele. Se estava perguntando a alguém, provavelmente era a Deus.

— Por quê? Jaborski era o melhor. O melhor. Era tão bom que foi capaz de levar meninos para Sierra em segurança durante dezesseis anos, um desafio que muitos outros especialistas em sobrevivência no inverno nem tentariam enfrentar. Bill Jaborski era experiente, firme, perspicaz e cheio de respeito pelo perigo existente naquilo que fazia. Não era imprudente.

Por que faria algo tão idiota, tão inconsequente quanto dirigir um miniônibus por uma distância tão grande naquela estrada e naquelas condições?

Elliot olhou para ela. Havia bondade nos olhos dele, uma solidariedade profunda.

— É bem provável que você nunca encontre essa resposta. E entendo como deve ser difícil nunca saber por quê.

— É difícil — ela confirmou. — Muito difícil — disse, voltando ao sofá.

Elliot pegou a taça das mãos dela. Estava vazia. Tina não se lembrava de ter bebido todo o conhaque. Ele voltou ao bar.

— Não quero mais — ela avisou. — Não quero ficar bêbada.

— Bobagem. No estado de nervos em que você está, botando para fora toda essa energia tensa, duas pequenas doses não vão nem fazer efeito.

Ele voltou do bar com mais Rémy Martin. Dessa vez, Tina conseguiu segurar a taça com uma das mãos.

— Obrigada, Elliot.

— Estou aqui para o que precisar, só não me peça um coquetel. Sou o pior *bartender* do mundo. Posso servir qualquer coisa com gelo, mas não sei misturar nem vodca e suco de laranja nas proporções certas.

— Não agradei pela bebida, agradei por... ser um bom ouvinte.

— Bom, faz sentido, a maioria dos advogados fala demais.

Por um momento eles ficaram em silêncio, bebendo conhaque.

Tina continuava tensa, mas não sentia mais aquele frio interno.

Elliot falou:

— Perder um filho desse jeito deve ser... devastador. Mas não foi por lembrar de seu filho que ficou naquele estado em que te encontrei agora há pouco.

— De certa forma, foi.

— Mas havia algo além disso?

Sentindo-se confortável na presença de Elliot, Tina resolveu contar a ele sobre as coisas bizarras que estavam acontecendo recentemente: as mensagens da lousa de Danny; o estado em que encontrara o quarto do filho; as palavras aterrorizantes que apareceram nas listas e na tela do computador.

Elliot estudou as listas impressas, e eles examinaram juntos o computador na sala de Ângela. Ligaram a máquina na tomada e tentaram fazer o computador repetir o que havia feito pouco antes, mas não tiveram sorte; a máquina se comportou dentro da normalidade.

— Alguém pode ter programado o computador para produzir essas coisas sobre Danny — disse Elliot. — Mas não sei como seria possível fazer a máquina ligar sozinha.

— Mas foi isso que aconteceu — ela disse.

— Não duvido de você. Só não entendo.

— E o ar... tão frio...

— A mudança de temperatura não pode ter sido subjetiva?

Tina franziu a testa.

— Está perguntando se eu estou fantasiando?

— Você estava assustada...

— Eu tenho certeza de que não foi minha imaginação. Ângela sentiu o frio primeiro, quando imprimiu a primeira lista com aquelas linhas sobre Danny. É pouco provável que nós duas tenhamos imaginado.

— Sim, tem razão — ele olhou pensativo para o computador. — Vem comigo.

— Para onde?

— Para sua sala. Deixei meu copo lá. Preciso dar combustível para os meus pensamentos.

Ela o seguiu de volta até o escritório revestido de madeira.

Elliot pegou a taça de conhaque de cima da mesinha na frente do sofá, depois sentou na beirada da mesa dela.

— Quem? Quem pode estar fazendo isso?

— Não tenho a menor ideia.

— Deve ter pensado em alguém.

— Queria ter pensado.

— É evidente que é alguém que não gosta de você, no mínimo. Isso para não usar a palavra ódio. Alguém que quer que você sofra. Essa pessoa certamente acha que você é culpada pela morte de Danny... e parece ter sentido a morte dele como uma perda pessoal, então... não pode ser um desconhecido.

Tina ficou perturbada com essa análise, porque combinava com a dela e levava de volta ao beco escuro onde já estivera antes. Ela andava entre a mesa e a janela coberta pelas cortinas.

— Hoje à tarde eu concluí que só podia ser um estranho. Não consigo pensar em nenhum conhecido que seja capaz desse tipo de coisa, mesmo que alguém me odiasse o suficiente para pensar nisso. E não conheço ninguém, além de Michael, que me culpe pela morte de Danny.

Elliot levantou as sobrancelhas.

— Michael é seu ex-marido?

— Sim.

— E ele culpa você pela morte de Danny?

— Ele diz que eu não deveria ter deixado Danny viajar com Jaborski. Mas Michael não tem nada a ver com isso.

— Eu acho que ele é um excelente candidato.

— Não.

— Tem certeza?

— Absoluta. É outra pessoa.

Elliot bebeu mais um gole do conhaque.

— Eu acho que você vai precisar de ajuda profissional para pegar essa pessoa com a mão na massa.

— Acha que eu devo ir à polícia?

— Não, a polícia não ajudaria muito nesse caso. Provavelmente, não vai achar que é sério o bastante para merecer o tempo deles. Você não foi efetivamente ameaçada.

— Mas tem uma ameaça implícita nisso tudo.

— Ah, sim, concordo. Isso é muito assustador. Mas a polícia é literal, não dá muita atenção para ameaças implícitas. Além do mais, o ideal seria vigiar sua casa o tempo todo, e só isso vai exigir muito mais gente do que a polícia poderia mobilizar por você. Não sendo um caso claro de homicídio, sequestro ou uma investigação relacionada ao narcotráfico...

Ela parou de andar.

— Então, de que ajuda profissional está falando?

— Detetive particular.

— Isso não é dramático demais?

Ele sorriu de um jeito meio azedo.

— Bom, a pessoa que está te atormentando, pelo visto, adora um drama.

Ela suspirou, bebeu um gole de conhaque e se sentou na beirada do sofá.

— Não sei... e se eu contratasse um detetive, e ele não pegasse ninguém além de mim?

— Não entendi.

Ela precisou beber mais um pouco antes de conseguir dizer o que estava pensando, e percebeu que ele estava certo sobre o álcool não fazer muito efeito. Sentia-se mais relaxada que dez minutos antes, mas não estava nem um pouco tonta.

— Passou pela minha cabeça... que eu posso ter escrito as palavras na lousa. Talvez eu tenha destruído o quarto de Danny.

— Ainda não entendi.

— Posso ter feito isso dormindo.

— Isso é ridículo, Tina.

— É? Achei que tivesse começado a superar a morte do Danny em setembro. Comecei a dormir bem. Não pensava mais nisso quando estava sozinha, como fiz durante tanto tempo. Achei que o pior tinha ficado para trás. Mas há um mês comecei a sonhar com Danny de novo. Na primeira semana de dezembro, sonhei duas vezes. Na segunda semana, foram quatro noites. E nas últimas duas semanas, sonhei com ele todas as noites, não falhou nenhuma. Os sonhos foram ficando piores com o tempo. Agora são pesadelos horríveis.

Elliot voltou ao sofá e sentou ao lado dela.

— Como eles são?

— Eu sonho que ele está vivo, preso em algum lugar, normalmente em um buraco profundo, um precipício ou um poço, algum lugar subterrâneo. Ele me chama, implora para que eu o salve, mas eu não consigo. Nunca consigo chegar perto dele. E então montes de terra começam a cair em cima dele, e eu acordo gritando, coberta de suor. E eu... eu sempre tenho essa sensação forte de que Danny não morreu. Nunca dura muito, mas quando acordo, tenho certeza de que ele está vivo em algum lugar. Acho que convenci o meu consciente de que meu menino está morto, mas quando durmo, meu inconsciente assume o comando e simplesmente não se convence de que Danny partiu.

— E você acha que está... o quê, sonâmbula? Enquanto dorme, escreve a negação da morte de Danny na lousa dele?

— Não acha que é possível?

— Não. Bom... talvez. Acho que sim. Não sou psicólogo. Mas não compro muito essa ideia. É claro que ainda não te conheço muito bem, mas acho que te conheço o suficiente para achar que não reagiria desse jeito. Você parece ser uma pessoa que enfrenta seus problemas. Se sua incapacidade de aceitar a morte de Danny fosse um problema sério, você não me parece o tipo de pessoa que o empurraria para o inconsciente. Aprenderia a lidar com essa questão.

Tina sorriu.

— Bom saber que você pensa isso de mim.

— Penso mesmo. Além do mais, se foi você quem escreveu na lousa e quebrou coisas no quarto do menino, também foi você que entrou aqui à noite e programou o computador do hotel para imprimir aquelas coisas sobre Danny. Acha mesmo que está tão mal a ponto de fazer uma coisa assim e não lembrar? Acha que tem várias personalidades, e uma não sabe o que a outra faz?

Ela encostou no sofá, como se desabasse.

— Não.

— Ufa!

— E o que a gente conclui disso?

— Calma, sem desespero. Estamos progredindo.

— Estamos?

— É claro que sim. Estamos eliminando possibilidades. Acabamos de riscar seu nome da lista de suspeitos. E o de Michael. E tenho certeza de que não pode ser um desconhecido, o que elimina a maior parte do mundo.

— E eu tenho a mesma certeza de que não é um amigo ou parente. E sabe o que isso significa?

— O quê?

Ela inclinou o corpo para a frente, deixou a taça em cima da mesinha e escondeu o rosto entre as mãos.

— Tina?

Ela levantou a cabeça.

— Estou tentando pensar na melhor maneira de explicar o que estou pensando. É uma ideia maluca, ridícula, talvez até doentia.

— Não vou achar que você é doida. Pode falar. O que é?

Ela hesitou, tentando antecipar como seria ouvir o que ela ia dizer, perguntando-se se Tina realmente acreditava nisso o suficiente para

verbalizar. A possibilidade do que ele sabia que ela ia sugerir era muito remota.

Finalmente, ela decidiu falar.

— Estou pensando que... talvez Danny esteja de fato vivo.

Elliot inclinou a cabeça e a estudou com atenção.

— Vivo?

— Eu nunca vi o corpo.

— Nunca? Por que não?

— O legista e o agente da funerária disseram que as condições eram péssimas, que ele tinha sido terrivelmente mutilado. Acharam que não seria uma boa ideia Michael ou eu passarmos por isso. Como nenhum de nós estava ansioso para ver o corpo, mesmo que estivesse inteiro, acabamos aceitando as recomendações. O funeral foi feito com o caixão fechado.

— Como as autoridades identificaram o corpo?

— Pediram fotos do Danny. Mas acho que usaram registros da arcada dentária, principalmente.

— Quase tão bom quanto impressões digitais.

— Quase. Mas talvez Danny não tenha morrido no acidente. Talvez ele tenha sobrevivido. Talvez alguém saiba onde ele está. E essa pessoa está tentando me dizer que Danny está vivo. Talvez não haja nenhuma ameaça nessas coisas estranhas que estão acontecendo comigo. Talvez seja só alguém dando uma série de pistas, tentando me alertar para o fato de Danny não estar morto.

— São muitos “talvez”.

— Ou não.

Elliot tocou seu ombro e apertou com delicadeza.

— Tina, você sabe que essa teoria não faz sentido. Danny está morto.

— Viu? Você acha que eu sou maluca.

— Não. Acho que está perturbada, e é compreensível, com tudo isso que vem acontecendo com você.

— Você nem considera a possibilidade de ele estar vivo?

— Como ele poderia estar?

— Não sei.

— Como ele poderia ter sobrevivido ao acidente que você descreveu?

— Não sei.

— E onde ele teria passado todo esse tempo, senão... no túmulo?

— Também não sei.

— Se ele estivesse vivo — Elliot argumentou com paciência —, alguém viria simplesmente te avisar. Não fariam todo esse mistério, não acha?

— Talvez.

Consciente de que o deixara desapontado com sua resposta, ela olhou para as próprias mãos, que estavam com os dedos entrelaçados com tanta força que as pontas estavam brancas.

Elliot tocou o rosto dela e o virou para ele com suavidade.

Seus olhos expressivos e belos estavam cheios de preocupação.

— Tina, você sabe que não tem talvez nisso. É mais sensata que isso. Se Danny estivesse vivo, e se alguém estivesse tentando te avisar, não seria desse jeito, com todas essas sugestões enternecedoras. Certo?

— Provavelmente.

— Danny se foi.

Ela não disse nada.

— Se você se convencer de que ele está vivo, só vai acabar sofrendo mais.

Ela o encarou, olhou profundamente em seus olhos. Depois, suspirou e assentiu.

— Danny morreu.

— Sim — ela concordou com um fio de voz.

— Está realmente convencida disso?

— Sim.

— Que bom.

Tina se levantou do sofá, foi até a janela e abriu as cortinas. Sentia uma necessidade repentina de olhar para a Las Vegas Strip. Depois de toda essa conversa sobre morte, precisava ver movimento, ação, vida; e embora a Strip às vezes fosse feia sob a luz do sol do deserto, o *boulevard* era sempre cheio de vida, fosse dia ou noite.

Nesse momento, o anoitecer prematuro do inverno descia sobre a cidade. Em ondas de cor ofuscante, milhões de lâmpadas cintilavam nos enormes luminosos. Centenas de carros andavam lentamente pela rua movimentada, táxis mudavam de faixa buscando cada pequena vantagem. Multidões percorriam as calçadas, indo de um cassino a outro, de uma casa noturna a outra, de um show a outro.

Tina olhou para Elliot de novo.

— Sabe o que eu quero fazer?

— O quê?

— Reabrir o túmulo.

— Exumar o corpo de Danny?

— Sim. Eu nunca o vi, acho que por isso é tão difícil aceitar que ele se foi. Por isso tenho pesadelos. Se tivesse visto o corpo, teria certeza. Não teria como criar fantasias sobre Danny ainda estar vivo.

— Mas as condições do cadáver...

— Eu não me importo.

Elliot franziu a testa, duvidando da sensatez da decisão de Tina.

— Os caixões são herméticos, mas, passado um ano, o corpo deve ter deteriorado ainda mais em relação ao estado em que estava quando recomendaram que você não o visse.

— Eu preciso ver.

— Você provavelmente vai enfrentar um horrível...

— Sim, essa é a ideia — ela falou depressa. — Um choque. Um forte tratamento de choque que vai acabar de vez com todas as dúvidas. Se eu vir os... restos de Danny, não vou mais conseguir alimentar dúvidas e vou deixar de ter esses pesadelos.

— Pode ser. Mas também é possível que tenha sonhos ainda piores.

Ela balançou a cabeça.

— Nada pode ser pior que os que eu tenho agora.

— A exumação do corpo de seu filho não vai responder à pergunta principal. Não vai te ajudar a descobrir quem está te assediando.

— Talvez ajude. Seja quem for o maluco, quaisquer que sejam suas motivações, ele não é equilibrado. Deve ser um doente, certo? Quem sabe o que pode fazer uma pessoa assim se revelar? Se ele descobrir que vai haver uma exumação, talvez tenha uma reação intensa e se revele. Qualquer coisa é possível.

— Talvez você esteja certa.

— De qualquer maneira, mesmo que reabrir o túmulo não me ajude a descobrir quem está fazendo essas brincadeiras doentias, ou seja lá o que é isso, pelo menos vai servir para acalmar minha mente em relação à possibilidade de Danny estar vivo. Isso vai melhorar meu estado psicológico, com certeza, e vou conseguir lidar melhor com o maluco, seja ele quem for. Então, de qualquer jeito, o resultado vai ser bom — ela se afastou da janela e se sentou novamente no sofá, ao lado de Elliot. — Vou precisar de um advogado para cuidar disso, não vou?

— Da exumação? Sim.

— Pode me representar?

Ele não hesitou.

— É claro.

— Acha que vai ser difícil?

— Bem, não existe uma razão legal para fazer a exumação do corpo. Quero dizer, não há nenhuma dúvida sobre a causa da morte, nenhum

julgamento que dependa de um relatório do legista. Nessas circunstâncias, o túmulo seria aberto rapidamente. Mas mesmo sem essas condições, não deve ser algo muito difícil de se conseguir. Vou usar o argumento da mãe em situação de estresse, acho que o tribunal vai se solidarizar.

— Já teve algum caso parecido com esse antes?

— Sim, já tive. Há cinco anos. Uma menina de oito anos morreu inesperadamente em consequência de uma doença renal congênita, os dois rins pararam praticamente da noite para o dia. Um dia ela era uma criança feliz e normal, no dia seguinte teve um pouco de febre e no terceiro dia ela estava morta. A mãe ficou arrasada. Não suportou ver o corpo, embora não estivesse danificado, como no caso de Danny. A mãe não conseguiu nem comparecer ao funeral. Duas semanas depois do sepultamento da garotinha, a mãe começou a sentir culpa por não ter se despedido.

Lembrando o que havia passado, Tina comentou:

— Sei muito bem como ela se sentiu. Ah, como eu sei.

— A culpa acabou se transformando em problemas emocionais sérios. Como não tinha visto o corpo da filha no funeral, a mãe não conseguia acreditar que a menina estava morta. A incapacidade dessa mulher para aceitar a realidade era muito pior que a sua. Ela passava a maior parte do tempo histérica, sofrendo um colapso em câmera lenta. Então, consegui providenciar a reabertura do túmulo. Enquanto estava preparando a solicitação da exumação para levar às autoridades, descobri que a reação daquela cliente era típica. Parece que, quando uma criança morre, uma das piores coisas que pai ou mãe podem fazer é se recusar a ver o corpo no caixão. É preciso passar um tempo com o morto, o necessário pra aceitar que aquele corpo nunca mais terá vida.

— A exumação ajudou sua cliente?

— Ah, sim. Muito.

— Viu?

— Mas não esqueça, o corpo da filha dela não tinha sofrido mutilações.

Tina assentiu triste.

— E reabrimos o túmulo só dois meses depois do funeral, não um ano mais tarde. O corpo ainda estava em condições relativamente boas. Mas não vai ser assim com Danny.

— Eu sei. Deus sabe que não estou feliz com isso, mas tenho certeza de que é preciso.

— Tudo bem, vou cuidar disso.

— De quanto tempo vai precisar?

— Acha que seu marido vai contestar o pedido?

Ela lembrou o ódio no rosto de Michael algumas horas antes, quando o deixara no hotel.

— Provavelmente, sim.

Elliot levou as taças vazias para o bar no canto da sala e acendeu a luz sobre a pia.

— Se é provável que seu marido crie problemas, vamos agir rápido e sem alarde. Se formos espertos, ele não vai saber o que estamos fazendo até a exumação ser *fait accompli*. Amanhã é feriado, então não vamos conseguir fazer nada oficialmente até sexta-feira.

— Provavelmente, nem na sexta-feira, esse vai ser um fim de semana prolongado.

Elliot encontrou a embalagem de detergente líquido e a esponja de louça que ficavam embaixo da pia.

— Em um caso menos perturbador, eu diria que temos de esperar até segunda-feira. Mas conheço um juiz muito razoável. Harold Kennebeck. Servimos juntos na inteligência do Exército, ele foi meu oficial sênior. Se eu...

— Inteligência do Exército? Você foi espião?

— Nada tão empolgante. Nunca usei sobretudo nem me escondi em becos escuros.

— Caratê, cápsulas de cianeto, essas coisas?

— Bom, tive muito treinamento em artes marciais. Ainda treino dois dias por semana, porque é uma boa maneira de me manter em forma. Mas, sério, não era como você vê nos filmes. Não tinha carro do James Bond com metralhadoras escondidas atrás dos faróis. Tudo que eu fazia era coletar informações chatas.

— Alguma coisa me diz que essa experiência foi... mais interessante do que você faz parecer.

— Não. Análise de documentos, interpretação tediosa de fotos de reconhecimento por satélite, esse tipo de coisa. Na maior parte do tempo, tudo muito chato. Enfim, conheço o juiz Kennebeck há muito tempo. Temos muito respeito um pelo outro, e tenho certeza de que ele vai fazer o que for possível por mim. Vou encontrá-lo amanhã à tarde em uma festa e prometo que converso com ele sobre a situação. Talvez ele aceite ir ao tribunal na sexta-feira só para analisar meu pedido de exumação e emitir um parecer. Ele só vai precisar de alguns minutos. E, se for assim, podemos abrir o túmulo no sábado.

Tina foi até o bar e sentou em uma das três banquetas, na frente de Elliot, com o balcão entre eles.

— Quanto antes, melhor. Agora que tomei a decisão, estou ansiosa para ir até o fim.

— Eu entendo. E tem outra vantagem em fazer tudo no fim de semana. Se formos rápidos, é improvável que Michael descubra o que vamos fazer. Mesmo que, de algum jeito, ele fique sabendo, vai ter que localizar outro juiz que se disponha a analisar para manter ou suspender a ordem de exumação.

— Acha que ele pode conseguir?

— Não. É o que estou dizendo. Não vai ter muita gente disponível no feriado. E os juízes que estiverem de plantão vão ficar ocupados com audiências de denúncia e fiança para motoristas bêbados e pessoas envolvidas em brigas causadas por bebida. É muito provável que Michael

não encontre um juiz até segunda-feira pela manhã, e então já vai ser tarde demais.

— Ardiloso.

— É o meu nome do meio — ele terminou de lavar a primeira taça, enxaguou em água quente e a colocou no escorredor.

— Elliot Ardiloso Stryker — Tina brincou.

Ele sorriu.

— Ao seu dispor.

— Que bom que é meu advogado.

— Bem, vamos ver se consigo pôr tudo isso em prática.

— Consegue. Você é o tipo de pessoa que enfrenta tudo de frente.

— Sua opinião sobre mim é muito boa — ele respondeu, repetindo o que ela dissera antes.

— Sim, é — Tina confirmou sorrindo.

Toda a conversa sobre morte, medo, loucura e sofrimento parecia ter acontecido há muito mais que poucos minutos. Agora eles queriam tentar se divertir um pouco na noite que começava, e já estavam entrando no clima para isso.

Quando Elliot enxaguou a segunda taça e a colocou no escorredor, Tina disse:

— Você é muito bom nisso.

— Mas não lavo janelas.

— Gosto de ver um homem se dedicando às coisas da casa.

— Devia me ver cozinhar, então.

— Você cozinha?

— Muito bem.

— Qual é sua especialidade?

— Tudo que faço.

— Pelo jeito, não faz torta de modéstia.

— Todo grande *chef* tem que ter um ego gigante em relação à sua arte gastronômica. Deve ser totalmente seguro na avaliação de seus talentos se quiser fazer bonito na cozinha.

— E se você cozinhar para mim e eu não gostar?

— Eu como minha parte e a sua.

— E o que eu comeria?

— Seu arrependimento.

Depois de tantos meses de tristeza, como era bom ter uma noite com um homem atraente e divertido.

Elliot guardou o detergente e a esponja molhada e, enquanto enxugava as mãos, disse:

— E se eu cozinhar para você, em vez de sairmos para jantar?

— Assim, em cima da hora?

— Não preciso de muito tempo para planejar uma refeição. Sou muito bom nisso. Além do mais, você pode me ajudar com a parte mais mecânica, como limpar vegetais e cortar cebola.

— Eu deveria ir para casa me arrumar.

— Você já está ótima.

— Meu carro...

— Vai com ele. Você me segue até em casa.

Eles apagaram as luzes, saíram do escritório e fecharam a porta.

Quando atravessavam a recepção a caminho do corredor, Tina olhou para o computador de Ângela com uma expressão nervosa. Tinha medo de que ele ligasse de novo, sozinho.

Mas ela e Elliot atravessaram a sala, apagando as luzes pelo caminho, e o computador continuou silencioso e com a tela apagada.

ELLIOT STRYKER morava em uma casa moderna, grande e agradável, com vista para o campo de golfe do Las Vegas Country Club. Os cômodos eram acolhedores, decorados em tons terrosos, com mobília da J. Robert Scott combinadas com algumas peças de antiguidade e tapetes Edward Fields de texturas ricas. Ele era dono de uma bela coleção de telas de Eyvind Earle, Jason Williamson, Larry D. Dyke, Charlotte Armstrong, Carl J. Smith e outros artistas residentes do oeste dos Estados Unidos, que normalmente exploravam o tema do Velho ou Novo Oeste.

Enquanto mostrava a casa, ele se mantinha atento às reações dela, e Tina não as economizava.

— É linda — disse. — Incrível. Quem cuidou da decoração?

— Eu.

— Sério?

— Quando eu era um pobretão, sonhava com o dia em que teria uma casa linda, arrumada pelo melhor decorador da região. Mas, depois, quando me estabeleci financeiramente, acabei não querendo que um desconhecido decorasse a casa por mim. Quis ficar com toda a diversão. Nancy, minha falecida esposa, e eu decoramos nossa primeira casa. O projeto acabou se tornando uma vocação para ela, e eu passava quase tanto tempo dedicado a isso quanto no escritório, advogando. Nós dois visitávamos lojas de móveis de Vegas a Los Angeles e San Francisco, íamos a antiquários, galerias, tudo o que pode imaginar, de feirinhas de rua às lojas mais caras que conseguíamos encontrar. Durante cinco ou seis meses, fiquei arrasado, porque cada objeto na casa me lembrava Nancy. Por fim, escolhi algumas lembranças, umas dez peças que sempre vão me

fazer lembrar dela, e me mudei. Vendi a casa em que vivíamos juntos, comprei esta aqui e comecei a decorar tudo de novo.

— Não sabia que tinha perdido a esposa. Pensei que tivessem se divorciado.

— Ela morreu há três anos.

— O que aconteceu?

— Câncer.

— Sinto muito, Elliot.

— Pelo menos foi rápido. No pâncreas e extremamente agressivo. Ela morreu dois meses depois do diagnóstico.

— Quanto tempo ficaram casados?

— Doze anos.

Tina tocou seu braço.

— Doze anos deixam um buraco muito grande no coração.

Ele percebeu que tinham mais em comum do que pensava.

— É verdade. Você teve Danny por quase doze anos.

— E só estou sozinha há um ano. Você está sozinho há três. Talvez possa me dizer...

— O quê?

— Isso vai passar?

— A dor?

— Sim.

— Até agora não passou. Talvez passe depois de quatro anos. Ou cinco. Ou dez. Não dói tanto quanto antes. E não é mais uma dor tão constante. Mas ainda há momentos em que...

Ele interrompeu a própria fala, sabendo que ela já tinha entendido o que queria dizer, e levou Tina para conhecer o resto da casa. A capacidade dela de criar um espetáculo exuberante não era apenas uma fase; Tina tinha bom gosto e um olhar apurado capaz de reconhecer imediatamente a diferença entre o comum e a beleza genuína, entre perspicácia e arte. Ele

gostava de conversar sobre decoração e arte, e uma hora passou como se fossem só dez minutos.

A apresentação terminou em uma enorme cozinha que ostentava um teto de cobre, pisos de mármore e era equipada como se fosse um verdadeiro restaurante. Ela notou o refrigerador embutido na parede, a grelha de um metro quadrado, a chapa, o fogão, o micro-ondas e a variedade de utensílios que tornavam o ato de cozinhar mais prático.

— Nossa, você gastou uma fortuna nessa cozinha. Pelo jeito, seu escritório de advocacia não é só mais um balcão de divórcios em Vegas.

Elliot riu.

— Sou sócio-fundador da Stryker, West, Dwyer, Coffey e Nichols. Nosso escritório é um dos maiores da cidade. Não posso dizer que o mérito é todo meu. Tivemos sorte. Estávamos no lugar certo, na hora certa. Owen West e eu abrimos a empresa em um escritório barato de sobreloja há doze anos, bem no começo da maior fase de crescimento que essa cidade já teve. Representamos algumas pessoas que ninguém mais queria defender, empreendedores que tinham muitas ideias boas, mas nenhum dinheiro para pagar honorários. Alguns dos nossos clientes foram espertos, fizeram bons movimentos e foram levados ao topo pelo crescimento explosivo da indústria do jogo e do mercado imobiliário em Vegas, e nós subimos com eles, agarrados na bainha do paletó dessa gente.

— Interessante — disse Tina.

— Minha história?

— Não, você mesmo.

— Eu?

— Você é muito modesto em relação ao muitíssimo bem-sucedido escritório de advocacia que fundou e construiu, mas é totalmente vaidoso em relação aos seus dotes culinários.

Ele riu.

— Isso é porque sou melhor cozinheiro que advogado. Olha só, o que acha de preparar uns drinques para nós enquanto vou tirar este terno? Volto em cinco minutos, e aí você vai ver um gênio da gastronomia em ação.

— Se não der certo, podemos entrar no carro e ir ao McDonald's.

— Essa doeu.

— O hambúrguer deles é imbatível.

— Vou fazer você engolir esse sapo.

— E como você vai prepará-lo?

— Piadista.

— Se vai preparar sapo piadista, acho que não vou jantar.

— Se eu preparasse um sapo, seria delicioso. Você comeria cada pedacinho, lamperia os dedos e pediria mais.

O sorriso dela era tão lindo que Michael teria ficado ali a noite toda olhando para a curva doce daqueles lábios.

* * *

Elliot se divertia com o efeito que Tina exercia sobre ele. Não conseguia se lembrar de ter sido tão desastrado na cozinha quanto nessa noite. Derrubou colheres, latas e embalagens de temperos. Esqueceu uma panela no fogão, deixando o conteúdo ferver e transbordar. Cometeu um erro no molho da salada e teve que começar de novo do zero. Ela o deixava completamente atrapalhado, mas adorava essa sensação.

— Elliot, tem certeza de que não está sentindo o efeito dos conhaques que tomamos no escritório?

— É claro que não.

— Então deve ser a bebida de agora.

— Não. Isso é só meu estilo na cozinha.

— Derrubar as coisas é seu estilo?

— Sim, a cozinha fica com um agradável aspecto de caos, mostrando que está sendo usada.

— Tem certeza de que não quer ir ao McDonald's?

— Eles se preocupam em deixar a cozinha bagunçada como eu?

— Bem, eles não fazem só hambúrgueres...

— Ah, sim, os hambúrgueres têm um aspecto caótico.

— ... as fritas são incríveis.

— Qual o problema de eu derrubar as coisas? Um cozinheiro não precisa ser elegante e perfeito para ser bom.

— Mas imagino que tenha que ter boa memória.

— Como assim?

— Essa mostarda em pó que vai pôr no molho da salada.

— O que tem?

— Já colocou há um minuto.

— Sério? Obrigado. Não quero ter que misturar tudo isso pela terceira vez.

A risada dela era rouca, parecida com a de Nancy.

Embora fosse diferente de Nancy em muitos aspectos, estar com ela era como estar com Nancy. Era fácil conversar, e ela era inteligente, divertida e sensível.

Talvez fosse cedo demais para ter certeza, mas ele começava a pensar que o destino, em uma incomum demonstração de generosidade, tinha dado a ele uma segunda chance de ser feliz.

* * *

Quando ele e Tina terminaram de comer a sobremesa, Elliot serviu mais café.

— Ainda acha que deveríamos ter ido ao McDonald's?

A salada de cogumelos, o *fettuccine* Alfredo e o *zabaglione* estavam excelentes.

— Você realmente é um ótimo cozinheiro.

— Acha que eu mentiria para você?

— Acho que agora vou ter que engolir aquele sapo.

— Acho que já engoliu.

— E nem percebi.

Mais cedo, enquanto Tina e Elliot brincavam na cozinha, antes mesmo de o jantar ficar pronto, ela começara a pensar que talvez fossem para a cama naquela noite. Quando terminaram de comer, ela estava certa disso. Elliot não a pressionava, muito menos ela o pressionava. Os dois pareciam estar sendo conduzidos por forças naturais. Como a água que corre no curso de um rio. Os dois percebiam que precisavam um do outro, uma necessidade física, mental e emocional. E, independentemente do que acontecesse entre eles, sabiam que seria bom.

Era rápido demais, mas ao mesmo tempo parecia certo e inevitável.

No começo da noite, a corrente sutil de tensão sexual a deixou nervosa. Não tinha ido para a cama com nenhum outro homem além de Michael nos últimos quatorze anos, desde que tinha dezenove. Não ia para a cama com ninguém fazia dois anos. De repente, foi acometida pela sensação de ter cometido uma tremenda idiotice se privando como uma freira durante dois anos. É claro, no primeiro desses dois anos, ainda era casada com Michael e se sentia compelida a ser leal com ele, apesar da separação e do divórcio em andamento, mesmo ciente de que ele não se guiava pelo mesmo senso de moralidade. Mais tarde, com o espetáculo para produzir e a morte de Danny sendo um fardo ainda muito pesado, não se sentiu pronta para se abrir para novos romances. Agora se sentia uma garota inexperiente. Talvez nem soubesse o que fazer. Tinha medo de ser desajeitada, ridícula e ingênua na cama. Dizia a si mesma que sexo era como andar de bicicleta,

que não dava para desaprender, mas a frivolidade dessa analogia não aumentava sua autoconfiança.

Aos poucos, porém, à medida que ela e Elliot iam cumprindo os ritos padrões do jogo de sedução, realizando as idas e vindas sexuais indiretas do início de um relacionamento, mesmo que em ritmo acelerado, a familiaridade e facilidade com que se entregavam àquele jogo a tranquilizou. Surpreendente que tudo fosse tão fácil e familiar. Talvez realmente fosse como andar de bicicleta.

Depois do jantar, eles foram para uma outra sala, onde Elliot acendeu a lareira de granito preto. Os dias de inverno no deserto costumavam ser quentes como os de primavera em qualquer outro lugar, mas as noites de inverno eram sempre frias, às vezes congelantes. Com um vento frio gemendo nas janelas e uivando sem parar sobre as ameias, o fogo era acolhedor.

Tina tirou os sapatos.

Eles sentaram lado a lado no sofá diante da lareira, observando as chamas e a ocasional explosão de faíscas alaranjadas, ouvindo música e conversando sem parar. Ela tinha a sensação de que estava tagarelando sem parar a noite toda, falando com uma urgência contida, como se cada um tivesse uma grande quantidade de informação importante que precisava ser transmitida ao outro antes de se despedirem naquela noite. Quanto mais falavam, mais coisas descobriam em comum. Duas horas se passaram sem que eles se dessem conta, e Tina ia descobrindo que gostava mais de Elliot Stryker a cada coisa nova que descobria sobre ele.

Não saberia dizer quem tomou a iniciativa do primeiro beijo. Talvez ele tenha se inclinado na direção dela ou ela mesma se aproximou dele. Mas antes que percebesse o que estava acontecendo, os lábios deles se encontraram de leve por um instante. E de novo. E pela terceira vez. E depois ele começou a dar mais beijos em sua testa, nos olhos, no rosto, no nariz, nos cantos da boca, no queixo. Beijou suas orelhas, os olhos de

novo, e deixou uma trilha de beijos no pescoço, e quando finalmente voltou à boca, ele a beijou mais profundamente que antes, e ela respondeu imediatamente à iniciativa de Elliot.

As mãos dele se moviam por todo o corpo de Tina, testando sua firmeza, e ela também o tocava, apertando com delicadeza os ombros, os braços e os músculos rijos das costas. Nada jamais foi melhor do que o que ela sentia nesse momento.

Era como se entrassem em um sonho.

Eles saíram da saleta e foram para o quarto. Elliot acendeu um abajur que ficava sobre a cômoda, depois afastou as cobertas da cama.

Durante o minuto que passou longe dela, Tina teve medo de que o encanto se quebrasse. Quando ele voltou, ela o beijou hesitante e descobriu que nada havia mudado, então colou seu corpo ao dele mais uma vez.

Tinha a sensação de que eles já haviam estado ali, naquele abraço, muitas vezes antes.

— A gente mal se conhece — ela disse.

— É isso que você sente?

— Não.

— Nem eu.

— Eu te conheço bem.

— Há séculos.

— Mas foram só dois dias.

— Depressa demais? — ele perguntou.

— O que você acha?

— Para mim, não.

— Para mim também não — ela concordou.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Você é incrível.

— Faz amor comigo.

Ele não era um homem especialmente grande, mas a pegou nos braços como se ela fosse uma criança. E Tina agarrou-se a ele. Viu desejo e necessidade nos olhos escuros de Elliot, uma vontade poderosa que era só parcialmente sexual, e ela sentia que a mesma necessidade de ser amada e valorizada devia estar estampada em seus olhos, também visível para ele.

Ele a levou para a cama e a colocou sobre o colchão. Sem pressa, mas com uma ansiedade ofegante que iluminava seu rosto, ele a despiu.

Depois tirou as próprias roupas rapidamente e juntou-se a ela na cama, tomando-a nos braços.

Ele explorava o corpo de Tina devagar e deliberadamente, primeiro com os olhos, depois com as mãos amorosas, depois com os lábios e a língua.

Tina percebeu que se enganara ao pensar que o celibato deveria ter feito parte de seu período de luto. Pelo contrário. Transar de um jeito bom e saudável com um homem que gostasse dela poderia tê-la ajudado a se recuperar muito mais depressa, porque o sexo era a antítese da morte, uma alegre celebração da vida, uma negação da existência do túmulo.

A luz âmbar traçava o contorno dos músculos dele.

Elliot aproximou o rosto do dela e eles se beijaram.

Ela deslizou a mão entre os corpos, segurando-o com força e depois afagando-o.

Sentia-se ousada, livre de timidez, insaciável.

Quando ele a penetrou, ela deixou as mãos passearem por seu corpo, pelas laterais firmes.

— Você é incrível — ele disse.

E começou a dançar no velho ritmo do amor. Por muito, muito tempo, eles esqueceram que a morte existia, exploraram as deliciosas e sedosas faces do amor, e naquelas horas radiantes tiveram a impressão de que viveriam para sempre.

QUINTA-FEIRA, 1º DE JANEIRO

TINA PASSOU a noite na casa de Elliot, e ele percebeu que nem se lembrava mais de como podia ser agradável dividir a cama com alguém de quem gostava de verdade. Outras mulheres estiveram em sua cama nos últimos dois anos, e algumas chegaram a passar a noite toda, mas nenhuma delas o deixara tão satisfeito simplesmente por estar ali, como fazia Tina. Com ela, o sexo era um bônus delicioso, um extra, mas não era a principal razão para querer tê-la a seu lado. Ela era incrível na cama, suave, macia e desinibida na busca do próprio prazer, mas também era vulnerável e bondosa. Seu contorno embaixo das cobertas era um talismã para afastar a escuridão.

Depois de um tempo, ele adormeceu, mas, às quatro da manhã, foi acordado por gritos aflitos.

Ela se sentou na cama sobressaltada, as mãos agarrando o lençol, saindo de um pesadelo. Estava balbuciando, ofegando sobre um homem vestido de preto, uma figura monstruosa que invadiu seu sonho.

Elliot acendeu o abajur para certifi-cá-la de que estavam sozinhos no quarto.

Tina havia contado sobre os pesadelos, mas Elliot não havia entendido, até agora, o quanto eram terríveis. A exumação do corpo de Danny faria bem a ela, independentemente do horror que poderia ter que enfrentar quando a tampa do caixão fosse erguida. Se ver os restos do filho poria um fim nesses pesadelos pavorosos, a experiência macabra seria benéfica.

Ele apagou o abajur e a convenceu a deitar a seu lado de novo, amparando-a até sentir que parava de tremer.

Para sua surpresa, o medo se transformou rapidamente em desejo. Eles entraram com facilidade no ritmo que antes os havia satisfeito. Depois, dormiram de novo.

* * *

Durante o café da manhã, ele a convidou para ir à festa onde pretendia falar com o juiz Kennebeck e pedir a exumação. Mas Tina queria voltar para casa e limpar o quarto de Danny. Agora se sentia à altura do desafio, e pretendia concluir a tarefa antes de perder a coragem de novo.

— A gente se vê à noite? — ele perguntou.

— Sim.

— Fico responsável pela comida de novo.

Ela sorriu com malícia.

— Em que sentido?

E levantou da cadeira, se debruçou sobre a mesa e o beijou.

O cheiro dela, o azul vibrante dos olhos, sentir a pele firme ao tocar seu rosto, tudo isso gerava ondas de afeto e desejo dentro dele.

Elliot a acompanhou até o Honda parado na entrada da garagem e se abaixou na janela depois de ela se acomodar ao volante, adiando sua partida por mais quinze minutos enquanto planejava, para satisfação de Tina, os pratos do jantar daquela noite.

Quando ela finalmente foi embora, ele ficou olhando o carro se afastar até vê-lo desaparecer além da esquina, e então compreendeu por que não queria que ela fosse. Tentava adiar sua partida por medo de nunca mais vê-la depois que ela fosse embora.

Não tinha um motivo racional para ter esses pensamentos sombrios. Com certeza, a pessoa desconhecida que atormentava Tina poderia ter intenções violentas, mas a própria Tina não acreditava em algum perigo

maior, e Elliot concordava com ela. O torturador queria provocar aflição mental e sofrimento espiritual; mas não queria que ela morresse, pois isso estragaria sua diversão.

O medo que Elliot sentia com a partida era puramente supersticioso. Estava convencido de que a entrada dela em sua vida trazia muita felicidade depressa demais, muito cedo e muito fácil. Parecia bom demais para ser verdade; tinha uma horrível suspeita de que o destino estava preparando outro tombo doloroso para ele. Temia que Tina Evans fosse tirada de sua vida da mesma forma que Nancy.

Tentando, sem sucesso, se livrar da premonição sombria, ele entrou em casa.

Passou uma hora e meia na biblioteca, estudando casos legais, reunindo precedentes para a exumação de um corpo que, como a corte havia decidido, “deveria ser desenterrado na ausência de necessidade legal premente, apenas por razões humanas, em consideração a certos sobreviventes ao morto”. Elliot achava que não teria grandes dificuldades com Harold Kennebeck, e não acreditava que o juiz pediria uma lista de precedentes para algo tão relativamente simples e inofensivo quanto reabrir a sepultura de Danny, mas preferia estar bem preparado. Na inteligência do Exército, Kennebeck era um oficial justo, mas sempre muito exigente.

À uma da tarde, Elliot chegou em sua Mercedes S600 prateada em Sunrise Mountain, para a festa de Ano-Novo. O azul do céu estava impecável, e ele queria ter tido tempo para pilotar o Cessna por algumas horas. Era um dia perfeito para voar, com o céu tão limpo, que estar acima da terra o fazia sentir completamente livre.

No domingo, depois da exumação, talvez levasse Tina para passar o dia no Arizona, ou em Los Angeles.

Em Sunrise Mountain, a maioria das casas grandes e caras tinha paisagismo natural, ou seja, rochas, pedras coloridas e cactos arranjados

com arte, em vez de grama, arbustos e árvores, um reconhecimento de que a presença humana nessa parte do deserto era algo novo e, talvez, tênue. À noite, a vista de Las Vegas de cima da montanha era espetacular, mas Elliot não conseguia entender que outros motivos alguém poderia ter para escolher morar ali e não nos bairros mais antigos – e mais verdes – da cidade. Nos dias quentes de verão, as encostas estéreis e arenosas pareciam ter sido esquecidas por Deus. Nas colinas marrons, as casas enormes brotavam como monumentos vazios de uma religião antiga e morta.

Os residentes de Sunrise Mountain também sabiam que eventualmente podiam compartilhar o pátio, o deque e a beira da piscina com um escorpião, uma tarântula ou uma cobra. Além disso, nos dias de vento mais forte, a poeira formava uma névoa densa e penetrava por baixo das portas, pelas frestas das janelas e pelas chaminés.

A festa a que Elliot estava indo acontecia em uma grande casa em estilo toscano, que ficava na metade da colina. Uma tenda em forma de leque, com três lados, tinha sido erguida no fundo do gramado, ao lado da piscina de vinte metros, com a abertura voltada para a casa. Uma orquestra de dezoito integrantes se apresentava em um canto da estrutura de lona listrada e colorida. Aproximadamente duzentos convidados dançavam ou circulavam pelo grande quintal, e outros cem festejavam do lado de dentro, espalhados pelos vinte cômodos do casarão.

Muitos rostos eram conhecidos de Elliot. Metade dos convidados eram advogados. Um jurista mais ortodoxo poderia desaprovar aquela cena, mas promotores e defensores públicos, tributaristas, criminalistas e conselheiros de corporações confraternizavam e bebiam com juízes que decidiam seus casos quase todas as semanas. Mas Las Vegas tinha padrões e um estilo judicial próprios.

Depois de vinte minutos de socialização diligente, Elliot encontrou Harold Kennebeck. O juiz era um homem alto, de expressão entediada e

cabelos brancos e cacheados. Ele cumprimentou Elliot com entusiasmo, e os dois conversaram sobre interesses comuns, como gastronomia, aviação e *rafting*.

Elliot não queria pedir um favor ao juiz diante de uma dúzia de advogados, mas não havia um único lugar na casa onde pudessem ter privacidade garantida. Ele sugeriu, então, que fossem até a rua para uma breve caminhada. Eles foram conversando até passarem por todos os carros dos convidados, que variavam de Rolls-Royces a Range Rovers.

Kennebeck ouviu com interesse a avaliação de Elliot sobre as chances de conseguir a reabertura do túmulo de Danny. O advogado não contou ao juiz sobre as ameaças veladas que Tina estava recebendo, pois sabia que seria uma complicação desnecessária; ainda acreditava que, quando a morte de Danny se tornasse irrefutável pela exumação, o jeito mais rápido e seguro de lidar com o assédio seria contratar uma boa agência de detetives para encontrar o culpado. Para a conversa com o juiz e a justificativa de por que a exumação se tornava de repente uma questão tão importante, Elliot exagerava a aflição e a confusão que Tina enfrentava como consequência direta de nunca ter visto o corpo do filho.

Harry Kennebeck permanecia impassível como um jogador de pôquer, e era difícil dizer se ele tinha alguma simpatia ou não pela situação. Enquanto ele e Elliot andavam pela rua ensolarada, Kennebeck refletiu em silêncio por um minuto. Finalmente, disse:

— E o pai?

— Estava torcendo para você não perguntar.

— Ah — disse Kennebeck.

— O pai vai protestar.

— Tem certeza?

— Sim.

— Por motivos religiosos?

— Não. O casal se divorciou pouco depois da morte do menino, um divórcio complicado. Michael Evans odeia a ex-esposa.

— Ah, então ele contestaria a exumação só para causar sofrimento a ela?

— Sim, só por isso. Por nenhum outro motivo legítimo.

— Mesmo assim, tenho que considerar a vontade do pai.

— Desde que não haja objeções legais, a lei só requer a permissão de um dos pais em um caso como esse.

— Mesmo assim, meu dever é proteger os interesses de todos os envolvidos.

— Se existe a chance de o pai protestar, isso vai virar uma batalha legal demorada e dura. E vai tomar muito tempo da Justiça.

— Bom, realmente não precisamos disso — Kennebeck reconheceu pensativo. — Nossa agenda da corte já está sobrecarregada e não temos juízes nem dinheiro suficientes. O sistema está rangendo e rachando diante de nossos olhos.

— E quando a poeira baixar, finalmente, minha cliente vai ter o direito de exumar o corpo, do mesmo jeito.

— Provavelmente.

— Definitivamente — Elliot o corrigiu. — O marido só vai tentar a obstrução por ressentimento. Nesse esforço de atingir a ex-esposa, ele desperdiçaria vários dias do tempo da Justiça, e o resultado, no fim, seria exatamente o mesmo que teríamos se não déssemos a ele a chance de protestar.

— Ah... — Kennebeck respondeu com a testa meio franzida.

Eles pararam no fim do segundo quarteirão. Kennebeck fechou os olhos e levantou o rosto para o sol quente de inverno.

Finalmente, o juiz disse:

— Está me pedindo para quebrar as regras e correr com isso?

— Na verdade, não. Só quero uma ordem de exumação a pedido da mãe. A lei permite isso.

— Quer a ordem agora, imagino.

— Amanhã de manhã, se possível.

— E a sepultura será aberta amanhã à tarde.

— Sábado, no máximo.

— Antes que o pai consiga uma ordem de restrição com outro juiz.

— Se não houver vazamento, o pai nem vai saber sobre a exumação.

— Bem...

— Todo mundo vai sair beneficiado disso. A Justiça poupa tempo e esforço. Minha cliente é poupada de uma angústia desnecessária. E o marido dela economiza um bom dinheiro, que estaria jogando fora para pagar os honorários de advogados numa tentativa inútil de nos deter.

— Hum...

Eles voltaram em silêncio para a casa, onde a festa ficava mais barulhenta a cada minuto.

No meio do quarteirão, Kennebeck finalmente disse:

— Preciso pensar um pouco, Elliot.

— Quanto tempo?

— Você vai passar a tarde toda aqui?

— Acho que não. Tem tanto advogado nessa festa que mais parece confraternização de escritório, não acha?

— E vai para casa direto?

— Sim.

— Bem... — ele empurrou para trás um cacho branco que caía sobre a testa. — Eu ligo para você à noite, então.

— Pode, pelo menos, adiantar qual é sua propensão?

— Favorável ao seu pedido, acho.

— Você sabe que estou certo, Harry.

Kennebeck sorriu.

— Já ouvi a argumentação, doutor. Vamos parar por aqui, por enquanto. Eu ligo para você à noite, depois que pensar um pouco mais sobre o assunto.

Pelo menos, Kennebeck não recusara o pedido de imediato. Ainda assim, Elliot esperava uma resposta mais rápida e satisfatória. Não estava pedindo um grande favor, e o juiz o conhecia havia muito tempo. Elliot sabia que Kennebeck era cauteloso, mas não costumava ser excessivamente zeloso. A hesitação do juiz diante de uma questão tão simples lhe causou estranheza, mas ele não disse mais nada. Não tinha escolha senão esperar o telefonema de Kennebeck.

De volta à festa, voltaram a falar sobre amenidades e mencionaram como a massa servida pouco antes estava deliciosa.

* * *

Elliot ficou na festa por apenas mais duas horas. Havia advogados demais para tornar a troca interessante. Em todas as rodas de conversa, só ouvia falar sobre petições, recursos, processos, moções, acordos de delação e as últimas notícias sobre as leis tributárias. Era como as reuniões que tinha no trabalho, oito ou dez horas por dia, cinco dias por semana, e não pretendia passar o feriado falando sobre assuntos jurídicos.

Às quatro da tarde, estava em casa novamente, preparando as coisas para o jantar. Tina chegaria às seis. Tinha algumas tarefas para concluir antes disso, para que não precisassem gastar o tempo que teriam juntos com pequenos trabalhos mecânicos, como na noite anterior. Em frente à bancada, ele descascou e picou uma cebola pequena, limpou seis talos de aipo e descascou várias cenouras finas. Tinha acabado de abrir uma garrafa de vinagre balsâmico e despejar um pouco do líquido em uma xícara para medir quando ouviu um movimento atrás dele.

Ele se virou de imediato e viu um desconhecido entrar na cozinha pela porta da sala de jantar. O homem tinha pouco mais de um metro e setenta de altura, rosto estreito e uma barba loira e bem-aparada. Usava um terno azul-escuro, camisa branca e gravata azul, e carregava uma espécie de maleta de médico. Parecia estar nervoso.

— O que é isso? — Elliot reagiu.

Nesse momento, outro homem apareceu atrás do primeiro. Era consideravelmente maior que o parceiro: alto, encorpado, mãos grandes e intimidantes; mais parecia uma aberração fugida de um laboratório de experimentos de combinação de DNA dedicado a cruzar humanos e ursos. De calça social bem passada, camisa azul impecável, gravata estampada e jaqueta esportiva cinza, podia ser um pistoleiro profissional tirado às pressas e de maneira desconfortável do batismo do neto do chefe da máfia. Esse último, entretanto, não dava nenhum sinal de nervosismo.

— O que é isso? — Elliot insistiu.

Os dois invasores pararam perto da geladeira, a três ou quatro metros de Elliot. O menor estava agitado, e o maior sorriu.

— Como vocês entraram na minha casa?

— Com uma chave mestra — respondeu o mais alto, sorrindo com ar cordial e assentindo. — Bob aqui — continuou, indicando o homem menor — tem um jogo de ferramentas fantástico, o que torna meu trabalho muito mais fácil.

— O que vocês querem?

— Relaxe — disse o homem mais alto.

— Eu não guardo meu dinheiro em casa.

— Não, não — ele explicou. — Não tem nada a ver com dinheiro.

Bob confirmou balançando a cabeça e franziu a testa, como se ser confundido com um ladrão comum lhe gerasse incômodo.

— Relaxe — repetiu o mais alto.

— Vocês estão no lugar errado — Elliot afirmou.

— Não, você é o cara certo.

— Sim — confirmou Bob. — Você é o cara. Não tem erro nenhum.

A conversa tinha a qualidade desorientadora das trocas entre Alice e os moradores malucos do País das Maravilhas.

Elliot trocou a garrafa de vinagre por uma faca e disse:

— Saiam já da minha casa.

— Fique calmo, Sr. Stryker — pediu o mais alto.

— Sim — Bob concordou. — Por favor, se acalme.

Elliot deu um passo na direção deles.

O homem alto puxou uma pistola com silenciador do coldre de ombro escondido sob a jaqueta esportiva.

— Fique calmo.

No mesmo instante, Elliot recuou contra a pia.

— Isso, assim é melhor — aprovou o mais alto.

— Muito melhor — disse Bob.

— Solte a faca e então todo mundo vai ficar feliz.

— Vamos manter tudo em paz — Bob reforçou.

— Isso, tranquilo e em paz.

O Chapeleiro Maluco apareceria a qualquer momento.

— Vamos lá, abaixe essa faca — disse o mais alto.

Elliot obedeceu, finalmente.

— Empurre a faca na bancada para longe de você.

Elliot fez o que ele dizia.

— Quem são vocês?

— Se você cooperar, ninguém sai daqui machucado — garantiu o homem alto.

— Vamos logo com isso, Vince — disse Bob.

Vince, o mais alto, decidiu:

— Vamos usar aquele canto da mesa.

Bob contornou a mesa redonda, pousou a maleta preta em cima dela, abriu e pegou um gravador de fita cassete. Além do gravador, também tirou da maleta um pedaço de tubo flexível de borracha, um esfigmomanômetro para monitorar a pressão sanguínea, dois frascos pequenos com um líquido cor de âmbar e um pacote de seringas descartáveis.

Elliot reviu mentalmente uma lista de casos tratados atualmente por seu escritório de advocacia, procurando alguma relação com esses dois invasores, mas não conseguiu pensar em nenhuma.

O homem alto gesticulou com a arma.

— Vá até a mesa e sente-se.

— Não enquanto não me disserem o que significa isso.

— Eu dou as ordens aqui.

— Mas eu não vou obedecer.

— Se não se mexer, vou te meter uma bala.

— Não. Não vai — disse Elliot, querendo sentir a confiança com que falava. — Você certamente quer alguma coisa que o impede de atirar em mim.

— Ande logo, para perto da mesa.

— Não enquanto não explicar tudo isso.

O olhar de Vince era ameaçador.

Elliot encarou o desconhecido sem se abalar.

Finalmente, Vince falou:

— Vamos lá, seja razoável. Só precisamos fazer algumas perguntas.

Decidido a não deixar que eles percebessem que estava com medo, consciente de que qualquer sinal de temor seria interpretado como prova de fraqueza, Elliot disse:

— Bom, você tem uma abordagem bem esquisita para quem só quer fazer uma pesquisa de opinião pública.

— Vá logo.

— Para que servem as agulhas?

— Rápido.

— Para que servem?

Vince suspirou.

— Precisamos ter certeza de que vai dizer a verdade.

— Toda a verdade — Bob acrescentou.

— Vão me drogar? — Elliot arriscou.

— De forma eficiente e confiável — Bob garantiu.

— E quando vocês terminarem, meu cérebro vai ter a consistência de uma bala de goma.

— Não, não — Bob protestou. — Essa droga não causa dano físico ou mental duradouro.

— Que tipo de perguntas querem me fazer? — Elliot quis saber.

— Estou perdendo a paciência com você — disse Vince.

— É recíproco.

— Vá logo.

Elliot não se mexeu. Recusava-se a olhar para o cano da arma. Queria que eles pensassem que a pistola não o amedrontava. Por dentro, no entanto, vibrava como um diapasão.

— Seu filho da puta, se mexe!

— Que tipo de perguntas querem fazer?

O homem mais alto franziu a testa.

Bob respondeu:

— Caramba, Vince, fala logo. Ele vai ouvir todas as perguntas de qualquer jeito. Vamos acabar logo com isso e seguir em frente.

Vince coçou seu queixo de concreto com sua mão de pá, depois levou a mão ao bolso interno da jaqueta. De lá ele tirou algumas folhas de papel dobradas e impressas.

A arma balançou, mas não se desviou do alvo o suficiente para dar alguma chance a Elliot.

— Tenho que fazer todas as perguntas desta lista — Vince anunciou, balançando as folhas para Elliot. — São muitas, trinta ou quarenta, mas não vai demorar, se você se sentar logo e colaborar.

— Perguntas sobre o quê?

— Christina Evans.

Aquelas eram as últimas palavras que Elliot esperava ouvir. Estava perplexo.

— Tina Evans? O que tem ela?

— Preciso saber por que ela quer reabrir o túmulo do filho.

Elliot o encarou espantado.

— Como sabe disso?

— Não interessa — Vince respondeu.

— É — Bob continuou. — Não interessa como sabemos. O que importa é que sabemos.

— Vocês são os filhos da mãe que estão atormentando a Tina?

— Como?

— São vocês que ficam mandando mensagens para ela?

— Que mensagens? — Bob quis saber.

— Foram vocês que destruíram o quarto do menino?

— Do que você está falando? — Vince estranhou.

— Alguém mandou mensagens para ela sobre o menino? — perguntou Bob.

Eles pareciam sinceramente surpresos com a notícia, e Elliot teve certeza de que não eram eles que tentavam assustar Tina. Além do mais, embora ambos parecessem malucos, não pareciam ser simples fraudadores ou psicopatas que sentiam prazer assustando mulheres indefesas. Eles se comportavam como se fossem integrantes de alguma organização, embora o maior fosse truculento o bastante para passar por um bandido comum. Uma pistola equipada com silenciador, chave mestra, soro da verdade,

todo esse aparato indicava que eles eram membros de um esquema sofisticado, com recursos substanciais.

— De que mensagens você está falando? — Vince perguntou, sem desviar a atenção de Elliot.

— Acho que essa é só mais uma ocasião em que você não vai ter uma resposta.

— Ah, vamos ter a resposta, sim — Vince afirmou com frieza.

— Vamos ter todas as respostas que quisermos — Bob concordou.

— Então, doutor, vai colocar a bunda na cadeira ou vai precisar de um incentivozinho? — ele brandiu a pistola novamente.

— Kennebeck! — Elliot exclamou, assustado com o *insight* repentino. — O único jeito de terem descoberto tão depressa sobre a exumação é Kennebeck ter contado a vocês sobre a nossa conversa na festa.

Os dois homens se olharam. Não gostaram de ouvir o nome do juiz.

— Quem? — Vince perguntou, mas era tarde demais para disfarçar a reveladora troca de olhares.

— Por isso ele me pediu mais tempo — Elliot continuou. — Queria que vocês tivessem tempo para me pegar. Por que diabos Kennebeck se importa com o túmulo de Danny, e se ele vai ser aberto ou não? Por que vocês se importam? Quem são vocês?

A aberração saída da ilha do Dr. Moreau não estava mais impaciente; agora Bob estava bravo.

— Escute aqui, seu idiota de merda, não vou mais fazer seu joguinho. Não vou mais responder a nenhuma pergunta, vou é meter uma bala no seu saco, se não se sentar imediatamente.

Elliot fingiu não ter ouvido a ameaça. A pistola ainda o assustava, mas ele agora estava pensando em outra coisa que o amedrontava ainda mais. Um arrepio se espalhou pela base da coluna e subiu pelas costas quando ele percebeu que a presença desses homens tinha alguma relação com o acidente que matara Danny.

— Tem alguma coisa de errado com a morte de Danny... alguma coisa estranha com a maneira como aqueles escoteiros morreram. A versão que foi contada a todo mundo não corresponde à verdade. O acidente com o ônibus... é mentira, não é?

Nenhum dos dois respondeu.

— A verdade é muito pior — continuou Elliot. — Alguma coisa tão terrível que gente poderosa está tentando esconder. Kennebeck... uma vez agente, sempre agente. Para qual sigla vocês trabalham? Não é para o FBI. Hoje em dia são todos educados, sofisticados. Na CIA também. Vocês são muito toscos. Também não deve ser o CID; não vejo nada de disciplina militar em vocês. Bom, vamos ver. Vocês devem trabalhar para alguma sigla que as pessoas ainda não conhecem. Alguma coisa secreta e bem suja.

O rosto de Vince escureceu como um pedaço de carne em uma chapa quente.

— Porra, eu falei que você ia responder as perguntas daqui para a frente.

— Espere aí — disse Elliot. — Já joguei esse jogo antes. Eu era da inteligência do Exército, isso não é totalmente desconhecido para mim. Sei como funcionam as regras, os movimentos, não precisa ser tão durão comigo. Pode se abrir. Vamos estabelecer uma trégua.

Bob sentia que Vince estava perdendo a paciência rapidamente, e sabia que isso não os ajudaria a cumprir a missão. Então, ele interveio:

— Escute, Stryker, não podemos responder a maioria de suas perguntas, porque nós mesmo não sabemos as respostas. Sim, trabalhamos para uma agência do governo. Sim, você nunca ouviu falar dela, e provavelmente nunca vai ouvir. Mas não sabemos por que esse garoto, Danny Evans, é tão importante. Não temos os detalhes, nem metade deles. E também não queremos saber. Você entende o que estou dizendo. Quanto menos um homem sabe, menos vai ser perseguido por isso. Porra, não

somos nem importantes nesse esquema. É quase como se fôssemos terceirizados. Eles só falam o que precisamos saber. Dá para se acalmar agora? Vamos facilitar o processo. Sente-se aqui, deixe que eu injete isso em você, dê as respostas que a gente quer, e todo mundo vai poder continuar cuidando de suas vidas. Nós não temos o dia todo.

— Se vocês trabalham para um órgão de inteligência governamental, saiam daqui e voltem com a documentação legal — Elliot falou. — Quero mandados de busca e intimações.

— Você sabe que as coisas não funcionam bem assim — Vince respondeu irritado.

— A agência para a qual trabalhamos não existe oficialmente — Bob continuou. — E como uma agência que não existe pode conseguir uma intimação na Justiça, Dr. Stryker?

— Se eu me submeter à droga, o que vai acontecer comigo depois que vocês foram embora?

— Nada — respondeu Vince.

— Nada mesmo — Bob confirmou.

— Como eu posso ter certeza?

Com essa indicação de rendição iminente, o homem mais alto relaxou, embora ainda estivesse vermelho de raiva.

— Já falei. Você nos dá o que queremos, e então nós vamos embora. Só precisamos saber exatamente por que essa mulher quer reabrir o túmulo do filho. Temos que saber se alguém abriu o bico para ela. Se for isso, essa pessoa vai ter a bunda espetada na porta de um celeiro. Mas não temos nada contra você. Nada pessoal. Depois que descobrirmos o que queremos saber, vamos embora.

— E eu vou poder ir à polícia?

— Não temos medo da polícia — Vince falou com arrogância. — E você não vai poder dizer a eles quem somos ou onde podem começar a procurar por nós. Eles não vão achar nada. Em nenhum lugar. Zero. E se

encontrarem alguma pista nossa em algum lugar, podemos pressionar os tiras para saírem de trás de nós bem rapidinho. Isso é questão de segurança nacional, parceiro. O governo pode ignorar as regras quanto quiser. Afinal, ele é que cria as regras.

— Não é bem assim que explicam o sistema na faculdade de Direito — Elliot lembrou.

— A teoria nem sempre tem a ver com a realidade — Bob resumiu, ajeitando a gravata com um gesto nervoso.

— Isso — concordou Vince. — E isso aqui é a vida real. Agora ande logo e seja um bom menino.

— Por favor, Dr. Stryker — pediu Bob.

— Não.

Quando tivessem as respostas, eles provavelmente o matariam. Se tivessem a intenção de deixá-lo vivo, não falaria seus nomes na sua frente. E não teriam perdido tanto tempo tentando convencê-lo a cooperar; teriam feito com que ele falasse à força, sem hesitação.

Mas eles queriam sua cooperação, sem recorrer à violência, porque relutavam em deixar marcas; a intenção era fazer sua morte parecer acidente ou suicídio. O cenário era óbvio. Provavelmente, suicídio. Enquanto ainda estivesse drogado, eles o fariam escrever um bilhete anunciando o suicídio, e o fariam assinar a mensagem com uma caligrafia clara, fácil de identificar. Depois, levariam-no para a garagem, o colocariam dentro da Mercedes e ligariam o motor sem abrir a porta da garagem. Estaria drogado demais para se mover, e o monóxido de carbono cuidaria do resto. Em um ou dois dias, alguém o encontraria ali com o rosto azulado, meio cinza, a língua escura e para fora da boca, os olhos arregalados e fixos no para-brisa, como se dirigisse rumo ao Inferno. Se não houvesse marcas atípicas no corpo, nem ferimentos incompatíveis com a conclusão da perícia sobre suicídio, a polícia se daria por satisfeita.

— Não — ele repetiu, agora em um tom mais assertivo. — Se querem que eu me sente à mesa, vão ter que me arrastar.

TINA LIMPOU toda a bagunça no quarto de Danny e encaixotou tudo o que tinha sido dele. Sua ideia era doar tudo para uma instituição de caridade.

Várias vezes, durante a faxina, esteve à beira das lágrimas, quando alguns objetos lhe trouxeram lembranças do filho. Mas ela rangeu os dentes e resistiu ao impulso de sair do quarto e abandonar a tarefa sem completá-la.

Agora só faltavam três caixas no fundo do *closet* para separar e finalmente terminar. Ela tentou levantar uma das caixas, mas era pesada demais. Então, arrastou-a para o quarto, pelo carpete, para aproveitar nesgas de luz avermelhada do sol vespertino que passava por entre as árvores do lado de fora, depois entrava pela janela coberta de pó.

Quando abriu a caixa, encontrou parte da coleção de Danny de HQs e *graphic novels*. Eram, basicamente, quadrinhos de horror.

Tina nunca conseguiu entender esse interesse do filho por histórias tão mórbidas. Filmes de monstros, quadrinhos de horror, romances de vampiro, todo tipo de histórias pavorosas, em todos os formatos. De início, essa fascinação crescente por temas macabros não pareceu inteiramente saudável para ela, mas nunca o havia impedido de desenvolver seus gostos. A maior parte dos amigos de Danny compartilhava desse interesse ávido por fantasmas e criaturas estranhas; além do mais, como não era só disso que ele se ocupava, então, ela decidiu não se preocupar tanto com o assunto.

Na caixa havia duas pilhas de revistas em quadrinhos, e as duas edições do topo tinham capas horrendas. Na primeira, uma carruagem negra

puxada por quatro cavalos pretos com olhos iluminados por um brilho diabólico corria por uma estrada à noite, sob uma lua crescente, e um homem sem cabeça segurava as rédeas, conduzindo os cavalos no que parecia ser uma corrida frenética. Sangue vermelho escorria do pescoço aberto do cocheiro e coágulos gelatinosos manchavam a camisa branca de babados. A cabeça horrível viajava no banco do condutor, ao lado dele, e sorria simpática, cheia de vida, apesar de ter sido brutalmente cortada do corpo.

Tina fez uma careta. Se era isso que Danny lia antes de ir para a cama, como conseguia dormir tão bem? Ele sempre teve sono pesado, dormia a noite toda sem se mexer e nunca era incomodado por pesadelos.

Tina puxou outra caixa para fora do *closet*. Era tão pesada quanto a primeira, e ela imaginou que o conteúdo deveria ser o mesmo, mas abriu para ter certeza.

Quando olhou para dentro da caixa, não conteve o choque. Ele a encarava de dentro da caixa. Da capa de uma *graphic novel*. Ele. O homem vestido de preto. O mesmo rosto. Basicamente crânio e carne necrosada. Órbitas de ossos salientes e os olhos vermelhos ameaçadores e desumanos que a observavam com um ódio intenso. O aglomerado de vermes no rosto, no canto de um olho. O sorriso de dentes podres, amarelos. Em cada detalhe repugnante, ele era exatamente como a criatura horrenda que aparecia em seus pesadelos.

Como podia ter sonhado com essa criatura pavorosa na noite anterior, e agora a encontrava ali naquela caixa, algumas horas depois?

Tina recuou e se afastou da caixa de papelão.

Os olhos vermelhos e ardentes da figura monstruosa no desenho pareciam segui-la.

Provavelmente ela vira essa ilustração sinistra quando Danny trouxe a revista para casa. A lembrança ficou guardada em seu inconsciente até que, com o tempo, foi incorporada em seus pesadelos.

Essa era a única explicação lógica.

Mas por algum motivo ela tinha certeza de que não era a verdade.

Nunca tinha visto esse desenho antes. Quando Danny começou a colecionar quadrinhos de horror que comprava com sua mesada, ela examinava cuidadosamente as publicações para decidir se eram prejudiciais ou não a ele. Mas depois que deu sua permissão para que ele lesse essas coisas, nunca mais olhou para nenhuma das revistas que ele comprava.

Mas sonhou com o homem de preto.

E lá estava ele. Sorrindo para ela.

Tina ficou curiosa em relação à história de onde a ilustração foi tirada e, então, aproximou-se da caixa outra vez para pegar a revista. Era mais grossa do que uma revista em quadrinhos comum e impressa em um papel mais brilhante.

Quando os dedos tocaram a capa, uma campainha soou.

Ela deu um pulo e sufocou um grito.

A campainha soou de novo, e ela percebeu que tinha alguém na sua porta.

Com o coração disparado, foi ver quem era.

Pelo olho mágico panorâmico, viu um homem jovem de boné azul com um logotipo que ela não reconhecia. Ele sorria enquanto esperava ser atendido.

Tina não abriu a porta.

— Pois não? — ela falou do lado de dentro.

— Manutenção da companhia de gás. Temos que verificar os canos que entram na sua casa.

Tina estranhou.

— No primeiro de janeiro?

— Somos da equipe de emergência — o técnico falou do outro lado da porta. — Estamos investigando um possível vazamento de gás na

vizinhança.

Ela hesitou, mas abriu a porta sem remover a corrente de segurança. Estudou o rapaz pela fresta.

— Vazamento de gás?

Ele sorriu tranquilo.

— Provavelmente não é nada sério. Perdemos um pouco de pressão nos canos, então estamos tentando encontrar a causa disso. Não há motivo para evacuar as casas ou provocar pânico, mas estamos tentando verificar todas as casas do bairro. Você tem fogão a gás?

— Não, é elétrico.

— E o sistema de aquecimento?

— Sim, caldeira a gás.

— Pois é, acho que todas as casas nessa área têm caldeiras a gás. Acho melhor eu dar uma olhada e verificar os registros.

Ela estudou o rapaz com atenção. Ele usava um uniforme da companhia de gás e carregava uma grande caixa de ferramentas marcada com o logo da empresa.

— Posso ver sua identificação? — pediu.

— É claro — ele tirou do bolso da camisa um crachá com o logo da companhia de gás, sua foto, o nome e as características físicas.

Sentindo-se meio idiota, Tina falou:

— Desculpe. Não é que você pareça perigoso, nada disso. Mas...

— Está tudo bem, senhora. Não precisa se desculpar. Você agiu corretamente, o ideal é pedir a identificação mesmo. Hoje em dia, só quem é maluco abre a porta sem saber exatamente quem está do outro lado.

Ela fechou a porta para remover a corrente de segurança. Depois a abriu de novo e deu um passo para trás.

— Pode entrar.

— Onde fica a caldeira? Na garagem?

Poucas casas em Vegas tinham porão.

— Isso, na garagem.

— Se quiser, posso entrar pela porta da garagem.

— Não, tudo bem. Pode entrar.

Ele entrou.

Tina fechou e trancou a porta.

— Bela casa.

— Obrigada.

— Aconchegante. Gostei das cores. Tons terrosos, gosto disso. É meio parecida com nossa casa. Minha esposa sabe combinar cores.

— São cores relaxantes — disse Tina.

— Não é? Natural e agradável.

— Eu levo você até a garagem.

Ele a seguiu através da cozinha, por um corredor curto, para a lavanderia e de lá para a garagem.

Tina acendeu a luz e a escuridão se dissipou, mas ainda havia sombras nas paredes e nos cantos.

A garagem tinha um leve cheiro de mofo, mas Tina não conseguiu identificar o odor típico de gás.

— Não acho que tenha algum problema aqui. Pelo menos não sinto nenhum cheiro de gás — ela disse.

— Provavelmente, não. Mas não dá para ter certeza. Pode ter havido um rompimento embaixo da propriedade. O gás pode estar vazando embaixo do concreto e se acumulando. Nesse caso, não seria possível detectar o vazamento de imediato, mas ainda assim estaria vivendo em cima de uma bomba.

— Que maravilha saber disso.

— Faz a vida ficar mais emocionante.

— Que bom que você não trabalha no departamento de relações públicas da companhia de gás.

Ele riu.

— Não se preocupe. Se eu realmente acreditasse na menor possibilidade de alguma coisa assim, estaria aqui todo animado?

— Acho que não.

— Pode apostar que não. Sério. Não se preocupe. Vai ser só uma verificação de rotina.

Ele se aproximou da caldeira, deixou a caixa de ferramentas no chão e se abaixou. Abriu uma porta de metal, expondo o interior do sistema de aquecimento. Um círculo brilhante de fogo era visível lá dentro, e a chama banhava o rosto dele com uma luz azul e sinistra.

— E então? — ela perguntou.

Ele a encarou.

— Vou precisar de uns quinze ou vinte minutos.

— Ah. Pensei que fosse uma coisa simples.

— É melhor ser meticoloso.

— É claro, eu entendo.

— Se estava ocupada com alguma coisa, fique à vontade. Não vou precisar de nada.

Tina pensou na revista com o homem de preto na capa. Estava louca para saber mais sobre a história de onde a criatura saía. Por algum motivo, tinha a sensação peculiar de que seria parecida com a história da morte de Danny. Essa era uma ideia bizarra, e ela não sabia de onde havia saído, mas não conseguia ignorá-la.

— Bem, eu estava limpando o quarto dos fundos. Se não precisa de mim...

— Não preciso. Fique à vontade. Não quero atrapalhar.

Ela o deixou lá na garagem meio escura, com o rosto iluminado pela cintilante luz azul, os olhos brilhando com reflexos gêmeos da chama.

QUANDO ELLIOT se recusou a sair de perto da pia e se sentar perto da mesa no canto da grande cozinha, Bob, o menor dos dois homens, hesitou, depois deu um passo na direção dele.

— Espere — disse Vince.

Bob parou, evidentemente aliviado com a indicação de que o cúmplice grandalhão ia cuidar de Elliot.

— Não fique no caminho — Vince avisou e depois guardou as folhas impressas no bolso da jaqueta. — Vou dar um jeito nesse filho da mãe.

Bob se afastou, parando perto da mesa, e Elliot se concentrou no invasor mais alto.

Vince segurava a pistola com a mão direita e fechou a esquerda.

— Tem certeza de que vai querer brigar comigo? Meu punho é quase do tamanho da sua cabeça. Sabe o que vai sentir quando ele bater em você?

Elliot tinha uma boa ideia do que sentiria, e estava suando embaixo dos braços e nas costas, mas permaneceu imóvel e não respondeu à provocação do desconhecido.

— Vai parecer um trem de carga te atropelando — Vince continuou. — Pare de ser teimoso e faça logo o que Bob está te pedindo.

Eles faziam de tudo para tentar evitar a violência, o que confirmava cada vez mais a suspeita de Elliot de que queriam deixá-lo sem marcas, para que, mais tarde, seu corpo não exibisse cortes ou hematomas incompatíveis com suicídio.

O cruzamento de urso e homem se aproximava dele.

— Quer mudar de ideia e colaborar?

Elliot não se moveu.

— Com um soco no estômago eu faço você vomitar nesses sapatos — ameaçou Vince.

Mais um passo.

— E quando acabar de vomitar, vou te pegar pelo saco e te arrastar até a mesa.

Mais um passo.

Depois, o grandalhão parou.

Estavam a um braço de distância.

Elliot olhou para Bob, que continuava parado ao lado da mesa e agora segurava o pacote de seringas.

— Última chance de fazer as coisas do jeito mais fácil — Vince avisou.

Com um movimento rápido, Elliot pegou a xícara que usara para medir o vinagre minutos antes e jogou o conteúdo no rosto de Vince. O grandalhão soltou um urro de surpresa e dor, temporariamente cego. Elliot soltou a xícara e pegou a arma, mas Vince apertou o gatilho numa reação instintiva, disparando uma bala que passou muito perto do rosto do advogado e estilhaçou a janela ao lado da pia. Elliot se esquivou de um gancho soltado às cegas e chegou mais perto de Vince, ainda segurando a pistola que o homem insistia em não soltar. Elliot girou um braço e empurrou o cotovelo flexionado contra a garganta de Vince. A cabeça do invasor foi projetada para trás, e Elliot deu um golpe com a lateral da mão no pomo-de-adão exposto do homem. Ao mesmo tempo, levantou o joelho entre as pernas de Vince e arrancou a arma da mão dele quando os dedos relaxaram com a dor. O grandalhão se dobrou para a frente, ameaçando vomitar, e Elliot bateu com a coronha da pistola na cabeça dele. O barulho parecia ser o de duas pedras se chocando.

Elliot deu um passo para trás.

Vince caiu de joelhos, depois deitado, com o rosto no chão. E lá ficou, beijando os ladrilhos.

A batalha durou menos de dez segundos.

Vince era autoconfiante demais; tinha certeza de que, por causa da vantagem de quinze centímetros de altura e trinta e cinco quilos de músculos, era imbatível. Mas estava errado.

Em seguida, Elliot apontou a arma confiscada para o outro invasor.

Bob já estava fora da cozinha, na sala de jantar, correndo para a porta da frente. Evidentemente, não estava armado, e estava impressionado com a velocidade e a facilidade com que o parceiro fora neutralizado.

Elliot correu atrás dele, mas perdeu tempo desviando das cadeiras de jantar que o fugitivo foi jogando no chão ao passar. Na sala de estar, outros móveis foram derrubados, e livros, espalhados pelo chão. A rota para a porta de entrada agora mais parecia uma pista de obstáculos.

Quando Elliot finalmente chegou à porta e saiu, Bob já tinha percorrido toda a entrada da garagem e atravessado a rua. Ele entrava no carro verde-escuro, um sedã Chevrolet sem qualquer identificação. Elliot chegou à rua a tempo de ver o carro se afastando, cantando pneus.

Ele não conseguiu ver a placa porque estava suja de lama.

Elliot voltou correndo para dentro da casa e encontrou Vince ainda inconsciente na cozinha. Provavelmente, permaneceria assim por mais dez ou quinze minutos. O advogado verificou o pulso e levantou uma pálpebra do grandalhão. Vince sobreviveria, embora talvez precisasse ser hospitalizado, e passaria dias sentindo dor cada vez que engolisse.

Elliot revistou os bolsos dele. Encontrou dinheiro trocado, um pente, uma carteira e as folhas de papel com as perguntas que esperavam que ele respondesse.

Ele dobrou as folhas e as guardou no bolso da frente da calça.

Havia noventa e dois dólares na carteira de Vince, nenhum cartão de crédito, nem carteira de motorista ou qualquer tipo de identificação. Definitivamente, não era do FBI. Os homens do Bureau carregavam credenciais. Também não era da CIA. Os agentes sempre tinham uma identificação, mesmo que fosse falsa. Até onde Elliot sabia, a ausência de

um documento de identificação era mais sinistra do que uma coleção de documentos falsos, porque esse completo anonimato sugeria uma organização policial totalmente secreta.

Polícia secreta. Essa possibilidade o aterrorizava. Não na boa e velha América. Com certeza, não. Na China, na nova Rússia, no Irã ou no Iraque... sim. Talvez em alguma república de bananas da América do Sul. Em metade dos países do mundo havia polícia secreta, Gestapos modernas, e os cidadãos viviam com medo de alguém bater em sua porta tarde da noite. Mas nos Estados Unidos, não, caramba.

Mesmo que o governo tivesse criado uma força policial secreta, porém, por que toda essa aflição para se inteirar dos verdadeiros fatos relativos à morte de Danny? O que tentavam esconder sobre a tragédia de Sierra? O que *realmente* havia acontecido naquelas montanhas?

Tina.

De repente, Elliot se deu conta de que ela corria tanto perigo quanto ele. Se essas pessoas estavam dispostas a matá-lo para impedir a exumação, também tinham de matar Tina. Na verdade, ela devia ser o alvo principal.

Ele correu até o telefone na cozinha, mas percebeu que não tinha o número da casa dela. Com pressa, abriu a lista telefônica e virou as páginas. Mas não havia nenhuma Christina Evans ali.

Jamais conseguiria obter do auxílio à lista um número que não era relacionado. Quando ligasse para a polícia e explicasse a situação, já poderia ser tarde demais para salvá-la.

Por um instante, ele foi dominado pela terrível indecisão, imobilizado pela possibilidade de perder Tina. Pensou no sorriso meio de lado, nos olhos agitados, profundos, frescos e azuis como uma nascente pura na montanha. A pressão no peito era tão grande que ele não conseguia respirar.

Elliot forçou a memória e se lembrou do endereço dela. Tina tinha dado a informação duas noites antes, na festa depois da *première* do *Magyck!*. Ela não morava longe dele, poderia chegar lá em cinco minutos.

Ainda segurava a pistola com o silenciador, e decidiu ficar com ela.

Elliot correu para o carro parado na entrada da garagem.

TINA DEIXOU o técnico da companhia de gás na garagem e voltou para o quarto de Danny. Pegou a *graphic novel* da caixa de papelão e se sentou na beirada da cama, buscando uma nesga da luz acobreada do sol que entrava pela janela.

A revista continha meia dúzia de histórias de terror ilustradas. A história da qual o desenho da capa fora extraído tinha dezesseis páginas. Com letras que davam a impressão de ter sido formadas com tecido podre de mortalha, o título estava no alto da primeira página, sobre uma cena sombria e bem detalhada de um cemitério lavado pela chuva. Tina olhou para aquelas palavras chocada e sem conseguir acreditar.

O MENINO QUE NÃO MORREU

Pensou nas palavras da lousa e na impressão do computador: *Não está morto, não está morto, não está morto...*

As mãos dela tremiam. Tinha dificuldade para segurar a revista firme o bastante para ler.

A história acontecia no meio do século XIX, quando os médicos ainda tinham uma percepção turva da linha tênue entre a vida e a morte. Era a história de um menino, chamado Kevin, que caiu de um telhado, bateu a cabeça com força e entrou em coma profundo. Os sinais vitais do menino eram indetectáveis pela tecnologia médica da época. O médico deu o paciente por morto, e os pais enlutados enterraram Kevin. Naqueles tempos, o cadáver não era embalsamado; portanto, o menino foi sepultado ainda vivo. Os pais de Kevin saíram da cidade imediatamente depois do

funeral, com a intenção de passar um mês na casa de férias da família no campo, onde ficariam livres da pressão dos deveres sociais e profissionais e poderiam viver o luto do menino em paz. Mas, na primeira noite no campo, a mãe teve uma visão na qual Kevin era enterrado vivo e chamava por ela. A visão era tão nítida, tão perturbadora, que ela e o marido voltaram correndo para a cidade na mesma noite e reabriram a sepultura ao amanhecer. Mas nesse momento a Morte já tinha decidido que Kevin pertencia a ela, porque o funeral já havia sido realizado, e o túmulo, fechado. Foi a própria Morte quem tentou insistentemente impedir os pais de chegarem ao cemitério a tempo de salvar o filho. A maior parte da história tratava das tentativas da Morte de impossibilitar o salvamento do menino. O pai e a mãe foram atacados por toda forma de mortos-vivos, todo tipo de cadáveres ambulantes, vampiros, zumbis e fantasmas, mas triunfaram. Chegaram ao túmulo ao amanhecer, reabriram-no e encontraram o filho vivo, fora do coma. O último quadro da história ilustrada mostrava os pais e o menino saindo do cemitério, enquanto a Morte os observava. E a morte dizia: “Essa é só uma vitória temporária. Mais cedo ou mais tarde, todos vocês serão meus. Um dia vocês voltarão. E eu estarei esperando”.

Tina se sentia fraca, com a boca seca.

Não sabia o que pensar.

Era só uma revista em quadrinhos boba, uma história de terror absurda. Mas... existiam coincidências estranhas entre esse conto macabro e o momento atual de sua vida.

Ela deixou a revista de lado, com a capa voltada para baixo, para não ter que ver os olhos vermelhos e cheios de vermes da Morte.

O menino que não morreu.

Era estranho.

Ela sonhou que Danny era enterrado vivo. Nesse sonho, incorporava um personagem sinistro de uma edição antiga de uma *graphic novel* que fazia

parte da coleção de Danny. A história principal nessa edição era sobre um menino mais ou menos da idade de Danny erroneamente dado com morto, enterrado vivo e exumado.

Simples coincidência?

Sim, é claro, tanto quanto era coincidência o nascer do sol seguir o pôr do sol.

Era loucura, mas agora Tina sentia que o pesadelo não havia saído de dentro dela, mas de fora, como se alguém ou alguma força projetasse o sonho em sua mente em um esforço para...

Para o quê?

Para contar que Danny fora enterrado vivo?

Impossível. Ele não podia ter sido enterrado vivo. O menino foi queimado, congelado, horivelmente mutilado no acidente, estava morto, sem sombra de dúvida. Ao menos, foi o que as autoridades e o agente funerário disseram. E mais, agora viviam em outros tempos, não em meados do século XIX. No fim do século XX, os médicos detectavam até o mais sutil batimento cardíaco, a mais rasa respiração, os mais fracos sinais de atividade cerebral.

Danny certamente estava morto quando foi enterrado.

E se, por uma chance em um milhão, o menino estivesse vivo ao ser sepultado, por que ela demoraria um ano inteiro para ter uma visão ou receber um aviso do mundo dos mortos?

Esse último pensamento a chocou profundamente. Mundo dos mortos? Visão? Experiências de clarividência? Tina não acreditava em nenhuma dessas coisas sobrenaturais, mediúnicas. Bom, pelo menos, sempre achou que não acreditava. Mas agora considerava seriamente a possibilidade de seus sonhos terem algum significado transcendental. Mas isso parecia um completo absurdo. As raízes de todos os sonhos podiam ser encontradas no depósito de experiências da psique; sonhos não eram enviados como telegramas etéreos de espíritos, deuses ou demônios. Sua repentina

suscetibilidade a deixou desanimada e assustada, porque indicava que a decisão de exumar o corpo de Danny talvez não tivesse o efeito estabilizador que ela esperava sobre suas emoções.

Tina se levantou da cama, foi até a janela e olhou para a rua tranquila, para as oliveiras.

Precisava se ater aos fatos irrefutáveis. Tinha de eliminar toda essa bobagem sobre o sonho ter sido enviado por alguma força do além. Aquilo era um sonho dela, inteiramente criado por sua mente.

Mas e o personagem da morte tão idêntico ao desenho?

Só havia uma explicação racional, ela devia ter visto a figura grotesca da Morte, mesmo que de relance, na capa da revista quando Danny a trouxe para casa da banca de jornais.

Mas, no fundo, sabia que isso não era verdade.

E mesmo que tivesse visto a ilustração colorida antes, sabia muito bem que até pouco antes não conhecia a história *O menino que não morreu*. Só havia folheado duas das revistas que Danny havia trazido para casa, as primeiras duas, quando tentava decidir se o material de leitura incomum poderia ser prejudicial para ele. Pela data na capa da revista, sabia que aquela edição não podia ser uma das primeiras na coleção de Danny. Fora publicada havia dois anos, muito tempo depois de ela ter decidido que os quadrinhos de horror eram inofensivos.

E, com isso, voltava à estaca zero.

Seu sonho foi ilustrado pelo mesmo artista daquela revista de horror. Isso parecia indiscutível. Mas aquela foi a primeira vez em que leu essa história. E isso também era um fato.

Frustrada e furiosa com a própria incapacidade de resolver o enigma, ela se afastou da janela. Voltou à cama para dar mais uma olhada na revista, que tinha deixado ali.

Nesse instante, o homem da companhia de gás chamou da frente da casa, e ela se assustou.

Ele a esperava ao lado da porta da frente.

— Eu já terminei — disse. — Só queria avisar que estou indo embora, para poder trancar a porta quando eu sair.

— Está tudo certo?

— Sim, tudo aqui é muito bem-conservado. Se tem algum vazamento de gás na região, certamente não é na sua casa.

Ela agradeceu, e o rapaz respondeu que estava apenas fazendo seu trabalho. Os dois se despediram, e ela trancou a porta.

Depois voltou ao quarto de Danny e pegou de novo a revista macabra. A morte a encarava faminta na capa.

Sentada na beirada da cama, Tina leu a história mais uma vez, torcendo para encontrar algum detalhe importante que não tivesse notado na primeira leitura.

Três ou quatro minutos mais tarde, a campainha tocou novamente — uma, duas, três, quatro vezes, com insistência.

Ela foi atender e levou a revista. A campainha soou mais três vezes nos dez segundos que ela demorou para chegar à porta da frente.

— Caramba, que impaciência — ela resmungou.

Quando olhou pelo olho mágico, Tina se surpreendeu ao ver Elliot do outro lado.

Abriu a porta, e ele entrou apressado, quase correndo, e olhou além dela, à esquerda e à direita, para a sala de estar, depois para a de jantar, falando depressa e com tom urgente.

— Está tudo bem? Você está bem?

— Sim, estou. O que aconteceu?

— Está sozinha?

— Agora não mais. Você está aqui.

Ele fechou e trancou a porta.

— Tina, pegue algumas roupas e faça uma mala, rápido.

— O quê?

— Você não está segura aqui.

— Elliot, isso é uma arma?

— É. Eu fui...

— Uma arma de verdade?

— Sim. Eu a peguei do cara que tentou me matar.

Estava mais propensa a acreditar que tudo aquilo era uma grande brincadeira do que no fato de que estava correndo um perigo real.

— Que homem? Quando?

— Há alguns minutos. Na minha casa.

— Mas...

— Tina, tentaram me matar porque eu ia te ajudar com a exumação do corpo de Danny.

Agora estava chocada.

— Do que está falando?

— Assassinato. Conspiração. Alguma coisa muito estranha. Provavelmente, eles pretendem matar você também.

— Mas isso é...

— Loucura. Eu sei. Mas é verdade.

— Elliot...

— Dá para você arrumar uma mala? Rápido?

Num primeiro momento, ela realmente achou que Elliot estava bancando o engraçadinho, e estava pronta para dizer que não via graça nenhuma naquela brincadeira. Mas Tina olhou dentro daqueles olhos escuros, expressivos, e viu que ele estava falando sério.

— Meu Deus, Elliot, alguém tentou te matar, de verdade?

— Eu te explico no caminho.

— Está machucado?

— Não. Mas vamos ter que sumir até eu conseguir entender tudo o que está acontecendo.

— Você chamou a polícia?

— Não sei se é uma boa ideia.

— Por que não?

— Talvez eles estejam envolvidos nisso, de algum jeito.

— Envolvidos? A polícia?

— Onde você guarda suas malas?

Estava meio tonta.

— Para onde vamos?

— Ainda não sei.

— Mas...

— Vamos logo. Depressa. Vamos pegar suas coisas e sair daqui antes que alguém apareça.

— As malas estão no *closet* do meu quarto.

Ele enganchou a arma no cós da calça, nas costas, e a conduziu com uma delicadeza firme.

Tina seguiu para o quarto principal, confusa e começando a ser tomada pelo medo.

Ele a seguia de perto.

— Alguém mais esteve aqui hoje à tarde?

— Só eu.

— Ninguém em volta da casa? Ninguém na porta?

— Não.

— Não consigo entender por que foram primeiro atrás de mim.

— Ah, teve um cara da companhia de gás — Tina contou enquanto corria para o quarto.

— Um o quê?

— O técnico da companhia de gás.

Elliot tocou seu ombro e a fez parar, depois virou-a quando estavam na porta do quarto.

— Um funcionário da companhia de gás?

— Sim. Mas não se preocupe, eu pedi para ver as credenciais dele.

Elliot franziu a testa.

— Mas é feriado.

— Ele era da equipe de emergência.

— Que emergência?

— Houve uma perda de pressão nos canos de gás da região e eles acham que pode haver algum vazamento na vizinhança.

A ruga na testa de Elliot ficou mais profunda.

— E por que esse técnico esteve aqui?

— Ele queria checar o sistema de aquecimento, ver se não havia nenhum vazamento.

— Você não deixou ele entrar, né?

— Deixei. O homem tinha um crachá da companhia com uma foto. Ele examinou a caldeira e disse que estava tudo certo.

— Quando foi isso?

— Ele foi embora uns dois minutos antes de você chegar.

— Quanto tempo passou aqui?

— Quinze, vinte minutos.

— Todo esse tempo para descobrir um vazamento em uma caldeira?

— Ele quis ser cauteloso. E disse...

— Ficou com ele o tempo todo?

— Não. Estava tirando as coisas do quarto do Danny.

— Onde fica a caldeira?

— Na garagem.

— Quero ver.

— E a mala?

— Talvez não tenhamos tempo para isso.

Elliot estava pálido. Gotas de suor brotavam em sua testa.

Tina sentiu que também empalidecia.

— Meu Deus — disse. — Você acha...

— A caldeira!

— Venha, por aqui.

Ainda com a revista nas mãos, ela correu pela casa, passou pela cozinha e entrou na lavanderia. Havia uma porta estreita mais à frente. Quando tocou a maçaneta, Tina sentiu o cheiro forte de gás.

— Não abra a porta! — Elliot avisou.

Ela afastou a mão da porta como se quase tivesse tocado uma tarântula.

— A lingueta da fechadura pode provocar uma faísca — ele explicou.

— Vamos sair daqui. Pela porta da frente. Vem, depressa!

Eles voltaram correndo pelo caminho que tinham acabado de percorrer.

Tina passou por uma planta de folhas abundantes, uma cheflera de um metro e meio de altura que tinha desde que era só um arbusto com um quarto do tamanho atual, e teve o impulso insano de correr o risco de ser destroçada pela explosão iminente somente para pegar o vaso e levá-lo dali com ela. Mas uma imagem de olhos vermelhos e pele amarela – o rosto sorridente da Morte – passou por sua cabeça, e então ela seguiu em frente.

Apertou com mais força a revista em quadrinhos que segurava com a mão esquerda. Ela não podia perdê-la.

No *hall*, Elliot abriu a porta da frente, empurrando Tina para fora na frente dele, e os dois correram para longe da casa.

— Para a rua! — Elliot gritou.

Uma imagem de gelar o sangue se desenhou no fundo de seus pensamentos: a casa destruída por uma explosão colossal, estilhaços de madeira, vidro e metal projetados em sua direção, centenas de fragmentos pontiagudos a perfurando da cabeça aos pés.

O caminho de concreto que atravessava o gramado na frente da casa parecia uma dessas estradas que se movem como esteiras em um sonho, se estendendo mais e mais à medida que corria. Estavam quase alcançando o carro de Elliot, que estava estacionado do outro lado da rua, quando a onda

repentina da explosão a jogou para frente. Tina caiu contra a lateral do automóvel e bateu o joelho.

Olhando em volta, gritou aterrorizada o nome de Elliot. Ele estava seguro, bem atrás dela, desequilibrado pela força da onda de choque e cambaleando para frente, mas inteiro.

A garagem explodiu primeiro; a porta foi arrancada das dobradiças e jogada para fora, o teto se dissolveu em confetes de vigas e destroços em chamas. E enquanto Tina ainda desviava os olhos de Elliot para o fogo, antes de todos os escombros caírem no chão, uma segunda explosão sacudiu a casa, e uma nuvem de fogo se expandiu de um extremo ao outro da estrutura, estilhaçando as poucas janelas que tinham milagrosamente sobrevivido ao primeiro estrondo.

Tina viu aturdida as chamas saltarem de uma janela da casa e incendiarem os galhos secos de uma árvore próxima.

Elliot tirou-a da frente da porta do carro, para conseguir abri-lo.

— Entre! Depressa!

— Mas minha casa está queimando!

— Não há nada que você possa fazer por sua casa agora.

— Temos que esperar os bombeiros.

— Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais nos tornamos alvos fáceis.

Ele a segurou pelo braço e a virou de costas para a casa em chamas, cuja imagem a afetava como se fosse um relógio de hipnotista pendulando diante de seu rosto.

— Pelo amor de Deus, Tina, entre no carro e vamos sair daqui antes que o fogo comece a se alastrar.

Assustada, aturdida com a incrível rapidez com que seu mundo começara a desintegrar, ela atendeu ao chamado de Elliot.

Assim que ela entrou no carro, ele fechou a porta, correu para o outro lado e entrou.

— Você está bem? — perguntou sentado diante do volante.

Ela assentiu atordoadada.

— Pelo menos estamos vivos.

Ele deixou a pistola no colo com o cano apontado para a porta, para o lado oposto de Tina. A chave estava na ignição. Ele ligou o carro e notou que suas mãos tremiam.

Tina olhou pela janela e viu, incrédula, as chamas se espalharem, pelo telhado destruído da garagem, para o telhado da casa, longas línguas de fogo lambendo, famintas, como se fossem sangue vermelho na luz alaranjada da tarde.

ELLIOT DIRIGIA para longe da casa em chamas e sentia o instinto em reação a uma situação de perigo tão aguçado quanto nos tempos de Exército. Estava no limite entre o alerta animal e o nervosismo.

Olhou pelo retrovisor e viu uma van preta saindo de uma vaga alguns metros atrás deles.

— Estamos sendo seguidos — disse.

Tina tentava olhar pela janela para a casa, mas virou-se imediatamente para olhar para trás, pelo vidro traseiro do carro.

— Aposto que o filho da mãe que sabotou minha caldeira está naquela van.

— Provavelmente.

— Se eu colocasse as mãos nesse filho da puta, arrancaria os olhos dele.

A fúria nas palavras de Tina surpreendeu e agradou Elliot. Estupefata com a violência inesperada, com a perda da casa e a experiência de ter escapado da morte por pouco, ela parecia estar se recuperando de um transe. E ele se sentia incentivado por sua resiliência.

— Coloca o cinto de segurança — disse. — Vamos acelerar e despistar os caras.

Ela virou pra frente e prendeu o cinto.

— Vai tentar despistá-los?

— Não vou tentar, vou conseguir.

Como aquele era um bairro residencial, o limite de velocidade era de quarenta quilômetros por hora. Elliot pisou no acelerador, e a Mercedes ágil, rebaixada, disparou.

A van foi rapidamente ficando para trás, e em pouco tempo já estavam com uma quadra e meia de vantagem. O motorista da van também acelerou.

— Não vai conseguir alcançar a gente — disse Elliot. — O melhor que ele pode tentar é não se afastar mais do que isso.

Na rua, pessoas saíam de suas casas procurando a origem da explosão, e logo se viravam para olhar a Mercedes que passava como um foguete.

Quando Elliot virou em uma esquina duas quadras mais à frente, freou e reduziu para mais ou menos noventa quilômetros por hora para fazer a curva. Os pneus cantaram e o carro deu uma derrapada, mas a suspensão extraordinária manteve o carro sobre as quatro rodas até o fim do arco.

— Será que eles podem começar a atirar contra nós? — Tina perguntou.

— Não sei. Eles queriam dar a impressão de que você morreu em uma explosão acidental causada por um vazamento de gás. E acho que estavam planejando um falso suicídio para mim. Mas agora que nos livramos dos planos iniciais, talvez entrem em pânico e façam alguma coisa. Não sei. A única coisa de que eu tenho certeza é que não vão sair da nossa cola assim tão fácil.

— Mas quem são eles?

— Vou contar a você tudo o que sei, mas depois.

— O que eles têm a ver com Danny?

— Depois, Tina — ele respondeu impaciente.

— Mas isso tudo é muito louco.

— Você acha que eu não sei disso?

Elliot virou em outra esquina, depois em outra, tentando desaparecer da linha de visão dos homens da van por tempo suficiente para deixá-los com várias escolhas às cegas a fazer, tantas que, de tão confusos, eles teriam que desistir da perseguição. Quando já era tarde demais, ele viu a placa no quarto cruzamento – RUA SEM SAÍDA. Mas já tinha virado e seguia em

alta velocidade para o fim da passagem estreita, onde só havia uma fileira de dez casas modestas de cada lado.

— Droga!

— Melhor voltar de ré — ela sugeriu.

— E dar de cara com eles?

— Você está armado.

— Eles também. E são vários, provavelmente.

Na quinta casa à esquerda, a porta da garagem estava aberta, e não havia nenhum carro lá dentro.

— Vamos sair da rua e sumir — disse Elliot.

Ele entrou na garagem como se aquela fosse sua casa. Desligou o motor, saiu do carro e correu para o portão. Ele não descia. Elliot ainda tentou mais um pouco, mas percebeu que era automático.

Atrás dele, Tina falou.

— Sai daí.

Ela tinha descido do carro e encontrado o botão na parede da garagem.

Ele olhou para fora, para a rua, e não viu a van.

Logo depois, a porta desceu e os protegeu de qualquer pessoa que pudesse passar de carro por ali.

Elliot se aproximou dela.

— Essa foi por pouco.

Ela segurou as mãos dele e as afagou. Suas mãos estavam frias, mas o contato era firme.

— E então, quem são *eles*? — Tina perguntou.

— Estive com Harold Kennebeck mais cedo, o juiz de quem falei. Ele...

Nesse momento, a porta que saía da casa para a garagem se abriu de repente, com um guincho agudo de dobradiças enferrujadas.

Um homem imponente, de peito muito largo, vestido com calça de algodão e camiseta branca, acendeu a luz da garagem e olhou curioso para

eles. Os braços dele eram enormes; e a circunferência de um deles era quase a mesma de uma coxa de Elliot. Provavelmente, não existia no mundo uma camisa que pudesse abotoar com facilidade em torno daquele pescoço enorme e musculoso. Era um homem espantoso, mesmo com a barriga de cerveja, que se projetava para fora do cóis da calça.

Primeiro, Vince, agora esse novo brutamontes. Aquele era o Dia do Gigante, não era possível.

— Quem são vocês? — perguntou o grandalhão com uma voz doce e suave que não combinava com sua aparência.

Elliot teve a horrível sensação de que ele apertaria o botão que Tina pressionara menos de um minuto antes, e que a porta da garagem se ergueria exatamente quando a van estivesse passando lentamente pela rua.

Tentando ganhar tempo, disse:

— Olá, bem... meu nome é Elliot, e essa é Tina.

— Tom — o homem se apresentou. — Tom Polumby.

Tom Polumby não parecia preocupado com a presença de estranhos em sua garagem; estava somente surpreso. Um homem desse tamanho não devia se amedrontar com facilidade.

— Belo carro — Tom falou com tom reverente, olhando com inveja para a Mercedes S600.

Elliot segurou o riso. *Belo carro*. Eles invadiam a garagem do cara, estacionavam, fechavam o portão com o maior atrevimento e ele só dizia *belo carro*?

— Nossa, é lindo mesmo — Tom continuou, passando a língua nos lábios enquanto estudava a Mercedes.

Aparentemente, Tom não acreditava na possibilidade de assaltantes, assassinos psicopatas e outras pessoas de caráter duvidoso comprarem uma Mercedes-Benz, se tivessem dinheiro para isso. Para ele, era óbvio que qualquer um que dirigisse uma Mercedes tinha que ser um cidadão boa gente.

Elliot tentou imaginar como Tom reagiria se tivessem entrado na garagem da casa dele com um Chevy velho e caindo aos pedaços.

Desviando os olhos do carro, Tom perguntou:

— O que estão fazendo aqui? — ainda não havia suspeita ou hostilidade em sua voz.

— Vocês estão esperando por nós, certo? — Elliot respondeu com uma nova pergunta.

— Hã? Não estou esperando ninguém.

— Viemos para... por causa do barco — Elliot não tinha a menor ideia de aonde queria chegar com essa conversa, só falava para impedir Tom de abrir a porta da garagem e expulsá-los da casa.

Tom estranhou.

— Que barco?

— A lancha.

— Lancha? Não tem nenhuma lancha aqui.

— A lancha de motor Evinrude.

— Quê? Não tem nada disso aqui.

— Deve estar enganado.

— Vocês é que devem ter vindo ao lugar errado — Tom desceu os degraus da porta para a garagem, estendendo a mão para o botão que abriria a porta.

Tina agiu depressa.

— Sr. Polumby, espere. Deve haver algum engano, de verdade. Este é o lugar certo, definitivamente.

Tom parou com a mão próxima do botão.

Tina continuou:

— Você só não é o homem que viemos encontrar. Ele deve ter esquecido de avisar que viríamos buscar a lancha.

Elliot encarou Tina surpreso, impressionado com a facilidade com que tomava controle da situação.

— Quem é esse homem de que vocês estão falando? — Tom perguntou com ar desconfiado.

Tina também parecia um pouco espantada com o que fazia, mas não hesitou:

— Sr. Sol Fitzpatrick.

— Bom, definitivamente, não tem ninguém aqui com esse nome.

— Mas ele deu esse endereço. Disse que a porta da garagem estaria aberta e que era só a gente entrar.

Elliot queria abraçá-la.

— Exatamente. Sol disse para entrarmos na garagem, assim haveria espaço lá fora para ele parar o reboque com o barco quando chegasse.

Tom coçou a cabeça, depois puxou uma orelha.

— Fitzpatrick?

— Sim.

— Nunca ouvi falar esse nome antes. E por que ele vai trazer um barco para cá?

— Ué, porque vamos comprar a lancha — Tina explicou.

Tom balançou a cabeça.

— Não pode ser possível. Por que aqui?

— Bom — Elliot respondeu —, pelo que entendi, ele mora aqui.

— Mas não mora mesmo. Eu moro aqui. Eu, minha esposa e minha filha. Não tem ninguém aqui chamado Fitzpatrick.

— E por que ele nos deu esse endereço? — Tina perguntou franzindo a testa.

— Senhora, não faço a menor ideia. A menos que... Vocês já pagaram pelo barco?

— Bem...

— Deram alguma entrada?

— Fizemos um depósito de dois mil dólares — Elliot improvisou.

— Reembolsáveis — Tina acrescentou.

— Sim, só para efetivarmos a reserva até podermos vê-lo e decidir se vamos ou não ficar com ele.

Tom sorriu.

— Talvez o depósito não seja tão reembolsável quanto imaginam.

Tina fingiu surpresa.

— Está sugerindo que o Sr. Fitzpatrick nos enganou?

Dava para notar como Tom sentia prazer em notar que as pessoas que podiam ter uma Mercedes, no fim das contas, não tinham nenhuma inteligência.

— Se fizeram um depósito na conta dele, ele deu este endereço e disse que mora aqui, é bem provável que esse Sr. Fitzpatrick nem tenha um barco para vender.

— Droga! — Elliot reagiu.

— Então isso é um golpe? — Tina perguntou chocada, tentando ganhar mais tempo.

Com um sorriso largo, Tom respondeu:

— Bem, podem chamar pelo nome que quiserem. Ou podem aproveitar essa lição importante que o tal Fitzpatrick ensinou a vocês.

— Um golpe — Tina concluiu balançando a cabeça.

— Sem sombra de dúvida — confirmou Tom.

Tina olhou para Elliot.

— O que você acha?

Elliot olhou para a porta da garagem, depois para o relógio de pulso, e disse:

— Acho que podemos ir embora em segurança.

— Como assim, em segurança? — Tom estranhou.

Tina passou por Tom Polumby e apertou ela mesma o botão para abrir a porta da garagem. Sorrindo para o anfitrião aturdido, ela abriu a porta do passageiro, enquanto Elliot se acomodava ao volante.

Polumby olhava de Elliot para Tina, depois para Elliot de novo.

— Em segurança?

Elliot respondeu.

— Espero sinceramente que sim, Tom. Obrigado pela ajuda — e saiu da garagem de ré.

Se tinha se divertido um pouco com a maneira como lidaram com Polumby, todo o humor de Elliot evaporou instantaneamente quando voltaram para a rua. Estava tenso, com a mandíbula contraída, imaginando uma bala entrando pelo para-brisa a qualquer momento e destruindo seu rosto.

Não estava acostumado com essa tensão. Fisicamente, ainda tinha aspecto de durão; mas tinha perdido a resistência mental e emocional desenvolvida em sua época no Exército. Muito tempo passara desde os anos na inteligência militar, desde as noites de medo no Golfo Pérsico e em inúmeras cidades espalhadas pelo Oriente Médio e pela Ásia. Naquele tempo, tinha a resiliência da juventude e menos respeito pela morte do que sentia agora. Naquela época, era fácil assumir o papel de caçador. Sentia prazer em perseguir uma presa humana; sentia até alguma alegria em ser perseguido, porque isso dava a ele a oportunidade de se pôr à prova, superando o caçador. Mas muita coisa mudara desde então. Agora vivia de forma mais pacata. Era um advogado bem-sucedido, civilizado. Tinha uma vida boa. Não esperava ter que fazer esse jogo de novo, nunca mais. Mas, mesmo que fosse difícil acreditar, estava sendo caçado outra vez, e se perguntava quanto tempo ainda conseguiria sobreviver.

Tina olhou para os dois lados da rua quando Elliot saiu da garagem.

— Nenhuma van preta — ela disse.

— Por enquanto.

Vários quarteirões ao norte, uma feia coluna de fumaça negra subia para o céu do fim de tarde, brotando do que restava da casa de Tina, em espirais escuras tingidas nas extremidades pelos últimos raios rosados do sol poente.

Dirigindo de uma rua residencial a outra, se afastando da fumaça e seguindo rumo a vias mais movimentadas, Elliot esperava encontrar a van preta em cada cruzamento.

Tina não parecia menos pessimista que ele em relação às chances que tinham de escapar. Cada vez que olhava para ela, encontrava-a inclinada para a frente, olhando para a rua em que estavam prestes a entrar, ou meio torcida no assento, olhando pelo vidro de trás. Seu rosto estava tenso, e ela mordida a boca.

Foi só quando chegaram a Charleston Boulevard – passando por Maryland Parkway, Sahara Avenue e Las Vegas Boulevard – que começaram a relaxar. Agora já estavam longe do bairro onde Tina morava. Por mais que os procurassem, por mais que a organização se esforçasse, essa cidade era grande demais para oferecer perigo em cada esquina. Com mais de um milhão de habitantes e mais de vinte milhões de turistas por ano, e com um vasto deserto por onde se espalhar, Vegas oferecia milhares de cruzamentos escuros e tranquilos onde duas pessoas em fuga podiam parar para recuperar o fôlego com segurança e decidir o que fazer dali em diante.

Pelo menos, Elliot queria acreditar nisso.

— Para onde vamos? — perguntou Tina quando Elliot virou à esquerda na Charleston Boulevard.

— Vamos seguir em frente por alguns quilômetros e conversar. Temos muitas coisas para decidir, muitos planos para fazer.

— Que planos?

— Para continuarmos vivos.

ENQUANTO DIRIGIA, Elliot contou a Tina tudo o que havia acontecido na casa dele: os dois invasores, o interesse da dupla na possibilidade de o túmulo de Danny ser reaberto, a confissão de que trabalhavam para alguma agência governamental secreta, as seringas...

Depois de ouvir incrédula a cada palavra, Tina disse:

— Talvez a gente deva voltar a sua casa. Se esse tal de Vince ainda estiver lá, podemos usar a droga nele. Mesmo que ele realmente não saiba o motivo de a organização estar tão interessada na exumação, pelo menos sabe quem são seus chefes. E assim, ao menos, teremos nomes. Vamos tentar arrancar alguma informação dele.

Eles pararam em um farol fechado, e Elliot segurou a mão dela. O contato deu mais força a ele.

— Eu gostaria muito de interrogar Vince, Tina, mas não podemos nos arriscar dessa forma. Ele nem deve estar mais na minha casa. Já deve ter recuperado a consciência e fugido. E mesmo que ainda não tenha se recuperado, alguém já deve ter ido lá resgatá-lo enquanto eu corria até sua casa. Além disso, voltar para minha casa seria como entrar na boca do dragão. Eles certamente estão vigiando minha casa.

O farol abriu, e Elliot soltou a mão dela com relutância.

— A única maneira de eles nos pegarem é se nos entregarmos — disse.
— Independentemente de quem são, não podem ser oniscientes. Nós podemos ficar escondidos por muito tempo, se for preciso. Se não conseguirem nos achar, não vão poder nos matar.

Eles seguiam na direção oeste pela Charleston Boulevard, quando Tina disse:

— Mais cedo você disse que a polícia não é uma opção...

— Sim.

— E por que não?

— A polícia pode ser parte disso, os chefes de Vince podem exercer pressão sobre ela. Estamos lidando com uma agência do governo, essas instituições tendem a cooperar entre elas.

— É tudo muito maluco.

— Precisamos estar muito atentos. Se eles têm um juiz como cúmplice, por que não teriam a polícia?

— Mas você disse que respeitava Kennebeck, que ele era um bom juiz.

— E realmente é. Ele tem total domínio das leis e é um homem justo.

— Então por que colaboraria com esses assassinos? Por que violaria o juramento de ofício?

— Uma vez agente, sempre agente. Esse é o entendimento do serviço, não meu, que fique claro. Mas em muitos casos, essa é a verdade. Muitos deles são leais ao Exército, e somente ao Exército, por toda a vida. Kennebeck trabalhou em várias funções para diversas organizações de inteligência. Esteve muito envolvido nesse mundo por trinta anos. Quando se aposentou, há dez anos, ele ainda era jovem, tinha só cinquenta e três anos e precisava ocupar o tempo com alguma coisa. Tinha o diploma de advogado, mas não queria o dia a dia corrido de um escritório de advocacia. Então, ele se candidatou a um cargo eletivo na corte, e ganhou. Acho que ele leva o trabalho muito a sério, mas ainda assim foi agente da inteligência por muito tempo, muito mais do que é juiz, e acho que isso pesa. Ou, vai ver, ele nunca se aposentou. Talvez ainda esteja na folha de pagamento de algum gabinete secreto, e o plano era fingir ter se aposentado e ser eleito juiz aqui em Vegas, para os chefes terem um tribunal aliado na cidade.

— Acha que isso é provável? Como eles podiam ter certeza do resultado da eleição?

— Talvez tenham manipulado.

— Está falando sério?

— Lembra que há dez anos o tribunal eleitoral do Texas revelou que a primeira eleição local de Lyndon Johnson tinha sido fraudada? O delator disse que estava tentando limpar a consciência, depois de carregar a mentira por uma década. Bem, ele podia ter poupado saliva, porque quase ninguém se abalou com a revelação. Essas coisas acontecem de vez em quando. E em uma eleição local e pequena como essa que Kennebeck ganhou, basta ter o dinheiro suficiente e a força do governo ao seu lado para garantir o resultado desejado.

— Mas por que iam querer Kennebeck em um tribunal de Vegas, não em Washington, Nova York ou algum lugar mais importante?

— Vegas é uma cidade muito importante. Aliás, para quem quer lavar dinheiro, não tem lugar melhor. Se o objetivo é comprar um passaporte ou carteira de motorista falsos, por exemplo, em Vegas existe um leque de opções dos melhores falsificadores do mundo, porque é aqui que muitos deles moram. Se o que você quer é um pistoleiro, alguém que vende arma ilegal ou ainda um mercenário capaz de criar uma pequena força expedicionária para uma operação fora do país, pode encontrar todos eles aqui. Nevada tem menos leis estaduais que qualquer estado do país. Os impostos são baixos, e não temos imposto de renda estadual. As regras para os bancos, agentes imobiliários e todo mundo, exceto os donos de cassinos, são menos burocráticas aqui do que em qualquer outro estado, o que diminui o peso para todo mundo, é claro, mas é especialmente atraente para quem está tentando gastar e investir dinheiro sujo. Na minha opinião, Nevada oferece uma liberdade pessoal que não pode ser encontrada em nenhum outro lugar do país. Mas onde tem muita liberdade, consequentemente também tem quem tire mais proveito do que deveria dessa estrutura legal mais liberal. Vegas é um território importante para qualquer agência secreta americana.

— Então, é verdade que existem olhos em todos os lugares?

— De certa forma, sim.

— Mas mesmo que o chefe de Kennebeck tenha poder sobre a polícia de Vegas, será que permitiriam que essa gente nos matasse? Deixariam essa coisa toda ir tão longe assim?

— Provavelmente, não teriam como garantir a proteção suficiente para impedi-los.

— Que tipo de agência governamental teria autoridade para atropelar a lei dessa maneira? Que tipo de agência seria poderosa o bastante para matar civis inocentes sem sofrer qualquer consequência?

— Ainda estou tentando descobrir. E estou com medo.

Eles pararam em outro farol fechado.

— Então, em resumo... — Tina continuou — está dizendo que vamos ter que enfrentar isso sozinhos?

— Por enquanto, pelo menos.

— Mas isso é impossível! Como?

— Não é impossível.

— Somos duas pessoas comuns contra uma organização poderosíssima?

Elliot olhou pelo retrovisor, como fazia a cada um ou dois minutos desde que pegaram o Charleston Boulevard. Ninguém os seguia, mas ele continuava atento.

— Não é impossível — repetiu. — Só precisamos de tempo para pensar e criar um plano. Talvez a gente consiga pensar em alguém que possa nos ajudar.

— Quem, por exemplo?

O farol abriu.

— A imprensa, talvez — Elliot acelerou e atravessou o cruzamento, depois olhou pelo retrovisor. — Temos provas de que alguma coisa incomum está acontecendo: a pistola com silenciador que tirei do Vince, a

explosão na sua casa... Tenho certeza de que é possível encontrar um repórter que use essas informações para escrever uma matéria sobre um bando de pessoas sem nome e sem rosto que querem nos impedir de reabrir o túmulo de Danny e sobre como há algo muito estranho por trás da tragédia de Sierra. Com isso, muitas outras pessoas vão exigir a exumação de todos os meninos que sofreram o acidente. Vão chover pedidos de novas autópsias e investigações. Os chefes de Kennebeck querem nos fazer parar antes de plantarmos as sementes da dúvida na população sobre a verdade desse acidente. Mas assim que plantarmos a dúvida, assim que os pais dos outros escoteiros e a cidade inteira começarem a exigir uma investigação, o pessoal de Kennebeck não vai mais poder simplesmente nos eliminar. Não é impossível, Tina, e você não é do tipo que desiste fácil.

Ela suspirou.

— Não vou desistir.

— Que bom.

— Não vou parar enquanto não souber o que realmente aconteceu com Danny.

— Assim é melhor. Essa é a Christina Evans que eu conheci.

O entardecer virava noite. Elliot acendeu os faróis.

Pouco depois, Tina disse:

— É que... no último ano, eu me esforcei muito para tentar superar a morte de Danny naquele acidente estúpido e sem sentido. E agora, quando começava a pensar que era capaz de vencer essa fase e encarar a vida novamente, descubro que a morte dele pode não ter sido acidental. De repente, tudo volta a pairar no ar como antes.

— Essa poeira vai baixar.

— Vai?

— Vai. Nós vamos até o fim com isso.

Ele olhou pelo retrovisor. Nada suspeito.

Sabia que ela o observava, e depois de um tempo ela disse:

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Acho... de certa forma... que você está se divertindo com isso.

— Com o quê?

— Com essa caçada.

— De jeito nenhum. Você acha que eu gosto de desarmar homens que têm o dobro do meu tamanho?

— Não foi isso que eu disse.

— E certamente não faria a opção de entrar numa história que virasse minha vida, tão tranquila e boa, de cabeça para baixo. Prefiro ser um cidadão acomodado, correto e chato a um fugitivo.

— Eu não falei que você escolheria viver isso, se tivesse a opção. Mas agora que aconteceu, agora que a situação foi jogada em cima de você, acho que não está totalmente infeliz. Tem uma parte de você, bem lá no fundo, que reage ao desafio com certo grau de prazer.

— Bobagem.

— Um instinto animal... um novo tipo de energia que você não tinha hoje de manhã.

— A única coisa nova em mim é que hoje de manhã não estava com medo, e agora estou.

— Sentir medo é parte disso. O perigo despertou alguma coisa em você.

Ele sorriu.

— Os bons e velhos dias de espionagem? Desculpe, mas isso não me interessa mais. Minha natureza não é essa, não sou um homem de ação. Sou só eu, a mesma pessoa que sempre fui.

— Bom, de qualquer maneira, é bom ter você do meu lado.

— Prefiro quando você está em cima — ele brincou, e piscou para ela.

— Você sempre teve essa mente poluída?

— Não. Tive que treinar muito.

— Você consegue fazer gracinhas no meio desse caos.

— Rir é um bálsamo para a aflição, a melhor defesa contra o desespero, o único remédio para a melancolia.

— Quem disse isso? — ela perguntou. — Shakespeare?

— Acho que foi Groucho Marx.

Ela se inclinou e pegou alguma coisa do assoalho do carro, perto dos pés.

— Ah, e ainda tem isto aqui.

— O que você achou aí?

— Não achei, trouxe da minha casa.

Na correria para sair da casa antes da explosão, ele nem notara que Tina carregava alguma coisa. Arriscou uma olhada rápida, desviando a atenção da rua, mas não havia luz suficiente dentro do carro para enxergar o que ela segurava.

— Não dá para ver.

— É uma revista em quadrinhos de terror, que encontrei quando estava limpando o quarto do Danny. Estava em uma caixa com várias outras revistas.

— E?

— Lembra dos pesadelos que eu contei?

— Sim, claro.

— O monstro com quem eu sonho está na capa desta revista. É ele, em todos os mínimos detalhes.

— Ah, você deve ter visto a revista antes e ficou...

— Não. Eu também tentei me convencer disso. Mas nunca vi essa revista antes. Tenho certeza absoluta que não. No início eu olhei algumas para decidir se permitia ou não esse tipo de conteúdo, mas depois que dei minha autorização, não fiquei monitorando cada compra que ele fazia na banca de jornal. E eu nunca espionei o quarto dele.

— Talvez você...

— Espere — ela disse. — Ainda não contei a pior parte.

O tráfego diminuía à medida que se afastavam do centro da cidade, seguindo na direção das montanhas escuras que se projetavam para o que restava de luz arroxeadada no céu ocidental.

Tina contou a Elliot sobre o conto *O menino que não morreu*.

As semelhanças entre a história de terror e a tentativa deles para exumar o corpo de Danny impressionaram Elliot.

— Da mesma forma que a Morte tentou impedir os pais na história, alguém está tentando me impedir de abrir o túmulo do meu filho.

Estavam se afastando muito da cidade. Uma escuridão faminta ia dominando os dois lados da pista. O terreno começava a se inclinar em direção ao Monte Charleston, onde, a menos de uma hora dali, florestas de pinheiros estavam cobertas de neve. Elliot deu meia-volta com o carro e começou a voltar em direção às luzes da cidade, que se espalhavam cintilantes sobre a paisagem escura do deserto.

— A história tem pontos em comum — ele reconheceu.

— Sim. E são muitos.

— Mas também tem uma grande diferença. Na história, o menino foi sepultado vivo. Mas Danny está morto. A nossa dúvida é como ele morreu.

— Essa é a única diferença entre a base dessa trama e o que estamos enfrentando. E as palavras “não morreu” no título? E o fato de o menino da história ter a mesma idade de Danny? É coincidência demais... — ela decidiu.

Os dois ficaram em silêncio por algum tempo.

Finalmente, Elliot disse:

— Tem razão. Não pode ser só coincidência.

— Então, como explica tudo isso?

— Não faço a mínima ideia.

— Bem-vindo ao clube.

Havia uma lanchonete de beira de estrada à direita, e Elliot entrou no estacionamento. Um poste com uma lâmpada opaca na entrada espalhava uma luz lilás e difusa em apenas uma parte do estacionamento. Elliot parou a Mercedes atrás da lanchonete, em uma vaga escura entre um Toyota Celica e um pequeno *motor home*, garantindo que seu carro não pudesse ser visto da estrada.

— Está com fome? — perguntou.

— Morrendo de fome. Mas antes de sairmos deste carro, quero dar uma olhada naquela lista de perguntas que os homens queriam que você respondesse.

— Vamos olhar a lista lá dentro — Elliot sugeriu. — Aqui está muito escuro. Não parece ter muito movimento na lanchonete, acho que vamos conseguir conversar sem ninguém nos ouvir. Traz a revista também. Quero ver a história.

Quando saiu do carro, ele olhou para uma janela lateral do *motor home* na vaga ao lado. Olhou através do vidro para o interior completamente escuro, e teve a sensação desconcertante de que havia alguém escondido lá dentro, olhando de volta para ele.

Não entre nessa paranoia, pensou consigo mesmo.

Quando desviou o olhar do *motor home*, ele viu uma densa área de sombras em torno da lata de lixo no fundo do restaurante, e teve novamente a mesma sensação de que alguém o observava do esconderijo.

Precisava lembrar o que dissera a Tina, os chefes de Kennebeck não eram oniscientes. Aparentemente, estavam diante de organização poderosa, que não respeitava leis, e perigosa, determinada a manter em segredo a tragédia de Sierra. Mas toda organização era composta de homens e mulheres comuns, nenhum deles dotados da visão de Deus, que tudo vê.

Mesmo assim...

Quando ele e Tina atravessavam o estacionamento em direção à lanchonete, Elliot continuou sentindo que alguma coisa ou alguém os vigiava. Não necessariamente uma pessoa. Só... alguma coisa... sinistra, estranha. Alguma coisa que era e não era humana ao mesmo tempo. Era uma ideia bizarra demais, muito diferente do tipo de pensamento que ele normalmente teria, e não gostava nada disso.

Tina parou quando eles chegaram bem embaixo da iluminação do estacionamento. Olhou para trás, para o carro, com uma expressão curiosa.

— Que foi? — Elliot perguntou.

— Não sei...

— Está vendo alguma coisa?

— Não.

Eles olharam para as sombras.

Finalmente, ela perguntou:

— Está sentindo?

— Sentindo o quê?

— Tenho uma... sensação de arrepio.

Ele não falou nada.

— Você também sente, não é? — ela insistiu.

— Sim — confessou.

— É como se não estivéssemos sozinhos.

— Sim, é insano, mas sinto que tem olhos cravados em mim.

Ela estremeceu.

— Mas não tem ninguém aqui.

— Não. Acho que não tem.

Eles continuaram olhando para a escuridão, procurando algum movimento.

Tina sugeriu:

— Será que estamos enlouquecendo com toda essa pressão?

— Estamos assustados, é natural — ele a corrigiu, mas não estava convencido de que tudo era só imaginação.

Um vento frio soprou, trazendo o odor de sementes secas e areia alcalina do deserto, e assobiou entre os galhos de uma tamareira próxima.

— Mas é uma sensação muito forte — ela comentou. — E sabe o que acabei de me dar conta? É a mesma sensação que tive na sala de Ângela quando o computador começou a funcionar sozinho. Sinto... não só que estou sendo observada, mas... algo mais... como uma presença... como se alguma coisa que não consigo ver estivesse atrás de mim. Sinto o peso disso, uma pressão no ar... meio que a iminência de algo...

Elliot entendia exatamente o que ela dizia, mas não queria pensar muito no assunto, porque não havia a menor possibilidade de encontrar qualquer sentido naquilo. Preferia lidar com fatos, por isso era um advogado tão bom. Sua especialidade era puxar fios de evidências e tecer um bom caso com eles.

— Nós estamos muito nervosos — ele insistiu.

— Isso não muda o que eu sinto.

— Vamos comer alguma coisa.

Ela ficou parada por mais um momento, olhando para as sombras que não eram tocadas pela luz lilás da fraca iluminação do local.

— Tina...?

Um sopro de vento empurrou um emaranhado de folhas pelo asfalto.

Uma ave passou voando lá em cima. Elliot não conseguia vê-la, mas ouviu o bater das asas.

Tina tossiu para limpar a garganta.

— É como se... a própria noite estivesse nos observando... a noite, as sombras, os olhos da escuridão.

O vento bagunçou o cabelo de Elliot, sacudiu um pedaço solto da estrutura de metal da lata de lixo, e a grande placa do restaurante rangeu entre os dois postes de sustentação.

Rapidamente, ele e Tina entraram na lanchonete, tentando não olhar para trás.

O RESTAURANTE em formato de L era cheio de superfícies brilhantes: cromo, vidro, plástico, fórmica amarela e vinil vermelho. A *jukebox* tocava uma música *country* de Garth Brooks, e a música dividia a atmosfera com cheiros deliciosos, como de ovos fritos, bacon e linguiça. Fiel ao ritmo de vida em Vegas, alguém fazia uma pausa em seu dia para um lanche reforçado. Tina começou a salivar assim que passou pela porta.

Onze clientes estavam reunidos na ponta do longo braço do L, perto da entrada, cinco nas banquetas junto do balcão, seis nas mesinhas vermelhas. Elliot e Tina sentaram o mais longe possível de todo mundo, na última mesa da ala mais curta do restaurante.

A garçonete era uma ruiva chamada Elvira, segundo seu crachá. Tinha o rosto redondo, covinhas, olhos que cintilavam como se tivessem sido encerados e um forte sotaque texano. Ela anotou o pedido, cheeseburgers, batatas fritas, salada de repolho e cerveja.

Quando Elvira se afastou e eles ficaram sozinhos, Tina perguntou:

— Cadê os papéis que você pegou daquele cara?

Elliot tirou as folhas dobradas do bolso da frente, desdobrou-as e as colocou sobre a mesa. Eram três folhas; cada uma com dez ou doze perguntas impressas.

Eles se inclinaram sobre a mesa e leram tudo em silêncio:

1. HÁ QUANTO TEMPO CONHECE CHRISTINA EVANS?
2. POR QUE CHRISTINA EVANS PEDIU A VOCÊ, E NÃO A OUTRO ADVOGADO, PARA CUIDAR DA EXUMAÇÃO DO CORPO DO FILHO?
3. QUE MOTIVOS ELA TEM PARA DUVIDAR DA VERSÃO OFICIAL SOBRE A MORTE DO FILHO?
4. ELA TEM ALGUMA PROVA DE QUE A VERSÃO OFICIAL DA MORTE DO FILHO É FALSA?

5. SE SIM, QUE PROVA É ESSA?
6. ONDE ELA OBTVEU ESSA EVIDÊNCIA?
7. JÁ OUVIU FALAR SOBRE PROJETO PANDORA?
8. VOCÊ — OU A SRA. EVANS — RECEBEU ALGUM MATERIAL RELATIVO A INSTALAÇÕES MILITARES DE PESQUISA NAS MONTANHAS DA SIERRA NEVADA?

Elliot levantou o olhar da página.

— Já ouviu falar desse projeto Pandora?

— Não.

— Laboratórios secretos nas montanhas de Sierra?

— Ah, é claro. A sra. Neddler me contou tudo sobre eles.

— Sra. Neddler?

— Minha faxineira.

— Sua vez de fazer gracinha?

— Numa hora dessas...

— Bálsamo para a aflição, remédio para a melancolia.

— Groucho Marx — ela completou.

— Eles com certeza acham que alguém do projeto Pandora decidiu contar tudo.

— Será que foi essa pessoa que esteve no quarto de Danny? Alguém do projeto Pandora escreveu na lousa... e mexeu no computador do escritório?

— Talvez — disse Elliot.

— Mas você não acredita nisso.

— Bem, se alguém está com a consciência pesada, por que não te procurar diretamente?

— Por medo, talvez. Provavelmente, tem bons motivos para isso.

— Faz sentido — Elliot repetiu. — Mas acho que é mais complicado que isso. É só um palpite.

Eles leram rapidamente o material que restava, mas nada daquilo era muito esclarecedor. A maior parte das perguntas tinha relação com quanto Tina sabia sobre a verdadeira natureza do acidente na Sierra, quanto havia

contado para Elliot, quanto havia contado para Michael e com as poucas pessoas com quem pudesse ter discutido o assunto. Além do projeto Pandora, não havia mais nenhum dado intrigante, nem mais pistas ou dicas.

Elvira trouxe dois copos gelados e duas garrafas de Coors.

A *jukebox* começou a tocar uma música melancólica de Alan Jackson.

Elliot bebeu sua cerveja e deu uma olhada nas páginas da revista em quadrinhos que tinha sido de Danny.

— Inacreditável — ele disse quando terminou de folhear *O menino que não morreu*.

— Acharia ainda mais inacreditável se fosse você tendo os pesadelos — ela disse. — E agora, o que vamos fazer?

— O Danny foi enterrado em caixão lacrado, certo? Você sabe dizer se os outros treze escoteiros também?

— Acho que pelo menos metade deles.

— Os pais nunca viram os corpos?

— Ah, sim. Todos os outros pais tiveram que identificar o corpo do filho, embora alguns estivessem em condições tão horríveis que não puderam ser de todo restaurados para o funeral. Michael e eu fomos os únicos aconselhados a não ver os restos. Aparentemente, Danny foi o único que ficou muito... mutilado.

Mesmo depois de todo esse tempo, quando pensava nos últimos momentos de Danny na terra – o terror que ele devia ter sentido, a dor lancinante que devia ter suportado, mesmo que por pouco tempo –, ela se sentia sufocar de tanta tristeza. Nesse momento, Tina se esforçou para conter as lágrimas e bebeu um gole de cerveja.

— Droga — disse Elliot.

— O que foi?

— Pensei que esses pais seriam nossos aliados. Se não tivessem visto os corpos dos filhos, eles poderiam ter experimentado a mesma dúvida que

você, e seria fácil convencê-los a participar de uma ação conjunta pedindo a reabertura de todos os túmulos. Se tantas vozes se erguessem em simultâneo, talvez os chefes de Vince não tivessem como silenciar todas elas, e então estaríamos seguros. Mas se as outras pessoas tiveram uma oportunidade de ver os corpos, se nenhuma delas teve motivo para as dúvidas que você teve, então todas estão só tentando superar essa tragédia. Se as procurarmos com uma história maluca sobre uma conspiração misteriosa, elas nem vão querer nos ouvir.

— Continuamos sozinhos?

— Sim.

— Você disse que poderíamos procurar um repórter, tentar alimentar o interesse da mídia. Tem alguém em mente?

— Conheço um jornalista de Vegas, mas talvez não seja muito sensato procurar a imprensa local. Isso pode ser o que os chefes de Vince esperam de nós. Se estiverem nos observando, nós dois morremos antes de conseguirmos falar uma ou duas frases para um repórter. Acho que vamos ter que levar a história para fora da cidade. Mas, antes disso, queria ter mais alguns fatos.

— Mas você não disse que temos o suficiente para despertar o interesse de um bom jornalista? O revólver que pegou daquele homem... a explosão na minha casa...

— Pode ser o bastante. Para um jornal de Las Vegas, certamente seria o suficiente. Essa cidade ainda se lembra do grupo de Jaborski e do acidente na Sierra. Mas foi uma tragédia local. Se formos procurar a imprensa de Los Angeles, Nova York ou de alguma outra cidade, acho que os jornalistas não vão se interessar por isso, a menos que haja algum ponto da história que a tire da categoria de interesse local. Também é possível que já tenhamos o suficiente para convencê-los de que é uma notícia importante, não sei. Mas acho que temos de estar certos disso antes de tentarmos ir a público. O ideal é que eu consiga fornecer ao repórter uma

teoria bem embasada sobre o que aconteceu com aqueles escoteiros, adicionar algum sensacionalismo à matéria.

— Por exemplo?

Ele balançou a cabeça.

— Ainda não pensei em nada. Mas acho que o mais óbvio a se considerar é que os escoteiros e seus líderes viram alguma coisa que não deviam ter visto.

— O projeto Pandora?

Ele bebeu um pouco da cerveja e usou um dedo para limpar a espuma do lábio superior.

— Algum segredo militar. Não consigo entender o que mais teria mobilizado uma organização como a de Vince para interferir nessa história. Uma célula de inteligência daquele tamanho e com aquela sofisticação não perde tempo com histórias em quadrinhos.

— Mas segredos militares... isso parece demais.

— Caso você não saiba, desde que a Guerra Fria acabou e a Califórnia sofreu o golpe da redução na Defesa, Nevada tem mais indústrias e instalações mantidas pelo Pentágono que qualquer outro estado da União. E não estou falando só sobre as óbvias, como a Nellis Air Force Base e o Nuclear Test Site. Esse estado é ideal para centros secretos ou quase secretos de pesquisas de armas de alta segurança. Nevada tem milhares de quilômetros quadrados de território isolado e subpovoado. Os desertos, as regiões mais remotas das montanhas... E muitas dessas áreas pertencem ao governo federal. Se você colocar uma instalação secreta no meio de toda essa terra deserta, fica fácil manter sua segurança.

Com os braços sobre a mesa e as duas mãos unidas em torno do copo de cerveja, Tina se inclinou para Elliot.

— Está dizendo que o Sr. Jaborski, o Sr. Lincoln e os meninos encontraram um lugar desse tipo nas montanhas?

— Pode ser.

— E viram alguma coisa que não deviam ter visto?

— Talvez.

— E por causa do que viram eles foram mortos?

— Bem, é uma teoria boa o suficiente para chamar a atenção de um repórter que não seja local.

Ela balançou a cabeça.

— Não consigo acreditar que o governo assassinaria um grupo de crianças porque elas, acidentalmente, viram uma nova arma ou algo do tipo.

— Pode acreditar que sim. Lembra-se de Waco? Todas aquelas crianças morreram. Ruby Ridge... um menino de quatorze anos alvejado pelas costas pelo FBI. Vince Foster encontrado morto em um parque de Washington, e a declaração oficial de suicídio, apesar de a maioria das evidências na perícia apontar para homicídio. Até um governo primariamente bom, quando é grande o bastante, tem uns tubarões nadando nas águas mais escuras. Vivemos tempos estranhos, Tina.

O vento bateu nas grandes vidraças ao lado da mesa deles. Além da janela, o trânsito fluía em meio a um rio repentinamente revolto de poeira e pedaços de papel.

Assustada, Tina disse:

— Mas quanto as crianças podem ter visto? Você mesmo disse que é fácil manter a segurança quando uma dessas instalações fica em um lugar remoto. Os meninos não podem ter chegado tão perto de um lugar tão protegido. Certamente, não podem ter visto muita coisa.

— O mínimo que viram pode ter sido suficiente para condená-los.

— Mas crianças nem são boas observadoras — ela argumentou. — São impressionáveis, se empolgam com qualquer coisa, exageram. Se tivessem visto alguma coisa, eles teriam voltado com umas dez histórias diferentes sobre isso, nenhuma delas precisa. Um grupo de meninos não seria uma ameaça para a segurança de uma instalação secreta.

— Talvez você esteja certa. Mas um bando de seguranças brutos pode pensar de outro jeito.

— Eles teriam que ser bem estúpidos para pensar que assassinato seria a melhor solução nesse caso. Matar todas aquelas pessoas e ainda forjar um acidente, isso foi muito mais arriscado que deixar as crianças voltarem com suas histórias confusas sobre algo estranho que viram nas montanhas.

— Não esqueça que havia dois adultos no grupo. As pessoas poderiam deixar para lá tudo que os meninos dissessem, mas teriam acreditado em Jaborski e Lincoln. Talvez houvesse tanto em jogo que os seguranças da instalação decidiram que Jaborski e Lincoln tinham que morrer. Depois foi necessário matar os meninos para eliminar testemunhas dos dois primeiros assassinatos.

— Isso é tão... diabólico.

— Mas não é improvável.

Tina olhou para o círculo molhado que o copo deixara sobre a mesa. Enquanto pensava no que Elliot tinha acabado de falar, ela molhou o dedo na água e desenhou uma boca sorridente, um nariz e dois olhos dentro do círculo, depois acrescentou dois chifres e transformou a mancha de umidade em uma carinha demoníaca. Logo a seguir, apagou o desenho com a palma da mão.

— Não sei... instalações escondidas... segredos militares... tudo isso é muito bizarro.

— Não para mim — respondeu Elliot. — Para mim, é plausível, e até provável. De qualquer maneira, não estou dizendo que isso de fato aconteceu. É só uma teoria. Mas é o tipo de teoria que quase todo repórter perspicaz e ambicioso vai querer publicar se conseguir reunir fatos suficientes que a sustentem.

— E Kennebeck?

— O que tem ele?

— Não acha que ele poderia nos dizer o que queremos saber?

— Procurar Kennebeck agora seria suicídio. Os amigos de Vince certamente estão esperando por nós na casa dele.

— Não tem nenhum jeito de chegarmos a Kennebeck sem cruzar com esses homens?

Ele balançou a cabeça.

— É impossível.

Ela suspirou e se recostou na cadeira.

— Além disso — Elliot continuou —, Kennebeck não deve saber a história toda. Ele é como os dois homens que foram me procurar. Deve ter recebido apenas as informações que precisava ter, o mínimo.

Elvira chegou com a comida. Os cheeseburgers eram feitos de suculento lombo moído, as batatas fritas eram crocantes e a salada de repolho era ácida, mas não azeda.

Tina e Elliot não falaram sobre seus problemas enquanto comiam. Na verdade, não falaram muito sobre nada. Ouviram a música *country* da *jukebox* e olharam pela janela, onde a tempestade de areia do deserto turvava a luz dos faróis e forçava os carros a reduzirem a velocidade. E pensavam naquelas coisas sobre as quais nenhum deles queria falar: assassinato — no passado e no presente.

Quando terminaram de comer, Tina foi a primeira a falar.

— Você disse que precisamos reunir mais evidências antes de procurarmos os jornais...

— Sim.

— Mas como vamos conseguir? De onde? Com quem?

— Estava pensando nisso. A melhor coisa que podemos fazer é reabrir a sepultura. Se o corpo for exumado e reexaminado por um patologista respeitado, tenho quase certeza de que encontraremos provas de que a causa da morte não foi a que as autoridades declararam.

— Mas não podemos reabrir o túmulo por nossa conta — disse Tina. — Não podemos entrar no cemitério no meio da noite e cavar quilos e quilos

de terra com pás sem que ninguém nos note. Além do mais, é um cemitério particular, cercado por um muro alto, e deve haver um sistema de segurança para impedir a entrada de vândalos.

— Sim, e os capangas de Kennebeck também devem ter deixado alguém vigiando o lugar. Bom, se não podemos examinar o corpo, vamos ter que nos contentar com a segunda melhor opção. Temos que falar com o homem que foi o último a vê-lo.

— Como assim? Quem?

— Bom, acho que... o legista.

— O médico que fez a perícia em Reno?

— Foi em Reno que emitiram o atestado de óbito?

— Sim. Os corpos foram tirados da montanha e levados para Reno.

— Pensando bem... talvez seja melhor desistir dessa ideia — disse Elliot. — Foi esse médico que atestou morte accidental. Existe uma grande probabilidade de ele ter sido cooptado por essa gente. Uma coisa é certa, ele não está do nosso lado, e procurá-lo também pode ser perigoso. Talvez tenhamos de falar com ele em algum momento, mas antes vamos fazer uma visita ao agente funerário que cuidou do corpo. Ele pode ter muito para contar. Esse homem é de Vegas?

— Também não. Um coveiro em Reno preparou o corpo e mandou para cá para o funeral. O caixão estava lacrado quando chegou, e nós não o abrimos.

Elvira parou ao lado da mesa e perguntou se eles queriam mais alguma coisa. Não queriam. Ela deixou a conta e levou parte da louça suja.

— Você lembra do nome do agente funerário em Reno? — Elliot perguntou a Tina.

— Sim. Bellicosti. Luciano Bellicosti.

Elliot terminou de beber a cerveja do copo.

— Ótimo. Então, vamos para Reno.

— Não podemos só telefonar para Bellicosti?

— Os nossos telefones podem estar grampeados, o dele provavelmente também. Além do mais, se estivermos frente a frente com ele, vamos ter uma ideia melhor sobre se está ou não dizendo a verdade. Não pode ser uma conversa a distância. Temos que ir até lá.

A mão de Tina tremia quando ela levantou o copo para terminar a cerveja.

— Que foi? — perguntou Elliot.

Ela não tinha certeza. Sentia um medo novo, um pavor maior que aquele que a estava consumindo havia horas.

— Eu... acho que só estou com medo de ir a Reno.

Ele segurou a mão dela sobre a mesa.

— Vai ficar tudo bem. Você tem menos motivos para sentir medo lá do que aqui. É aqui que estamos sendo perseguidos por assassinos.

— Eu sei. É claro que estou morrendo de medo desses malucos. Mas, mais que isso, acho que também tenho medo de... de descobrir a verdade sobre a morte de Danny. E tenho a forte sensação de que isso vai acontecer em Reno.

— Pensei que fosse justamente isso que quisesse saber.

— É claro que eu quero. Mas, ao mesmo tempo, tenho medo de saber. Porque estou certa de que a verdade vai ser alguma coisa horrível.

— Talvez não.

— Sim.

— Nossa única outra opção é desistir, recuar e nunca saber o que aconteceu de verdade.

— E isso é ainda pior — ela reconheceu.

— De qualquer maneira, precisamos descobrir o que realmente aconteceu na Sierra. Se soubermos a verdade, vamos poder usá-la para nos salvar. É nossa única esperança de sobrevivência.

— E quando vamos?

— Hoje. Agora. Vamos no meu avião.

— E eles não vão saber?

— Provavelmente não. Só me associaram a você hoje, eles não tiveram tempo para descobrir muita coisa sobre mim. De todo modo, vamos tomar todo cuidado para chegar ao campo de pouso.

— Se conseguirmos usar seu avião, em quanto tempo estaremos em Reno?

— Poucas horas. Acho que é mais sensato passarmos uns dias lá, mesmo depois de falarmos com Bellicosti, até pensarmos em um jeito de escapar de toda essa confusão. Todo mundo ainda vai estar nos procurando em Vegas, e longe daqui vamos conseguir ter uma folga.

— Mas eu nem tive tempo de fazer a mala — disse Tina. — Vamos precisar de outras roupas e itens de higiene. Também não estamos agasalhados, e faz muito frio em Reno nessa época do ano.

— Compramos o que for preciso antes de ir.

— Não tenho dinheiro comigo. Nem um centavo.

— Eu tenho um pouco. E tenho vários cartões de crédito na carteira. Eles podem nos rastrear quando usarmos os cartões, mas provavelmente vai demorar uns dois dias.

— Mas é feriado e...

— E aqui é Las Vegas — disse Elliot. — Tem sempre uma loja aberta em algum lugar. E as lojas nos hotéis não fecham. Essa é uma das épocas de maior movimento no ano. Vamos conseguir encontrar casacos e tudo mais que for preciso, e não vai ser difícil — ele deixou uma gorjeta para a garçonete e se levantou. — Vamos. Quanto mais depressa sairmos da cidade, mais seguros vamos estar.

Ela o acompanhou até o caixa, que ficava perto da porta.

O caixa era um homem de cabelos brancos e olhos de coruja por trás dos óculos de lentes grossas. Ele sorriu e perguntou a Elliot se tinham gostado da comida. Elliot respondeu que sim, e o velho começou a pegar o troco com dedos lentos, artríticos.

O cheiro intenso de *chili* transbordava da cozinha. Pimentão verde. Cebolas. *Jalapeños*. Os aromas distintos de queijo *cheddar* e *monterey*.

A parte mais longa do salão agora estava quase cheia; umas quarenta pessoas comiam ou esperavam a comida. Algumas delas riam. Um jovem casal parecia conspirar, um inclinado para o outro sobre a mesa, as cabeças quase se tocando. Quase todo mundo se envolvia em conversas animadas, casais e grupos de amigos se divertindo, ansiosos pelos três dias que ainda restavam do feriado prolongado.

De repente, Tina sentiu inveja. Queria ser uma daquelas pessoas sortudas. Queria estar saboreando uma refeição normal, em uma noite normal, no meio de uma vida gloriosamente normal, com todos os motivos para esperar um futuro longo, confortável e... normal. Nenhuma dessas pessoas tinha que se preocupar com assassinos profissionais, conspirações bizarras, homens da companhia de gás que não eram da companhia de gás, pistolas equipadas com silenciadores ou exumações. Mas eles não tinham ideia de quanta sorte tinham. Ela se sentia como se um abismo intransponível a separasse de pessoas como aquelas, e se perguntava se algum dia estaria tão relaxada e livre de preocupações como aquelas pessoas estavam naquele momento.

Um vento frio tocou sua nuca.

Ela virou para ver quem entrava no restaurante.

A porta estava fechada. Não tinha ninguém lá.

Mas o ar continuava frio – alterado.

A *jukebox*, que ficava à esquerda da porta, tocava agora uma balada *country* bem popular.

**“BABY, BABY, BABY, AINDA TE AMO.
NOSSO AMOR VAI SOBREVIVER, EU SEI QUE VAI
E VOCÊ PODE APOSTAR
NOSSO AMOR AINDA NÃO MORREU.**

NÃO, NOSSO AMOR NÃO MORREU...

NÃO MORREU...

NÃO MORREU...

NÃO MORREU..."

O disco parece que ficou riscado, e Tina ficou olhando incrédula para a *jukebox*.

"NÃO MORREU...

NÃO MORREU...

NÃO MORREU...

NÃO MORREU..."

Elliot se afastou do caixa e tocou o ombro de Tina.

— Mas que porra...?

Tina não conseguia falar. Não conseguia se mexer.

A temperatura não parava de cair.

Ela tremia.

Os outros clientes pararam de falar e olharam para a máquina emperrada.

"NÃO MORREU...

NÃO MORREU...

NÃO MORREU...

NÃO MORREU..."

A imagem do rosto apodrecido da Morte passou pela cabeça de Tina.

— Pare com isso — ela pediu.

Alguém disse:

— Alguém atire no pianista.

Outra pessoa sugeriu:

— Chutem essa porcaria.

Elliot se aproximou da *jukebox* e a sacudiu de leve. A repetição das duas palavras cessou e a música prosseguiu... mas só por mais alguns versos. Quando Elliot deu as costas para a máquina, a repetição macabra recomeçou:

**“NÃO MORREU...
NÃO MORREU...
NÃO MORREU...”**

Tina queria atravessar o restaurante agarrando cada cliente pelo pescoço, sacudindo e ameaçando cada um até descobrir quem tinha programado a *jukebox* para fazer aquilo. Ao mesmo tempo, sabia que esse não era um pensamento racional; a explicação, qualquer ela que fosse, não era assim tão simples. Ninguém ali havia mexido na máquina. Um momento antes, invejava aquelas pessoas por terem vidas normais. Era ridículo suspeitar que uma delas trabalhava para a organização secreta que tinha explodido sua casa. Ridículo. Paranoico. Eram só pessoas comuns em um restaurante de beira de estrada, comendo.

**“NÃO MORREU...
NÃO MORREU...
NÃO MORREU...”**

Elliot sacudiu a *jukebox* novamente, mas dessa vez foi inútil.

O ar ficou ainda mais frio, e Tina ouviu alguns clientes comentando sobre a queda de temperatura.

Elliot sacudiu a máquina com mais força, e depois mais forte ainda, mas ela continuava repetindo a mensagem na voz do cantor, como se uma mão invisível segurasse o *disc-laser* bem firme no lugar.

O caixa de cabelos brancos saiu de trás do balcão.

— Vou dar um jeito nisso, pessoal — e chamou uma das garçonetes. — Jenny, dá uma olhada na temperatura. É para estar no modo aquecimento, não no ar condicionado.

Elliot se afastou quando o homem chegou perto da *jukebox*.

Embora ninguém tocasse na máquina, o volume aumentou, e as palavras ecoavam pelo restaurante, retumbavam, vibravam nas janelas e faziam tremer os talheres nas mesas.

**“NÃO MORREU...
NÃO MORREU...
NÃO MORREU...”**

Algumas pessoas se encolheram e cobriram as orelhas com as mãos.

O velho teve que gritar para ser ouvido em meio ao som explosivo da música.

— Tem um botão na parte de trás para ejetar o disco.

Tina não conseguia cobrir as orelhas. Os braços estavam caídos junto do corpo, congelados, duros, as mãos fechadas, e ela não tinha vontade ou força para erguê-los. Queria gritar, mas não era capaz de emitir nenhum som.

Mais frio, mais frio.

Ela tomou consciência da presença familiar, etérea, a mesma que havia sentido na sala de Ângela quando o computador começara a funcionar sozinho. Tinha a mesma sensação que tivera no estacionamento pouco antes, de que alguém a observava.

O velho se abaixou ao lado da máquina, estendeu o braço atrás dela e encontrou o botão. E o apertou várias vezes.

**“NÃO MORREU...
NÃO MORREU...
NÃO MORREU...”**

— Vou ter que desligar da tomada! — disse o velho.

O volume aumentou de novo. As palavras berravam dos alto-falantes em todos os cantos do restaurante com uma força tão incrível, tão avassaladora, que era difícil acreditar que a máquina tinha capacidade para produzir um som com esse poder tão enervante.

Elliot afastou a *jukebox* da parede para o velho conseguir alcançar o fio.

Naquele instante, Tina percebeu que não tinha por que ter medo da presença que estava por trás dessa manifestação misteriosa. Ela não queria seu mal. Na verdade, muito pelo contrário. Em um lampejo de compreensão, ela enxergou a essência do mistério. As mãos, até então fechadas, se abriram. A tensão de seu pescoço e ombros cessou. Os batimentos já não pareciam o eco de uma marreta, mas ainda não tinham voltado ao ritmo normal; agora eram afetados por entusiasmo, em vez de terror. Se tentasse gritar agora, conseguiria, mas não queria mais gritar.

Quando o homem de cabelo branco agarrou o cabo elétrico com as mãos deformadas pela artrite e tentou puxá-lo da tomada na parede, Tina quase falou para ele parar. Queria ver o que aconteceria a seguir, se ninguém interferisse na ação da presença que controlava a *jukebox*. Mas antes que pudesse pensar em um jeito de fazer a estranha solicitação, o velho conseguiu desligar a máquina da tomada.

Depois da repetição monótona e ensurdecadora da mensagem insistente, o silêncio era chocante.

Após um segundo de alívio surpreso, todos no restaurante aplaudiram o homem.

Jenny, a garçonete, falou para ele de trás do balcão:

— Ei, Al, não mexi na temperatura. Está no aquecimento, regulado para vinte e um graus. É melhor dar uma olhada nisso.

— Você deve ter mexido em alguma coisa lá — Al respondeu. — Está esquentando de novo.

— Não toquei em nada — Jenny insistiu.

Al não acreditava nela, mas Tina, sim.

Elliot deu as costas para a *jukebox* e olhou para Tina com ar preocupado.

— Você está bem?

— Sim. Meu Deus, sim! Melhor do que tenho estado há muito tempo.

Ele franziu a testa, intrigado com o sorriso.

— Eu sei o que é isso. Elliot, eu sei exatamente o que é isso! Vem — chamou, animada. — Vamos embora.

Ele estava confuso com a mudança de atitude, mas Tina não queria explicar tudo ali, no restaurante. Ela abriu a porta, e eles saíram.

A VENTANIA continuava, mas não com a mesma força de quando Elliot e Tina a observavam pela janela do restaurante. Um vento forte, vindo do leste, varria a cidade. Carregado de poeira e também da areia branca e fina trazida do deserto, o ar arranhava o rosto e tinha um sabor desagradável.

Eles abaixaram a cabeça e correram através da luz lilás da única lâmpada do estacionamento, para as sombras densas atrás da lanchonete.

Já na Mercedes, com as portas travadas, ela disse:

— Não é à toa que não conseguimos entender nada!

— Por que você está tão...

— Esse tempo todo, estávamos olhando para a situação pelo ângulo errado.

— ... animada?

— Interpretamos tudo ao contrário, por isso não conseguimos chegar a nenhuma conclusão.

— Do que está falando? Você viu o que eu vi lá? Ouviu a *jukebox*? Não entendo como aquilo pode ter deixado você animada. Meu sangue gelou nas veias. Foi muito estranho.

— Preste atenção — ela disse, empolgada —, pensamos que alguém estava mandando mensagens para mim sobre Danny estar vivo só para esfregar na minha cara que ele está morto... ou para me avisar, de um jeito muito complicado, que ele não morreu da maneira que me disseram que aconteceu. Mas essas mensagens não estão sendo mandadas por um sádico qualquer. Elas não vêm de ninguém interessado em expor a verdadeira história do acidente na Sierra. Elas não são mandadas por um desconhecido ou por Michael. Elas são exatamente o que parecem ser!

Confuso, ele perguntou:

— E nessa sua lógica, o que elas parecem ser?

— São pedidos de ajuda.

— O quê?

— As mensagens são do Danny!

Elliot olhou para ela com consternação e pena, com os olhos escuros refletindo uma luz distante.

— Você está me dizendo que Danny está fazendo contato com você do túmulo para causar aquela comoção no restaurante? Tina, acha mesmo que era o espírito dele interferindo na *jukebox*?

— Não, não, não. Estou dizendo que Danny não morreu.

— Espere aí!

— Meu Danny está vivo! Tenho certeza disso.

— Nós já discutimos essa hipótese antes e a rejeitamos, lembra?

— Mas estávamos errados, Elliot. Jaborski, Lincoln e os outros meninos podem ter morrido na montanha, mas Danny não morreu. Eu sei. Eu sinto. É como... uma revelação... quase como uma visão. Talvez tenha havido um acidente, mas não aconteceu como nos disseram. Foi alguma coisa muito diferente, alguma coisa muito estranha.

— Sim, isso já ficou claro. Mas...

— O governo teve que esconder o ocorrido, e essa organização para a qual Kennebeck trabalha ficou responsável por encobrir tudo.

— Sim, até aí eu consigo acompanhar — Elliot respondeu. — Faz sentido. Mas como concluiu que Danny está vivo? Não sei onde isso se encaixa.

— Só estou dizendo o que sei, o que sinto. Um tremendo sentimento de paz, de tranquilidade, foi isso que senti no restaurante um pouco antes de vocês finalmente conseguirem desligar a *jukebox*. E não era paz interior. Era um sentimento que vinha de fora, como uma onda. Ah, droga, não consigo explicar. Só sei que foi isso que senti. Danny tentava me

tranquilizar, tentava me dizer que ainda está vivo. Eu estou certa disso. Danny sobreviveu ao acidente, mas não puderam deixar meu filho voltar para casa, porque ele contaria ao mundo todo que o governo foi responsável pela morte dos outros treze garotos, e isso destruiria o segredo da instalação militar.

— Tina, você está se apegando a possibilidades remotas, quase absurdas.

— Não estou, não estou.

— Então, onde está o Danny?

— Eles o mantêm em algum lugar. Não sei por que não o mataram. Não sei quanto tempo acham que vão poder mantê-lo preso desse jeito. Mas é isso que estão fazendo. É isso que está acontecendo. Talvez as circunstâncias não sejam exatamente essas, mas o quadro geral é esse. Estamos chegando muito perto da verdade.

— Tina...

Ela não aceitava ser interrompida.

— Essa instituição secreta, as pessoas por trás de Kennebeck... elas acreditam que alguém envolvido no tal projeto Pandora os delatou e me contou o que realmente aconteceu com Danny. Mas estão errados, é claro. Não foi um deles. Esse tempo todo era Danny. De algum jeito, não sei dizer como, ele está tentando fazer contato comigo — ela se esforçava para explicar a repentina compreensão a que chegara no restaurante. — De algum jeito... de alguma maneira... ele está fazendo contato comigo. Com a força da mente, talvez? Foi Danny quem escreveu aquelas palavras na lousa. Com a força da mente.

— A única prova disso é o que você diz que sente... é essa visão que teve há pouco.

— Não foi uma visão.

— Tanto faz. De todo modo, você não tem prova nenhuma.

— É prova suficiente para mim. E tenho certeza de que seria prova suficiente para você também se tivesse tido a mesma experiência que eu tive no restaurante, se tivesse sentido o que senti. Foi Danny quem fez contato comigo quando eu estava no escritório. Ele me encontrou lá, tentou usar o computador do hotel para mandar a mensagem para mim. E agora a *jukebox*. Ele deve ser... paranormal. É isso! É o que ele é. Paranormal. Danny tem algum poder e está fazendo contato comigo, tentando me dizer que está vivo, pedindo para que eu o encontre e o salve. E as pessoas que o estão mantendo preso não sabem que ele está fazendo isso! Estão pensando que alguém do grupo vazou a informação, alguém do projeto Pandora.

— Tina, essa teoria é muito maluca, mas...

— Pode ser maluca, mas não é uma teoria, é a verdade. É um fato. Eu sinto nos meus ossos. Consegue achar alguma falha nela? Consegue provar que estou errada?

— Em primeiro lugar, antes de ele ir para as montanhas com Jaborski, em todos os anos que passou com ele, que morou com ele na mesma casa, você notou algum sinal de que Danny pudesse ser paranormal?

Ela franziu a testa.

— Não.

— Então, como ele pode ter todo esse poder de repente?

— Espere. Sim, eu lembro algumas coisinhas que ele fazia e eram estranhas.

— Que tipo de coisinhas?

— Bom, uma vez ele quis saber o que exatamente o pai fazia no trabalho. Danny tinha uns oito ou nove anos, e ficou curioso sobre os detalhes das atividades de alguém que cuida da banca de vinte e um. Michael se sentou à mesa da cozinha com ele e deu as cartas do jogo. Danny não tinha idade nem para entender as regras direito, e também nunca tinha jogado antes. Com certeza, não tinha idade suficiente para se

lembrar de todas as cartas que foram dadas e calcular suas chances, como fazem os melhores jogadores. Mas ele ganhou todas as rodadas. Michael usou um pote cheio de amendoins para representar as fichas de um cassino, e Danny ganhou cada amendoim do pote.

— Deve ter sido um jogo arranjado. Michael deve ter deixado que ele ganhasse.

— No começo, foi o que eu pensei. Mas Michael jurou que não estava fazendo isso. E parecia realmente perplexo com a sorte de Danny. Além do mais, Michael não funciona como a máquina de cartas. Não consegue manipular o baralho com essa precisão quando está embaralhando. E também teve o Elmer.

— Quem é Elmer?

— Nosso cachorro. Era um vira-lata fofo. Um dia, há uns dois anos, eu estava na cozinha fazendo uma torta de maçã, e Danny entrou falando que Elmer não estava no quintal. Aparentemente, o danado tinha escapado quando os jardineiros abriram o portão. Danny disse que tinha certeza de que Elmer não ia voltar, porque tinha sido atropelado por um caminhão e morrido. Falei para ele não se preocupar. Prometi a ele que encontraríamos Elmer são e salvo. Mas nunca o encontramos. Nunca.

— O fato de não terem encontrado o cachorro... isso não prova que ele morreu atropelado por um caminhão.

— Para Danny, foi a prova de que ele precisava. Ele passou semanas de luto.

Elliot suspirou.

— Ganhar algumas partidas de vinte e um pode ter sido sorte, como você mesma disse. E prever que o cachorro que fugiu morreu atropelado... bom, é só uma dedução razoável, considerando as circunstâncias. E mesmo que isso sirva de exemplo de alguma habilidade paranormal, truques desse tipo são muito diferentes do que está atribuindo a Danny agora.

— Eu sei. Mas, de algum jeito, as habilidades dele se fortaleceram muito. Talvez por causa da situação em que está, com medo e estressado.

— Se medo e estresse pudessem aumentar o poder dos dons paranormais de Danny, por que ele não começou a fazer contato com você antes, meses atrás?

— Talvez tenha demorado um ano para que esses sentimentos desenvolvessem a habilidade dele, não sei — uma onda de raiva irracional a invadiu. — Caramba, como eu posso ter resposta para isso?

— Fique calma. Você me desafiou a encontrar falhas na sua teoria. E é o que estou tentando fazer.

— Não. Você ainda não encontrou nenhuma falha. Danny está vivo e preso em algum lugar, e está tentando fazer contato comigo com a força do pensamento. Telepaticamente. Não. Não é telepatia. Ele consegue mover objetos só pensando neles. Como é o nome disso? Tem um nome certo para essa habilidade?

— Telecinesia.

— Isso! É isso. Ele tem o poder da telecinesia. Tem uma explicação melhor para o que aconteceu no restaurante?

— Bem... na verdade, não.

— Vai me dizer que foi coincidência o disco emperrar naquelas duas palavras?

— Não — Elliot respondeu. — Não foi coincidência. Isso seria ainda mais improvável que a possibilidade de ter sido Danny.

— Então, reconhece que estou certa?

— Não. Não consigo pensar em uma explicação melhor, mas não estou preparado para aceitar a sua. Nunca acreditei nessas coisas de paranormalidade.

Por um ou dois minutos, nenhum deles disse nada. Ficaram olhando para o estacionamento escuro e a área cercada do estoque do restaurante,

com cerca de cinquenta galões. Camadas, nuvens e funis giratórios de poeira vagamente fosforescente se moviam pela noite como espectros.

Finalmente, Tina disse:

— Eu estou certa, Elliot. Eu sei que estou. Minha teoria explica tudo. Até os meus pesadelos. Eles são outro canal pelo qual Danny tenta entrar em contato comigo. Ele manda esses pesadelos para mim há semanas. Por isso são tão diferentes de todos os sonhos que já tive, tão mais fortes e mais reais.

Ele parecia achar essa última afirmação mais ultrajante que tudo que Tina dissera antes.

— Espere aí, Tina. Agora está falando de outro poder, além de telecinesia.

— Se ele tem uma habilidade, por que não a outra?

— Porque daqui a pouco você vai dizer que ele é Deus.

— Não, só estou falando de telecinesia e do poder de influenciar meus sonhos. Isso explica por que sonhei com a figura horrenda da Morte nessa revista em quadrinhos. Se Danny está mandando mensagens nos meus sonhos, é natural que ele use imagens que conhece bem... como um monstro de uma de suas histórias favoritas.

— Mas se ele pode influenciar seus sonhos, por que não transmite uma mensagem clara contando o que aconteceu e onde ele está? Isso não o ajudaria a receber a ajuda que quer muito mais depressa? Por que está sendo tão confuso e indireto? Ele deveria mandar uma mensagem mental concisa, um *e-mail* paranormal da Zona do Crepúsculo e facilitar as coisas para você.

— Não seja irônico.

— Não é ironia. Só estou fazendo uma pergunta difícil. É outra falha da sua teoria.

Ela não se deixava abalar.

— Não é uma falha. Deve ter uma boa explicação para isso. É evidente que, como eu disse, Danny não tem o poder da telepatia. O que ele domina é a telecinesia, ele consegue mover objetos com o poder da mente. E, de alguma maneira, consegue influenciar sonhos. Mas ele não é telepata. Não consegue transmitir pensamentos detalhados. Não consegue mandar uma “mensagem mental concisa”, porque não tem todo esse poder ou controle. Então, ele tem que tentar fazer contato comigo como pode.

— Você está ouvindo essa conversa?

— Estou — ela respondeu.

— Parecemos dois fortes candidatos a uma cela acolchoada.

— Não. Eu não acho.

— Essa conversa sobre poder paranormal... ela não me soa muito equilibrada, Tina — Elliot argumentou.

— Então, explique para mim o que aconteceu no restaurante.

— Não consigo. Droga, não consigo — ele reconheceu, como um padre cuja fé foi profundamente abalada. A fé que ele começava a questionar, porém, não era religiosa, mas científica.

— Pare de pensar como um advogado. Pare de tentar colocar os fatos em caixinhas cheias de lógica.

— Mas foi para isso que eu estudei.

— Eu sei. Mas o mundo é cheio de coisas ilógicas que, mesmo assim, são verdadeiras. E essa é uma delas.

O vento bateu no carro e gemeu nas janelas, tentando entrar.

Elliot, então, falou:

— Se Danny tem esse poder incrível, por que ele está mandando mensagens só para você? Por que também não tenta contato com o pai?

— Talvez não se sinta próximo o bastante de Michael para tentar contato com ele. Afinal, nos últimos dois anos que passamos casados, Michael passou a maior parte do tempo fora de casa, pulando de cama em cama, e Danny se sentiu ainda mais abandonado que eu. Nunca depus

contra Michael, inclusive, até tentei justificar algumas de suas atitudes, porque não queria que Danny o odiasse. Mas Danny sofreu muito, mesmo assim. Acho que é natural ele tentar falar comigo, não com o pai.

Uma parede de poeira caiu de mansinho sobre o carro.

— Ainda acha que consegue achar falhas na minha teoria? — ela perguntou.

— Não. Você defendeu seu caso muito bem.

— Obrigada, juiz.

— Ainda não consigo acreditar que está certa. Conheço pessoas muito inteligentes que acreditam em percepção extrassensorial, mas eu não acredito. Não consigo aceitar essa loucura de paranormalidade. Pelo menos, ainda não. Vou continuar procurando uma explicação menos exótica.

— E se você a encontrar, eu vou tratar com a devida consideração.

Ele tocou seu ombro.

— Só debati com você porque... estou preocupado, Tina.

— Com a minha sanidade?

— Não, não. Essa explicação paranormal me incomoda principalmente porque te dá esperança de Danny ainda estar vivo. E isso é perigoso. Tenho medo de você acabar sofrendo muito com isso.

— Não. De jeito nenhum. Porque Danny realmente está vivo.

— E se não estiver?

— Ele está.

— Se descobrir que ele está morto, vai ser como perdê-lo de novo.

— Mas ele não está morto — ela insistiu. — Eu sinto. Eu sei, Elliot.

— E se ele estiver morto? — Elliot era tão insistente quanto ela.

Tina hesitou. Depois respondeu:

— Nesse caso, eu vou superar.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Na meia-luz em que estavam dentro do carro, ele encontrou os olhos dela e os prendeu com seu olhar intenso. Tina tinha a sensação de que ele não olhava só para ela, mas para dentro dela, através dela. Finalmente, ele se inclinou e a beijou no canto da boca, depois na bochecha, depois nos olhos.

E disse:

— Não quero que você sofra.

— Não vou sofrer.

— Vou fazer o possível para que não aconteça.

— Eu sei.

— Bom, mas não há muito o que eu possa fazer. Não depende de mim. Só precisamos seguir os eventos.

Ela tocou a nuca dele e o puxou para perto. O sabor de seus lábios e o calor daquele corpo a encheram de felicidade.

Elliot suspirou, recuou e ligou o carro.

— É melhor sairmos daqui. Temos que fazer as compras e partir para Reno.

Apesar da convicção inabalável de que Danny estava vivo, Tina sentiu novamente medo quando eles voltaram para a rua. Mas já não a horrível verdade que poderiam encontrar em Reno. O que acontecera com Danny ainda podia ser algo terrível e devastador, mas ela não acreditava que seria algo tão difícil de aceitar quanto a morte. A única coisa que a amedrontava agora era a possibilidade de encontrarem Danny... mas não conseguirem resgatá-lo. Nessa busca pelo menino, ela e Elliot poderiam ser mortos. Se encontrassem Danny e morressem tentando salvá-lo, essa, sim, seria uma horrível brincadeira do destino. Tina sabia, por experiência própria, que o destino tinha inúmeros truques cruéis em sua enorme manga, e era por isso que sentia tanto medo.

WILLIS BRUCKSTER estudou seu *ticket*, comparando-o cuidadosamente com os números sorteados que começavam a aparecer no painel eletrônico pendurado no teto do cassino. Tentava se mostrar intensamente interessado no resultado do jogo, mas na realidade não dava a mínima. O *ticket* em sua mão não tinha valor nenhum; não havia passado pelo guichê de apostas, nem apostado dinheiro nos números. Usava a loteria apenas como um disfarce.

Não queria atrair a atenção dos seguranças presentes em cada canto do cassino, e o jeito mais fácil de passar despercebido era parecer o indivíduo menos ameaçador no imenso salão. Com isso em mente, Bruckster vestiu um terno casual de poliéster verde, mocassins pretos e meias brancas. Carregava dois talões de cupons de desconto que os cassinos usavam para atrair os jogadores dos caça-níqueis, e tinha uma câmera fotográfica pendurada no pescoço. Além disso, a loteria era um jogo que não interessava muito aos jogadores mais experientes e aos trapaceiros, os dois tipos de clientes que os seguranças tinham de acompanhar com mais atenção. Willis Bruckster tinha tanta certeza de parecer comum e sem graça que não se surpreenderia se um guarda olhasse para ele e abrisse a boca em um bocejo.

Estava decidido a não fracassar nessa missão. Aquele seria um marco em sua carreira – ou o fim categórico dela. A Rede queria muito eliminar toda e qualquer pessoa que pudesse pedir a exumação do corpo de Danny Evans, e os agentes designados para neutralizar Elliot Stryker e Christina Evans falharam miseravelmente e não conseguiram cumprir a ordem de eliminar dois civis desavisados. Essa inépcia dos outros agentes dava a

Willis Bruckster uma chance de se destacar. Se conseguisse dar um tiro certo ali, no cassino lotado, garantiria uma promoção.

Bruckster estava no alto da escada rolante que levava à galeria comercial no piso térreo do cassino do Bally's Hotel. Durante os intervalos periódicos das mesas de jogo, enfrentando a tensão muscular no pescoço, nos ombros e nos braços, os banqueiros cansados saíam para descansar num espaço que era uma mistura de sala e vestiário, à direita de quem desce a escada rolante. O grupo que desceu pouco antes voltaria para as últimas rodadas nas mesas antes de uma nova equipe chegar para a mudança de turno. Bruckster esperava um desses banqueiros: Michael Evans.

Na realidade, ele não esperava encontrar o homem trabalhando. Achava que Evans podia estar acompanhando o trabalho dos bombeiros na casa recém-demolida, observando de longe, enquanto os profissionais faziam o rescaldo dos escombros ainda fumegantes, procurando os restos da mulher que acreditavam estar soterrada ali. Mas quando Bruckster entrou no hotel, trinta minutos antes, Evans conversava com os jogadores em sua mesa de vinte e um, fazendo piadas e sorrindo como se nada importante tivesse acontecido em sua vida recentemente.

Talvez o banqueiro não soubesse sobre a explosão em sua antiga casa. Ou talvez soubesse, mas não se importasse com a ex-esposa. Podia ter sido um divórcio complicado.

Bruckster não conseguiu se aproximar de Evans quando o banqueiro seguiu para o intervalo. Então, ficou ali parado, no alto da escada rolante, fingindo estar interessado no resultado da loteria. Tinha certeza de que pegaria Evans quando ele voltasse do intervalo, em alguns minutos.

Os últimos números acenderam no painel. Willis Bruckster olhou de novo para eles e amassou o *ticket* com evidente decepção e desgosto, como se tivesse perdido alguns dólares ganhos com trabalho duro.

Olhou para a escada rolante e notou que os banqueiros uniformizados de calça preta, camisa branca e gravata fina estavam subindo.

Bruckster se afastou da escada e desamassou o *ticket*. Mais uma vez, comparou o resultado com os números no painel eletrônico, como se acreditasse na possibilidade de ter cometido um engano na primeira verificação.

Michael Evans era o sétimo banqueiro na escada. Ele era um homem bem-apessoado, simpático, com um andar cadenciado e cheio de ginga. Ele parou para trocar algumas palavras com uma garçonne absolutamente linda, e ela sorriu. Os outros banqueiros continuaram andando, e, quando Evans finalmente se afastou da garçonne, já era o último da fila que se movia em direção às mesas de vinte e um.

Bruckster se posicionou ao lado e um pouco atrás do alvo, misturando-se na multidão que lotava o enorme cassino. Levou a mão ao bolso do terno e pegou uma latinha de *spray* um pouco maior que uma embalagem de refrescante bucal, pequena o bastante para conseguir esconder em sua mão.

Todos os sete tiveram de parar perto de um grupo de pessoas excessivamente animadas, como em um congestionamento. Ninguém no grupo dos felizinhos parecia perceber que estavam obstruindo o corredor principal. Bruckster tirou vantagem da pausa para bater no ombro de sua presa.

Evans virou, e Bruckster disse:

— Acho que você deixou cair isto aqui.

— O quê?

Bruckster esticou a mão uns cinquenta centímetros abaixo dos olhos de Michael Evans, o que o obrigou a abaixar a cabeça para ver o que o homem mostrava.

O *spray* fino, lançado com grande pressão, atingiu seu rosto, nariz e lábios, penetrando depressa e profundamente nas narinas. Perfeito.

Evans reagiu como qualquer um reagiria. Abriu a boca para expressar surpresa ao perceber que era atacado, mas numa simples inspiração puxou a névoa mortal para dentro do nariz, onde o veneno ativo – uma neurotoxina de ação particularmente rápida – foi imediatamente absorvido pelas membranas. Em dois segundos, a substância chegou à corrente sanguínea, e ele teve a primeira parada cardíaca.

A surpresa de Evans se transformou em choque. Depois, o rosto se contorceu em agonia quando foi acometido por uma dor brutal. Ele ameaçou vomitar, e uma faixa de saliva espumante escorreu do canto de sua boca e desceu pelo queixo. Os olhos reviraram, e ele caiu.

Bruckster guardou a miniatura de embalagem *spray* e gritou:

— Tem um homem passando mal aqui.

Cabeças viraram em sua direção.

— Abram espaço — continuou Bruckster. — Pelo amor de Deus, alguém chama um médico!

Ninguém poderia ter visto o assassinato. Tudo havia acontecido muito rápido, em meio à multidão e escondido pelo corpo do assassino e da própria vítima. Mesmo que houvesse alguém monitorando aquela área a partir de uma câmera suspensa, não teria como ver muita coisa.

Willis Bruckster ajoelhou-se rapidamente ao lado de Michael Evans e segurou seu pulso, como se esperasse encontrar algum sinal vital. Não havia nenhum batimento, sequer um eco fraco e distante.

Uma camada fina de suor cobria nariz, lábios e queixo da vítima, mas isso era apenas resquício da toxina em *spray*. O veneno ativo já havia penetrado no corpo da vítima, feito seu trabalho, e já começava a se quebrar em uma série de substâncias de ocorrência natural que não chamariam a atenção de qualquer legista quando a perícia estudasse os resultados da habitual bateria de exames realizada nessas circunstâncias. Em poucos segundos, a toxina também evaporaria do rosto da vítima, e

não restaria nada incomum para despertar a suspeita do médico que faria o atendimento de emergência.

Um segurança uniformizado se aproximou abrindo caminho entre os curiosos e parou ao lado de Bruckster.

— Ah, droga, é o Mike Evans. O que aconteceu?

— Não sou médico — Bruckster respondeu —, mas parece que ele infartou. Ele caiu como uma pedra, do mesmo jeito que meu tio Ned morreu no último Quatro de Julho, bem no meio da queima de fogos.

O guarda tentou verificar o pulso de Michael, mas não conseguiu sentir nada. Começou a manobra de reanimação cardíaca, mas logo desistiu.

— Acho que não temos mais nada a fazer.

— Como pode ter sido um infarto, em alguém tão jovem? — Bruckster comentou. — Puxa, a gente nunca sabe, não é?

— Nunca — concordou o guarda.

O médico do hotel confirmaria o infarto depois de examinar o corpo. Assim como o perito. E o atestado de óbito também.

Um assassinato perfeito.

Willis Bruckster conteve um sorriso.

UM DOS MAIORES *hobbies* do juiz Harold Kennebeck era construir pequenas maquetes de navios, cheias de detalhes delicados, dentro de garrafas. As paredes da sala de sua casa eram forradas de exemplares produzidos por ele. Um modelo de um barco holandês do século XVII mantinha as velas permanentemente içadas dentro de uma garrafa azul-clara. Uma escuna de quatro mastros ocupava um galão de vinte litros. Toda a sala era assim, uma embarcação sueca da metade do século XVI aqui, uma caravela espanhola do século XV ali, um navio mercante inglês acolá. Cada embarcação era criada com cuidado e habilidade impressionantes, e muitas ocupavam garrafas de formato único, o que tornava a tarefa ainda mais difícil e admirável.

Kennebeck estava parado na frente de uma de suas prateleiras, estudando o cordame minuciosamente detalhado de uma fragata francesa do fim do século XVIII. Enquanto olhava para o modelo, não era transportado no tempo nem se perdia em fantasias de aventuras em alto-mar; em vez disso, pensava sobre os últimos acontecimentos do caso Evans. Seus navios, todos presos em mundos de vidro, relaxavam-no. O juiz gostava de passar um tempo com eles quando tinha um problema para resolver ou quando estava estressado demais, porque aqueles objetos devolviam-lhe a serenidade, e essa serenidade permitia que sua mente funcionasse em desempenho máximo.

Quanto mais pensava nisso, menos Kennebeck conseguia acreditar que a tal Evans sabia a verdade sobre o filho. Certamente, se alguém do projeto Pandora tivesse contado a ela o que havia acontecido com o ônibus dos escoteiros, ela não teria reagido à notícia com tranquilidade. Teria

ficado com medo, apavorada... e também furiosa. Teria ido à polícia, aos jornais – ou aos dois – imediatamente.

Em vez disso, ela procurou Elliot Stryker.

E era aí que estava o paradoxo. Por um lado, ela se comportava como se não soubesse a verdade. Mas por outro, era representada por Stryker para obter autorização para reabrir a sepultura do filho, o que indicava que de alguma coisa ela sabia.

Se Stryker estivesse dizendo a verdade, então a mulher realmente não sabia de nada. De acordo com o advogado, a Sra. Evans se sentia culpada por não ter tido coragem de ver o corpo mutilado do menino antes do sepultamento, sentia que devia ter prestado as últimas homenagens ao morto. O arrependimento cresceu e, gradualmente, se transformou em um problema psicológico. Ela estava muito perturbada, sofrendo com pesadelos horríveis que a atormentavam todas as noites. Isso foi o que Stryker dissera.

Kennebeck acreditava em Stryker. Havia certamente uma coincidência, mas nem toda coincidência é significativa. Isso era algo que, depois de passar a vida na inteligência do Exército, uma pessoa tendia a esquecer. Christina Evans provavelmente não teve nenhuma dúvida sobre a explicação oficial para o acidente que tirou a vida do filho; era bem provável que não soubesse nada sobre Pandora quando pediu a exumação, mas o momento não poderia ser menos apropriado.

Se a mulher realmente não soubesse nada sobre o encobrimento dos fatos, a Rede poderia usar o ex-marido e o sistema legal para adiar a reabertura do túmulo. Enquanto isso, agentes da Rede poderiam locar o corpo de um menino no mesmo estado de decomposição em que estaria o corpo de Danny, se tivesse passado o último ano dentro daquele caixão. Teriam aberto o túmulo em segredo, quando o cemitério estivesse fechado, e deixado os restos do falso Danny no lugar das pedras que originalmente estavam dentro do caixão. A mãe atormentada pela culpa teria, então,

permissão para olhar pela última vez os restos do filho, e todos seguiriam suas vidas.

A operação teria sido complexa, perigosa pelo risco de serem descobertos, mas seriam riscos aceitáveis, e não haveria necessidade de matar ninguém.

Infelizmente, George Alexander, chefe da unidade da Rede de Nevada, não teve paciência ou habilidade para descobrir os verdadeiros motivos da mulher. Presumiu o pior e agiu com base nessa presunção. Quando Kennebeck informou Alexander sobre a solicitação de Elliot Stryker para a exumação, o chefe da unidade respondeu imediatamente com força extrema. Planejou um suicídio para Stryker, morte acidental para a mulher e um infarto para o pai da criança. Duas dessas tentativas de assassinato organizadas às pressas falharam. Stryker e a mulher conseguiram escapar. Agora, toda a Rede estava envolvida em uma confusão muito maior.

Quando Kennebeck deu as costas para a fragata francesa, começando a cogitar a ideia de abandonar a Rede antes que ela desmoronasse em cima dele, George Alexander entrou no escritório pela porta de ligação com o corredor inferior. O chefe da unidade era um homem elegante. Calçava mocassins Gucci, vestia um terno caro, com camisa de seda feita à mão, e trazia no pulso um Rolex. O cabelo castanho tinha um corte impecável e começava a ficar grisalho nas têmporas. Os olhos eram verdes, claros, atentos e, para quem os estudasse mais demoradamente, ameaçadores. O rosto era bem formado, com as bochechas altas, nariz estreito e reto e lábios finos. Quando ele sorria, a boca se elevava ligeiramente no canto esquerdo, criando uma expressão vagamente altiva. Naquele momento, entretanto, ele não sorria.

Kennebeck conhecia Alexander havia cinco anos e o desprezava desde o primeiro dia. E suspeitava que o sentimento era recíproco.

Parte do antagonismo entre eles surgiu por terem nascido em mundos inteiramente diferentes e terem o mesmo orgulho de suas origens, além de

um desprezo por todas as outras. Harry Kennebeck nasceu em uma família muito pobre e, de acordo com a própria avaliação, progrediu muito com o esforço do próprio trabalho. Alexander, por outro lado, era de uma família da Pensilvânia tradicionalmente poderosa e rica. Kennebeck tinha saído da pobreza com trabalho duro e determinação férrea. Alexander nem sabia o que era trabalhar duro; chegou ao topo em sua área como se fosse um príncipe com o direito divino de governar.

Além disso, Kennebeck também se irritava com a hipocrisia de Alexander. A família toda não passava de um bando de hipócritas. Os Alexander, há séculos membros da alta sociedade, orgulhavam-se de sua história no serviço público. Muitos foram indicados para concorrer à presidência e ocupavam posições elevadas no governo federal; alguns serviram no gabinete presidencial em meia dúzia de administrações, embora nenhum tivesse de fato concorrido a um cargo eletivo. Os famosos Alexander da Pensilvânia sempre foram associados de forma proeminente à luta pelos direitos civis das minorias, à Emenda dos Direitos Iguais, à cruzada contra a pena de morte e a idealismos sociais de vários tipos; no entanto, vários membros da família prestaram serviço secreto – alguns sujos – para o FBI, a CIA e várias outras agências de inteligência e polícia, muitas vezes as mesmas organizações que, em público, tanto criticavam e abominavam. Agora George Alexander era chefe da unidade de Nevada da primeira força policial realmente secreta da nação – um fato que, pelo jeito, não pesava muito em sua consciência liberal.

As políticas de Kennebeck eram de extrema direita. Era um fascista irredutível e não tinha nenhuma vergonha disso. Quando, ainda jovem, começou a carreira nos serviços de inteligência, Harry se surpreendeu ao descobrir que nem todas as pessoas no serviço de espionagem compartilhavam de suas opiniões políticas ultraconservadoras. Ele realmente imaginava que os colegas seriam direitistas superpatriotas, mas todas as células também eram servidas por esquerdistas. No fim, Harry

percebeu que a extrema direita e a extrema esquerda compartilhavam os mesmos dois objetivos básicos: queriam tornar a cidade mais organizada do que era naturalmente, e queriam centralizar o controle da população nas mãos de um governo forte. Esquerdistas e direitistas diferiam em alguns aspectos, é claro, mas o ponto principal de divergência girava em torno da identidade daqueles que teriam permissão para participar das privilegiadas classes governantes quando o poder fosse suficientemente centralizado.

Pelo menos sou honesto em relação às minhas motivações, Kennebeck pensou enquanto via Alexander atravessar o escritório. *Minhas opiniões públicas são as mesmas que expresso em particular, e essa é uma virtude que ele não tem. Não sou hipócrita. Não sou como Alexander, esse filho da mãe arrogante e duas caras!*

— Acabei de falar com os homens que estão vigiando a casa de Stryker — Alexander falou. — Ele ainda não apareceu.

— Eu falei que ele não ia voltar para lá.

— Mais cedo ou mais tarde, ele vai ter que voltar.

— A menos que tenha certeza absoluta de que não corre nenhum risco, ele não vai voltar. Até lá, ele vai arranjar um jeito de se esconder.

— Ele vai acabar procurando a polícia, e aí pegamos o cara.

— Se achasse que poderia ter alguma ajuda da polícia, ele já teria feito isso. Mas ele não apareceu. E nem vai.

Alexander olhou para o relógio de pulso.

— Bem, ele pode aparecer aqui. Tenho certeza de que quer fazer muitas perguntas a você.

— Ah, ele com certeza quer minha cabeça — Kennebeck concordou —, mas com certeza não virá aqui. Não hoje. Em algum momento, sim, mas ainda vai demorar. Ele sabe que estamos esperando por ele. Sabe como esse jogo funciona. Não se esqueça de que ele já fez parte disso.

— Faz muito tempo — Alexander retrucou impaciente. — Ele vive como civil há quinze anos. Já deve ter perdido a prática. Mesmo que fosse

habilidoso naquela época, é impossível que ainda tenha a mesma perspicácia.

— Mas é isso que estou tentando dizer — Kennebeck explicou, empurrando para trás uma mecha de cabelo branco que caía sobre a testa. — Elliot não é burro. Ele foi o melhor e o mais brilhante jovem oficial que já liderei. Tinha um talento natural. E isso quando era jovem, relativamente inexperiente. Hoje, mais maduro, deve ser ainda mais talentoso.

Alexander não queria ouvir nada daquilo. Embora os dois pistoleiros enviados por ele tivessem sido neutralizados, continuava confiante. Estava certo de que, com o tempo, eles o encontrariam.

Ele é sempre cheio de autoconfiança, Harry Kennebeck pensou. E normalmente não tem um bom motivo para ser. Se tivesse consciência das próprias limitações, o filho da puta seria soterrado pelo próprio ego colapsado.

Alexander se dirigiu à enorme mesa de bordo e sentou atrás dela, na cadeira de Kennebeck.

O juiz o encarou.

Alexander fingiu não notar o descontentamento do juiz.

— Nós vamos encontrar Stryker e a mãe do menino antes do amanhecer. Não tenho dúvida disso. Estamos cobrindo todas as bases. Temos homens verificando cada hotel e motel da cidade.

— Isso é perda de tempo. Elliot é esperto demais para entrar em um hotel e se registrar com o nome verdadeiro. Além do mais, tem mais hotéis e motéis em Vegas do que em qualquer outra cidade do mundo.

— Eu sei que é uma tarefa complexa, mas também podemos contar com um pouquinho de sorte. Enquanto isso, estamos de olho nos sócios de Stryker no escritório de advocacia, nos amigos dele, nos amigos da mulher e em qualquer pessoa para quem eles possam ter pedido abrigo.

— Você nem tem gente suficiente para seguir todas essas possibilidades — disse o juiz. — Não percebe? Deveria usar seu poder com mais critério. Está indo além do que pode. O que deveria fazer...

— Quem toma as decisões aqui sou eu — Alexander o interrompeu com tom frio.

— E o aeroporto?

— Já cuidei disso. Temos gente analisando as listas de passageiros de todos os voos — ele pegou um abridor de envelope com cabo de marfim e o girou entre as mãos. — Enfim, mesmo que estejamos usando todos os recursos, isso não tem muita importância. Já sei onde vamos pegar Stryker. Aqui. Bem aqui, nesta casa. Por isso ainda estou aqui. Ah, eu sei, eu sei, você acha que ele não vem. Mas já foi o mentor de Stryker, o homem que ele respeitava, o homem com quem ele aprendeu, e agora você o traiu. Ele vem tirar tudo a limpo, mesmo sabendo que é arriscado. Tenho certeza disso.

— Ridículo — Kennebeck disparou irritado. — Nosso relacionamento nunca foi assim. Ele...

— Eu conheço a natureza humana — Alexander anunciou, embora fosse um dos homens menos observadores e menos analíticos que Kennebeck conhecia.

Atualmente, a nata raramente se erguia na comunidade da inteligência — mas o lixo ainda flutuava.

Furioso e frustrado, Kennebeck olhou novamente para a garrafa que continha a fragata francesa. De repente, lembrou-se de algo importante sobre Elliot Stryker.

— Ah! — exclamou.

Alex soltou a cigarreira esmaltada que estava analisando.

— O quê?

— Elliot é piloto. E ele tem um avião.

Alexander franziu a testa.

— Tem verificado as aeronaves pequenas que decolam do aeroporto?
— Kennebeck perguntou.

— Não. Só voos comerciais e fretados.

— Bem...

— Ele teria que decolar no escuro — Alexander comentou. — Acha que ele tem licença para voar à noite? A maioria dos empresários que pilotam os próprios aviões e dos pilotos que voam por *hobby* só tem permissão para voo diurno.

— Melhor chamar os homens que mandou para o aeroporto — Kennebeck sugeriu. — Já sei o que eles vão encontrar. Aposto cem dólares contra um centavo como Elliot já saiu da cidade, e bem embaixo do seu nariz.

* * *

O Cessna Turbo Skylane RG de Elliot cortava a escuridão, mais de três quilômetros acima do deserto de Nevada, acima das nuvens baixas, as asas prateadas brilhando com o reflexo da lua.

— Elliot?

— Sim?

— Desculpe por ter metido você nisso.

— Você não gosta da minha companhia?

— Você entendeu. Eu sinto muito, de verdade.

— Você não me meteu nisso. Não me obrigou a nada. Eu praticamente me ofereci para ajudar com a exumação, e dali em diante tudo desmoronou. A culpa não é sua.

— Mesmo assim... você está aqui, fugindo, tentando salvar sua vida, e tudo por minha causa.

— Não é verdade. Você não tinha como saber o que aconteceria depois da minha conversa com Kennebeck.

— Mas me sinto culpada por ter envolvido você nesse pesadelo.

— Se não fosse eu, teria sido outro advogado. E talvez ele não soubesse como lidar com Vince. Nesse caso, você e ele poderiam estar mortos agora. Então, se olhar as coisas por esse ângulo, foi melhor assim.

— Você é maravilhoso — ela disse.

— Mais alguma coisa?

— Muitas coisas.

— Por exemplo?

— Você é incrível.

— Não sou. E o que mais?

— Corajoso.

— Coragem é uma virtude dos tolos.

— Inteligente.

— Não tanto quanto penso ser.

— Forte.

— Eu choro vendo filme mamão com açúcar. Não sou tão durão quanto pensa que sou.

— Sabe cozinhar.

— Ah, isso é verdade!

O Cessna encontrou uma bolsa de ar, caiu trezentos pés com um solavanco assustador, depois recuperou a altitude correta.

— Ótimo cozinheiro, mas péssimo piloto — Tina provocou.

— Turbulência é obra de Deus. Reclama com Ele — disse, apontando para cima.

— Quanto tempo para aterrissarmos em Reno?

— Oitenta minutos.

* * *

George Alexander desligou o telefone. Continuava sentado na cadeira de Kennebeck.

— Stryker e a mulher decolaram do aeroporto McCarran há mais de duas horas a bordo de um Cessna. Ele preencheu um plano de voo para Flagstaff.

O juiz parou de andar de um lado para o outro.

— Arizona?

— Até onde eu sei, é lá que Flagstaff fica. Mas por que eles iriam para o Arizona?

— Provavelmente, não foram. Elliot deve ter preenchido um plano de voo falso para despistar — sentia um orgulho perverso da astúcia de Stryker.

— Bom, se eles realmente foram para Flagstaff — disse Alexander —, já devem ter pousado. Vou ligar para o aeroporto, dizer que sou do FBI e ver o que consigo descobrir.

Como a Rede não existia oficialmente, os integrantes não podiam usar sua autoridade para obter informações. Por isso, costumavam se passar por homens do FBI, usando credenciais falsas, mas emitidas com os dados de agentes verdadeiros do Bureau.

Enquanto esperava Alexander terminar a conversa com o chefe da equipe de controle da noite no aeroporto de Flagstaff, Kennebeck ia passando de navio em navio. Pela primeira vez, observar sua frota não o deixava mais calmo.

Quinze minutos mais tarde, Alexander desligou o telefone.

— Stryker não está no campo de pouso de Flagstaff. E a aeronave não foi identificada no espaço aéreo local.

— Então o plano de voo era realmente para despistar.

— A menos que ele tenha caído antes de chegar lá — Alexander comentou esperançoso.

Kennebeck sorriu.

— Ele não caiu. Mas para onde será que ele foi?

— Provavelmente, para o outro lado. Sul da Califórnia.

— Los Angeles?

— Ou Santa Bárbara. Burbank. Long Beach. Ontario. Orange County. Existem inúmeros aeroportos que permitiriam o pouso de um Cessna.

Os dois ficaram em silêncio, pensativos. Depois Kennebeck disse:

— Reno. Eles foram para lá. Reno.

— Até agora há pouco você tinha certeza de que eles não sabiam nada sobre os laboratórios na Sierra. Mudou de ideia?

— Não. Ainda acho que você poderia ter evitado todas aquelas ordens de eliminação. Veja bem, eles não podem estar subindo as montanhas, porque não sabem onde os laboratórios estão. Não sabem nada sobre o projeto Pandora além do que descobriram naquela lista de perguntas que pegaram de Vince Immelman.

— Então, por que estariam a caminho de Reno?

Kennebeck voltou a andar e respondeu:

— Agora que falhamos na tentativa de eliminá-los, eles sabem que a história sobre o acidente na Sierra foi totalmente forjada. Provavelmente deduziram que tem alguma coisa errada com o corpo do menino, alguma coisa errada que não podemos permitir que eles vejam. E agora estão duas vezes mais ansiosos para vê-lo. Fariam a exumação sem o amparo da lei, se pudessem, mas não vão conseguir chegar perto do cemitério sem que os vejamos. E Stryker sabe que está sendo seguido. Então, se não podem abrir a sepultura e ver o que fizemos com Danny Evans, qual é a segunda opção? Eles vão falar com a pessoa que foi, supostamente, a última a ver o cadáver antes de ele ser trancado no caixão. Vão pedir para ele descrever o corpo minuciosamente.

— O legista em Reno é Richard Pannafin. Foi ele quem assinou o atestado de óbito — disse Alexander.

— Não. Eles não vão procurar Pannafin. Devem ter presumido que ele está envolvido na fraude.

— E está, embora tenha relutado.

— Eles vão procurar o agente funerário que preparou o corpo para o sepultamento.

— Bellicosti.

— É esse o nome dele?

— Luciano Bellicosti — Alexander confirmou. — Mas se eles foram para lá, não estão simplesmente fugindo. Meu Deus, eles partiram para o ataque!

— Resquícios do treinamento de inteligência militar do Stryker — disse Kennebeck. — É o que estou tentando dizer a você. Ele não vai ser um alvo fácil. Se tiver meia chance, ele pode destruir a Rede. E a mulher provavelmente também não é de se esconder ou fugir dos problemas. Temos que ir atrás desses dois com mais cuidado que de costume. E esse Bellicosti? Acha que vai ficar de boca fechada?

— Não sei — Alexander disse, incomodado. — Temos um bom controle sobre ele. Bellicosti é imigrante italiano. Morou aqui uns oito ou nove anos antes de pedir a cidadania. Ainda não tinha os documentos quando descobrimos que íamos precisar da colaboração de um agente funerário, então, paralisamos a solicitação no Gabinete de Imigração e ameaçamos deportá-lo caso ele não fizesse o que mandávamos. Ele não gostou nada, mas obter a cidadania foi o suficiente para convencer o homem. No entanto... acho que não podemos mais contar com isso.

— Todo esse assunto é muito delicado. E tenho a impressão de que esse tal Bellicosti sabe demais.

— Eliminamos o filho da mãe.

— Em algum momento, mas não necessariamente agora. Se começarem a aparecer muitos corpos, vamos chamar atenção para...

— Não podemos correr riscos — Alexander insistiu. — Eliminamos o cara. E o legista também. É melhor apagarmos todo o rastro — e estendeu a mão para o telefone.

— Você não vai tomar essa atitude drástica antes de ter certeza de que Stryker realmente foi para Reno, vai? E não pode ter certeza disso até ele aterrissar lá.

Alexander hesitou com a mão no telefone.

— Mas se esperar, vou dar a ele a chance de continuar um passo à frente — preocupado, Alexander continuou hesitante, mordendo a boca de ansiedade.

— Temos um jeito de descobrir se ele realmente foi para Reno. Quando chegar lá, ele vai precisar de um carro. Talvez já tenha feito alguma reserva.

Alexander assentiu.

— Podemos ligar para todas as locadoras que têm filiais no aeroporto de Reno.

— Não é preciso telefonar para ninguém. Os *hackers* da área de operações digitais podem acessar os arquivos de dados das locadoras.

Alexander pegou o telefone e deu a ordem.

Quinze minutos depois, o departamento de operações digitais ligou de volta para dar um relatório. Elliot Stryker reservara um carro para retirada no aeroporto de Reno. O horário previsto da retirada era pouco antes da meia-noite.

— É muito descuido para alguém como ele — Kennebeck comentou —, considerado como bem esperto até aqui.

— Ele acha que vamos procurar no Arizona, não em Reno.

— Mesmo assim, é muito imprudente — Kennebeck concluiu, desapontado. — Imaginei que ele construiria uma blindagem dupla para se

proteger.

— É como eu disse — o sorriso torvo de Alexander apareceu. — Ele não é mais tão bom quanto era.

— Não vamos comemorar antes da hora. Nós ainda não o pegamos.

— Mas vamos pegar. Nosso pessoal em Reno vai ter que agir rápido, mas vai dar tudo certo. Não me parece uma boa ideia eliminar Stryker e a mulher em um lugar público e com tanto movimento como o aeroporto.

Que demonstração incomum de discrição, Kenneth pensou com desprezo.

— Acho que não devemos nem ir atrás deles assim que chegarem lá — continuou Alexander. — Stryker vai estar preparado para isso. Talvez consiga escapar de novo, e depois vai redobrar a atenção.

— Mande alguém na locadora antes de ele chegar e instale um GPS no carro. Depois pode seguir Stryker com calma, sem ser visto.

— Sim, vamos tentar. Temos menos de uma hora, talvez não dê tempo. Mas mesmo que não seja possível instalar um rastreador no carro, nós já sabemos para onde eles vão. Só precisamos eliminar Bellicosti a tempo e plantar uma armadilha na funerária.

Alexander pegou o telefone e ligou para o escritório da Rede no Arizona.

EM RENO, que se autointitulava “a maior cidade pequena do mundo”, a temperatura se aproximava de seis graus negativos perto da meia-noite. Acima da iluminação do estacionamento do aeroporto, o céu nublado não tinha lua nem estrelas, era perfeitamente negro, e flocos de neve dançavam sem rumo com o vento.

Nesse momento, Elliot ficou contente por terem comprado dois casacos pesados antes de saírem de Vegas, mas queria ter se lembrado de comprar luvas; suas mãos estavam congelando.

Ele jogou a única mala da dupla no porta-malas do Chevrolet alugado. No ar frio, nuvens brancas de fumaça de escapamento giravam em torno de suas pernas.

Ele fechou o porta-malas e deu uma olhada nos carros parados no estacionamento, todos cobertos de neve. Não via ninguém em nenhum deles. Não se sentia observado.

Quando aterrissaram, eles permaneceram alertas para atividade incomum na pista e no hangar particular, coisas como veículos suspeitos, um número incomum de tripulantes de terra, mas não enxergaram nada extraordinário. Depois, quando ele assinou o recibo para retirar o carro alugado e pegou as chaves com o funcionário da locadora, manteve a mão no bolso do casaco, segurando o cabo da pistola que havia tirado de Vince em Las Vegas, mas não enfrentaram nenhum problema.

O plano falso de voo devia ter funcionado. Ele abriu a porta do carro e entrou, enquanto Tina tentava ajustar o aquecedor.

— Meu sangue está congelando — ela disse.

Elliot estendeu a mão para a ventoinha.

— Já tem ar quente entrando no carro.

Ele tirou a pistola do bolso do casaco e a deixou entre os bancos, apontada para o painel.

— Acha mesmo que devemos ir procurar Bellicosti a essa hora? — Tina perguntou.

— Sim. Não está tão tarde assim.

Em uma lista telefônica do terminal do aeroporto, Tina encontrou o endereço da Funerária Bellicosti. O funcionário na locadora de automóveis sabia exatamente onde ficava a casa de Luciano, o proprietário da funerária, e assinalou o caminho mais curto no mapa municipal que ofereceu ao casal.

Elliot acendeu a luz interna, estudou o mapa e depois entregou-o a Tina.

— Acho que decorei o caminho. Mas se eu me perder, você vai ser minha copilota.

— Sim, senhor.

Ele apagou a luz interna e engatou a marcha.

Com um clique estranho, a luz acendeu sozinha novamente.

Ele olhou para Tina, e ela o encarou.

Elliot apagou a luz de novo.

E ela acendeu imediatamente.

— Lá vamos nós... — disse Tina.

O rádio ligou. O indicador de sintonia começou a se mover. Explosões de música que duravam frações de segundos, comerciais e vozes de locutores cortados brotavam dos alto-falantes.

— É o Danny — disse Tina.

Os limpadores de para-brisa começaram a se mover de um lado para o outro em velocidade máxima, acrescentando o ruído cadenciado ao caos dentro do carro.

Os faróis piscavam tão depressa que criavam um efeito estroboscópico, dando a impressão de que os flocos de neve caíam em movimentos curtos e entrecortados.

O ar dentro do automóvel esfriava mais a cada segundo.

Elliot pôs a mão direita sobre a ventoinha do painel. O ar quente continuava saindo de lá, mas a temperatura despencava.

O porta-luvas abriu.

O cinzeiro deslizou para fora do nicho.

Tina riu, evidentemente encantada.

O som de sua risada assustou Elliot, mas ele teve que reconhecer que não se sentia ameaçado pela obra desse fantasma. Na verdade, era justamente o contrário. Sentia que estava testemunhando uma demonstração de alegria, uma recepção calorosa, a acolhida animada de um fantasma-criança. Estava impressionado com a ideia chocante de que podia, de fato, sentir boa vontade no ar, uma radiação palpável de amor e afeto. Um arrepio percorreu sua espinha, mas não foi desagradável. Aparentemente, tinha a mesma percepção surpreendente de ser tocado pelas ondas de amor que provocaram a risada de Tina.

— Estamos a caminho, Danny. Se puder me ouvir, meu amor, estamos indo te buscar. Estamos indo — disse ela.

No mesmo instante, o rádio desligou, a luz apagou, os limpadores de para-brisa pararam de se mexer e os faróis apagaram.

Silêncio total.

Flocos de neve batiam de leve no para-brisa.

Dentro do carro, o ar voltou a esquentar.

Então, Elliot perguntou:

— Por que será que o ar fica gelado cada vez que ele usa suas... habilidades paranormais?

— Como vou saber? Talvez ele consiga mover objetos canalizando a energia térmica no ar, modificando-a, de algum jeito? Ou talvez seja outra

coisa. Acho que nunca vamos saber. Talvez nem ele entenda. Mas, enfim, isso não tem importância. O que importa é que meu Danny está vivo. Não há dúvida sobre isso. Agora não mais. E imagino que você também acredita nisso agora, levando em conta sua pergunta.

— Sim — Elliot reconheceu, ainda espantado com a própria mudança de opinião e disposição. — Acho que você pode estar certa.

— Eu sei que estou.

— Alguma coisa absolutamente maluca aconteceu com aquela expedição de escoteiros. E alguma coisa muito misteriosa aconteceu com seu filho.

— Mas pelo menos ele não está morto.

Elliot viu lágrimas de felicidade brilhando nos olhos dela.

— Ei — falou, preocupado —, não alimente muita esperança, ok? Temos um caminho muito longo pela frente. Não sabemos nem onde Danny está ou em que condições. Ainda estamos muito longe de o encontrarmos e o levarmos de volta em segurança para Las Vegas. Eles podem nos matar antes mesmo de chegarmos perto de Danny.

Ele saiu do estacionamento do aeroporto. Até onde podia ver, ninguém os seguia.

AO SOFRER um de seus surtos eventuais de claustrofobia, o Dr. Carlton Dombey tinha a sensação de ter sido engolido vivo e estar agora no estômago do demônio.

No fundo do complexo secreto de Sierra, três andares abaixo do nível do solo, a sala media doze por seis metros. O teto baixo era coberto de um material esponjoso e amarelado para isolamento acústico, o que dava ao espaço um peculiar aspecto orgânico. Tubos fluorescentes projetavam luz fria sobre fileiras de computadores e bancadas de trabalho carregadas de diários, gráficos, pastas, instrumentos científicos e duas canecas de café.

No meio da parede ocidental – uma das duas paredes mais curtas – em frente à entrada da sala, havia uma janela de um metro e oitenta de comprimento por noventa centímetros de altura, por onde era possível ver a outra sala, que tinha metade do tamanho daquela onde ele estava. A janela era construída como um sanduíche: dois painéis de três centímetros de largura de vidro inquebrável vedavam um intervalo também de três centímetros preenchido com um gás inerte. A abertura tinha moldura de aço inoxidável e quatro lacres herméticos de borracha – um em torno de cada lado de cada painel. Essa vitrine era projetada para resistir a tudo, de tiro a terremoto; era praticamente inviolável.

Era importante que os homens que trabalhavam na sala maior tivessem uma visão sem obstruções da sala menor durante todo o tempo. Por isso, quatro respiradouros no teto inclinado dos dois lados banhavam a janela com um fluxo contínuo de ar seco e quente, impedindo condensação e perda de visibilidade. Nesse momento o sistema certamente não estava funcionando, porque três quartos da janela estavam cobertos de gelo.

Dr. Carlton Dombey, um homem de cabelo cacheado e bigode cheio, estava parado na frente da janela, secando as mãos úmidas no jaleco branco e espiando nervoso pela única área do vidro onde ainda não havia uma cobertura de gelo. Tentava superar o surto de claustrofobia, fingindo que o teto de aparência orgânica não estava logo acima de sua cabeça e imaginando um céu aberto pairando sobre ele, não milhares de toneladas de concreto e pedra. O ataque de pânico, entretanto, o preocupava menos do que o que estava acontecendo do outro lado do sanduíche de vidros inquebráveis.

Dr. Aaron Zachariah, mais jovem que Dombey, barbeado, com cabelos castanhos e lisos, debruçava-se sobre um dos computadores, lendo os dados que iam surgindo na tela.

— A temperatura lá dentro caiu dezenove graus no último minuto e meio — Zachariah anunciou preocupado. — Isso pode não ser bom para o menino.

— Já aconteceu outras vezes e ele não se incomodou — Dombey respondeu.

— Eu sei, mas...

— Acho melhor verificarmos os sinais vitais.

Zachariah deu alguns passos e parou na frente de outra fileira de computadores, onde os batimentos cardíacos, a pressão arterial, a temperatura e a atividade cerebral de Danny Evans eram exibidas constantemente.

— Batimentos normais, talvez um pouco mais lentos que antes. Pressão normal. Temperatura corporal inalterada. Mas tem alguma coisa incomum na leitura do EEG.

— O que também se repete todas as vezes que acontecem essas quedas de temperatura — Dombey apontou. — Atividade cerebral incomum. Mas, fora isso, nenhuma outra indicação de desconforto.

— Se ficar frio lá dentro por muito tempo, vamos ter que nos paramentar e entrar lá para transferir o menino para outra sala — Zachariah avisou.

— Não tem nenhuma disponível. Todas as outras estão ocupadas com outros experimentos em animais.

— Então, vamos ter que transferir os animais. O garoto é muito mais importante que eles. Vamos extrair mais dados dele do que extrairíamos em qualquer outro experimento.

Ele é mais importante porque é um ser humano, não por ser uma fonte de dados, Dombey pensou furioso, mas não verbalizou o pensamento, porque isso o identificaria como um dissidente e um potencial risco à segurança.

Em vez disso, ele falou:

— Não vamos precisar mudar o garoto de lugar. Essa queda da temperatura não vai durar muito tempo — e espiou pelo visor para a câmara menor, onde o menino permanecia imóvel em uma cama de hospital, embaixo de um lençol branco e um cobertor amarelo, ligado a cabos de monitores. A preocupação de Dombey com o garoto era maior que seu medo de ficar preso embaixo da terra e ser enterrado vivo. Com isso, finalmente, o ataque de claustrofobia foi perdendo força. — Pelo menos, nunca durou muito. É sempre assim, a temperatura cai de repente, permanece baixa por dois ou três minutos, nunca mais que cinco, e depois volta ao normal.

— Qual é o problema com os engenheiros? Por que não conseguem corrigir esse problema?

Dombey respondeu:

— Eles sempre dizem que o sistema não acusa nenhum problema.

— Que idiotas.

— Não tem nenhum defeito. É o que eles dizem.

— Como é que não tem? — Zachariah se afastou dos monitores, foi até a janela e encontrou um pedacinho de vidro que ainda estava transparente. — Quando isso começou, há um mês, não era tão forte. Alguns graus de alteração. Uma vez por noite. Nunca durante o dia. E nunca uma variação grande o suficiente para ameaçar a saúde do garoto. Mas nos últimos dias, isso escapou completamente do controle. Temos essas quedas bruscas de vinte, trinta graus várias vezes lá dentro. Não tem defeito, meu ovo!

— Ouvi dizer que vão trazer a equipe que cuidou do projeto original — Dombey comentou. — Tenho certeza de que eles vão encontrar o problema em um minuto.

— Estúpidos — resmungou Zachariah.

— Enfim, não sei por que você está tão nervoso. Nosso papel é testar o garoto até ele não aguentar mais, não é? Então, por que se preocupar com a saúde dele?

— Não pode estar falando sério — Zachariah reagiu. — Quando ele finalmente morrer, vamos querer ter certeza de que foram as injeções que o mataram. Se ele for submetido a muitas outras dessas flutuações repentinas de temperatura, nunca teremos certeza de que elas não contribuíram para o óbito. Não terá sido um experimento limpo.

Uma risada curta e sem humor escapou de Carlton Dombey, e ele desviou o olhar da janela. Por mais arriscado que fosse expressar dúvidas a qualquer colega do projeto, ele não conseguiu se controlar:

— Limpo? Essa coisa toda nunca foi limpa. É uma sujeira desde o princípio.

Zachariah o encarou e disse:

— Sabe muito bem que não estou falando sobre a moralidade do projeto.

— Mas eu estou.

— Estou me referindo aos padrões clínicos.

— Acho que não quero ouvir sua opinião sobre nenhum dos dois — Dombey avisou. — Estou com uma dor de cabeça horrível.

— Só quero ser escrupuloso — Zachariah argumentou, quase chorando. — Não pode me culpar pelo fato de o trabalho ser sujo. Não tenho muita influência sobre a política de pesquisa por aqui.

— Não tem influência nenhuma — Dombey disparou com tom seco. — E eu também não. Somos só operários na pirâmide da hierarquia. Por isso ficamos no plantão noturno, com o trabalho de babá.

— Mesmo que eu fosse responsável por criar a política, seguiria o mesmo caminho que o Dr. Tamaguchi seguiu. Caramba, ele tinha que desenvolver essa pesquisa. E não teve alternativa a não ser se comprometer com ela depois que descobrimos que os chineses estavam metidos nisso até o pescoço. E os russos os ajudavam a ganhar patrocínio internacional. Nossos novos amigos, os russos. Que piada. Bem-vindo à nova Guerra Fria. Esse projetinho sujo é da China, não se esqueça. Nós só estamos correndo atrás deles. Se quer culpar alguém por se sentir mal em relação ao que estamos fazendo aqui, culpe os chineses, não eu.

— Eu sei. Eu sei — Dombey falou, cansado, passando uma das mãos na cabeça.

Zachariah relataria essa conversa em detalhes, e Dombey sabia que precisava assumir uma posição mais equilibrada para o registro.

— Eles me dão medo. Se existe um governo na terra capaz de usar uma arma como essa, é o deles... ou o da Coreia do Norte ou o iraquiano. Sempre tem uma coleção de regimes malucos. Não temos alternativa senão manter uma defesa forte. Acredito realmente nisso. Mas às vezes... fico pensando. Quando trabalhamos tanto para ultrapassar os inimigos, será que não estamos nos tornando mais parecidos com eles? Não estamos nos transformando em um Estado totalitário dentro da própria lógica que dizemos desprezar?

— Talvez.

— Talvez — disse Dombey, embora tivesse certeza disso.

— Mas que escolha nós temos?

— Nenhuma, acho.

— Olhe... — disse Zachariah.

— O quê?

— A janela está ficando transparente de novo. A temperatura deve estar subindo lá dentro.

Os dois cientistas olharam para a janela novamente e para o interior da câmara de isolamento.

O menino esquelético se mexeu. Virou a cabeça na direção deles e os encarou através da grade lateral da cama de hospital em que estava deitado.

Zachariah comentou:

— Esses olhos...

— São penetrantes, né?

— O jeito dele de olhar... às vezes ele me dá arrepios. Tem alguma coisa estranha no olhar desse garoto.

— Isso é o seu sentimento de culpa falando — Dombey opinou.

— Não. É mais que isso. Os olhos dele são esquisitos. Não são como eram quando ele chegou aqui, um ano antes.

— Claro, agora há dor neles — Dombey falou com tristeza. — Muita dor e solidão.

— É mais que isso. Tem alguma coisa nos olhos dele... alguma coisa que não consigo explicar.

Zachariah se afastou da janela e voltou aos computadores, com os quais se sentia confortável e seguro.

SEXTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO

AS RUAS DE RENO estavam, em sua maioria, limpas e secas, apesar da neve recente, mas uma poça de gelo na escuridão podia surpreender um motorista desatento.

— Acho que estamos quase chegando — Tina comentou.

Eles percorreram mais uns quinhentos metros até que a casa e a agência funerária de Luciano Bellicosti apareceram à esquerda. Avistaram uma placa de fundo preto anunciando com grandiosidade a natureza do serviço oferecido: DIRETOR DE FUNERAL E CONSELHEIRO DE LUTO. A casa de Bellicosti era imensa, em estilo pseudocolonial, majestosa sobre uma colina, ocupando um terreno de três ou quatro acres. De forma muito conveniente, era vizinha de um grande cemitério sem denominação religiosa. A longa entrada da garagem avançava em uma curva à direita, quase como uma fita fúnebre envolvendo o gramado coberto de neve. Postes de pedra e uma iluminação suave indicavam o caminho até a porta da frente. A luz estava acesa em vários cômodos do primeiro andar.

Elliot quase entrou na propriedade, mas, no último momento, decidiu passar direto.

— Ei, era aquela casa — Tina avisou.

— Eu sei.

— E por que você não parou?

— Ir direto bater na porta e exigir respostas de Bellicosti... Sei que isso seria emocionalmente gratificante e corajoso de nossa parte. Mas também seria estúpido.

— Não é possível que estejam esperando por nós aqui. Eles nem sabem que estamos em Reno.

— Nunca subestime um inimigo. Eles nos subestimaram, e foi por isso que chegamos até aqui. Não podemos cometer o mesmo erro que eles cometeram e acabar caindo nas mãos deles de novo.

Mais adiante, além do cemitério, Elliot virou à esquerda em uma rua residencial, estacionou junto da calçada, apagou os faróis e desligou o motor.

— O que fazemos agora? — ela perguntou.

— *Eu* vou a pé até a agência funerária. Vou atravessar o cemitério, dar a volta e entrar por trás.

— Então *nós* vamos entrar por trás.

— Não.

— Sim.

— Você vai ficar aqui — ele insistiu.

— De jeito nenhum.

A luz pálida de uma lâmpada da rua atravessava o para-brisa e revelava a dura determinação no rosto dela, a firmeza de aço nos olhos azuis.

Mesmo sabendo que ia perder a discussão, Elliot insistiu:

— Por favor, Tina, seja razoável. Se houver algum problema, você vai acabar no meio da encrenca e pode atrapalhar.

— Ah, você só pode estar de brincadeira. Eu sou o tipo de mulher que atrapalha?

— Tem mais de vinte centímetros de neve no chão. E você não está nem de bota.

— Você também não.

— Se, de alguma forma, eles anteciparam nossa chegada, com certeza montaram uma armadilha na funerária...

— E então você vai precisar da minha ajuda. E se não tiver nenhuma armadilha na agência, eu preciso estar presente para interrogarmos Bellicosti.

— Tina, estamos perdendo tempo...

— Exatamente. Que bom que você percebeu — ela abriu a porta e saiu do carro.

Foi então que ele soube, sem sombra de dúvida, que estava completamente apaixonado por ela.

Elliot guardou a pistola com o silenciador no bolso do casaco e saiu do Chevrolet. Não travou as portas, porque era possível que ele e Tina tivessem que entrar no carro depressa quando voltassem.

No cemitério, a neve chegava à metade das panturrilhas de Elliot. Ensopava a calça, grudava nas meias e derretia dentro dos sapatos.

Tina usava um tênis de lona com solas de borracha, e certamente sofria tanto quanto ele. De toda forma, acompanhava o ritmo do parceiro sem reclamar.

O vento úmido agora era mais forte do que quando pousaram no aeroporto. Varria o cemitério, passando por entre as lápides e monumentos, sussurrando a promessa de que muito mais neve estava por vir.

Um muro baixo de pedras e uma fileira de abetos da altura da casa separavam o cemitério da propriedade de Luciano Bellicosti. Elliot e Tina pularam o muro e ficaram escondidos embaixo das árvores, estudando os fundos da funerária.

Tina não precisava de orientação para ficar em silêncio. Esperava ao lado dele, de braços cruzados, aquecendo as mãos nas axilas.

Elliot se preocupava com ela, mas, ao mesmo tempo, estava feliz e orgulhoso por ela estar ali.

O fundo da casa de Bellicosti estava a quase cem metros de distância. Mesmo com a iluminação fraca, Elliot via a franja de gelo que pendia do telhado na longa varanda dos fundos do casarão. Alguns arbustos se agrupavam perto da casa, mas nenhum deles era grande o bastante para esconder um homem. As janelas de trás estavam escuras. Mas podia haver um sentinela atrás delas, totalmente invisível na escuridão.

Elliot observou com atenção, tentando perceber qualquer movimento além dos retângulos de vidro, mas não viu nada suspeito.

Não acreditava que tinham tido chance de preparar uma armadilha para eles tão depressa. E, se havia assassinos esperando por eles na propriedade, certamente esperavam que o alvo entrasse pela porta da frente, confiante e ignorante. Sendo assim, estariam todos atentos à parte da frente da casa.

Bem, de qualquer maneira, não poderia passar a noite inteira ali ponderando cada possibilidade.

Elliot saiu de trás dos galhos das árvores e Tina o seguiu.

O vento cortante castigava, jogando cristais de gelo contra o rosto deles, e ambos já estavam vermelhos.

Elliot se sentiu completamente exposto quando atravessaram o campo de neve. Seria melhor se não estivessem vestidos com roupas tão escuras. Se alguém olhasse por uma janela dos fundos, veria os dois imediatamente, no contraste com a imensidão branca.

O ranger e guinchar da neve embaixo de seus pés parecia alto demais, embora, na realidade, estivessem fazendo pouquíssimo barulho. A sensação era obra de sua mente sobressaltada.

Chegaram aos fundos da funerária sem incidentes.

Ficaram parados por alguns segundos, limpando a neve de suas roupas e reunindo coragem para avançar.

Elliot tirou a pistola do bolso do casaco e a segurou com a mão direita. Com a esquerda, localizou as duas travas de segurança e as soltou. Os dedos estavam endurecidos de frio. Quando se deu conta, ponderou se conseguiria manejar a arma adequadamente, caso fosse necessário.

Contornaram o prédio e seguiram silenciosos em direção à fachada.

Na primeira janela iluminada, Elliot parou e gesticulou para Tina ficar atrás dele, perto da casa. Com cuidado, ele se inclinou para frente e espiou por uma fresta estreita de uma veneziana parcialmente fechada.

Quando viu a cena que se apresentava dentro da casa, quase não conseguiu conter o grito de susto.

Um homem morto. Nu. Sentado em uma banheira cheia de água ensanguentada, com os olhos abertos, como se observasse o além-mundo. Um braço estava caído para fora da banheira; e no chão, como se tivesse escorregado de seus dedos, uma navalha.

Elliot olhou novamente para os olhos sem vida do cadáver de rosto pálido e imediatamente entendeu que aquele era Luciano Bellicosti. E também teve certeza de que o diretor de funeral não havia cometido suicídio. A boca azulada do pobre homem estava aberta, como se ele tentasse negar todas as acusações de suicídio que seriam feitas sobre sua morte.

Elliot queria segurar o braço de Tina e arrastá-la de volta ao carro, mas ela sentiu que o que ele via lá dentro era importante, e não sairia dali enquanto não soubesse o que era. Ela deu um passo à frente, e Elliot manteve a mão nas costas dela enquanto Tina se inclinava em direção à janela. Ele sentiu a tensão imediata de quando ela viu o homem morto. Voltou o olhar para Elliot, evidentemente disposta a sair dali sem fazer qualquer pergunta, sem discutir e com pressa.

Tinham dado apenas dois passos para longe da janela, quando Elliot notou um movimento na neve a não mais que seis metros de distância. Não era o movimento suave de flocos arrastados pelo vento, mas o deslocamento forçado de uma quantidade excessiva de neve. Instintivamente, ele apontou a pistola para frente e atirou quatro vezes. O silenciador era tão eficiente que o farfalhar árido do vento encobriu o barulho.

Encolhido, tentando se tornar o menor alvo possível, Elliot correu na direção de onde tinha visto a neve se mover. Encontrou um homem vestido com um traje branco de esqui. Ele estava deitado na neve e os observava em silêncio. Agora tinha um buraco no peito e faltava um pedaço de seu

pescoço. Mesmo na luz pálida e ilusória da neve em torno deles, Elliot viu que os olhos do homem tinham a mesma imobilidade dos de Bellicosti.

Pelo menos um assassino esperava dentro da casa, com o corpo de Bellicosti. Talvez mais.

E pelo menos um homem os esperava ali fora, na neve.

Quantos mais?

Onde estariam?

Elliot estudou a noite com o coração na garganta. Imaginava ver todo o gramado coberto de branco começar a se mexer e levantar na forma de dez, quinze, vinte outros assassinos.

Mas todo o cenário continuou imóvel.

Ele estava momentaneamente paralisado, ainda perplexo com a própria capacidade de reagir tão depressa e com tanta violência. Uma satisfação instintiva despertou dentro dele, o que não era um sentimento muito animador, porque preferia acreditar que era um homem civilizado. Com isso, sentiu também uma onda de repulsa a si próprio. A garganta se contraiu, e um gosto azedo explodiu na boca. E então ele virou de costas para o homem que tinha acabado de matar.

Tina era uma aparição pálida no meio da neve.

— Eles sabem que estamos em Reno — ela murmurou. — Sabiam inclusive que viríamos direto para cá.

— Mas esperavam que entrássemos pela porta da frente — disse ele, alcançando o braço dela. — Vamos sair daqui.

Eles voltaram apressados pelo mesmo caminho, afastando-se da funerária o mais rápido que podiam. A cada passo que davam, Elliot esperava ouvir um tiro, um grito de alarme, o barulho de homens os perseguindo.

Ajudou Tina a pular o muro do cemitério, depois, quando pulou também, teve certeza de que alguém agarrou seu casaco por trás.

Assustado, ele o puxou com força para se soltar. Mas, quando olhou para trás, não viu ninguém.

Era evidente que as pessoas no interior da funerária não sabiam que o homem do lado de fora tinha sido eliminado. Certamente, ainda esperavam pacientes as presas caírem na armadilha.

Elliot e Tina correram por entre as lápides, chutando pequenos montes de neve. Colunas gêmeas de hálito cristalizado os seguiam como fantasmas.

Quando estavam quase na metade do cemitério, e Elliot teve certeza de que não eram seguidos, ele parou, se apoiou em um monumento alto e tentou não inspirar quantidades tão grandes do ar dolorosamente gelado. A imagem do homem caído no chão com a garganta rasgada explodiu em sua memória, e então ele foi tomado por uma onda de náusea.

Tina tocou seu ombro.

— Você está bem?

— Eu matei uma pessoa.

— Se você não tivesse atirado, ele teria nos matado.

— Eu sei. Mas mesmo assim... isso me deixa... enjoado.

— Eu pensei que quando estive no Exército...

— Sim, eu já matei alguém antes. Mas, como você disse, eu estava no Exército. Agora não foi a mesma coisa. Das outras vezes eu estava em operação militar. O que acabou de acontecer foi um assassinato — e balancei a cabeça para recuperar o equilíbrio. — Mas eu vou ficar bem — guardou a arma no bolso do casaco. — Foi o choque, só isso.

Eles se abraçaram, e Tina disse:

— Se sabiam que estávamos voando para Reno, por que não nos seguiram desde o aeroporto? Assim eles descobririam que não íamos entrar na casa de Bellicosti pela porta da frente.

— Talvez tenham imaginado que perceberíamos a perseguição de carro e então ficaríamos alertas. E acho que tinham tanta certeza de qual era

nosso destino que nem sequer acharam que seria necessário nos seguir tão de perto. Presumiram que não havia nenhum outro lugar para onde pudéssemos ir além da funerária de Bellicosti.

— Vamos voltar para o carro. Estou congelando.

— Eu também. E é bom sairmos logo da região, antes que encontrem o cara caído na neve.

Eles seguiram as próprias pegadas para fora do cemitério, em direção à tranquila rua residencial onde o Chevrolet alugado estava parado sob a luz pálida da lâmpada no lado do poste.

Quando estava abrindo a porta do motorista, Elliot percebeu um movimento pelo canto do olho e levantou a cabeça, já sabendo o que encontraria. Um Ford sedã branco virava a esquina e avançava devagar na direção deles. Ele encostou na calçada e parou de repente. Duas portas se abriram, e dois homens altos vestidos com roupas escuras saltaram do automóvel.

Elliot sabia o que eles queriam. Entrou correndo no carro, bateu a porta e enfiou a chave na ignição.

— Nós fomos seguidos — disse Tina.

— Sim — ele ligou o carro e engatou a marcha. — Um GPS. Eles devem ter localizado o sinal só agora.

Não ouviram o tiro, mas uma bala estilhaçou a janela traseira do lado dele e atingiu o encosto do banco, espalhando uma chuva de estilhaços de vidro dentro do veículo.

— Abaixе a cabeça! — Elliot gritou. E olhou para trás.

Os dois homens se aproximavam correndo, escorregando na rua coberta de neve.

Elliot pisou fundo no acelerador e os pneus guincharam quando ele arrancou com o carro.

Duas balas atingiram a lataria do carro, dois tiros que cortaram o ar com zunidos breves e agudos.

Elliot se abaixou atrás do volante, esperando um terceiro tiro no vidro traseiro, que não veio. Na esquina, ignorou a placa de parada obrigatória e virou à esquerda, pisando no freio uma única vez, testando severamente a suspensão do Chevrolet.

Tina levantou a cabeça, olhou para a rua vazia atrás deles, depois para Elliot.

— GPS? Está dizendo que fomos grampeados? Vamos ter que abandonar o carro, então, não vamos?

— Não enquanto não nos livrarmos desses palhaços que estão atrás de nós — ele respondeu. — Se abandonarmos o carro com eles tão perto, vão nos alcançar em pouco tempo. Não temos como fugir a pé.

— O que a gente faz agora, então?

Chegaram a outro cruzamento, e Elliot virou à direita.

— Depois que eu virar na próxima esquina, vou parar e descer. Fica preparada para passar para o lado de cá e assumir a direção.

— E aonde você vai?

— Vou me esconder no meio dos arbustos e esperar eles virarem na esquina atrás de nós. Você vai seguir dirigindo pela rua, mas vai devagar. Eles precisam te ver quando virarem na esquina. Vão prestar atenção em você e não vão me ver.

— Acho que a gente não deveria se separar.

— É o único jeito.

— Mas e se eles pegarem você?

— Não vou deixar isso acontecer.

— Mas se pegarem, eu fico sozinha.

— Eles não vão me pegar. Mas você precisa ser rápida. Se pararmos por mais que alguns segundos, eles vão perceber no receptor do sinal e podem desconfiar.

Ele virou à direita e parou no meio da rua.

— Elliot, não...

— Não temos escolha — ele abriu a porta e saiu. — Depressa, Tina!

Elliot bateu a porta do carro e correu para uma fileira de arbustos que ornamentava o jardim da frente de uma casa térrea. Abaixado ao lado de um desses arbustos, escondido nas sombras ao lado do círculo de luz gelada de uma lâmpada próxima, ele tirou a pistola do bolso do casaco enquanto Tina seguia com o carro.

Quando o som do Chevrolet se afastou, ele ouviu o rugido do motor de outro automóvel se aproximando depressa. Alguns segundos depois, o sedã branco entrou no cruzamento em alta velocidade.

Elliot ficou em pé, segurou a pistola com as duas mãos, apontou e atirou três vezes. As primeiras duas balas se chocaram com a lataria, mas a terceira encontrou o pneu direito dianteiro.

Como o Ford fazia a curva depressa demais, a explosão do pneu fez com que o carro derrapasse descontrolado. O sedã girou pela rua, subiu na calçada, bateu em uma cerca e parou no meio de um gramado coberto de neve.

Elliot correu para o Chevrolet, que Tina havia parado a uns cem metros dali, mas que na cabeça dele pareciam cem quilômetros. Os passos pesados e rápidos eram barulhentos como batidas de um tambor no ar silencioso da noite. Finalmente, ele alcançou o carro. Tina segurava a porta aberta. Ele entrou e fechou o carro.

— Corre, corre!

Ela pisou no acelerador até o fundo, e o carro respondeu primeiro com um solavanco, depois com um movimento veloz.

Depois de dois quarteirões, Elliot disse:

— Vira à direita na próxima esquina — ele continuou orientando Tina por mais duas esquinas e mais três quarteirões. — Pare ali na frente. Quero encontrar o grampo que puseram no carro.

— Mas agora eles não podem nos seguir.

— Mas ainda têm o GPS. Eles podem observar nossa movimentação por ele e então enviar outro carro para nos perseguir. Não quero que eles saibam que direção tomamos.

Tina parou o carro, e ele desceu. Tateou a parte interna dos paralamas, as rodas, as calotas onde um GPS poderia ter sido encaixado rapidamente e com facilidade. Nada. O para-choque dianteiro também estava limpo. Finalmente, ele encontrou o equipamento eletrônico; tinha o tamanho de um maço de cigarros e estava preso por um ímã na parte interna do para-choque traseiro. Ele o arrancou de lá, pisou em cima do equipamento várias vezes e depois o jogou longe.

Novamente dentro do carro, com as portas travadas e o motor ligado — com o aquecedor ligado na potência máxima —, eles ficaram imóveis e em silêncio, atordoados, deixando-se confortar pelo ar quente, mas ainda assim tremendo.

Depois de um tempo, Tina comentou:

— Meu Deus, como eles são rápidos!

— Ainda estamos um passo na frente deles — Elliot respondeu abalado.

— Meio passo.

— É, acho que é mais ou menos isso — ele admitiu.

— Bellicosti com certeza tinha a informação de que precisávamos para atrair a atenção de um jornalista de prestígio.

— Bom, essa possibilidade não existe mais.

— E como vamos fazer para conseguir essa informação?

— Vamos dar um jeito — ele falou com um tom vago.

— E como vamos construir nosso caso?

— Temos de pensar em alguma coisa.

— A quem vamos recorrer?

— Ainda não estamos num beco sem saída, Tina.

— Eu não disse que estamos. Mas o que fazemos agora?

— Não dá para pensar nisso esta noite — ele falou com a voz cansada.
— Não nessas condições. Nós dois estamos esgotados, movidos pelo desespero. E isso é muito perigoso. A melhor decisão que podemos tomar agora é a de não decidir nada. Precisamos encontrar um lugar para dormir. Amanhã vamos conseguir pensar com mais clareza, e as respostas vão parecer óbvias.

— Acha que vai conseguir dormir?

— É claro que sim. Tivemos um dia infernal seguido de uma noite terrível.

— Onde acha que estaremos seguros?

— Vamos tentar o truque do esconderijo evidente — Elliot avisou. — Em vez de um motel qualquer fora da área mais movimentada, vamos para um dos melhores hotéis da cidade.

— Harrah's?

— Exatamente. Eles não vão imaginar que somos tão atrevidos. Vão nos procurar em todos os outros lugares.

— É arriscado.

— Consegue pensar em alguma coisa melhor?

— Não.

— Tudo que fizermos vai ser arriscado.

— É verdade. Vamos para lá.

Ela dirigiu para o centro da cidade e eles abandonaram o Chevrolet em um estacionamento público a quatro quarteirões do hotel.

— Seria melhor se a gente não precisasse desistir do carro — Tina falou quando tiraram a mala do porta-malas.

— Eles certamente vão procurar esse carro.

Os dois andaram até o Harrah's pelas ruas iluminadas e castigadas pelo vento. Mesmo às quinze para as duas da manhã, quando passaram pela entrada dos cassinos, ouviram música alta, riso e o barulho dos caça-

níqueis lá dentro. Um som que, àquela hora, não trazia qualquer alegria, era apenas poluição sonora.

Embora Reno não pulsasse a noite toda com a mesma energia de Las Vegas, e embora muitos turistas já tivessem ido dormir, o cassino no Harrah's ainda estava relativamente movimentado. Um jovem marinheiro ganhava na mesa de dados, e um grupo de jogadores empolgados o incentivava a rolar um oito e provar sua sorte.

Nesse fim de semana prolongado, o hotel certamente estaria lotado. Mas Elliot sabia que sempre havia acomodações disponíveis. A pedido do gerente do cassino, todo hotel deixava um punhado de quartos disponíveis caso alguns clientes regulares – apostadores importantes, é claro – aparecessem de surpresa, com muito dinheiro para gastar e sem lugar para ficar. Além disso, algumas reservas eram canceladas de última hora, e sempre havia os que simplesmente não apareciam. Duas notas de vinte dólares bem dobradinhas, colocadas discretamente na mão do recepcionista, quase certamente resultavam na oportuna descoberta de um quarto vago esquecido.

Quando foi informado de que havia um quarto disponível para duas noites, Elliot registrou-se com o nome Hank Thomas, uma ligeira modificação do nome de um de seus atores favoritos, e também deu um endereço falso em Seattle. O recepcionista pediu um documento de identificação ou um cartão de crédito, e Elliot contou uma história triste sobre ter sido roubado no aeroporto. Sem conseguir provar sua identidade, ele teve que pagar as duas noites antecipadamente no *check-in*, e o fez com o dinheiro que tinha guardado no bolso, não na carteira supostamente roubada.

Ele e Tina se acomodaram em um quarto espaçoso e bem-decorado no nono andar.

Depois que um funcionário do hotel os acomodou e se retirou, Elliot trancou a porta, encaixou a corrente de segurança e posicionou ali uma

cadeira atrás, com o encosto encaixado sob a maçaneta.

— Parece uma prisão — Tina comentou.

— A diferença é que nós estamos trancados, e os bandidos estão lá fora, soltos.

Pouco tempo depois, na cama, eles se abraçaram, mas nenhum dos dois pensava em sexo. Não queriam mais que contato físico, uma confirmação de que ainda estavam vivos, a sensação de segurança, proteção e carinho. O que sentiam era uma necessidade animal de afeto e companheirismo, uma reação à morte e à destruição que tinham preenchido todo o dia.

Depois de encontrar tanta gente com tão pouco respeito pela vida humana, eles precisavam se convencer de que eram mais que poeira ao vento.

Depois de alguns minutos, Elliot disse:

— Você estava certa.

— Sobre o quê?

— Sobre o que disse ontem à noite, em Vegas.

— O que eu disse?

— Que eu estava gostando da caçada.

— Uma parte sua... bem lá no fundo. Sim, acho que isso é verdade.

— Eu sei que é — ele falou. — Agora eu consigo enxergar. No começo, não queria acreditar.

— Por que não? Eu não disse isso em tom de crítica.

— Eu sei que não. É que, por mais de quinze anos, levei uma vida comum, uma vida rotineira, e estava convencido de que não precisava nem queria mais o tipo de desafio que me fazia vibrar quando era mais novo.

— Não acho que precise ou queira esse tipo de coisa. Mas agora que está novamente correndo perigo de verdade pela primeira vez em anos, uma parte de você responde ao desafio. Como um velho atleta que volta ao campo de treino depois de uma longa ausência, testa os reflexos e se orgulha ao constatar que as antigas habilidades ainda estão ali.

— É mais que isso. Acho que... no fundo, senti uma empolgação meio doente quando matei aquele homem.

— Não seja tão severo com você mesmo.

— Não estou sendo. Na verdade, talvez a empolgação não tenha sido assim tão lá no fundo. Acho que ela vibrou bem perto da superfície.

— Mas você realmente deveria se sentir feliz por ter matado o filho da mãe — ela opinou enquanto afagava a mão dele.

— Deveria?

— Olha, se eu pudesse pôr as mãos nas pessoas que estão tentando me impedir de encontrar o Danny, eu mataria todas elas sem nenhum remorso. Nenhum mesmo. Talvez sentisse até algum prazer. Sou uma mãe leoa, e eles roubaram minha cria. Matar essas pessoas seria a coisa mais admirável e natural que eu poderia fazer.

— Está dizendo que todo mundo tem dentro de si um instinto animal. É isso?

— Não sou a única que tem uma selvagem trancada aqui dentro.

— Mas isso torna tudo mais aceitável?

— O que precisa ser aceito? — ela perguntou. — Deus nos fez assim. É como ele queria que fôssemos, quem vai dizer que não estou certa?

— Talvez.

— Se um homem mata só por prazer, ou se mata por um ideal, como esses revolucionários malucos sobre os quais a gente lê por aí, isso sim é selvageria... ou loucura. O que você fez foi completamente diferente. Autopreservação é um dos instintos mais poderosos que Deus nos deu. Somos equipados para a sobrevivência, mesmo que tenhamos que matar alguém para continuarmos vivos.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Depois, Elliot disse:

— Obrigado!

— Mas eu não fiz nada.

— Você me ouviu.

KURT HENSEN, o braço direito de George Alexander, cochilou durante todo o voo agitado de Las Vegas a Reno. Estavam em um avião para dez passageiros que pertencia à Rede, e a aeronave, por ser pequena, era sacudida pelo vento, que soprou violento por toda a viagem.

Hensen, um homem forte com cabelos loiros platinados e olhos amarelos como os de um gato, morria de medo de voar. Só conseguia entrar em um avião depois de se medicar, e, como sempre, ele pegou no sono minutos depois da decolagem.

George Alexander era o único outro passageiro do voo. Considerava a aquisição do jato executivo uma de suas mais importantes realizações nos último três anos, desde que assumira a chefia da unidade de Nevada da Rede. Passava a maior parte de seu tempo trabalhando no escritório em Las Vegas, mas sempre tinha motivos para viajar às pressas para destinos mais distantes: Reno, Elko, e até para fora do estado do Texas, Califórnia, Arizona, Novo México, Utah. Durante o primeiro ano como chefe, viajava em voos comerciais ou contratava o serviço de um piloto particular confiável com habilidades para comandar o bimotor convencional que o antecessor de Alexander havia conseguido arrancar do orçamento da Rede. Mas era absurdo e até mesmo imprudente o diretor-geral obrigar um homem da posição de Alexander a viajar por meios tão simplórios. Seu tempo era de enorme valor para o país; seu trabalho era complexo e, muitas vezes, exigia decisões urgentes baseadas no exame presencial de informação a ser coletada em outros locais do país. Depois de um longo e árduo trabalho de *lobby* do diretor, Alexander finalmente foi

recompensado com esse jatinho; e, imediatamente, contratou dois pilotos, ex-militares, e os colocou na folha de pagamento da unidade de Nevada.

Às vezes, a Rede fazia umas economias sem sentido e se prejudicava com isso. E George Lincoln Stanhope Alexander, herdeiro da fortuna dos Alexander da Pensilvânia e da enorme riqueza dos Stanhope de Delaware, não tinha a menor paciência com essa mesquinha.

Era verdade que cada dólar tinha que ser bem aproveitado, porque o orçamento da Rede não era fácil de arrecadar. A existência da organização tinha que ser mantida em segredo, por isso ela fora fundada com fundos desviados, dinheiro que na verdade deveria ser direcionado a outras agências governamentais. Três bilhões de dólares, a maior parte do orçamento anual da Rede, vinham do departamento de Saúde e Bem-Estar Social. A Rede tinha um agente secreto chamado Jacklin na mais alta hierarquia da área de saúde, no grupo que dava as cartas na política. O trabalho de Jacklin era conceber novos programas sociais, convencer a Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social de que esses programas eram necessários, vendê-los ao Congresso e, depois disso, estabelecer burocracias convincentes para esconder que os programas eram totalmente forjados; e quando os fundos federais eram designados para essas operações de fachada, o dinheiro era desviado para a Rede.

E desviar três bilhões da saúde era a menos arriscada das operações de financiamento da Rede, porque o setor era tão gigantesco que nem sequer sentia falta dessa ninharia.

O departamento de Defesa, que tinha menos recursos que o de Saúde e Bem-Estar Social, ainda assim tinha folga em seu orçamento, algo em torno de um bilhão por ano, pelo menos, que também acabavam repassados para a Rede. Quantias menores, que variavam de cem milhões a meio bilhão, eram desviadas em segredo, todos os anos, do departamento de Energia, do departamento de Educação e de outros setores governamentais.

A Rede muitas vezes enfrentava alguma dificuldade de recursos, mas não se podia negar que era bem financiada. Um jatinho executivo para o chefe da tão importante unidade de Nevada não era uma extravagância, e Alexander acreditava que seu desempenho melhorado no último ano havia convencido o velho diretor em Washington de que esse dinheiro estava sendo bem aproveitado.

Alexander se orgulhava da relevância de sua posição, mas ao mesmo tempo se sentia frustrado, porque poucas pessoas tinham conhecimento do que fazia e da importância de seu cargo.

Às vezes, chegava a invejar o pai e os tios, que serviam ao país abertamente, em posições com grande visibilidade, podendo ser admirados por sua disposição altruísta no serviço público. Secretário de Defesa, secretário de Estado, embaixador na França... em posições desse tipo, um homem era publicamente reconhecido e respeitado.

George, por outro lado, havia ocupado um cargo de real estatura e autoridade seis anos antes, aos trinta e seis anos. Antes disso, havia trabalhado em várias posições menos importantes. Essas atribuições diplomáticas nunca foram ofensivas ao nome da família, mas eram sempre cargos menores em embaixadas de países pequenos, como Islândia, Equador e Tonga, nada que merecesse reconhecimento nas páginas do New York Times, por exemplo.

Então, seis anos antes, a Rede foi formada, e o presidente deu a George a tarefa de desenvolver uma unidade confiável da nova agência de inteligência na América do Sul. Foi uma nomeação empolgante, desafiadora e relevante. George ficou diretamente responsável pela aplicação de dez milhões de dólares e, com o passar do tempo, pelo controle de centenas de agentes em uma dezena de países. Passados três anos, o presidente se disse muito satisfeito com as realizações de George e convidou-o para assumir uma das unidades nacionais da instituição, em Nevada, que estava sendo muito mal administrada. Essa unidade estava

entre as cinco ou seis mais poderosas na hierarquia executiva da Rede; e George foi incentivado pelo presidente a acreditar que, em algum momento, seria promovido ao controle de todo o hemisfério ocidental do país. E dali seguiria até o topo, desde que conseguisse fazer a divisão ocidental, ainda cheia de falhas, funcionar com a mesma eficiência dos gabinetes da América do Sul e de Nevada. Com o tempo, ele acreditava que chegaria ao posto de diretor em Washington e teria total responsabilidade por todas as operações de inteligência tanto domésticas como no exterior. Com esse título, seria um dos homens mais poderosos dos Estados Unidos, mais forte que qualquer secretário de Estado ou secretário de Defesa poderia um dia chegar a ser.

Apesar disso, George não podia contar a ninguém sobre suas realizações. Não podia esperar aclamação e homenagens públicas como as que recebiam outros homens de sua família. A Rede era secreta e clandestina e assim deveria permanecer para manter seu valor e continuar em atividade. Pelo menos metade das pessoas que trabalhavam para ela nem sabia de sua existência. Alguns pensavam ser contratados pelo FBI, outros tinham certeza de que trabalhavam para a CIA e havia ainda aqueles que pensavam ser contratados por algum ramo do departamento do Tesouro, inclusive o Serviço Secreto. E nenhuma dessas pessoas podia comprometer a Rede, por isso não tinham conhecimento de sua existência. Só chefes de unidades, suas equipes imediatas, chefes de estação nas maiores cidades e oficiais de campo em posição sênior, que já haviam provado sua lealdade, conheciam a verdadeira natureza de seus empregadores e do trabalho que faziam. E se um dia a mídia viesse a tomar conhecimento da existência da Rede, tudo estaria perdido.

Sentado na cabine pouco iluminada do avião, olhando as nuvens correndo lá embaixo, Alexander tentava imaginar o que os pais e os tios diriam caso soubessem que o serviço que prestava ao país requeria frequentemente que ele desse ordens sumárias de assassinato. E não só.

Em três ocasiões, na América do Sul, Alexander teve, ele próprio, de apertar o gatilho. E a verdade é que sentiu um prazer imenso com esses assassinatos, ficou profundamente empolgado com a situação, tanto que, por opção, assumiu o papel de executor em meia dúzia de outras missões. O que os Alexander mais velhos, os famosos estadistas, pensariam se soubessem que ele tinha as mãos sujas de sangue?

Quanto ao fato de algumas vezes ser sua função ordenar que outros homens matassem, talvez a família fosse capaz de entender. Os Alexander eram todos idealistas quando discutiam como as coisas deveriam ser, mas também eram indiscutivelmente pragmáticos quando lidavam com a realidade. Sabiam que o mundo da segurança militar doméstica e o da espionagem internacional não eram *playgrounds*. George preferia pensar que eles até o perdoariam por ter apertado o gatilho pessoalmente.

Afinal, nunca matara um cidadão comum ou uma pessoa de real valor. Os alvos eram espiões, traidores; muitos deles assassinos que matavam a sangue-frio. Escória. Ele só matou a escória. Não era um trabalho bonito, mas também não era desprovido de dignidade e heroísmo. Pelo menos, era assim que George enxergava a situação – considerava-se um herói. Sim, estava certo de que o pai e os tios o apoiariam se pudesse contar a verdade a eles.

O avião encontrou uma área de forte turbulência, perdeu altitude e estremeceu.

Kurt Hensen roncou, mas não acordou.

Quando o avião estabilizou-se novamente, Alexander olhou pela janela para as curvas brancas, enluradas e femininas das nuvens lá embaixo, e pensou na tal Evans. Ela era uma mulher linda. A pasta com seus dados estava ao lado dele. Alexander a pegou, abriu e olhou para a fotografia. Uma beleza exuberante. Decidiu que ele mesmo a mataria, quando chegasse a hora, e pensar nisso fez com que tivesse uma ereção imediata.

George gostava de matar, e não tentava se convencer do contrário, por mais que tivesse que fazer cena para o resto do mundo. Durante toda a vida, por razões que nunca conseguiu determinar completamente, ele se sentiu fascinado pela morte, intrigado pela natureza e possibilidades, envolvido no estudo e na teoria de seu significado. Considerava-se um mensageiro da morte, um carrasco apontado por Deus. Matar era, em muitos sentidos, mais excitante para ele do que sexo. Seu gosto pela violência não teria sido tolerado por muito tempo no FBI, talvez nem mesmo no novo e completamente politizado FBI, ou em tantas outras agências policiais monitoradas pelo Congresso. Mas nessa organização desconhecida, nesse lugar secreto e completamente aconchegante, ele prosperava.

Alexander fechou os olhos e, de novo, pensou em Christina Evans.

NO SONHO DE TINA, Danny estava do outro lado de um túnel muito comprido. Estava acorrentado, sentado no meio de uma caverna pequena e bem-iluminada, mas o corredor que levava até ele era escuro e tomado por uma atmosfera de perigo. Danny chamava por ela sem parar, implorando para que ela o salvasse antes de o teto da prisão subterrânea ceder e sepultá-lo vivo. Ela começou a andar pelo túnel na direção dele, determinada a tirá-lo de lá, mas, de repente, alguma coisa se projetou de uma fenda estreita na parede e tentou alcançá-la. Na periferia de seu campo de visão, ela notou uma luz forte, como se fosse fogo, para além da fenda, e uma silhueta misteriosa recortada contra esse fundo avermelhado. Tina se inclinou na direção da fenda e deu de cara com o rosto sorridente da Morte, que a espiava das entranhas do Inferno. Os olhos vermelhos. A pele encolhida. Os vermes no rosto. Ela gritou, mas se deu conta de que a Morte não podia alcançá-la. A abertura na parede não era larga o bastante para ela atravessar. Tudo o que a Morte conseguia era estender um braço na direção de Tina, e os dedos compridos e ossudos paravam a dois ou três centímetros dela. Danny voltou a chamá-la, e ela continuou andando na direção dele pelo túnel sombrio. Várias vezes, passou por pequenas rachaduras na parede e viu a Morte olhando para ela em cada uma das frestas, gritando, amaldiçoando e ameaçando, mas nenhum desses espaços era grande o bastante para permitir que ela passasse. Tina alcançou Danny, e quando o tocou, as correntes se abriram como num passe de mágica, soltaram seus braços e pernas. Então, ela disse: “Eu tive tanto medo, meu filho”. E Danny respondeu: “Eu diminuí os buracos na parede para impedir que ela te tocasse e te machucasse”.

Às oito e meia da manhã de sexta-feira, Tina acordou sorrindo e animada. E sacudiu Elliot até acordá-lo.

Sonolento, ele piscou várias vezes e perguntou:

— O que foi?

— Danny acabou de aparecer em outro sonho.

Vendo o sorriso largo, ele deduziu:

— Pelo visto, não foi um pesadelo.

— Não mesmo. Danny quer que a gente vá até ele. Quer que a gente simplesmente entre onde eles o mantêm preso, para salvá-lo.

— Eles vão nos matar antes que a gente consiga encontrá-lo. Não podemos simplesmente ir até ele. Temos que usar a mídia e os tribunais para libertá-lo.

— Acho que não.

— Não podemos brigar com toda a organização por trás de Kennebeck e mais a equipe inteira de um centro de pesquisa militar secreto.

— Danny vai garantir nossa segurança — ela afirmou confiante. — Vai usar o poder que tem para nos ajudar a entrar lá.

— Isso não é possível.

— Você disse que acreditava.

— E eu acredito — Elliot bocejou e se espreguiçou sem pressa. — Eu realmente acredito. Mas... como ele pode nos ajudar? Como pode garantir nossa segurança?

— Não sei. Mas foi o que ele me disse no sonho. Tenho certeza disso.

Tina contou o sonho em detalhes, e Elliot admitiu que sua interpretação não era absurda.

— Mas mesmo que Danny pudesse nos ajudar de algum jeito — ele continuou —, ainda não sabemos onde ele está. Essa instalação secreta pode estar em qualquer lugar. E talvez nem exista. E, se existir, pode ser que eles não o mantenham lá.

— A instalação existe, e é lá que ele está — Tina insistiu, tentando demonstrar mais segurança do que realmente sentia.

Estava muito perto de alcançar Danny. Sentia quase como se o tivesse nos braços de novo, e não queria que ninguém dissesse o contrário.

— Tudo bem — Elliot esfregou os olhos sonolentos. — Vamos considerar que essa instalação secreta de fato existe. Ainda assim essa informação não ajuda muito. Ela pode ficar qualquer lugar nas montanhas.

— Não em qualquer lugar. Tem que ser em um raio de poucos quilômetros de onde Jaborski pretendia ir com os escoteiros.

— Sim, isso faz sentido. Mas mesmo assim estamos falando de uma área muito grande e de terreno acidentado. Não temos nem como começar a explorar toda a região.

A confiança de Tina era inabalável.

— Danny vai nos apontar o local exato.

— Danny vai nos dizer onde está?

— Ele vai tentar, eu acho. Foi o que senti no sonho.

— E como ele vai fazer isso?

— Não sei. Mas tenho a sensação de que, se encontrássemos um meio... ou meios de focar sua energia, canalizá-la...

— Quais, por exemplo?

Ela olhou para as roupas de cama emaranhadas como se buscasse inspiração nos amarrotados dos lençóis. Sua expressão seria perfeita para uma cigana tentando ler o futuro de alguém nas folhas de chá.

— Mapas! — ela falou de repente.

— Quê?

— Não existem mapas de áreas da floresta? Mochileiros e outros amantes da natureza precisam deles. Não precisamos de nada minuciosamente detalhado, apenas mapas básicos que mostrem o relevo da terra, colinas, vales, cursos de rios, trilhas, esse tipo de coisa. Tenho certeza de que Jaborski tinha mapas. Eu sei que tinha. Vi os mapas na

reunião de pais de escoteiros, quando ele explicou como a viagem seria segura.

— Acho que qualquer loja de material esportivo em Reno deve ter mapas das áreas mais próximas da Sierra.

— Se conseguirmos um mapa e o abrirmos... talvez Danny encontre um jeito de mostrar onde está.

— Como?

— Ainda não sei — ela afastou as cobertas e levantou da cama. — Vamos arrumar o mapa primeiro. Depois pensamos no resto. Vamos nos arrumar logo, as lojas estarão abertas em uma hora, mais ou menos.

* * *

Por causa do plano fracassado na casa de Bellicosti, George Alexander só conseguiu ir para a casa depois das cinco e meia da manhã da sexta-feira. Ainda furioso com seus empregados por terem deixado Stryker e a mulher escaparem de novo, ele teve dificuldade para pegar no sono. Finalmente, por volta das sete da manhã, cochilou um pouco.

Às dez, acordou com o toque do telefone. Era o diretor da Rede ligando de Washington. Eles usavam um aparelho eletrônico para bloquear rastreamento e grampos, por isso podiam falar sem rodeios. O velho estava furioso e, como era característico, ríspido.

Enquanto ouvia as acusações e exigências do diretor, Alexander se deu conta de que essa operação colocava seu futuro na Rede em jogo. Se não conseguisse neutralizar Stryker e essa mulher, a tal Evans, o sonho de assumir o posto de diretor em alguns anos nunca se realizaria.

Depois que o velho desligou, Alexander ligou para seu escritório, esperando não ouvir que Elliot Stryker e Christina Evans continuavam

livres. Mas foi exatamente o que ouviu. Ele ordenou que outros homens interrompessem suas tarefas e se dedicassem à caçada.

— Quero que eles sejam encontrados antes do fim do dia — Alexander avisou. — O filho da mãe matou um dos nossos homens. Não pode escapar depois disso. Quero que ele seja eliminado. E a vadia também. Os dois. Mortos. Hoje.

HAVIA DUAS lojas de material esportivo e duas lojas de armas bem perto do hotel.

A primeira loja de material esportivo não vendia mapas, e embora a segunda os vendesse, no momento não tinha nenhum em estoque. Elliot e Tina encontraram o que procuravam em uma das lojas de armas: um conjunto de doze mapas da Sierra, desenhados para mochileiros e caçadores. O material era vendido em um estojo de couro e custava cem dólares.

De volta ao quarto de hotel, eles abriram um dos mapas sobre a cama.

— E agora? — perguntou Elliot.

Tina pensou na pergunta por um momento, depois se aproximou da penteadeira, abriu a gaveta do meio e pegou uma pasta com material de papelaria com o timbre do hotel. Na pasta havia uma caneta esferográfica comum com o nome do hotel gravado. Com a caneta, ela voltou à cama e se sentou ao lado do mapa.

— Pessoas que acreditam no sobrenatural trabalham com técnica que chamam de escrita automática. Já ouviu falar nisso? — ela perguntou.

— É claro. Psicografia. Um fantasma ou espírito guia a mão de quem escreve para transmitir uma mensagem do além. Sempre achei que fosse uma grande besteira.

— Bom, besteira ou não, vou tentar. A diferença é que não preciso de um fantasma para guiar minha mão. Espero que Danny faça isso.

— Mas não é preciso estar numa espécie de transe, como um médium em uma sessão espírita?

— Vou só relaxar completamente e me manter aberta e receptiva. Vou segurar a caneta sobre o mapa. Talvez Danny consiga desenhar uma rota para nós.

Elliot puxou uma cadeira para perto da cama e sentou.

— Não acredito que isso vá funcionar. É totalmente maluco. Mas vou ficar quieto e dar uma chance para a sua tentativa.

Tina olhou para o mapa e tentou não pensar em nada além das cores que os cartógrafos usavam para indicar os diferentes tipos de terreno no mapa. Deixou os olhos perderem o foco.

Um minuto se passou.

Dois minutos. Três.

Ela fechou os olhos.

Mais um minuto. Dois.

Nada.

Ela virou o mapa e tentou do outro lado.

Nada.

— Pega outro mapa para mim — ela pediu para Elliot.

Ele tirou outro mapa do estojo de couro e entregou a ela. Tina dobrou o primeiro mapa e abriu o segundo.

Meia hora e cinco mapas mais tarde, ela sentiu sua mão se mover repentinamente sobre o papel, como se alguém tivesse empurrado seu braço.

Tina sentiu alguma coisa muito peculiar, uma contração que parecia acontecer dentro da mão, e reagiu com surpresa e uma súbita tensão.

No mesmo instante, o poder invasor se retirou.

— O que foi isso? — Elliot perguntou.

— Danny. Ele tentou.

— Tem certeza?

— Absoluta. Mas ele me assustou, e acho que resisti. E mesmo tendo sido um pequeno susto, acho que foi o suficiente para afastá-lo. Pelo

menos sabemos que este é o mapa certo. Vou tentar de novo.

Ela aproximou a caneta do mapa mais uma vez e deixou os olhos perderem o foco.

A temperatura despencou.

Ela tentou não pensar no frio. Tentou afastar todos os pensamentos.

A mão direita, que segurava a caneta, ficou mais fria que o restante do corpo. Ela sentiu novamente a contração desagradável. Os dedos ficavam doloridos com o frio. De repente, sua mão se moveu pelo mapa, descrevendo vários círculos. A caneta fazia rabiscos sem significado no papel. Depois de meio minuto, sentiu a força abandonar novamente sua mão.

— Nada — disse.

De repente o mapa se levantou sozinho no ar, como se alguém o jogasse longe numa reação de raiva ou frustração.

Elliot se levantou da cadeira e tentou pegar o mapa, mas ele girou novamente no ar. Voou, fazendo um barulho estranho, até o outro lado do quarto e voltou, caindo, finalmente, como um pássaro morto no chão, aos pés de Elliot.

— Caramba — ele disse baixinho. — Da próxima vez que ler no jornal a história de um cara dizendo que foi levado por um disco voador para dar uma volta no universo, nem vou dar risada. Se continuar vendo objetos inanimados voando por aí, vou passar a acreditar em tudo o que me disserem.

Tina levantou da cama e massageou a mão dolorida.

— Acho que estou oferecendo muita resistência. Mas a sensação é muito estranha quando ele assume o controle... não consigo evitar a tensão. Acho que tem razão sobre a necessidade do transe.

— Acho que não posso te ajudar com isso. Sou bom cozinheiro, mas não sei nada de hipnose.

— Hipnose! É isso!

— Talvez, mas onde espera encontrar um hipnotista? Que eu saiba, eles não oferecem o serviço em lojas ou bancas na rua.

— Billy Sandstone.

— Quem?

— Um hipnotista que eu conheço. E ele mora bem aqui, em Reno. Ele faz um número brilhante. Eu inclusive queria que ele participasse do *Magyck!*, mas ele tem contrato exclusivo com uma cadeia de hotéis de Reno-Tahoe. Se conseguirmos encontrar Billy, ele pode me hipnotizar. E talvez eu relaxe o suficiente para possibilitar essa escrita automática.

— Tem o telefone dele?

— Não. E não deve estar na lista. Mas tenho o telefone do agente, posso tentar contato por ele.

Tina correu para o telefone.

BILLY SANDSTONE tinha pouco menos de quarenta anos, era um homem baixinho e magro, como um jóquei, e sua palavra de ordem parecia ser exatamente esta: ordem. Os sapatos brilhavam como espelhos negros, os vincos na calça eram afiados como lâminas, e a camisa azul esportiva era perfeitamente engomada. O cabelo era cortado com navalha, e ele cuidava do bigode com tanto esmero que quase parecia uma pintura em cima da boca.

A sala de jantar de Billy também era um exemplo de sua característica metódica e ordeira. Mesa, cadeiras, aparador e armário brilhavam por causa da quantidade de cera que era esfregada na madeira com o mesmo vigor com que seus sapatos eram engraxados. Um vaso de cristal com rosas com ar fresco enfeitava o centro da mesa, e raios de luz cintilavam no vidro delicado. As cortinas tinham a medida perfeita. Seria difícil até para o mais atento perfeccionista encontrar uma partícula de poeira naquela sala.

Elliot e Tina abriram o mapa em cima da mesa e se sentaram um de frente para o outro.

— Psicografia é uma coisa meio doida, Christina. Você deve saber disso — disse Billy.

— Eu sei perfeitamente, Billy. Eu sei.

— Bem, então...

— Quero que me hipnotize, mesmo assim.

— Você é uma pessoa equilibrada, Tina. Isso não combina com você.

— Eu sei.

— Se pelo menos me dissesse por quê... Se me contasse o que significa tudo isso, talvez eu pudesse ajudar mais.

— Billy, se eu tentar explicar tudo a você, vamos ficar aqui a tarde toda.

— Mais que isso... — Elliot interferiu.

— E não temos esse tempo — Tina continuou. — Tem muita coisa em jogo aqui, Billy. Mais do que você pode imaginar.

Não contaram absolutamente nada ao hipnotista. Sandstone não tinha a menor ideia do motivo da presença deles em Reno ou do que procuravam nas montanhas.

— Sei que isso tudo parece ridículo, Billy. Deve estar pensando que sou algum tipo de doido que está se aproveitando da Christina.

— Definitivamente, não se trata disso — ela garantiu.

— Exatamente. Ela já era bem maluca antes de me conhecer — Elliot brincou.

A brincadeira relaxou Sandstone, exatamente como Elliot esperava que acontecesse. Malucos e pessoas irracionais não costumam ser divertidos.

Elliot, então, continuou:

— Billy, garanto que não perdemos nenhum parafuso. E essa é uma questão de vida ou morte.

— Totalmente — Tina confirmou.

— Tudo bem — Billy concordou. — Vocês não têm tempo para me contar tudo agora, eu entendo. Mas vai me contar um dia, quando não estiver com tanta pressa?

— É claro que sim — Tina prometeu. — Vou te contar tudo. Agora, por favor, por favor, me coloque em transe.

— Está bem — concordou Billy Sandstone.

Ele usava um anel de ouro com um brasão. Virou a joia, de forma que o brasão ficasse para baixo, voltado para a palma. Depois, levantou a mão diante do rosto de Tina.

— Olhe para o anel e tente focar sua atenção apenas nele e na minha voz.

— Só um segundo — ela pediu.

Tirou a tampa da caneta vermelha de ponta porosa que Elliot comprara na banca de jornais do hotel antes de pegarem um táxi para a casa de Sandstone. Elliot sugeriu a mudança de caneta para que conseguissem distinguir os rabiscos que já haviam sido feitos no mapa de qualquer nova sinalização que pudesse surgir.

Com a ponta da caneta sobre o papel, Tina disse:

— Pronto, Billy. Pode começar.

Elliot não soube ao certo quando Tina entrou no transe hipnótico, e não tinha nem ideia de como essa hipnose suave acontecia. Sandstone apenas moveu a mão lentamente para frente e para trás diante do rosto de Tina, sempre falando em voz baixa e cadenciada, repetindo o nome dela com frequência.

Elliot quase entrou em transe também. Quando percebeu que estava sucumbindo à voz melodiosa de Sandstone, ele piscou e se esforçou para não prestar atenção.

Tina olhava para o nada, com uma expressão vazia.

O hipnotista abaixou a mão e devolveu o anel à posição comum.

— Você está dormindo profundamente, Tina.

— Sim.

— Seus olhos estão abertos, mas você está em um sono profundo, profundo, profundo.

— Sim.

— Vai ficar nesse sono profundo até eu dizer para acordar, certo?

— Sim.

— Vai ficar relaxada e receptiva.

— Sim.

— Nada vai poder assustar você.

— Não.

— Você não faz parte disso. É só um meio de transmissão, como um telefone.

— Telefone — ela falou com voz pastosa.

— Vai permanecer totalmente passiva até sentir o impulso de usar a caneta em sua mão.

— Sim.

— Quando sentir o impulso de usar a caneta, você não vai resistir. Vai ceder ao impulso. Entendeu?

— Sim.

— Não vai se incomodar com nada que Elliot e eu conversarmos. Só vai responder a mim quando eu falar diretamente com você. Entendeu?

— Sim.

— Agora... receba quem quer falar por meio de você.

Eles esperaram.

Um minuto, outro.

Billy Sandstone observou Tina atentamente durante algum tempo, mas, finalmente, se mexeu na cadeira com impaciência. Olhou para Elliot e disse:

— Não acredito nessa coisa de espírito que escreve e...

O mapa se mexeu, chamando a atenção deles. Os cantos enrolaram e desenrolaram, enrolaram e desenrolaram, de novo e de novo, como o pulso de uma coisa viva.

O ar ficou mais frio.

O mapa parou de se mexer.

Tina baixou o olhar do nada para o mapa e começou a mexer a mão. Ela não fazia movimentos bruscos, só se movia para a frente, bem devagar, hesitante, sobre o mapa, deixando uma fina linha vermelha, como um fio de sangue sobre o papel.

Sandstone esfregava as mãos nos braços para diminuir o frio, cada vez mais intenso, na sala. Com a testa franzida, olhando para cima, para as grades do sistema de aquecimento, ele começou a levantar da cadeira.

Elliot avisou.

— Não perca tempo com o ar-condicionado. Não está ligado. E o aquecimento não parou de funcionar.

— O quê?

— O frio vem do... espírito — Elliot explicou, decidindo se ater a explicações generalistas em vez de falar sobre a história verdadeira, sobre Danny.

— Espírito?

— Isso.

— Espírito de quem?

— Pode ser de qualquer pessoa.

— Está falando sério?

— Pode acreditar que sim.

Sandstone o encarava como se quisesse dizer: *Já sei que é doido, mas você é perigoso?*

Elliot apontou para o mapa.

— Está vendo?

Enquanto a mão de Tina se movia lentamente sobre o papel, os cantos do mapa começaram a enrolar e desenrolar de novo.

— Como ela faz isso? — Sandstone perguntou.

— Não é ela.

— O espírito...

— Exatamente.

O rosto de Billy se contorceu em uma careta de dor, como se ele sofresse uma espécie de desconforto físico por causa da crença de Elliot em fantasmas. Aparentemente, ele preferia ter uma imagem do mundo tão organizada como aquela sala em que se encontravam. Se começasse a

acreditar em fantasmas do dia para a noite, teria que rever suas opiniões sobre várias outras coisas, e então a vida se tornaria insuportavelmente bagunçada.

Elliot entendia o hipnotista. Nesse momento, ansiava pela rotina rigidamente estruturada de seu escritório de advocacia, pelos parágrafos organizados dos processos, pelas regras atemporais do tribunal.

Tina deixou a caneta cair. Levantou o olhar do mapa. Seus olhos continuavam sem foco.

— Terminou? — Billy perguntou a ela.

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim.

Com algumas frases simples e um estalo firme, batendo uma palma na outra, o hipnotista tirou Tina do transe.

Ela piscou confusa, olhou para a rota riscada no mapa e depois sorriu para Elliot.

— Deu certo. Meu Deus, deu certo!

— Parece que sim.

Ela apontou para o fim da linha vermelha.

— É aqui que ele está, Elliot. É onde eles o mantêm preso.

— Não vai ser assim tão fácil entrar nesse território — Elliot avisou.

— Mas nós vamos conseguir. Precisamos de roupas apropriadas. Botas. Sapatos para neve, caso seja preciso caminhar muito tempo ao ar livre. Você sabe usar sapatos para neve? É bem complicado.

— Espere aí — Elliot protestou. — Ainda não estou totalmente convencido de que seu sonho significa o que você está pensando. Levando em consideração o que disse que aconteceu nele, não entendo como chegou à conclusão de que Danny vai nos ajudar quando chegarmos à instalação. Podemos chegar lá e descobrir que não temos como passar pelas defesas deles.

Billy Sandstone olhava de um para o outro sem esconder o espanto.

— Danny? Seu Danny, Tina? Mas ele não...

Tina o interrompeu:

— Elliot, não foi só o que aconteceu no sonho que me fez chegar a essa conclusão. O que senti nele foi mais importante. Não consigo explicar essa parte. O único jeito de entender seria você mesmo sonhar. Mas eu garanto a você que ele disse que pode ajudar a gente a chegar onde ele está.

Elliot virou o mapa e o estudou com mais atenção.

Da ponta da mesa, Billy repetiu:

— Mas Danny não...

Tina o interrompeu mais uma vez.

— Elliot, escute, eu disse que ele ia nos mostrar onde o estão mantendo preso, e ele desenhou essa rota para nós. Até agora, eu não errei nenhum dos meus palpites. Também sinto que ele vai nos ajudar a entrar no lugar, e não sei por que haveria de estar errada agora.

— É que... nós estamos nos jogando nos braços deles.

— Braços de quem? — Billy Sandstone perguntou.

E logo Tina disse:

— Elliot, o que vai acontecer se ficarmos aqui, escondidos até conseguirmos pensar em outra alternativa? Quanto tempo temos? Acredito que não muito. Eles vão nos encontrar, mais cedo ou mais tarde, e quando nos pegarem, vão nos matar.

— Matar? — Billy Sandstone repetiu. — Não gosto dessa palavra. Está bem no topo da lista das palavras que detesto, logo atrás de brócolis.

— Chegamos até aqui porque continuamos em movimento e temos sido agressivos — Tina insistiu. — Se mudarmos de atitude, se passarmos a ser excessivamente cautelosos de uma hora para outra, então esse vai ser nosso fim, não nossa salvação.

— Vocês estão falando como se estivessem em uma verdadeira guerra — Billy Sandstone comentou incomodado.

— Provavelmente, você está certa — Elliot respondeu para Tina. — Uma coisa que aprendi no Exército é que você tem que parar e reagrupar suas forças de vez em quando, mas se ficar parado muito tempo, a maré pode virar e te afogar.

— Será que devo ligar a TV e colocar no jornal? — Billy Sandstone perguntou. — Está acontecendo uma guerra? Invadimos a França?

Elliot disse a Tina:

— De que mais vamos precisar, além de roupas térmicas, botas e sapatos para neve?

— Um jipe — ela respondeu.

— Não é uma coisinha qualquer.

— Por que não um tanque? — sugeriu Billy Sandstone. — Se vão para a guerra, um tanque me parece uma melhor opção.

Tina respondeu:

— Não seja bobo, Billy. Nós precisamos apenas de um jipe.

— Só queria ser útil, querida. E obrigado por lembrar que eu existo.

— Um jipe ou qualquer carro com tração nas quatro rodas — Tina falou para Elliot. — Vamos evitar ao máximo ter que andar a pé. Caminharemos o mínimo necessário. Deve existir alguma estrada para esse lugar, mesmo que seja escondida. Se tivermos sorte, Danny vai sair de lá conosco, e ele provavelmente não vai estar em condições de fazer uma trilha pela Sierra no auge do inverno.

— Eu tenho uma Explorer — Billy falou.

— Acho que consigo transferir algum dinheiro da minha conta bancária em Vegas — Elliot disse. — Mas e se estiverem monitorando as contas? Isso os traria até aqui. E como os bancos estão fechados no feriado, não conseguiríamos fazer nada até a semana que vem. Até lá, eles podem ter nos encontrado.

— E seu cartão American Express? — ela perguntou.

— Quer que eu compre um jipe no cartão?

— Seu cartão tem limite?

— Não, mas...

— Uma vez li no jornal sobre um cara que comprou um Rolls-Royce no cartão. É possível, desde que a operadora tenha certeza de que você pode pagar a próxima fatura.

— É meio maluco, mas vou tentar.

— Eu tenho uma Explorer — Billy Sandstone repetiu.

— Vamos ver onde tem uma concessionária na cidade — Tina decidiu.

— Checamos se eles aceitam cartão.

— Eu tenho uma Explorer! — Billy gritou.

Os dois olharam para ele assustados.

— Eu me apresento no lago Tahoe por algumas semanas todo ano, no inverno — Billy explicou. — E vocês sabem como é lá nessa época do ano, neve até a bunda. Odeio a rota comercial Tahoe-Reno. O avião é muito pequeno. E o aeroporto de Tahoe é péssimo. Normalmente, vou para lá de carro um dia antes da estreia. Por isso tenho uma Explorer, para atravessar as montanhas em possíveis dias de mau tempo.

— Vai para Tahoe em breve? — Tina perguntou.

— Não. Só estreio no fim do mês.

— Vai precisar da Explorer nos próximos dois dias? — Elliot quis saber.

— Não.

— Pode nos emprestar?

— Bom... acho que sim.

Tina se inclinou sobre o canto da mesa, agarrou a cabeça de Billy com as duas mãos, puxou e beijou seu rosto.

— Você é um salva-vidas, Billy. Literalmente.

— Acha que eu tenho cara de boia?

— Talvez as coisas estejam dando certo para nós — disse Elliot. — Talvez possamos tirar Danny de lá, no fim das contas.

— Nós vamos conseguir — Tina afirmou. — Eu sei que vamos.

As rosas no vaso de cristal giraram como um grupo de bailarinas ruivas fazendo piruetas.

Assustado, Billy Sandstone saltou e derrubou a cadeira.

As cortinas abriram, fecharam, abriram, fecharam, embora não houvesse ninguém perto delas.

O lustre começou a rodar em um círculo lento, e os pêndulos de cristal projetaram prismas de luz nas paredes.

Elliot sabia como Billy se sentia desorientado, e sentia pena do homem.

Meio minutos depois, todo o movimento sobrenatural cessou, e a sala esquentou rapidamente.

— Como vocês fazem isso? — Billy perguntou.

— Não somos nós — disse Tina.

— Nem um fantasma — Billy decidiu firme.

— De fato, também não é um fantasma — Elliot concordou.

— Podem usar o meu carro. Mas, antes, vão ter que me contar que diabos está acontecendo. Não quero nem saber se estão com pressa. Podem me dar uma versão resumida. Se não me contarem nada, eu juro que posso morrer de tanta ansiedade.

Tina olhou para Elliot.

— E aí?

Elliot se dirigiu a Billy.

— Talvez seja melhor para você não saber.

— Não venha com essa. Impossível!

— Estamos lidando com gente muito perigosa. Se acharem que você sabe alguma coisa sobre eles...

— Escute, eu não sou só um hipnotista. Também sou mágico. Na verdade, era isso que eu queria ser, mas não tenho muita habilidade. Por isso criei esse número de hipnose. Mas a magia é minha paixão. Só preciso

saber como fizeram esse truque com as cortinas, as rosas e o mapa! Eu preciso saber.

Naquela manhã, Elliot pensou que ele e Tina eram as únicas pessoas que sabiam que a história oficial sobre o acidente na Sierra era uma mentira. Se eles morressem, a verdade morreria com eles, e a farsa prosseguiria. Considerando o alto preço que pagaram pela informação pateticamente insuficiente que tinham conseguido até então, não podia tolerar a possibilidade de tudo o que viveram até agora ter sido em vão.

— Billy, você tem um gravador? — Elliot perguntou.

— É claro. Não é nenhum equipamento sofisticado, é só um gravador pequeno que carrego sempre comigo. Tem alguns trechos de humor no meu número, e uso o gravador para desenvolver material novo, corrigir problemas de *timing*.

— Não precisa ser sofisticado. Só precisa funcionar. Vamos te dar uma versão resumida da história por trás de tudo isso, e vamos gravar tudo. Depois, vou mandar a fita para um dos meus sócios — Elliot deu de ombros. — Não é muita garantia, mas é melhor que nada.

— Vou buscar o gravador — Billy saiu correndo da sala de jantar.

Tina dobrou o mapa.

— É bom te ver sorrindo de novo — Elliot comentou.

— Eu devo ter perdido a razão — ela respondeu. — Ainda temos uma missão muito perigosa pela frente. Ainda vamos enfrentar bandidos e não fazemos ideia do que vamos encontrar nas montanhas. Então, por que será que me sinto tão bem, tão de repente?

— Você se sente bem porque não estamos mais fugindo. Agora vamos partir para a ofensiva. E por mais que isso seja loucura, faz muito bem à autoconfiança de uma pessoa.

— Duas pessoas como nós podem ter alguma chance de vitória contra algo tão grande quanto o próprio governo?

— Bom, eu acredito que indivíduos são mais propensos a agir com responsabilidade e moralidade do que as instituições, o que nos coloca do lado certo da justiça, pelo menos. E também acredito que indivíduos são sempre mais inteligentes e mais adaptados para a sobrevivência, pelo menos no longo prazo, do que qualquer instituição. Vamos torcer para minha filosofia não ser tão ingênua.

* * *

À uma e meia da tarde, Kurt Hensen entrou no escritório da Rede, no centro de Reno, onde estava George Alexander.

— Acharam o carro que Stryker alugou. Foi deixado em um estacionamento público a três quarteirões daqui.

— Foi usado recentemente? — perguntou Alexander.

— Não. Motor frio. Tem gelo grosso sobre as janelas. Certamente passou a noite estacionado lá.

— Ele não é burro. Deve ter abandonado a porcaria.

— Quer que alguém fique vigiando o carro mesmo assim?

— É melhor — Alexander respondeu. — Mais cedo ou mais tarde, eles vão cometer algum deslize. Acho difícil que voltem ao carro, mas quem sabe?

Hensen saiu da sala.

Alexander tirou um Valium de uma pequena latinha que carregava no bolso do paletó e o engoliu com um gole de café quente, que serviu do bule de prata sobre sua mesa. Era o segundo comprimido do ansiolítico que tomava desde que saíra da cama, fazia apenas três horas e meia, mas ainda se sentia extremamente nervoso.

Stryker e a mulher eram adversários difíceis.

Alexander não gostava de adversários que o desafiavam.

Onde será que esses malditos estavam?

AS ÁRVORES sem folhas pareciam ter sido queimadas, como se aquele inverno, em especial, fosse mais severo que outros e tão catastrófico quanto um incêndio. A vegetação perene – pinheiros, abetos, lariço-europeu – estava coberta de neve. Um vento cortante transbordava do horizonte irregular sob um céu baixo e ameaçador, projetando flocos de neve encorpados contra o para-brisa da Explorer.

Tina estava fascinada – e inquieta – com a floresta que os cercava na estrada estreita rumo ao norte. Mesmo se não soubesse que a área de vegetação densa e profunda guardava tantos segredos sobre Danny e a morte dos outros treze escoteiros, teria se incomodado com o aspecto misterioso e primitivo da região.

Eles haviam saído da Interestadual 80 quinze minutos antes, seguindo a rota que Danny indicara, contornando o limite da floresta. Ainda percorriam a beirada do mapa, mas em pouco tempo trocariam a via asfaltada de duas faixas por outra estrada, que o mapa especificava como “não pavimentada, mas nivelada”, qualquer que fosse o significado disso.

Depois de sair da casa de Billy Sandstone na Explorer emprestada, Tina e Elliot não voltaram ao hotel. Compartilhavam a suspeita de que algum assassino os esperava no quarto.

Primeiro, estiveram em uma loja de material esportivo, onde compraram dois trajes térmicos para tempestade, botas, sapatos para neve, comida compacta usadas por mochileiros, latas de álcool para aquecimento e outros equipamentos de sobrevivência. Se a tentativa de resgate desse certo, como pareciam prever os sonhos de Tina, não precisariam de nada do que tinham comprado. Mas se a Explorer

quebrasse nas montanhas ou se tivessem qualquer outro problema, ao menos estariam minimamente preparados para enfrentar a floresta.

Elliot também comprou cem cargas de munição de ponta oca para a pistola que carregava consigo desde Vegas. Isso não era garantia contra imprevistos; era apenas um planejamento prudente para enfrentar problemas que sabiam muito bem que enfrentariam.

Depois da loja de material esportivo, eles saíram da cidade e seguiram para as montanhas. Em um restaurante de beira de estrada, usaram o banheiro para trocar de roupa. O traje térmico de Elliot era verde com listras brancas, o de Tina era branco com listras verdes e pretas. Os dois pareciam esquiadores a caminho das encostas.

Ao entrar nas montanhas colossais, eles perceberam que escurecia cedo nos vales e campinas cercados de árvores, e discutiram se deviam continuar ou não. Talvez fosse mais sensato voltar a Reno, encontrar outro hotel e recomeçar a viagem na manhã seguinte. Mas nenhum dos dois estava disposto a perder mais tempo. O horário e a luz cada vez menos intensa poderiam estar contra eles, mas uma abordagem noturna na instalação talvez fosse vantajosa. O ponto principal era que estavam sendo levados por seus impulsos. Ambos tinham a sensação de que não era hora de parar, e não queriam contrariar o destino adiando a jornada.

Estavam agora em uma estrada rural estreita, subindo para o extremo norte das montanhas. Tratores e pás mantinham a via livre, exceto por um ou outro trecho de neve endurecida que preenchia buracos na estrada, e havia pelo menos um metro e meio de neve acumulada dos dois lados do caminho.

— Falta pouco — Tina avisou, olhando para o mapa aberto sobre os joelhos.

— Estamos em uma parte inóspita do mundo, não?

— Parece que a civilização poderia ser destruída enquanto estamos aqui e nós nem tomaríamos conhecimento.

Não viram nenhuma casa ou qualquer construção nos últimos três quilômetros. Não cruzavam com um carro havia quase dez quilômetros.

O crepúsculo envolvia a floresta, e Elliot acendeu os faróis.

Lá na frente, à esquerda, surgiu uma brecha no banco de neve formado pelas pás que limpavam a estrada. Quando se aproximou dessa passagem, Elliot entrou nela e parou. Uma trilha estreita e perigosa levava ao interior da floresta. Aparentemente havia sido limpa recentemente, mas mesmo assim era traiçoeira. A largura era pouco maior do que a de uma faixa, e as árvores formavam um túnel em torno dela, de modo que, depois de uns quinze ou vinte metros, ela simplesmente desaparecia em uma noite prematura. Não era uma via pavimentada, mas um leito sólido se formara ao longo dos anos pela aplicação generosa e repetida de piche e cascalho.

— De acordo com o mapa, estamos procurando uma estrada “não pavimentada, mas nivelada”, Tina comentou.

— Acho que é essa.

— Será que é uma trilha de lenhadores?

— Parece mais a estrada que sempre aparece nos filmes antigos, quando os personagens estão a caminho do castelo do Drácula.

— Ah, obrigada por isso.

— Desculpe.

— O pior é que você está certo. Realmente parece a estrada para o castelo do Drácula.

Eles seguiram pela trilha, sob o telhado de árvores perenes de folhagem densa, para dentro do coração da floresta.

NA SALA RETANGULAR subterrânea, os computadores vibravam e murmuravam.

Dr. Carlton Dombey, que começara seu turno fazia vinte minutos, estava sentado diante de uma das mesas encostadas na parede norte. Ele estudava um conjunto de eletroencefalogramas, sonogramas e radiografias digitalmente otimizados.

Depois de um tempo, ele disse:

— Viu as fotos que fizeram do cérebro do garoto hoje pela manhã?

Dr. Aaron Zachariah desviou o olhar da fileira de monitores.

— Não sabia que tínhamos fotos novas.

— Sim, temos uma série inteira.

— Alguma coisa interessante?

— Sim — respondeu Dombey. — Sabe aquela mancha que apareceu no lobo parietal há umas seis semanas?

— O que tem ela?

— Está maior e mais escura.

— É um tumor maligno, então?

— Ainda não ficou claro.

— Benigno?

— Não dá para ter certeza de nada. A mancha não tem todas as características espectrográficas de um tumor.

— Não pode ser uma cicatriz?

— Não é isso.

— Um coágulo?

— Com certeza, não.

— Temos alguma informação útil?

— Talvez — Dombey falou. — Não sei se é útil, mas definitivamente é estranho — ele tinha a testa franzida.

— Pare logo com esse suspense — Zachariah pediu, e se aproximou da mesa para ver os exames.

Dombey respondeu:

— De acordo com a análise digital, o crescimento corresponde à natureza de tecido cerebral normal.

Zachariah o encarou.

— Como é que é?

— Pode ser uma nova formação de tecido cerebral — Dombey explicou.

— Mas isso não faz sentido.

— Eu sei.

— Nenhum cérebro começa a produzir novos nodos assim do nada.

— Eu sei.

— É melhor alguém da manutenção dar uma olhada no computador. Ele deve estar com algum problema.

— O pessoal da manutenção já fez isso hoje mais cedo — Dombey contou, apontando para uma pilha de material impresso em cima da mesa. — Está tudo funcionando perfeitamente.

— Assim como garantem que o sistema de aquecimento na câmara de isolamento funciona perfeitamente — Zachariah retrucou.

Ainda examinando os resultados, e coçando o bigode com uma das mãos, Dombey relatou:

— Escute isso. O ritmo de crescimento da mancha parietal é diretamente proporcional ao número de injeções aplicadas no garoto. Apareceu depois da primeira série de inoculações, seis semanas antes. Quanto maior a frequência com que o menino é reinfetado, mais depressa a mancha cresce.

— Então, deve ser um tumor — concluiu Zachariah.

— Provavelmente. Vão fazer um exame mais detalhado amanhã de manhã.

— Cirurgia?

— Sim. Vamos extrair uma amostra de tecido para biópsia.

Zachariah olhou para a janela de observação da câmara de isolamento.

— Droga, o sistema de aquecimento deu problema de novo!

Dombey viu o vidro começar a embaçar.

Zachariah correu para a janela.

Dombey olhava pensativo para o gelo se espalhando. E disse:

— Quer saber de uma coisa? Acho que o problema com o aquecimento, se não me engano, começou na mesma época em que a mancha parietal apareceu pela primeira vez nas radiografias.

Zachariah olhou para ele.

— E daí?

— Não acha que é muita coincidência?

— É exatamente isso o que eu acho, que é uma coincidência. Não consigo pensar em nenhuma associação.

— Bem... Será que a mancha parietal não pode ter alguma relação com o congelamento?

— Espere... Acha que o garoto pode ser responsável pelas mudanças na temperatura?

— Não pode?

— Como?

— Não sei — Dombey admitiu.

— Não faz sentido — Zachariah opinou. — Nenhum sentido. Se continuar fazendo essas sugestões estranhas, vou ter que pedir que você também passe por uma checagem da manutenção, Carl.

A TRILHA DE PICHE e cascalho seguia para as profundezas da floresta. Estava limpa, sem raízes e buracos na maior parte de sua extensão, embora o fundo da Explorer pegasse no chão algumas vezes ao passar sobre uma ou outra valeta.

As árvores inclinadas sobre a estrada foram ficando ainda mais baixas, até que, por fim, os galhos cobertos de neve começaram a raspar no teto do carro, produzindo um ruído parecido com o de unhas arranhando uma lousa.

Eles passaram por algumas placas que informavam que a pista que percorriam era mantida aberta para uso exclusivo de agentes federais e pesquisadores ambientais. As placas avisavam que apenas veículos autorizados podiam passar por ali.

— Será que essa instalação secreta pode estar disfarçada de centro de pesquisa ambiental? — Elliot especulou.

— Não. De acordo com o mapa, essa trilha continua por quatorze quilômetros para o interior da floresta. Mas as instruções de Danny são para sairmos em direção norte depois de oito quilômetros.

— Já percorremos quase essa distância desde que saímos da estrada rural.

Galhos arranhavam o teto, e a neve escorria pelo para-brisa para o capô.

Os limpadores de para-brisa removiam os flocos, e Tina se inclinou para a frente para enxergar melhor a área iluminada pelos faróis.

— Pare! Acho que é isso que estamos procurando.

Elliot dirigia a apenas quinze quilômetros por hora, mas não conseguiu parar antes da saída. Ele breiou com força, engatou a ré e voltou uns cinco metros, até os faróis iluminarem a pequena trilha que Tina tinha localizado.

— Está toda coberta de neve — ele disse.

— Mas tem marcas de pneus.

— Parece que o movimento por aqui tem sido intenso.

— É aqui — Tina decidiu confiante. — Esse é o caminho que Danny indicou.

— Ainda bem que o carro tem tração nas quatro rodas.

Ele saiu da estrada limpa para a outra, lotada de neve. A Explorer, equipada com correntes pesadas nos grandes pneus de inverno, foi cortando a neve e abrindo caminho sem hesitação.

A nova trilha se estendeu plana por mais ou menos cem metros, antes de começar uma subida íngreme, em uma curva fechada que contornava a parede de um precipício. Quando saíram da curva, as árvores não eram mais tão próximas da trilha, e pela primeira vez desde que haviam deixado a trilha asfaltada, era possível enxergar o céu.

O crepúsculo já tinha terminado, e a escuridão da noite assumiu o comando.

A neve começou a cair mais pesada, mas, diante deles, não havia um único floco no chão. Em mais uma ocorrência bizarra, a trilha coberta de neve os levou a outra via pavimentada; o calor subia do chão, e havia trechos totalmente secos no asfalto.

— Anéis de calor incrustados na superfície — disse Elliot.

— Mas aqui, no meio do nada.

Ele parou a Explorer, pegou a pistola que estava entre os dois bancos e soltou as travas de segurança. A arma estava carregada, e ele deixou uma bala encaixar na agulha. Quando devolveu a pistola ao espaço entre os bancos, ela estava pronta para ser usada.

— Ainda podemos voltar — disse Tina.

— É isso que você quer?

— Não.

— Nem eu.

Cento e cinquenta metros adiante, eles encontraram outra curva fechada. A estrada descia para uma ravina, virava à esquerda e subia de novo.

Uns vinte metros além da curva, o caminho era interrompido por um portão de aço. No topo, dos dois lados do portão, uma cerca de pelo menos três metros de altura se inclinava para fora, coberta por rolos afiados de arame farpado, estendendo-se para dentro da floresta até onde não era mais possível enxergar. Em cima do próprio portão, também havia arame farpado.

Havia uma placa grande à direita da estrada, sustentada por duas colunas de madeira:

PROPRIEDADE PRIVADA
ENTRADA APENAS COM CARTÃO MAGNÉTICO
MEDIDAS SERÃO TOMADAS CONTRA INVASORES

— Eles passam a impressão de que isso aqui é uma cabana de caçador — Tina comentou.

— Essa é a intenção, com certeza. E agora? Por acaso você tem um cartão magnético?

— Danny vai nos ajudar. O meu sonho tem a ver com isso.

— Quanto tempo vamos ficar aqui esperando?

— Não muito — ela disse, quando o portão começou a se mover para o lado de dentro.

— Não é possível — disse Elliot, incrédulo.

A estrada aquecida continuava até se perder na escuridão.

— Estamos chegando, filho — Tina falou baixinho.

— E se outra pessoa abriu o portão? E se Danny não teve nada a ver com isso? Pode ser uma armadilha.

— Foi o Danny.

— Você tem certeza.

— Tenho.

Elliot suspirou e passou pelo portão, que fechou depois de a Explorer entrar.

Uma enorme subida se apresentou na frente deles, contornando as encostas. Era ladeada por enormes formações rochosas e por esculturas de neve criadas pelo vento. A pista se alargava, passava de uma a duas faixas em alguns trechos, e havia fragmentos mais densos de floresta com árvores maiores. A Explorer escalava a montanha, subindo cada vez mais.

O segundo portão ficava a dois quilômetros do primeiro, em um trecho curto de estrada plana, logo além do topo de uma colina. Não era só um portão, era como um posto de identificação. Havia uma guarita à direita da estrada, de onde o portão era controlado.

Elliot pegou a arma quando parou a Explorer na barreira.

Estavam a uns dois ou três metros da guarita iluminada, no máximo, perto o bastante para ver o guarda que olhava para eles intrigado através da grande janela.

— Ele está tentando descobrir quem somos — Elliot falou. — Ele nunca nos viu antes, nem este carro. E este não é o tipo de lugar que tem tráfego inesperado.

Dentro da cabine, o guarda pegou um fone do aparelho preso à parede.

— Droga! — Elliot resmungou. — Vou ter que dar um jeito nele.

Quando Elliot ameaçou abrir a porta, Tina viu algo que a fez segurar o braço dele.

— Espere! O telefone não está funcionando.

O guarda bateu o telefone no gancho e ficou em pé. Tirou um casaco do encosto da cadeira, vestiu, fechou o zíper e saiu da guarita. Ele carregava

uma submetralhadora.

De algum lugar na escuridão, Danny abriu o portão.

O guarda parou na metade do caminho em direção à Explorer e olhou para o portão ao perceber o movimento, sem conseguir acreditar no que via.

Elliot pisou fundo no acelerador, e o carro arrancou.

O guarda levantou a submetralhadora quando o carro passou por ele, e Tina levantou as mãos em uma tentativa involuntária e totalmente inútil de se defender das balas.

Mas não havia balas.

Nem metal perfurado. Nem vidros estilhaçados. Nem sangue ou dor.

Eles nem sequer ouviram tiros.

O carro disparou pela estrada plana e logo começou a subir a encosta além dela, passando pelas colunas de vapor que se erguiam do pavimento preto.

E, ainda, nada de tiros.

Quando fizeram outra curva, em alta velocidade, Elliot praticamente lutou com o volante, e Tina viu o grande espaço negro além do acostamento. Ele conseguiu manter o veículo na pista, terminou a curva e então eles saíram do alcance dos tiros do guarda. Nos duzentos metros seguintes, até a estrada mudar de direção em outra curva, não viram nada ameaçador.

A Explorer desacelerou e voltou para uma velocidade segura.

Elliot perguntou:

— Foi Danny quem fez tudo isso?

— Deve ter sido.

— Ele interferiu no telefone do guarda, abriu o portão e emperrou a submetralhadora. Minha nossa, o que é esse seu filho?

Continuaram subindo, e a neve começou a cair mais forte e rápida, em camadas de flocos finos e secos.

Depois de pensar por um minuto, Tina respondeu:

— Não sei. Eu não sei mais dizer o que ele é. Não sei o que aconteceu com ele e não entendo em que se transformou.

Esse era um pensamento inquietante. Ela começou a se perguntar em que condições encontrariam Danny no topo da montanha.

COM FOTOS de Christina Evans e Elliot Stryker, os homens de George Alexander circulavam pelos hotéis no centro de Reno, falando com recepcionistas, carregadores de malas e outros funcionários. Às quatro e meia da tarde, eles tiveram uma identificação positiva de uma camareira do Harrah's.

No quarto 918, os agentes da Rede encontraram uma mala barata, roupas sujas, escovas de dente, vários itens de higiene pessoal e onze mapas em um estojo de couro, que Elliot e Tina, apressados e cansados, evidentemente esqueceram.

Alexander foi informado da descoberta às cinco e cinco. E às cinco e quarenta, tudo que Stryker e a mulher deixaram no quarto do hotel já estava no escritório de Alexander.

Quando ele entendeu a natureza dos mapas, quando percebeu que um deles havia desaparecido, e quando descobriu que o mapa desaparecido era exatamente aquele de que eles precisavam para encontrar os laboratórios do projeto Pandora, Alexander sentiu o rosto esquentar de raiva e desgosto.

— Que atrevimento!

Kurt Hensen estava em pé na frente da mesa de Alexander, separando o resto das coisas que tinham sido trazidas do hotel.

— O que foi?

— Eles foram para as montanhas. Vão tentar entrar no laboratório — respondeu Alexander. — Alguém, algum traidor no projeto Pandora, deve ter revelado o suficiente sobre a localização para eles encontrarem a instalação. E eles compraram mapas, pelo amor de Deus!

Alexander estava furioso com a metodologia fria que a compra dos mapas parecia representar. Quem eram essas duas pessoas? Por que não estavam escondidas em um canto escuro em algum lugar? Como é que não estavam paralisados de medo? Christina Evans era só uma mulher comum. Uma ex-dançarina de teatro. E Alexander se negava a acreditar que uma dançarina podia ser minimamente mais inteligente do que a média. E embora Stryker tivesse prestado serviço militar, isso já fazia muito tempo. De onde eles tiravam essa força, essa ousadia, essa resistência? Era como se tivessem alguma vantagem que Alexander desconhecia. Só podia ser isso. Tinham que ter alguma vantagem de que ele não tinha conhecimento. Mas o que poderia ser? Qual era o trunfo dos dois?

Hensen pegou um dos mapas e o virou.

— Não vejo nenhum motivo para você ficar tão agitado com isso. Mesmo que encontrem o portão principal, não vão conseguir passar por ele. Tem milhares de acres além da cerca, e o laboratório fica bem no meio do terreno. Eles não vão conseguir nem chegar perto do edifício, muito menos entrar.

De repente, Alexander entendeu qual era a vantagem da dupla, o que os mantinha em movimento, e sentou-se ereto na cadeira.

— Eles vão entrar com facilidade, se tiverem um amigo lá dentro.

— Quê?

— É isso! — Alexander ficou em pé. — Alguém do projeto Pandora avisou essa tal Evans sobre o filho dela. E esse mesmo traidor filho da mãe está lá neste exato minuto, pronto para abrir todos os portões e portas para eles. Algum filho da mãe nos deu uma facada nas costas. E vai ajudar a vadia a tirar o filho dela de lá!

Alexander telefonou para o gabinete de segurança militar no laboratório da Sierra, mas a linha estava muda, fazendo um ruído vazio de estática. Ele desligou e tentou de novo, e o resultado foi o mesmo.

Imediatamente, Alexander ligou para o escritório do diretor do laboratório, Dr. Tamaguchi. A mesma coisa, apenas estática.

— Aconteceu alguma coisa lá em cima — ele disse ao bater com o fone no gancho. — Os telefones estão mudos.

— Deve ser por conta de mais uma tempestade — Hensen sugeriu. — Deve estar nevando muito forte nas montanhas. Talvez as linhas...

— Use a cabeça, Kurt. As linhas são subterrâneas. E eles têm *backup* de celular. Nenhuma tempestade pode derrubar todos os canais de comunicação. Entre em contato com o Jack Morgan e diga a ele para preparar o helicóptero. Vamos encontrá-lo no aeroporto imediatamente.

— Ele vai precisar de, pelo menos, meia hora.

— Nem um minuto além disso.

— Talvez ele não queira ir. O tempo lá em cima está bem ruim.

— Pode chover bolas de basquete de ferro, não ligo. Nós vamos para o laboratório de helicóptero. Não temos tempo para ir de carro, não temos tempo. Tenho certeza, aconteceu alguma coisa lá em cima. Está acontecendo alguma coisa no laboratório.

Hensen franziu a testa.

— Mas tentar chegar de helicóptero à noite... no meio de uma tempestade...

— Morgan é o melhor piloto que conheço.

— Não vai ser fácil.

— Se Morgan quer vida mansa, deveria estar pilotando na rota comercial da Disney.

— Chega a ser suicida...

— E se você quer vida mansa, não deveria trabalhar para mim. Isso aqui não é a Sociedade das Senhoras Beneméritas, Kurt.

O rosto de Hensen ficou vermelho.

— Ok, vou ligar para o Morgan — ele disse.

— Sim. Faça isso.

COM OS LIMPADORES de para-brisa removendo a neve e os pneus envoltos por correntes fazendo barulho na pista aquecida, a Explorer chegou ao cume da última colina. Era como um platô, uma enorme prateleira entalhada em uma encosta da montanha.

Elliot pisou no freio, parou o veículo e estudou o território diante dele com insatisfação.

O platô era basicamente uma obra da natureza, mas via-se claramente a interferência humana. A prateleira larga na encosta da montanha não poderia ser naturalmente tão ampla ou ter um formato tão regular: trezentos metros de largura por duzentos metros de profundidade, um retângulo quase perfeito. O piso era tão liso quanto uma pista de pouso, e pavimentado. Não havia ali uma árvore sequer, ou qualquer outra estrutura que pudesse servir de esconderijo para um homem. Postes altos se enfileiravam na planície deserta, projetando uma luz avermelhada e pálida, voltada para baixo, artifício para atrair a menor atenção possível de aeronaves que se afastassem das rotas normais e de mochileiros que pudessem passar pelas montanhas remotas. Mas a iluminação fornecida pelas lâmpadas, entretanto, era suficiente para garantir imagens claras do platô para as câmeras de segurança, e elas estavam instaladas em todos os postes de iluminação, e nem um centímetro da área escapava da vigilância constante.

— O pessoal da segurança deve estar nos vendo nos monitores neste exato momento — Elliot concluiu com tom sombrio.

— A menos que Danny tenha interferido nas câmeras — Tina respondeu. — E se ele consegue travar uma arma do porte da que aquele

segurança carregava, por que não pode interferir em um circuito fechado de câmeras de vigilância?

— Você pode estar certa.

A duzentos metros, do outro lado da área de concreto, havia um prédio de um andar sem janelas, de mais ou menos trinta e cinco metros de comprimento e telhado inclinado.

— Ele deve estar lá — disse Elliot.

— Eu esperava uma estrutura enorme, um complexo gigantesco.

— E deve ser enorme. Nós só estamos vendo a fachada. A instalação foi construída na seção seguinte da montanha. Deus sabe quanto eles cavaram a rocha. E também deve ter vários andares lá embaixo.

— Descendo até o Inferno.

— Talvez.

Ele tirou o pé do freio e seguiu em frente, andando pela camada de neve colorida de um vermelho pálido pela iluminação.

Jipes, Land Rovers e outros veículos com tração nas quatro rodas ocupavam a área na frente do prédio baixo, oito no total, parados lado a lado embaixo da neve.

— Pelo jeito, não tem muita gente lá dentro — Tina comentou. — Pensei que fosse uma equipe grande.

— Ah, e é. Tenho certeza de que também está certa sobre isso. O governo não teria tanto trabalho para esconder essa instalação aqui para abrigar um punhadinho de pesquisadores, ou sei lá o que eles são. A maior parte deles deve passar semanas ou meses aqui direto. Não devem deixar que haja trânsito diário em uma estrada na floresta que só deveria ser usada pela polícia ou pesquisa ambiental. Chamaria muita atenção. Talvez alguns do topo da hierarquia venham regularmente de helicóptero. Mas se isso é uma operação militar, boa parte da equipe é designada nas mesmas condições a que são submetidos os oficiais de submarinos. Eles têm

permissão para desembarcar em Reno entre uma viagem e outra, mas ficam confinados na “embarcação” por longos períodos.

Ele estacionou ao lado de um jipe, apagou os faróis e desligou o motor.

O silêncio no platô era etéreo.

Ninguém saiu do prédio para recebê-los, o que significava, provavelmente, que Danny tinha interferido no sistema das câmeras.

O fato de terem chegado tão longe não deixava Elliot mais tranquilo em relação ao que ainda enfrentariam. Por quanto tempo Danny continuaria facilitando o avanço? O menino parecia ter poderes incríveis, mas não era Deus. Mais cedo ou mais tarde, deixaria passar alguma coisa. E se ele cometesse algum deslize, um único deslize, eles estariam mortos.

— Bom — disse Tina, tentando disfarçar sua ansiedade em vão —, não vamos precisar dos sapatos para neve, afinal.

— Mas o rolo de corda pode ter alguma utilidade — Elliot se virou, esticou o braço para trás e pegou a corda na pilha de equipamentos que haviam colocado no compartimento de carga. — Com certeza, vamos encontrar alguns seguranças, por mais que Danny nos esteja cobrindo. Temos que estar preparados para matá-los ou neutralizá-los de algum outro jeito.

— Se for possível, prefiro usar a corda, em vez das balas.

— Concordo plenamente — ele pegou a arma. — Vamos ver se conseguimos entrar.

Eles saíram da Explorer.

O vento era como uma presença animal, grunhia baixinho e parecia ter dentes que mordiam o rosto exposto dos dois. O hálito era composto por jatos de neve, como saliva congelada.

Na fachada de concreto sem janelas, havia uma única porta de aço. Era larga, imponente e não tinha fechadura nem teclado. Também não havia abertura para inserção de um cartão de identificação. Pelo jeito, a porta só

podia ser aberta por dentro, depois que aquele que pretendia entrar era analisado pela câmera sobre o portal.

Quando Elliot e Tina olharam para a lente da câmera, a pesada porta de aço se moveu para o interior do prédio.

Foi Danny quem a abriu? Elliot queria saber. Ou um guarda sorridente esperava para fazer uma detenção fácil?

Além da porta, havia uma câmara de paredes de aço do tamanho de uma cabine de elevador, bem-iluminada e vazia.

Tina e Elliot atravessaram a soleira, e a porta externa fechou atrás deles com um barulho característico de selagem hermética.

Na parede esquerda do pequeno cômodo, havia uma câmera e um monitor de vídeo para comunicação de duas vias. A tela mostrava linhas em movimento irregular, como se o monitor estivesse quebrado.

Ao lado do monitor, tinha um painel de vidro iluminado sobre o qual o visitante deveria colocar a mão direita dentro do desenho correspondente, com a palma voltada para baixo. Evidentemente, o computador da instalação escaneava as digitais dos visitantes para verificar se podiam entrar.

Elliot e Tina não puseram a mão no painel, mas a nova porta se abriu com o mesmo ruído de ar comprimido. E eles passaram à sala seguinte.

Dois homens uniformizados mexiam aflitos nos consoles de controle sob uma série de vinte monitores embutidos na parede. Todas as telas exibiam as linhas irregulares.

O guarda mais jovem ouviu a porta abrir e virou-se, chocado.

Elliot apontou a arma para ele.

— Não se mexa.

Mas o jovem era do tipo heroico. Estava armado e era rápido. Ele sacou a arma, apontou da altura do quadril e apertou o gatilho.

Mas Danny estava atento. O revólver não funcionou.

Elliot não queria atirar em ninguém.

— Suas armas são inúteis — disse. Estava suando dentro do traje térmico, torcendo para Danny não falhar agora. — Vamos fazer tudo do jeito mais fácil.

Quando descobriu que o revólver não serviria para nada, o jovem guarda o arremessou.

Elliot se esquivou, mas não com a rapidez necessária. A arma o atingiu de um lado da cabeça, e ele cambaleou para trás, contra a porta de aço.

Tina gritou.

Em meio às repentinas lágrimas de dor, Elliot viu o jovem correndo em sua direção e apertou o gatilho uma vez, um tiro silencioso.

A bala encontrou o ombro esquerdo do rapaz e girou seu corpo. Ele caiu em cima da mesa, espalhando no chão uma pilha de folhas de papel brancas e cor-de-rosa, depois caiu em cima da bagunça que tinha provocado.

Elliot piscou para se livrar das lágrimas, apontou o revólver para o guarda mais velho, que já empunhava sua arma e também descobria que ela não funcionava.

— Solte a arma, sente-se e não crie problemas.

— Como vocês entraram aqui? — o guarda perguntou, já obedecendo à ordem. — Quem são vocês?

— Não interessa. Sente-se.

Mas o guarda era insistente.

— Quem são vocês?

— A justiça — disse Tina.

* * *

Cinco minutos a oeste de Reno, o helicóptero encontrou a neve. Os flocos eram duros, secos e granulosos; faziam barulho como se fosse areia

arranhando o vidro dianteiro.

Jack Morgan, o piloto, olhou para George Alexander e disse:

— Isso vai ser complicado — ele usava óculos de visão noturna, e seus olhos eram invisíveis.

— É só um pouco de neve — respondeu Alexander.

— É uma tempestade — Morgan corrigiu.

— Você já voou com tempestade antes.

— Nessas montanhas, as correntes e bolsas de ar são mortais.

— Nós vamos conseguir — Alexander insistiu, sério.

— Talvez... ou talvez não — Morgan respondeu. Depois riu. — Mas vamos nos divertir tentando, com certeza!

— Você é maluco — Hensen disse do assento atrás do piloto.

— Quando estávamos no comando das operações contra os barões do narcotráfico na Colômbia, eu era chamado de Parafuso, porque diziam que eu não tinha nenhum no lugar — e riu mais uma vez.

Hensen levava uma submetralhadora sobre as pernas. Ele a acariciou de leve, como se acariciasse uma pessoa de que gostasse muito. Fechou os olhos e, em pensamento, desmontou e montou novamente a arma. Tinha estômago fraco. Estava fazendo um grande esforço para não pensar no helicóptero, no mau tempo e na probabilidade de caírem no meio de montanhas isoladas.

O JOVEM GUARDA guinchou de dor, mas até onde Tina podia ver, o ferimento não seria fatal. A bala, de certa forma, cauterizou parcialmente a ferida quando a causou. O buraco no ombro do rapaz estava limpo e não sangrava muito.

— Você vai sobreviver — disse Elliot.

— Estou morrendo, meu Deus!

— Não, você não vai morrer. Dói muito, mas não é grave. A bala não rompeu nenhuma artéria importante.

— Como você sabe? — o ferido perguntou, empurrando as palavras por entre os dentes.

— Se ficar quieto, tudo vai acabar bem. Mas se continuar agitando a ferida, pode romper um vaso lesionado, e aí, sim, você vai sangrar até morrer.

— Merda — o guarda respondeu abalado.

— Entendeu? — Elliot perguntou.

— O homem assentiu. Seu rosto estava pálido, e ele suava muito.

Elliot amarrou o guarda mais velho a uma cadeira. Não queria amarrar as mãos machucadas do guarda ferido, por isso levaram-no com cuidado para um armário de suprimentos e o trancaram lá dentro.

— E a sua cabeça? — Tina perguntou para Elliot, tocando de leve o calombo que tinha surgido em sua têmpora onde a arma do guarda o havia atingido.

— Ardendo — Elliot respondeu com uma careta.

— Vai aparecer um hematoma.

— Eu vou ficar bem.

— Você se sente tonto?

— Não.

— Visão dupla?

— Não. Estou bem. Não foi tão forte. Não causou nenhuma concussão. É só dor de cabeça. Vem. Vamos encontrar o Danny e tirar ele daqui.

Eles atravessaram a sala, passando pelo guarda amarrado e amordaçado na cadeira. Tina levava o que restava da corda, e Elliot carregava a arma.

Do outro lado da porta por onde ela e Elliot entraram, havia outra porta mais comum. Ela se abria para um entroncamento de corredores, que Tina descobrira alguns minutos antes, pouco depois de Elliot atirar no guarda, quando abriu a porta para ver se havia reforços a caminho.

Os corredores estavam desertos antes. E continuavam desertos agora. Silenciosos. O chão era de ladrilhos brancos, e as paredes também eram brancas. O espaço era iluminado por uma luz fluorescente e intensa.

Um corredor tinha quinze metros à esquerda da porta e quinze metros à direita; dos dois lados havia portas, as duas fechadas, e tinha uma área de elevadores à direita. O outro corredor, que cruzava o primeiro, começava bem na frente deles, diante da sala dos guardas, e penetrava ao menos uns cento e vinte metros na montanha; havia uma longa fileira de portas de cada lado, que provavelmente se abriam para outros corredores.

Eles cochichavam:

— Acha que Danny está neste andar?

— Não sei.

— Por onde começamos?

— Não podemos sair por aí abrindo portas.

— Vai ter gente do outro lado de algumas delas.

— E quanto menos gente encontrarmos...

— ... mais chances temos de sair daqui vivos.

Eles ficaram parados e indecisos, olharam para a esquerda, depois para a direita, depois para a frente.

A três metros deles, a porta de um dos elevadores abriu.

Tina encostou-se na parede do corredor, e Elliot apontou a pistola para o elevador.

Ninguém saiu dele.

De onde estavam, não conseguiam ver quem estava lá dentro.

A porta fechou.

Tina tinha a sensação de que alguém sentira a presença deles e fora logo buscar ajuda.

Antes mesmo de Elliot abaixar a arma, a porta do elevador abriu de novo. E fechou. Abriu. Fechou. Abriu. Fechou. Abriu.

O ar esfriou.

Tina suspirou aliviada e disse:

— É o Danny. Ele está mostrando para onde temos que ir.

Mesmo cientes de que Danny estava ali com eles, aproximaram-se cautelosos do elevador e olharam para dentro dele apreensivos. A cabine estava vazia. Eles entraram, e as portas fecharam.

De acordo com o painel luminoso sobre a porta, estavam no quarto de quatro andares. O primeiro andar ficava nas profundezas da estrutura, no subsolo mais baixo.

Os controles do elevador só funcionavam com a inserção de um crachá na fresta acima deles. Mas Tina e Elliot não precisavam da autorização de um computador para usar o elevador; não com Danny ao lado deles.

A luz no painel sobre a porta mudou de lugar, de quatro para três, depois para dois, e o ar foi ficando tão gelado que Tina notou que saía fumaça de sua boca. A porta abriu três andares abaixo da superfície, no penúltimo andar.

Eles saíram para um corredor exatamente igual àquele que haviam deixado em cima.

A porta do elevador se fechou, e o ar esquentou.

A um metro e meio deles, havia uma porta entreaberta e uma conversa animada acontecia dentro da sala além dela. Vozes de homens e mulheres. Meia dúzia ou mais, a julgar pelo barulho. Palavras indistintas e risadas.

Tina sabia que ela e Elliot estariam mortos se alguém saísse daquela sala e os visse. Danny parecia ser capaz de operar milagres com objetos inanimados, mas não podia controlar pessoas, como o guarda lá em cima, em quem Elliot teve de atirar. Se fossem descobertos e interrogados por um batalhão de seguranças furiosos, a pistola de Elliot poderia não ser suficiente para impedir o ataque. Então, mesmo que Danny emperrasse as armas inimigas, ela e Elliot só conseguiriam escapar se matassem todos, e o garoto sabia que eles não teriam estômago para essa matança, talvez nem em legítima defesa.

Alguém riu na sala próxima, e Elliot perguntou em voz baixa:

— E agora, para onde vamos?

— Não sei.

O andar tinha o mesmo tamanho daquele por onde entraram no complexo: mais de cento e vinte metros de um lado, e mais de trinta do outro. Mais ou menos quatro mil metros quadrados para pesquisa. Quantas salas? Quarenta? Cinquenta? Sessenta? Cem, contando os *closets*?

Quando ela estava começando a se desesperar, o ar esfriou de novo. Olhou em volta, esperando algum sinal do filho, e então Tina e Elliot se viraram surpresos quando a luz fluorescente tubular no teto apagou, depois acendeu de novo. O tubo à esquerda do primeiro também apagou e acendeu. Depois um terceiro tubo, e o quarto à esquerda.

Eles seguiram as luzes piscando até o fim da pequena ala em que ficavam os elevadores. O corredor terminou em uma porta de aço de fechamento hermético igual àquelas encontradas nos submarinos. O metal tinha um brilho suave, e a luz era refletida pelos rebites de ponta arredondada.

Quando Tina e Elliot encontraram essa barreira, a maçaneta que lembrava um leme girou no centro da porta. Um estalo anunciou a liberação da trava. Como estava armado, Elliot entrou primeiro, com Tina vindo logo atrás.

Estavam em uma sala retangular de aproximadamente doze por seis metros. No extremo oposto, uma janela ocupava o centro da outra parede mais curta, e parecia deixar ver um compartimento de armazenamento no frio; estava branca, totalmente coberta por uma camada de gelo. À direita da janela havia outra porta hermética como aquela por onde entraram. À esquerda, computadores e outros equipamentos cobriam o comprimento da sala. Havia mais monitores de vídeo do que Tina conseguia contar de imediato; a maioria estava ligada, e dados corriam nas telas em forma de gráficos, mapas e números. Algumas mesas ocupavam o espaço junto da quarta parede, e sobre elas havia livros, pastas e vários equipamentos que Tina nem sequer conseguia identificar.

Um homem de cabelo encaracolado e bigode cheio estava sentado diante de uma dessas mesas. Ele era alto, tinha ombros largos, uns cinquenta e poucos anos, e vestia jaleco branco. Quando eles entraram, o homem folheava um livro. E havia também outro, mais novo que o primeiro, de rosto barbeado e também vestido de branco. Ele estava sentado na frente de um computador, lendo as informações que desfilavam na tela do monitor. Os dois levantaram a cabeça, e o choque os deixou sem ação.

Apontando a pistola com silenciador para os dois desconhecidos, Elliot disse:

— Tina, feche a porta. Tranque, se for possível. Se a segurança nos encontrar aqui, pelo menos vai demorar um pouco para conseguir nos alcançar.

Ela fechou a porta de aço. Apesar de parecer absurdamente pesada, ela se moveu com a facilidade de uma porta de madeira comum. Tina girou a

roda e encontrou um botão que, pressionado, impedia que alguém a girasse novamente para a posição de abrir.

— Pronto — disse.

O homem na frente do computador se virou para o teclado e começou a digitar.

— Pare — Elliot avisou.

Mas o homem não ia parar enquanto não desse ao computador a ordem para disparar os alarmes.

Talvez Danny pudesse impedir os alarmes de tocar, ou talvez não. Não querendo correr riscos, Elliot atirou uma vez, e a tela se desmanchou em milhares de cacos de vidro.

O homem gritou, empurrou a cadeira de rodinhas para longe do teclado e levantou.

— Quem são vocês?

— Eu sou o cara que tem uma arma — Elliot respondeu com tom duro.

— Se não for suficiente para você, posso apagar você do mesmo jeito que apaguei a porcaria da máquina. Agora plante a bunda naquela cadeira, antes que eu estoure a porra da sua cabeça.

Tina estranhou aquele tom de voz de Elliot, que era novidade para ela, e sua expressão de fúria foi suficiente para deixá-la gelada. Ele parecia cruel e capaz de qualquer coisa.

O jovem de branco também estava impressionado. Pálido, ele não questionou mais nada e se sentou na cadeira.

— Muito bem — Elliot falou para os dois homens. — Se colaborarem, não vão se machucar — e apontou a arma para o mais velho. — Seu nome?

— Carl Dombey.

— O que está fazendo aqui?

— Eu trabalho aqui — Dombey respondeu, confuso com a pergunta.

— Fazendo o quê?

— Sou cientista, pesquisador.

— Que tipo de ciência?

— Sou formado em biologia e bioquímica.

Elliot apontou a pistola para o mais novo.

— E você?

— Eu o quê? — ele devolveu mal-humorado.

Elliot estendeu o abraço e alinhou o cano da pistola à parte mais alta do nariz dele.

— Dr. Zachariah — o mais jovem se apresentou.

— Biologia?

— Sim, com especialização em bacteriologia e virologia.

Elliot baixou a arma, mas ainda a manteve apontada na direção dele.

— Temos algumas perguntas, e acho bom que vocês dois possam respondê-las.

Dombey, que claramente não tinha a compulsão do colega para bancar o herói, continuou sentado e obediente.

— Perguntas sobre o quê?

Tina se aproximou de Elliot e respondeu:

— Queremos saber o que fizeram com ele, onde ele está.

— Quem?

— Meu filho. Danny Evans — adiantou-se Tina.

Nada do que ela dissesse poderia ter sequer uma fração do impacto causado por suas palavras. Dombey arregalou os olhos, e Zachariah olhou para ela como se visse um fantasma, alguém que, um minuto antes, estava morto no chão, e agora ressuscitava milagrosamente.

— Meu Deus — disse Dombey.

— Como é que você veio parar aqui — Zachariah reagiu. — Não é possível. Você não pode estar aqui.

— Eu acho bem possível — Dombey interferiu. — Na verdade, de repente, parece inevitável. Eu sabia que essa história toda era suja demais

para não ter um fim desastroso — e suspirou, como se um grande peso fosse retirado de cima de seus ombros. — Vou responder a todas as suas perguntas, Sra. Evans.

Zachariah virou a cadeira para ele.

— Você não pode fazer isso!

— Ah, não? Bom, se acha que não posso, fique sentado e ouça. Acho que vai ficar surpreso.

— Você jurou lealdade — Zachariah lembrou. — Um juramento secreto. Se contar alguma coisa sobre isso... o escândalo... o ultraje público... a revelação de segredos militares... — ele gaguejava. — Você vai ser um traidor do seu país.

— Não — Dombey reagiu. — Serei um traidor desta instalação. Um traidor dos meus colegas, talvez. Mas não do meu país. Meu país está longe de ser perfeito, mas o que foi feito com Danny Evans não é algo que a América aprovaria. Todo o projeto Danny Evans é obra de alguns doidos megalomaníacos.

— O Dr. Tamaguchi não é megalomaníaco — protestou Zachariah, como se estivesse sinceramente ofendido.

— É claro que é. Ele se considera um herói da ciência, destinado à imortalidade por suas obras grandiosas. E muita gente que o cerca, muita gente que o protege, pessoas do campo da pesquisa e pessoas encarregadas da segurança desse projeto, são todos doidos megalomaníacos. O que fizeram com Danny Evans não é uma “obra grandiosa”. Não vai render imortalidade a ninguém. É doentio, e estou lavando minhas mãos, não quero mais me envolver nisso — ele olhou para Tina. — Pergunte tudo o que quiser.

— Não — Zachariah interferiu. — Seu idiota.

Elliot pegou a corda da mão de Tina e entregou o revólver para ela.

— Vou ter que amarrar e amordaçar o Dr. Zachariah para podermos ouvir em paz a história do Dr. Dombey. Se um deles fizer qualquer

movimento, atira para matar.

— Não se preocupe — ela respondeu. — Não vou hesitar.

— Você não vai me amarrar — Zachariah avisou.

Sorrindo, Elliot avançou na direção dele com a corda.

* * *

Uma parede de ar frio caiu sobre o helicóptero e o empurrou para baixo. Jack Morgan lutou contra o vento, estabilizou a aeronave e voltou a subir poucos metros antes de bater na copa de algumas árvores.

— Uooooooooou! — o piloto gritou. — É como domar um cavalo selvagem.

Mesmo com a luz brilhante dos faróis do helicóptero, não havia muito para ver além da neve. Morgan tinha removido os óculos de visão noturna.

— Isso é loucura — Hensen reclamou. — Não estamos voando em uma tempestade comum. Isso é uma tempestade, uma nevasca.

Alexander o ignorou e disse:

— Morgan, caramba, seu idiota, sei que você vai conseguir.

— Talvez — o piloto respondeu. — Queria ter a sua certeza. Mas, sim, talvez eu consiga. Vou fazer uma aproximação indireta do platô e tentar voar a favor do vento, não contra. Vou atravessar o próximo vale e voltar na direção da instalação, vamos ver se consigo evitar algumas correntes cruzadas. Elas é que são mortais. Vamos demorar um pouco mais para chegar, mas pelo menos teremos alguma chance. Isso se os rotores não congelarem e pararem.

Um vento particularmente violento jogou mais uma leva de neve no para-brisa com tanta força que Kurt Hensen comparou o barulho ao de uma rajada de metralhadora.

ZACHARIAH ESTAVA no chão, amarrado e amordaçado, olhando para eles com ódio e fúria.

— Imagino que queira ver seu menino primeiro — disse Dombey. — Depois posso contar a vocês como ele chegou aqui.

— Onde ele está? — Tina perguntou trêmula.

— Na câmara de isolamento — Dombey apontou a janela na parede do fundo da sala. — Venha — ele se aproximou do grande painel de vidro, onde restavam apenas alguns pontos de congelamento.

Por um momento, Tina ficou paralisada, temendo descobrir o que haviam feito com Danny. O medo espalhava seus tentáculos e prendia seus pés ao chão, como se tivessem raízes.

Elliot tocou seu ombro.

— Não deixe Danny esperando. Ele já esperou tempo demais. Está te chamando há muito tempo.

Ela deu um passo, depois outro, e, antes que percebesse, estava diante da janela, ao lado de Dombey.

Uma cama de hospital ocupava o centro da câmara de isolamento. Ela estava ligada a equipamentos médicos comuns e a vários monitores eletrônicos que mostravam uma enxurrada de informações.

Danny estava deitado de barriga para cima na cama. Boa parte do corpo estava coberta, mas a cabeça, elevada sobre um travesseiro, estava virada para a janela. Ele a encarou por entre as grades laterais da cama.

— Danny — Tina murmurou. Tinha o medo irracional de que, se dissesse seu nome em voz alta, quebraria o encanto, e ele desapareceria para sempre.

Seu rosto estava magro e abatido. Ele parecia ter mais que doze anos. Na verdade, parecia um velhinho.

Sentindo seu choque, Dombey explicou:

— Ele está raquítico. Nas últimas seis ou sete semanas, só conseguiu segurar líquidos no estômago. E não muito.

Os olhos de Danny estavam estranhos. Escuros, como sempre. Grandes e redondos, como sempre. Mas profundos, emoldurados por pele escura que definitivamente não sugeria saúde, e eles nunca tinham sido assim. Tina não conseguia identificar o que fazia os olhos dele tão diferentes de quaisquer outros olhos que já tinha visto, mas, quando olhou para eles, um arrepio percorreu seu corpo, e ela sentiu uma pena profunda e terrível do filho.

O menino piscou e, com um imenso esforço que causou alguma dor, tirou o braço de baixo das cobertas e estendeu a mão na direção dela. Seu braço era pele e ossos, uma vareta ridícula. Ele o passou por entre duas barras da grade e abriu a mão fraca implorando, buscando amor, tentando desesperadamente tocá-la.

A voz de Tina tremeu quando ela falou para Dombey.

— Quero ir até meu filho. Quero abraçá-lo.

Quando os três se moveram para a porta de aço hermética que levava à sala além da janela, Elliot perguntou:

— Por que ele está em uma câmara de isolamento? Está doente?

— Agora não — Dombey respondeu parado junto da porta, olhando para eles, evidentemente perturbado com o que ia dizer. — Nesse momento, ele está muito perto de morrer de fome, porque faz muito tempo que não consegue segurar nenhum alimento no estômago. Mas não tem mais nada contagioso. Já teve, Danny sofreu de uma doença altamente contagiosa, superou e recaiu, mas no momento não oferece qualquer risco de contágio. Ele teve uma doença única, criada pelo homem em laboratório. E foi a única pessoa que sobreviveu ao quadro. Ele tem no

sangue um anticorpo natural que o ajuda a combater esse vírus em particular, mesmo sendo um vírus artificial. E foi isso que fascinou o Dr. Tamaguchi, que está no comando da instalação. Dr. Tamaguchi nos fez trabalhar muito até conseguirmos isolar o anticorpo e descobrir por que ele é tão eficiente contra a doença. É claro, quando conseguimos, Danny deixou de ter valor científico para o projeto. E para Tamaguchi, isso significa que ele não tem mais qualquer valor. Com isso, Tamaguchi decidiu testar Danny até a destruição. Durante quase dois meses, ele tem reinfectado o menino muitas e muitas vezes, deixando o vírus esgotá-lo, tentando descobrir quantas vezes ele consegue superar o quadro até ser finalmente destruído por ele. Não existe imunidade permanente para essa doença. É como amidalite, gripe comum ou câncer, a pessoa pode contraí-la várias vezes... se tiver sorte de se curar na primeira vez. E Danny já venceu o vírus quatorze vezes.

Tina estava horrorizada.

Dombey continuou:

— Mesmo ficando mais fraco a cada dia, por alguma razão ele supera o vírus mais depressa a cada infecção. Mas cada vitória o deixa mais e mais esgotado. A doença está matando o menino, mesmo que indiretamente, porque está drenando suas forças. Agora ele está limpo, sem infecção. Amanhã o plano seria injetar mais uma carga viral.

— Meu Deus — Elliot murmurou. — Meu Deus.

Tomada pela fúria e pela revolta, Tina encarou Dombey.

— Não acredito no que acabei de ouvir.

— É melhor se preparar — respondeu o cientista. — Você ainda não sabe nem a metade.

Dr. Dombey virou para a porta, girou a roda que a travava e a empurrou.

Minutos antes, quando Tina olhou pela janela pela primeira vez, quando viu o filho assustadoramente magro, dissera a si mesma que não ia

chorar. Danny não precisava ver a mãe chorando. Precisava de amor, atenção e proteção. Suas lágrimas certamente o perturbariam. E considerando sua aparência, tinha medo de que qualquer perturbação emocional mais séria fosse suficiente para literalmente destruí-lo.

Enquanto se aproximava da cama, ela mordeu o lábio com tanta força que sentiu gosto metálico de sangue. Fez um esforço para conter as lágrimas, mas precisava de toda a força de vontade para manter os olhos secos.

Danny ficou animado quando viu a mãe se aproximando, e apesar do terrível estado em que estava, conseguiu erguer o corpo trêmulo e sentar na cama, agarrando a grade com a mão frágil, trêmula, enquanto estendia a outra para ela.

Tina deu os últimos passos com altivez, com o coração disparado, a garganta contraída. Sentia uma alegria esmagadora por vê-lo de novo, mas também estava desesperada com o quanto ele estava debilitado.

Quando as mãos se tocaram, os dedos pequeninos apertaram os dela com força. Ele a segurava com uma força feroz, desesperada.

— Danny — Tina murmurou. — Danny, Danny.

De algum lugar lá no fundo, muito além da dor e da angústia, Danny arrancou um sorriso para ela. Não era exatamente um sorriso; ele tremia nos lábios, como se sustentá-lo exigisse mais energia do que o necessário para levantar um peso de cinquenta quilos. Era um sorriso hesitante, um fantasma de todos os sorrisos largos e cheios de afeto de que ela lembrava, e isso partiu seu coração.

— Mãe.

Tina mal conseguiu reconhecer a voz cansada, fraca.

— Mãe.

— Está tudo bem. Eu estou aqui — ela disse.

Ele estremeceu.

— Acabou, Danny. Agora está tudo bem.

— Mãe... mãe... — o rosto sofreu um espasmo, e o sorriso corajoso se dissolveu. Um gemido aflito escapou de sua boca. — Aaaaahhhhh, mamãe...

Tina abaixou a grade, sentou na beirada da cama e tomou Danny nos braços. Ele era uma boneca de pano quase sem recheio, uma criatura fraca e esgotada, totalmente diferente do menino feliz, vibrante e ativo que um dia havia sido. Num primeiro momento, ela teve receio de abraçá-lo, temendo machucá-lo. Mas ele a abraçou com força, e ela se surpreendeu novamente com a energia que ele ainda conseguia extrair daquele corpo tão mirrado. Tremendo violentamente, fungando, ele escondeu o rosto em seu pescoço, e ela sentiu as lágrimas quentes na pele. Não conseguia mais se controlar, por isso deixou as lágrimas transbordarem, como num dilúvio. Tocando as costas do menino para apertá-lo contra o peito, ela sentiu a magreza chocante: cada costela e vértebra era tão saliente que tinha a sensação de estar abraçando um esqueleto.

Quando puxou o filho para o colo, ele levou junto os cabos presos a eletrodos em sua pele e às máquinas de monitoramento que cercavam a cama, como uma marionete abandonada. Quando as pernas escaparam de baixo das cobertas, a camisola de hospital as descobriu, e Tina viu os membros magros, insuficientes para sustentá-lo. Chorando, ela o aninhou, embalou e o acalmou, dizendo o quanto o amava.

Danny estava vivo.

A ESTRATÉGIA de Jack Morgan de voar acompanhando a montanha, em vez de seguir acima dela, foi um grande sucesso. Alexander estava cada vez mais confiante de que chegariam à instalação inteiros, e tinha consciência de que até Kurt Hensen, que odiava voar com Morgan, estava ficando cada vez mais calmo.

O helicóptero abraçava o piso do vale, seguia em direção ao norte, três metros acima de um rio bloqueado pelo gelo, ainda obrigado a enfrentar a nevasca que quase o cegava, mas abrigado da fortíssima turbulência pelas paredes das árvores imensas que ladeavam o rio. Prateado, quase luminoso, o rio congelado era uma trilha fácil de seguir. De vez em quando, o vento encontrava a aeronave e a sacudia, mas o helicóptero apenas balançava e se esquivava como um bom boxeador, mas não parecia mais correr o risco de ser nocauteado por um golpe.

— Quanto tempo? — Alexander perguntou.

— Dez minutos. Talvez quinze — respondeu Morgan. — A menos que...

— A menos que o quê?

— A menos que as pás fiquem cobertas de gelo. A menos que o eixo de acionamento e as juntas do rotor congelem.

— E isso é provável?

— Não é algo que possamos desconsiderar — disse Morgan. — E existe sempre a possibilidade de eu errar o cálculo do terreno no escuro e dar de cara em uma montanha.

— Você não vai fazer isso — Alexander reagiu. — Você é bom demais para cometer uma imbecilidade dessas.

— Mas sempre existe a possibilidade de errar. É isso que impede o trabalho de ficar chato.

* * *

Tina preparou Danny para começarem a jornada para fora da instalação. Um a um, ela removeu os dezoito eletrodos que estavam presos à cabeça e ao corpo do menino. Quando ela tirou as fitas adesivas, Danny gemeu, e ela viu as ulcerações na pele sob as fitas. Não fizeram nenhum esforço para impedir o atrito.

Enquanto Tina preparava Danny, Elliot continuava a interrogar Carl Dombey.

— O que vocês fazem aqui? Pesquisa militar?

— Sim — Dombey confirmou.

— Armas biológicas?

— Biológicas e químicas. Experimentos de DNA recombinante. Houve um tempo em que tivemos algo entre trinta e quarenta projetos simultâneos.

— Pensei que os Estados Unidos tivessem abandonado a corrida das armas químicas e biológicas há muito tempo.

— A declaração ao público foi essa. E isso fez os políticos parecerem bons cidadãos. Mas, na verdade, o trabalho nunca parou. E não pode parar. Essa é a única instalação no país que temos para essa finalidade. Os chineses têm três como essa. Os russos... bem, agora eles supostamente são nossos novos amigos, mas continuam desenvolvendo armas bacteriológicas, novas e mais virulentas cepas de vírus, porque estão falidos, e isso é muito mais barato que outros sistemas de vírus. O Iraque tem um grande projeto de arsenal bioquímico, a Líbia também, e Deus sabe quem mais. Muitos políticos do mundo acreditam no poder de um

arsenal químico e biológico. Não veem nada de imoral nisso. Se acreditassem que têm um novo vírus terrível que nós desconhecemos, alguma coisa contra a qual não poderíamos retaliar no mesmo nível, usariam isso contra nós.

Elliot tomou a palavra:

— Mas se a corrida para acompanhar chineses ou russos ou os iraquianos cria situações como essa que temos aqui, em que uma criança inocente é destruída por máquinas, então não estamos nos transformando em monstros também? Não estamos deixando o medo do inimigo nos transformar exatamente naquilo que abominamos? E esse não é mais um jeito de perder a guerra?

Dombey assentiu. Enquanto falava, ele ajeitava as pontas do bigode.

— Isso é o que eu tenho me perguntado desde que Danny acabou preso nas engrenagens. O problema é que alguns malucos se sentem atraídos por esse tipo de trabalho, por conta do sigilo, e porque você realmente se sente poderoso por criar armas que podem matar milhões de pessoas. E assim, megalomaniacos como Tamaguchi acabam se envolvendo nesses projetos. São homens como Aaron Zachariah. Eles abusam do poder que têm, desvirtuam seus deveres. Não há como detectá-los com antecedência. Mas, se encerrarmos as pesquisas, se interrompermos esse tipo de estudo só porque temos medo de homens como Tamaguchi acabarem no comando, vamos ceder muito terreno para os inimigos, o suficiente para não sobrevivemos por muito tempo. Acho que temos que aprender a conviver com o menos pior.

Tina removeu mais um eletrodo do pescoço de Danny, puxando a fita adesiva com cuidado.

O menino ainda a abraçava, mas os olhos fundos estavam cravados em Dombey.

— Não estou interessada na filosofia ou moralidade do arsenal biológico — Tina avisou. — No momento, só quero saber como meu

Danny veio parar aqui.

— Para entender isso, você precisa voltar vinte meses no tempo — Dombey falou. — Foi mais ou menos nessa época que um cientista chinês chamado Li Chen foi desertado e veio para os Estados Unidos, trazendo com ele um disquete com o registro da mais importante e perigosa nova arma biológica da China em uma década. Eles chamam essa coisa de “Wuhan-400”, porque ela foi desenvolvida nos laboratórios de rDNA na periferia da cidade de Wuhan, e essa foi a quadringentésima cepa viável de micro-organismos criados pelo homem nesse centro de pesquisa. O Wuhan-400 é uma arma perfeita. Só atinge seres humanos, e nenhuma outra criatura viva pode ser contaminada por ela. E assim como a sífilis, Wuhan-400 sobrevive fora do corpo humano por mais de um minuto, o que significa que pode contaminar permanentemente objetos ou lugares inteiros, como o antraz e outros micro-organismos virulentos. E quando o anfitrião expira, o Wuhan-400 dentro dele morre pouco depois, assim que a temperatura do corpo cai abaixo dos trinta graus Celsius. Percebe a vantagem disso?

Tina estava preocupada demais com Danny para pensar no que Carl Dombey dizia, mas Elliot entendia o significado da explicação do cientista.

— Se entendi bem, a China pode usar o Wuhan-400 para dizimar uma cidade ou um país, e nem sequer teriam que realizar um procedimento caro e complexo de descontaminação antes de ocupar o território conquistado.

— Exatamente — disse Dombey. — E o Wuhan-400 tem outras vantagens igualmente importantes em relação à maioria dos agentes biológicos. Para começar, você pode se tornar um vetor de contágio em apenas quatro horas depois de entrar em contato com o vírus. Esse período de incubação é incrivelmente curto. Uma vez infectado, ninguém sobrevive por mais que vinte e quatro horas. A maioria morre em doze. É

pior que o ebola, na África, infinitamente pior. A letalidade do Wuhan-400 é de 100%. Ninguém sobrevive. Os chineses testaram o vírus em uma infinidade de presos políticos. E nunca conseguiram descobrir um anticorpo ou antibiótico que fosse eficaz contra o vírus. Ele migra para o tronco encefálico e ali começa a secretar uma toxina que literalmente come o tecido cerebral, como ácido de bateria dissolvendo gaze, por exemplo. O vírus destrói a parte do cérebro que controla todas as funções autônomas do corpo, e a vítima simplesmente deixa de ter pulso, órgãos funcionais ou o impulso de respirar.

— E Danny sobreviveu a essa doença — Elliot comentou.

— Sim. Até onde sabemos, ele foi o único.

Tina tirou o cobertor da cama e o dobrou ao meio para embrulhar Danny e levá-lo para o carro. Depois de envolver o filho com a coberta, ela olhou para Dombey e perguntou:

— Mas por que ele foi infectado?

— Foi um acidente — respondeu o cientista.

— Já ouvi essa história antes.

— Dessa vez é verdade. Depois que Li Chen desertou com os dados do Wuhan-400, ele foi trazido para cá e, imediatamente, começamos a trabalhar com ele para tentar criar uma versão idêntica do vírus. E conseguimos em pouco tempo. Depois começamos a estudar o vírus para tentar encontrar alguma característica que os chineses ainda não tivessem explorado.

— E alguém foi descuidado — Elliot deduziu.

— Pior. Alguém foi descuidado e burro. Há quase treze meses, quando Danny e os outros meninos do grupo de escoteiros faziam a excursão, um dos nossos cientistas, um filho da puta esquisito chamado Larry Bollinger, contaminou-se acidentalmente enquanto trabalhava sozinho em seu laboratório.

Danny apertou a mão de Christina, e ela afagou sua cabeça, acalmando-o. Enquanto isso, disse a Dombey:

— Vocês têm salvaguardas, procedimentos que devem ser seguidos quando e se...

— É claro — Dombey confirmou. — Todo mundo é treinado e sabe o que fazer desde o primeiro dia de trabalho aqui. Em caso de contaminação acidental, o cientista deve disparar o alarme imediatamente. Imediatamente. Depois, deve lacrar a sala em que estava trabalhando. Se houver uma câmara de isolamento adjacente, o cientista deve se trancar nela, e uma equipe de descontaminação entra em ação rapidamente para limpar o laboratório. Se a pessoa se infectou com alguma coisa para a qual temos a cura, ela é tratada. Se não for curável... o cientista recebe atendimento em isolamento até morrer. Por isso os salários são tão altos. Compensação de periculosidade. O risco faz parte da função.

— Mas esse tal Larry Bollinger não respeitou as regras — Tina adivinhou, amargurada. Era difícil envolver Danny com o cobertor, porque ele não a soltava. Com sorrisos, palavras de conforto e beijos nas mãos frágeis, ela finalmente conseguiu convencê-lo a manter os braços junto do próprio corpo.

— Bollinger surtou. Simplesmente enlouqueceu — Dombey revelou, visivelmente constrangido por um colega perder o controle nessas circunstâncias. Ele começou a andar enquanto falava. — Ele sabia que o Wuhan-400 destrói a vítima rapidamente, e entrou em pânico. Ficou transtornado. Aparentemente, convenceu a si mesmo de que podia fugir da infecção. Foi isso que ele tentou fazer. Não acionou o alarme. Saiu do laboratório, foi para os aposentos dele, vestiu roupas apropriadas e saiu do complexo. Como não era seu dia de folga, ele não conseguiu pensar em uma boa desculpa para sair com um dos Range Rovers, e então tentou fugir a pé. Disse aos guardas que ia dar uma volta, andar por algumas horas na neve. Muitos fazem isso no inverno. É um bom exercício e tira a

nossa mente desse buraco por um tempo. Mas Bollinger não estava interessado em se exercitar ou espairecer. Ele levou os sapatos para neve embaixo do braço e desceu pela estrada da montanha, a mesma por onde imagino que vocês chegaram aqui. Antes de chegar à guarita do guarda no portão interno, ele subiu a encosta, usou os sapatos para neve para contornar a segurança, voltou à estrada e jogou os sapatos fora. Os seguranças os encontraram mais tarde. Bollinger deve ter chegado ao portão externo duas horas e meia depois de passar pela porta do complexo, três horas depois de ter sido infectado. Foi mais ou menos nesse tempo que outro pesquisador entrou no laboratório dele, viu as culturas de Wuhan-400 quebradas no chão e disparou o alarme. Enquanto isso, apesar do arame farpado, Bollinger pulou a cerca. Depois, foi para a trilha e seguiu pela floresta, em direção à estrada rural que fica a uns oito quilômetros do acesso para os laboratórios, e depois de uns cinco quilômetros...

— Encontrou o Sr. Jaborski e os escoteiros — Elliot concluiu.

— E assim passou a doença para eles — Tina deduziu enquanto terminava de enrolar Danny no cobertor.

— Isso. Ele deve ter encontrado os escoteiros cinco horas e meia depois de ter sido infectado. E estava exausto. Devia ter usado toda a sua reserva de energia para sair da área do laboratório, e também começava a sentir os primeiros sintomas da doença. Tontura e náusea. O chefe dos escoteiros tinha estacionado o miniônibus em uma área de descanso uns dois quilômetros além da entrada da floresta, e ele, seu assistente e os meninos andaram mais um quilômetro antes de encontrarem Larry Bollinger. Eles se preparavam para sair da estrada e entrar na mata fechada, porque queriam estar longe de qualquer sinal de civilização quando montassem acampamento para a primeira noite na natureza. Quando Bollinger descobriu que eles tinham um veículo, tentou convencê-los a levá-lo até Reno. Eles relutaram, e ele inventou uma história sobre

um amigo que estava preso nas montanhas com a perna quebrada. Jaborski não acreditou na história de Bollinger, mas se ofereceu para levá-lo ao centro da vida selvagem, onde poderiam planejar um resgate. Isso não foi suficiente para Bollinger, e então ele ficou histérico. Jaborski e o outro líder dos escoteiros decidiram que ele poderia ser perigoso. E foi então que a equipe de segurança chegou. Bollinger tentou fugir deles. Depois tentou rasgar um dos trajes de descontaminação dos homens da segurança. Eles foram forçados a atirar.

— O homem do espaço — Danny murmurou.

Todo mundo olhou para ele.

Ele se encolheu no cobertor amarelo em cima da cama, e a lembrança o fez estremecer.

— O homem do espaço chegou e levou a gente embora.

— Sim, ficam parecendo astronautas quando usam o traje de descontaminação — disse Dombey. — E, então, todos foram trazidos para cá e colocados em isolamento. No dia seguinte, todos estavam mortos... exceto Danny — Dombey suspirou. — E o resto você já sabe.

O HELICÓPTERO continuava seguindo o rio congelado para o norte, atravessando o vale coberto de neve.

Para George Alexander, a paisagem fantasmagórica e ligeiramente luminosa de inverno lembrava cemitérios. E ele tinha uma espécie de gosto peculiar por cemitérios. Gostava de dar longos e preguiçosos passeios por entre as sepulturas. Desde que se conhecia por gente, era fascinado pela morte, por seus mecanismos e significados, e queria saber como era do outro lado – sem, é claro, comprometer-se com uma viagem só de ida para lá. Não queria morrer; só queria saber. Cada vez que matava alguém pessoalmente, tinha a sensação de formar mais um elo com o outro mundo; e esperava que, assim que tivesse elos suficientes, seria recompensado com um vislumbre do outro lado. Um dia, talvez, estivesse em um cemitério, diante do túmulo de uma de suas vítimas, e a pessoa morta o deixasse ver com nitidez o que era a morte. E então, ele finalmente saberia.

— Falta pouco — disse Jack Morgan.

Alexander olhou ansioso através da neve pela qual o helicóptero se movia como um homem cego, correndo a todo vapor para a escuridão. Tocou a arma que levava no coldre de ombro e pensou em Christina Evans.

Depois disse a Kurt Hensen:

— Mate Stryker assim que puser os olhos nele. Não precisamos dele para nada. Mas não machuque a mulher. Quero interrogá-la. Ela precisa me dizer quem é o traidor. Ela vai me contar quem a ajudou a entrar no laboratório, nem que eu tenha que quebrar seus dedos um por um.

* * *

Na câmara de isolamento, depois que Dombey terminou de falar, Tina disse:

— Danny está com uma aparência horrível. Sei que ele não tem mais a doença, mas ele vai ficar bem?

— Acho que sim — disse Dombey. — Ele só precisa ganhar peso. Ele não tem conseguido segurar nada no estômago por causa das reinfecções recentes, que estão desafiando seu limite. Mas depois que sair daqui, ele vai engordar depressa. Ah, tem mais uma coisa...

Tina ficou tensa ao ouvir a nota de preocupação na voz de Dombey.

— O quê? Que coisa?

— Desde que começaram todas essas reinfecções, ele desenvolveu um crescimento no lobo parietal do cérebro.

Tina se sentiu mal.

— Não.

— Aparentemente, não oferece risco de vida. Até onde conseguimos determinar, não é um tumor. Nem maligno, nem benigno. Pelo menos, não tem nenhuma das características de um tumor. Mas também não é tecido cicatrizado. E não é um coágulo.

— O que é, então? — perguntou Elliot.

Dombey passou a mão no cabelo encaracolado e abundante.

— A análise em andamento diz que o novo crescimento é equivalente à estrutura de tecido cerebral normal. O que não faz sentido. Mas revisamos os dados umas cem vezes, e não encontramos nada de errado no diagnóstico. Mas isso é cientificamente impossível. O que vemos nas radiografias não existe na nossa experiência. Então, quando o levarem daqui, visitem um neurologista. Leve-no a pelos menos uma dúzia de

especialistas até alguém conseguir dizer qual é o problema. Não parece haver nada de fatal nessa mancha parietal, mas é bom observar.

Tina olhou para Elliot e soube que os dois estavam pensando a mesma coisa. Essa mancha no cérebro de Danny tinha alguma relação com o poder paranormal do menino? As habilidades paranormais latentes afloraram como resultado direto do vírus fabricado com que o infectaram repetidamente? Era insano... mas não mais improvável do que ele ter sido vítima do projeto Pandora. E até onde Tina conseguia entender, essa era a única explicação plausível para os poderes paranormais de Danny.

Com medo de ela verbalizar seus pensamentos e alertar Dombey para a incrível realidade da situação, Elliot olhou para o relógio de pulso e disse:

— Temos que sair daqui.

— Levem algumas pastas do caso de Danny — Dombey sugeriu. — Estão em cima da mesa perto da porta externa, é uma caixa preta cheia de disquetes. Os dados vão confirmar a história quando forem procurar a imprensa. E, pelo amor de Deus, estampem tudo isso nas primeiras páginas de todos os jornais o mais depressa possível. Enquanto forem os únicos fora daqui que sabem o que aconteceu, vocês estarão marcados.

— Nós sabemos bem disso — Elliot reconheceu.

Tina avisou:

— Elliot, você vai ter que carregar o Danny. Ele não consegue andar. Não que seja pesado demais para mim, magro como está, mas vou acabar indo mais devagar.

Elliot entregou a pistola para ela e se aproximou da cama.

— Pode me fazer um favor primeiro? — Dombey pediu.

— Qual?

— Vamos trazer Zachariah para cá e tirar a mordaça dele. Aí vocês me amarram, amordaçam, e me deixam na sala externa. Vou convencer os nossos superiores de que foi ele quem cooperou com vocês. E quando contarem a história à imprensa, se puderem, reforcem essa versão.

Tina balançou a cabeça, perplexa.

— Mas depois de tudo que disse a Zachariah sobre esse lugar ser comandado por doidos megalomaníacos, e depois de ter deixado claro que não concorda com nada que acontece aqui, por que quer ficar?

— A vida de eremita combina comigo, e o salário é bom. E se eu não ficar aqui, se sair e arrumar um emprego em algum centro de pesquisa civil, haverá menos uma voz racional e razoável aqui dentro. Tem muita gente aqui que tem noção da responsabilidade social desse trabalho. Se todos forem embora, tudo vai ficar nas mãos de homens como Tamaguchi e Zachariah, e não vai sobrar ninguém para trazer algum equilíbrio aos projetos. Que tipo de pesquisa acha que vão fazer, então?

— Mas quando o que você contou chegar aos jornais, esse lugar vai ser fechado, provavelmente — Tina apontou.

— De jeito nenhum. Porque o trabalho precisa ser feito. O equilíbrio de poder com Estados totalitários como a China precisa ser mantido. Eles vão fingir que vão fechar a instalação, mas isso não vai acontecer de fato. Tamaguchi e alguns de seus aliados mais próximos serão demitidos. Provavelmente, vai haver uma grande mudança, e isso é bom. Se eu conseguir convencê-los de que Zachariah revelou os segredos para vocês, se conseguir proteger meu emprego aqui, talvez eu seja promovido e tenha mais influência — ele sorriu. — No mínimo, vou ter um aumento de salário.

— Está bem — disse Elliot. — Vamos fazer como você quer. Mas vamos rápido com isso.

Eles levaram Zachariah para a câmara de isolamento e tiraram a mordaça de sua boca. Ele se debateu contra as cordas e xingou Elliot. Depois xingou Tina, Danny e Dombey. Quando tiraram Danny da pequena sala, eles ainda ouviam os gritos de Zachariah além da porta de aço hermeticamente fechada.

Quando Elliot usou o último pedaço de corda pra amarrar Dombey, o cientista pediu:

— Satisfaça minha curiosidade.

— Sobre o quê?

— Quem contou que seu filho estava aqui? Quem facilitou a entrada no laboratório?

Tina parou. Não sabia o que dizer.

— Tudo bem, tudo bem — Dombey falou. — Você não quer delatar ninguém. Só me diz uma coisa. Foi alguém da segurança ou alguém da equipe médica? Gostaria de saber que foi um médico, um colega de profissão, quem finalmente fez a coisa certa.

Tina olhou para Elliot.

Elliot balançou a cabeça: *não*.

Ela concordou que talvez não fosse sensato divulgar os poderes que Danny havia desenvolvido. O mundo o veria como uma bizarrice, e todo mundo o trataria com espanto. Seria exposição demais para o garoto. E, certamente, se as pessoas nessa instalação tivessem ideia de que as habilidades paranormais recém-descobertas por Danny eram resultado da mancha parietal causada pela repetida exposição ao Wuhan-400, iam querer continuar testando-o e examinando-o.

Não, Tina não contaria a ninguém o que Danny era capaz de fazer. Ainda não. Não antes de ela e Elliot avaliarem que efeito essa revelação teria na vida do menino.

— Foi alguém da equipe médica — Elliot mentiu. — Foi um médico que facilitou a entrada para nós.

— Que bom — Dombey respondeu. — É bom saber disso. Queria ter tido essa coragem muito tempo atrás.

Elliot amordaçou Dombey com um lenço.

Tina abriu a porta externa.

Elliot pegou Danny.

— Você não está pesando nada, garoto. Vamos ter que te levar ao McDonald's e te encher de hambúrguer e batata frita.

Danny sorriu para ele, um sorriso fraco.

Segurando a pistola, Tina foi andando na frente pelo corredor. Na sala perto dos elevadores, as pessoas ainda conversavam e riam, mas ninguém saiu de lá.

Danny abriu o elevador protegido pelo sofisticado sistema de segurança e fez com que ele subisse. O garoto estava sério, concentrado, mas essa era a única indicação de que ele tinha alguma coisa a ver com o movimento do elevador.

Os corredores do último andar estavam desertos.

Na sala dos guardas, o mais velho continuava amarrado e amordaçado na cadeira. Ele olhou para o trio com raiva e medo.

Tina, Elliot e Danny atravessaram a sala e saíram para a noite fria. A neve os recebeu.

Em meio aos uivos do vento, outro barulho se aproximava, e Tina precisou de alguns segundos para identificá-lo.

Um helicóptero.

Ela olhou para a noite carregada de neve e viu o helicóptero se aproximando para pousar na extremidade oeste do platô. Que tipo de maluco viajava de helicóptero nesse tempo?

— Para o carro! — Elliot gritou. — Depressa!

Eles correram para o carro, onde Tina tirou Danny dos braços de Elliot e o acomodou no banco de trás. Depois, ela entrou e se sentou ao lado dele.

Elliot entrou no lado do motorista e introduziu a chave na ignição. O motor não pegou de primeira.

O helicóptero voava na direção deles.

— Quem está no helicóptero? — Danny perguntou, olhando para a aeronave pela janela lateral da Explorer.

— Não sei — respondeu Tina. — Mas não são pessoas boas, querido. Eles são como o monstro da revista em quadrinhos. Aquela de onde você tirou as imagens que mandou nos meus sonhos. Essas pessoas não querem que a gente saia daqui.

Danny olhou para o helicóptero se aproximando, e linhas de concentração surgiram novamente em sua testa.

O motor da Explorer funcionou de repente.

— Graças a Deus! — disse Elliot.

Mas as linhas não sumiram da testa de Danny.

Tina percebeu o que o menino ia fazer e disse:

— Danny, espere!

* * *

Inclinado para a frente para ver a Explorer pela janela do helicóptero, George Alexander disse:

— Pouse bem na frente deles, Jack.

— Vamos lá — Morgan respondeu.

Para Hensen, que empunhava a metralhadora, Alexander falou:

— Como eu disse, elimine Stryker imediatamente, mas não machuque a mulher.

De repente, o helicóptero começou a planar. Estavam a cinco ou seis metros do pavimento, mas subiam rapidamente para dez, quinze, vinte metros.

Alexander perguntou:

— O que está acontecendo?

— O eixo — respondeu Morgan. Uma nota de medo modificava sua voz, medo que não havia se manifestado em nenhum momento durante

todo o pesadelo que fora aquela viagem pelas montanhas. — Não consigo controlar o eixo. Está congelado.

Trinta, quarenta, cinquenta metros e continuavam subindo, subindo em direção à escuridão da noite.

Então, de repente, o motor parou.

— Que porra é essa? — Morgan exclamou.

Hensen gritou.

Alexander viu a morte correndo ao encontro dele e soube que sua curiosidade sobre o outro lado logo seria satisfeita.

* * *

Quando saíram do platô desviando dos destroços do helicóptero em chamas, Danny disse:

— Eles eram maus. Tudo bem, mãe. Eram pessoas muito más.

Tudo tem seu tempo, Tina disse a si mesma.

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar.

Ela abraçou Danny e olhou nos olhos escuros do filho, e não encontrou conforto nessas palavras da Bíblia. Os olhos de Danny continham muita dor e muito conhecimento. Ele ainda era seu menino querido – mas havia mudado. Tina pensou no futuro. E se perguntou o que os esperava.

— POSFÁCIO —

OS OLHOS DA ESCURIDÃO é um de seis romances que escrevi sob o pseudônimo de “Leigh Nichols”, que não uso mais. Embora seja o segundo dos seis, é o sexto e último da série a ser reeditado sob meu nome verdadeiro. Os cinco anteriores foram *The Servants of Twilight*, *Shadowfies*, *The Door to December*, *The House of Thunder* e *The Key to Midnight*. A demanda dos leitores tornou possível a republicação desses livros, e sou grato a todos vocês pelo entusiasmo com meu trabalho.

Como sabem, se leram meu posfácio em *The Funhouse* e *The Key to Midnight*, gosto de me divertir revelando a morte trágica de vários pseudônimos que usei no começo da carreira. Mesmo constrangido, tenho que reconhecer que nem sempre fui verdadeiro com vocês nesse assunto. Antes, eu disse que Leigh Nichols bebeu muito champanhe uma noite no Caribe, em um navio de cruzeiro, e foi decapitado em um acidente bizarro com limbo. Fiquei emocionado com as cartas de solidariedade e os relatos das homenagens fúnebres que vocês fizeram, mas agora que a Headline trouxe para vocês este sexto e último dos romances de Nichols, preciso confessar que menti para não ter que revelar o verdadeiro – e mais perturbador – destino de Nichols. Em uma noite de inverno, Leigh Nichols foi abduzido por extraterrestres, levado para um passeio pelo sistema solar, apresentado à alienígena Nest Queen e forçado a se submeter a uma série de cirurgias horripilantes. Embora tenha sido devolvido à Terra depois de um tempo, o autor ficou traumatizado demais para continuar com a carreira de romancista – mas finalmente construiu uma nova carreira, a de atual ditador do Iraque.

Os olhos da escuridão foi uma das minhas primeiras tentativas de escrever um romance misturando ação, suspense, romance e um toque de paranormalidade. Embora não tenha a intensidade, a profundidade de personagens, a complexidade temática ou o ritmo dos romances posteriores, como *Watchers* e *Mr. Murder*, e embora não pule na sua garganta tão pavorosamente como um livro como *Intensity*, leitores que o encontraram sobre o nome de Nichols nas lojas de livros usados emitiram opiniões favoráveis. Imagino que gostem porque a trama do filho perdido – e da mãe dedicada que faz qualquer coisa para descobrir o que aconteceu com seu garotinho – mexa com alguma coisa primitiva em todos nós.

Quando revisei o livro para esta nova edição, resisti ao impulso de transformar inteiramente a história em um romance como os que escreveria hoje. Atualizei referências culturais e políticas, refinei um pouco as inadequações de estilo mais egrégias e eliminei um ou outro excesso de palavras aqui e ali. Gostei de revisar este livro, que continua sendo uma história basicamente simples que se apoia em grande medida na trama e na estranheza da premissa para prender o leitor. Espero ter prendido você, e espero que tenha gostado de fazer essa viagem de seis livros pela carreira de Leigh Nichols. Se você algum dia for ao Iraque, o autor cirurgicamente modificado provavelmente vai gostar de autografar algumas cópias desses livros para você – ou vai denunciá-lo como um infiel e jogá-lo na cela de uma prisão tão imunda quanto qualquer esgoto. Descubra por sua conta e risco.

NAPOLEON HILL

AUTOR COM MAIS DE 120 MILHÕES DE CÓPIAS VENDIDAS NO MUNDO

O LIVRO QUE MAIS INFLUENCIOU
LÍDERES E EMPREENDEDORES NO MUNDO

QUEM PENSA ENRIQUECE

O LEGADO

EDIÇÃO ATUALIZADA E COMENTADA
PELA FUNDAÇÃO NAPOLEON HILL
PARA O SÉCULO XXI



Quem pensa enriquece

Hill, Napoleon

9788568014745

364 páginas

[Compre agora e leia](#)

O 9º livro mais vendido de todos os tempos, que influencia líderes e empreendedores em todo o mundo, agora em uma edição especial atualizada para o século XXI. O clássico best-seller sobre o sucesso agora anotado e acrescido de exemplos modernos, comprovando que a filosofia da realização pessoal de Napoleon Hill permanece atual e ainda orienta aqueles que são bem-sucedidos. Um livro que vai mudar não só o que você pensa, vai mudar o modo como você pensa.

[Compre agora e leia](#)

* Mais de
100 milhões
de cópias
vendidas
no mundo

NAPOLEON HILL

Autor do best-seller mundial *Pense e enriqueça*

+ ESPERTO QUE O DIABO

O mistério revelado da liberdade e do sucesso



UMA
ENTREVISTA
EXCLUSIVA COM
O DIABO
Escondida
desde
1938

Tradução e Epílogo
M.Conte Jr. FRC, M.: M

आरोग्य

क्षमता

विज्ञान

योग

Mais Esperto que o Diabo

Hill, Napoleon
9788568014103
200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, inédito no Brasil, você vai descobrir, após 75 anos de segredo, por meio dessa entrevista exclusiva que Napoleon Hill fez, quebrando o código secreto da mente do Diabo: Quem é o Diabo? Onde ele habita? Quais suas principais armas mentais? Quem são os alienados e de que forma eles ou elas se alienam? De que forma o Diabo influencia a nossa vida do dia a dia? Como a sua dominação influencia nossas atitudes? O que é o medo? Como nossos líderes religiosos e nossos professores são afetados pelo Diabo? Quais as armas que nós, seres humanos, possuímos para combater a dominação do Diabo? Qual a visão do Diabo sobre a energia sexual? Como buscar uma vida cheia de realizações, valorizando a felicidade e a liberdade? Essas perguntas e muitas outras são respondidas pelo próprio Diabo, que se autodenomina "Sua Majestade", de acordo com Napoleon Hill. O seu propósito, escrito com suas próprias palavras, é ajudar o ser humano a descobrir o seu real potencial, desvendando as armadilhas mentais que os homens e as mulheres deste mundo criam para si mesmos, sabotando a sua própria liberdade e o seu próprio direito de viver uma vida cheia de desafios, alegria e liberdade.

[Compre agora e leia](#)

EDGAR UEDA

*Idealizador do modelo **TurnAround** baseado na
filosofia milenar japonesa capaz de transformar a sua vida*

Você sabe o que é?

KINTSUGI

O poder de dar a volta por cima



*Préface de
**Ricardo
Bellino***

Kintsugi

Ueda, Edgar

9788568014790

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Você vai fracassar. Ou já fracassou Em algum momento, em alguma situação ou mais de uma vez. O que você vai fazer com a adversidade? Vai desistir? Vai sentir pena de si mesmo? Vai pensar por que isso tinha de acontecer justo com você? Ou vai levantar e traçar um plano para voltar à batalha com mais experiência, mais maturidade e muito mais conhecimento? As cicatrizes dessa luta vão deixá-lo mais forte, belo e valoroso! Em "Kintsugi - O poder de dar a volta por cima", Edgar Ueda, empresário, investidor e palestrante, apresenta o método TurnAround baseado na filosofia milenar que descobriu no Japão e que transformou a sua vida.

[Compre agora e leia](#)

BOB PROCTOR

protagonista do documentário *O Segredo*

GREG S. REID

PENSO E ACONTECE

O PODER DE TRANSFORMAR
AS SUAS IDEIAS EM REALIDADE

PUBLICAÇÃO OFICIAL AUTORIZADA
PELA FUNDAÇÃO NAPOLEON HILL



Penso e acontece

Proctor, Bob

9788568014776

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como a mentalidade determina se uma pessoa terá sucesso ou não? Será que as pessoas bem-sucedidas pensam de um jeito diferente daquelas que nunca desenvolvem seu potencial? Como podemos mudar nossa maneira de pensar a fim de que cada pensamento nos leve a vencer e não perder? Bob Proctor e Greg S. Reid, autorizados pela Fundação Napoleon Hill, mergulham fundo na ciência e psicologia do pensamento e exploram a importância vital da forma de pensar para uma vida de significado e sucesso. Em suas entrevistas com neurocientistas, cardiologistas, professores espirituais e líderes empresariais, Proctor e Reid mostram como podemos pensar para viver!

[Compre agora e leia](#)

CAPITÃO DA
MINHA ALMA,
SENHOR DO
MEU DESTINO



SEJA DONO DA
SUA PRÓPRIA MENTE

NAPOLEON
HILL

PREFÁCIO DE JAMIL ALBUQUERQUE

Capitão da minha alma, senhor do meu destino

Hill, Napoleon
9788568014967
304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Napoleon Hill assentou os pilares da literatura de desenvolvimento pessoal ao organizar e explicar as Leis do Sucesso no início do século 20. Este livro aborda três elementos indispensáveis para a conquista de objetivos pessoais, profissionais e financeiros: visão criativa, pensamento organizado e atenção controlada. "Capitão da minha alma, senhor do meu destino" é a compilação de três livretos de uma série chamada Mental Dynamite, cujos originais haviam se perdido e foram redescobertos há pouco pela Fundação Napoleon Hill. Trata-se de uma verdadeira dinamite mental, combinando ensinamentos transmitidos pelo magnata do aço Andrew Carnegie ao jovem Napoleon Hill em 1908 com comentários do autor redigidos três décadas depois, quando já era um especialista em filosofia motivacional. A única coisa sobre a qual temos total domínio são os nossos pensamentos. Para assumir as rédeas – ou o leme – de seu destino e seguir o curso desejado, antevendo e desviando de obstáculos, você deve controlar sua mente, ou seja, pensar antes de agir. Pensar direito, é claro. Pensamento criativo, organizado e focado é base para a definição de objetivos e de planos para alcançá-los. A mente, assim como o corpo, precisa ser corretamente exercitada para se manter ágil e saudável. Criatividade, organização e foco podem ser cultivados e

aprimorados pela prática. Experimente a fórmula de Andrew Carnegie e Napoleon Hill para chegar aonde quer.

[Compre agora e leia](#)